

ANTÓNIO CONCEIÇÃO FILIPE DUARTE RATO



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DO PATRIMÓNIO  
ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DOUTORA MARIA ISABEL JOÃO

UNIVERSIDADE ABERTA  
2009

## **RESUMO**

A biografia e a obra de Marcelino António da Silva Mesquita (Cartaxo, 1.09.1856/ Lisboa, 7.07.1919) constituem o objecto desta dissertação. Trata-se de um estudo inserido no âmbito da história do património cultural português, com destaque para as temáticas da história local e da memória pública. Procura-se dar uma visão de conjunto sobre a vida e a personalidade do homem, enquanto cidadão, num esforço para trazer à luz do conhecimento actual alguns elementos inéditos. Refere-se a sua importância enquanto escritor, destacando-se a actividade de dramaturgo, em que é bastante conhecido, desenvolvendo-se também uma análise sobre a sua participação na imprensa periódica. Com base na evolução do pensamento contemporâneo sobre a preservação do património cultural e no alargamento dos conceitos e critérios sobre o assunto, pretende-se salientar ainda o significado da celebração da vida e obra do cidadão, enquanto exemplo de património imaterial.

Palavras associadas: património, património cultural, património imaterial, memória, memória pública, memória colectiva, biografia.

## **ABSTRACT**

Marcelino António da Silva Mesquita's work and biography (Cartaxo, 1.09.1856/Lisbon, 7.07.191), are the object of this dissertation. It's a study included in the history of the Portuguese cultural inheritance, standing out the local history thematic and the public memory. We look to give an assembling view of the life and personality of the man, while citizen, in an effort to bring to light of the actual knowledge some unknown aspects oh his character. We stand up for his importance while a writer, standing out his activity as a play-writer, in which field he is very known, also developing an analysis of his work of his participation on the periodical press. With basis in the evolution of the present-day thinking about the cultural patrimonial preservation and in the enlargement of concepts and standards of this matter, we pretend to emphasize the mining of the celebration of the life and work of the citizen, while an example of immaterial patrimony.

Associated words: patrimony, cultural inheritance, immaterial patrimony, memory, public memory, collective memory, biography.

## AGRADECIMENTOS

A primeira frase que nos vem à memória é uma célebre quadra do poeta popular António Aleixo: “*Eu não tenho vistas largas/ Nem grande sabedoria/ Mas dão-me as horas amargas/ Lições de filosofia*”. Cruzando este pensamento com o de Alberto Caeiro<sup>1</sup>, chega-se ao ponto de partida ideal para qualquer pesquisa: a consciência de que nada se sabe e de que tudo se pode esquecer.

Principiamos por estender a nossa gratidão à Professora Doutora Maria Isabel João que, numa primeira fase, nos induziu à selecção do tema que desenvolvemos e, em muitas outras fases subsequentes, se disponibilizou para nos prestar todo o apoio e orientação científica, incentivando-nos e estimulando-nos nos momentos de maior desânimo.

Em segundo lugar, mas não necessariamente num plano secundário, sentimo-nos especialmente gratos a uma panóplia de gente, associada ao nosso universo afectivo: colegas (e docentes) do primeiro curso de Mestrado em Estudos do Património, amigos que não nos privaram do conforto espiritual e, muitas vezes, logístico, familiares que se mostraram empenhados em ver este barco chegar a bom porto, alunos e parceiros de trabalho, que nos mantiveram despertos para o gosto pelo exercício prático da aprendizagem, enquanto pedra basilar de todo o conhecimento.

Todavia, o nosso agradecimento especial concentra-se naqueles que, abnegadamente, nos ajudaram, com as suas elevadas qualidades técnicas e competências, à organização e montagem dos vários elementos do trabalho, nas suas diversas etapas.

---

<sup>1</sup> “A espantosa realidade das coisas é a minha descoberta de todos os dias”, (*Poemas Inconjunctos*, 1913-1915).

## ÍNDICE

<b>1- Introdução</b> .....	6
<b>2- A biografia de Marcelino Mesquita: traços essenciais</b> .....	14
2.1 - Infância e juventude .....	14
2.2 - Em busca de afirmação .....	27
2.3 - A face oculta .....	44
2.4 - Regresso às origens .....	53
<b>3- Uma figura do património cultural português</b> .....	75
3.1- O escritor e dramaturgo .....	75
3.2- A intervenção cívica e política .....	90
3.2.1- O cronista .....	90
3.2.1.1- <i>N'O Pae Anselmo</i> .....	92
3.2.1.2- <i>No Diário Ilustrado</i> .....	105
3.2.2- O proprietário e director de periódicos .....	120
3.2.2.1- <i>O Chronista</i> .....	120
3.2.2.2- <i>A Comedia Portuguesa</i> .....	137
3.2.2.3- <i>O Portugal</i> .....	147
3.3. Recordação e celebração da vida e obra .....	159
<b>4- Conclusão</b> .....	181

<b>5- Cronologia possível .....</b>	<b>189</b>
5.1- Vida .....	189
5.2- Post-mortem .....	197
<b>Fontes e Bibliografia .....</b>	<b>199</b>
<b>Anexos:</b>	
Antologia .....	I
Iconografia .....	XLV

*Quando o meu insignificante trabalho, ressaibar o pretencioso d'estas edêas, alguem ficará no direito de rir da minha ignorancia, mas a ninguem permitto o duvidar da minha sinceridade.*

(Marcelino Mesquita, *Hysteria, These Inaugural Apresentada e Defendida Perante a Escola Medico-Cirurgica de Lisboa*, Lisboa, Typographia Minerva Central, 1884)

*Na sua evolução dinâmica, o pensamento contemporâneo sobre a preservação do património cultural tem-se alargado a novas áreas do conhecimento e vem incorporando novos conceitos e critérios.*

(...)

*Já não é apenas o culto das velhas pedras que move as comunidades no interesse que vêm manifestando pelas políticas patrimoniais. É antes uma luta vital de procura de um novo equilíbrio com o meio envolvente, natural ou construído.*

Lopes, Flávio, “Evolução do pensamento contemporâneo através da leitura de normas internacionais”, in idem e Correia, Miguel Brito, *Património Arquitectónico e Arqueológico. Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*, Lisboa, Livros Horizonte, 2004, pp.23-40.

## 1. Introdução

Imponente, de costas voltadas para a fachada da Câmara Municipal do Cartaxo, ergue-se uma estátua em bronze concebida por Leopoldo de Almeida, inaugurada em 2 de Dezembro de 1956. No plinto de mármore, em letras outrora douradas, pode ler-se a seguinte inscrição: “A Marcelino Mesquita, dramaturgo, 1856-1956. O Estado, o Município, o Povo. Iniciativa do *Notícias do Cartaxo*”. A figura corrobora quem lhe atribuiu os apodos de *Cyrano*, *D’Artagnan*, mosqueteiro das letras, com o seu bigode de pontas voltadas para cima, barbicha em bico, ou, como mais do que uma vez se escreveu e leu, mefistofélica, a cabeça coberta por um elegante chapéu de abas reviradas, polegar da mão direita enfiado na cava do colete sob uma casaca amplamente desabotoada, mão esquerda parcialmente escondida no bolso da calça apertada. A extraordinária parecença com o original explica o entusiasmo da octogenária Palmira Bastos, na cerimónia do descerrar do monumento: “É ele mesmo! É o Marcelino Mesquita!”.<sup>1</sup>

Indiferente à passagem das décadas, às intempéries e catástrofes, à própria tentação vandalista dos viandantes e à transformação da paisagem circundante, o objecto conquistou o espaço, como se o pretendesse dominar eternamente. Atrás de si desapareceram para sempre os anteriores Paços do Concelho<sup>2</sup> com a sua característica Torre do Relógio, por sua vez, sucedâneos de um antigo convento franciscano. Ergueu-se depois, em 1982, no mesmo chão, o actual edifício de traça arquitectónica adaptada às necessidades e gostos da época. À sua frente, ainda bem recentemente se apagaram os últimos vestígios do que se julgava ser o local onde Garrett se terá apeado para se refrescar de uma virtual viagem à capital ribatejana: o mítico *café do Cartaxo*.<sup>3</sup>

O notável cartaxense que atravessou a vida entre a primavera da Regeneração e o ocaso da Primeira Guerra Mundial,<sup>4</sup> serviu de inspiração à elaboração de uma dissertação integrada no Mestrado em Estudos do Património.

---

<sup>1</sup> *Notícias do Cartaxo*, Ano III, nº 64, 25 de Dezembro de 1956.

<sup>2</sup> Por acção de um incêndio ocorrido em Dezembro de 1970.

<sup>3</sup> Cf. Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, Lisboa, Ulisseia, 2002 (13ª edição).

<sup>4</sup> O tratado de Versailes foi assinado poucos dias antes do seu falecimento.

A primeira razão que motivou a opção por um tema associado ao património imaterial foi a recente comemoração oficial do centésimo quinquagésimo<sup>5</sup> aniversário do nascimento por iniciativa do Município cartaxense. Trata-se de uma figura inscrita nos anais da História da Cultura, na sua vertente literária, ou, mais especificamente, dramática, mas que não logrou, por assim dizer, um estatuto de protagonista. A nível local, porém, a comunidade acolhe-o e celebra-o como um ícone a preservar para a projecção das mais-valias do concelho, quer a nível espacial, tendo em vista o impacto junto de outros horizontes geográficos, outras regiões, do país, da lusofonia, do mundo, quer a nível temporal, visando a transmissão do conhecimento dos valores locais às gerações presentes e vindouras.

Dando razão à perspectiva de Augusto Sá da Costa, aquando da inauguração da biblioteca pública da sua terra natal, Marcelino Mesquita estará para a cultura assim como o vinho para a economia, ou seja, nenhum dos dois é incompatível e ambos são necessários à valorização do concelho.<sup>6</sup> Na realidade, a qualidade do produto vinícola consagrou a fama do Cartaxo a nível nacional e internacional, como atestam os cancioneros medievais, o teatro vicentino ou o romance garretiano.<sup>7</sup> Do impacto criado pela actividade do dramaturgo entrever-se-ia, de igual modo, um contributo para o desenvolvimento cultural e artístico da região.

A escolha de uma figura pública como tema desta dissertação assume-se como um exemplo de objecto patrimonial imaterial em condições de constituir matéria de preservação. Parafraseando Pierre Nora,<sup>8</sup> a tomada de consciência da aceleração do processo histórico transforma-se num factor imprescindível para a apreensão rápida do passado em extinção. Esse processo é fundamental para a

---

<sup>5</sup> Há quem prefira, talvez por economia de termos, a designação de “sesquicentenário” (comemoração de um facto ocorrido há cento e cinquenta anos). Cf. Dicionário in <http://www.priberam.pt>, consultado em 22/2/2009 às 12h13’.

<sup>6</sup> O famoso livreiro, natural do Cartaxo e donatário de uma vasta colecção de livros terá proferido, na ocasião do Centenário de Marcelino: “Se ao lado de um copo de vinho houvesse um livro a ensinar a elevar o indivíduo frequentador da taberna, estou convencido de que alguma coisa se aproveitaria”. *Notícias do Cartaxo*, Ano III, nº 63, 2.12.1956.

<sup>7</sup> Cf. “A importância do vinho do Cartaxo ao longo dos séculos” in Cruz, Ana, *O Concelho do Cartaxo: o Vinho, a Terra e o Tejo*, pp. 23 ss.

<sup>8</sup> Nora, Pierre, “Entre Mémoire et Histoire: la Problématique des Lieux”, *Les Lieux de Mémoire, Bibliothèque Illustrée des Histoires*, Paris, Éditions Gallimard, vol. I, 1984, pp. XVII-XLII.



manutenção do equilíbrio entre passado e presente, na medida em que dele depende o sentido de continuidade vital para a perspectivização do futuro.<sup>9</sup>

A existência de lugares de memória enquanto testemunhos ou sinais efémeros ou artificiais de um tempo que passa, impõe-se como factor necessário à criação de formas convencionais de a armazenar, para que seja possível encontrá-la disponível no futuro. Nesse aspecto, quer a Biblioteca Municipal Marcelino Mesquita, quer o espólio do dramaturgo que aí se encontra guardado, funcionam como repositórios que asseguram a perpetuação da memória, impedindo a sua desagregação e contribuindo para que a história exerça o seu estatuto de apropriação do sentido e justificação desses lugares.

Para James Fentress e Chris Wickham, “a memória é um processo complexo” que envolve o uso de uma certa quantidade de vocábulos para a descrever (reconhecer, recordar, evocar, registar, comemorar...), revelando que o conceito é de tal forma abrangente que pode conter “desde uma sensação mental altamente privada e espontânea (...) até uma cerimónia pública solenizada”.<sup>10</sup> Na elaboração deste trabalho pretende-se evidenciar a tomada de consciência da importância do *fenómeno memória* como objecto cada vez mais privilegiado do estudo da História, numa tentativa de contrariar a tendência para a rápida desvalorização da história da memória nas sociedades ditas ocidentais.

Corroborando o raciocínio de Maria Isabel João, o valor do acto mental de recordar entende-se também como uma espécie de instinto de sobrevivência colectiva, na medida em que a amnésia conduz à perda dos referentes que permitem aos indivíduos o reconhecimento da sua própria identidade e da dos outros: “os grupos [...] precisam de possuir um conjunto de recordações e de referências comuns para se identificarem como colectividade”.<sup>11</sup>

O conceito operatório de “lugares de memória” firmado por Nora e reproduzido pela mesma autora,<sup>12</sup> ajusta-se à natureza do objecto que se pretende tratar. A evocação de Marcelino Mesquita estabelece a possibilidade de afirmação colectiva de uma identidade, em três frentes memoriais distintas: topográfica

---

<sup>9</sup> Nora, Pierre, *op.cit.*, ibidem.

<sup>10</sup> Fentress, FENTRESS, James & WICKHAM, Chris, *Memória Social*, Lisboa, Teorema, 1994, p. 8.

<sup>11</sup> Cf. “Memória, História e Educação” in *Noroeste. Revista de História*, 1, Núcleo de Estudos Históricos, Universidade do Minho, 2005, p 81.

<sup>12</sup> Cf. idem, *op.cit.*, p.91.

(toponímia em algumas localidades portuguesas,<sup>13</sup> designação de estabelecimentos de ensino, uma biblioteca e um arquivo e referências em museus<sup>14</sup>); simbólica (comemorações do 100º aniversário do seu nascimento, em 1956, do 140º, em 1996 e do 150º, em 2006<sup>15</sup> e atribuição do seu nome a um prémio no campo da produção literária na modalidade de teatro pela Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos<sup>16</sup>); funcional (referências em obras de consulta no âmbito da História da Literatura, do Teatro, denominação de um grupo de teatro amador).<sup>17</sup>

Segundo Françoise Fortunet,<sup>18</sup> entende-se que conferir um conjunto de atributos a uma pessoa converte-a num todo, que, por sua vez, se transforma num atributo próprio do sujeito. À luz desta concepção, Marcelino Mesquita é uma identidade compósita, na medida em que a vida lhe conferiu um conjunto de atributos (médico, escritor, dramaturgo, periodista) que, por sua vez, o transformam numa individualidade complexa, susceptível de ser estudada *per si*, naturalmente perspectivada no espaço e no tempo em que viveu. Tendo em atenção que o discurso da memória é sempre uma reelaboração da realidade, ela própria nunca totalmente captável, procura-se apreender a personagem tendo em conta a integridade e a indivisibilidade do sujeito.

A opção pelo estudo da memória pública de uma figura, não pode deixar de contemplar a sua biografia essencial e o que possui de mais representativo a sua obra. Partindo da primeira dessas componentes - a vida - desenvolve-se o primeiro grande núcleo, dividido em quatro subcapítulos interligados. O primeiro (infância e juventude), corresponde a um período aproximado de vinte e oito anos, abrangendo a sua vida desde a fase inicial até ao culminar da licenciatura em Medicina, em 1884. O segundo e o terceiro momentos, correspondem a dois períodos relativamente breves, mas indubitavelmente conturbados e intensos da vida de Marcelino: o da definição de uma carreira (em busca de afirmação) e o da

---

<sup>13</sup> Existe também uma Rua Marcelino Mesquita no Rio de Janeiro. *Vide*, p. 155.

<sup>14</sup> No Museu Nacional do Teatro existem objectos relacionados com o dramaturgo (adereços de cena, croquis de cenários, programas e folhas de sala...); de igual modo no Museu Rafael Bordalo Pinheiro se podem encontrar cartas, caricaturas e diverso material iconográfico.

<sup>15</sup> Cf. pp. 166 -168, 152-154 e 172.

<sup>16</sup> Cf. pp. 155-156.

<sup>17</sup> Amadores de Teatro Marcelino Mesquita, integrado na Casa do Povo do Cartaxo.

<sup>18</sup> Cf. Fortunet, Françoise, “La Théorie Juridique du Patrimoine” in Rousso, Henry, (Dir.) *Le Regard de l’Histoire*, Paris, Fayard/Monum. Éditions du Patrimoine, 2003, p. 43.

consumação de um percurso pessoal à margem dos parâmetros pré-estabelecidos (a face oculta). Em termos práticos, são focados, primeiramente, os anos de 1885 a 1889, fase em que ocorre o regresso ao Cartaxo, o enlace nupcial e a fundação de um periódico local, seguido pelo regresso à capital, a vida fugaz de uma descendente e o início das atribuições matrimoniais.

Em segundo lugar, o período de 1890 a 1892, em que se destacam a consumação de uma relação extraconjugal, a ruptura do casamento, o nascimento de uma filha natural e a passagem pelas bancadas parlamentares. O quarto subcapítulo (regresso às origens) volta a contemplar um período biográfico bastante extenso, iniciado numa fase em que o dramaturgo decide organizar a sua vida em torno de dois espaços - o campo e a cidade - e termina pelo passamento.

Em termos mais específicos, pretende-se fixar os traços essenciais da biografia marceliniana, num primeiro lance, alargando o conhecimento sobre a vida do homem e da sua obra, e, posteriormente, contribuindo para a resolução de dúvidas e imprecisões na memória publicada sobre o mesmo até ao presente. Diversos autores se têm vindo a debruçar sobre o tema, ainda que de forma parcelar, a partir de várias perspectivas, quer de âmbito local e regional,<sup>19</sup> quer nacional.<sup>20</sup>

Há, nesta abordagem, factos que se tentam destrinçar, apesar da relatividade da sua importância, ou do peso relativo que representam, como, por exemplo, os que dizem respeito às relações familiares e aos aspectos financeiros da vida de Marcelino e sua família. Os casos mais evidentes são os que dizem respeito à vida das pessoas mais próximas: os pais, os irmãos, as mulheres com quem se relacionou, os amigos mais chegados. Neste ensejo destaca-se uma particularidade que apenas recentemente foi corrigida: o desempenho do cargo de

---

<sup>19</sup> Com destaque particular para os estudos do Dr. Aurélio Marques, professor reformado do Ensino Secundário, autor de uma brochura e colaborador na publicação comemorativa dos 150 anos, editada pela Câmara Municipal do Cartaxo. Cf. Bibliografia.

<sup>20</sup> A título de exemplo, CRUZ, Duarte Ivo, *Introdução à História do Teatro Português*, Lisboa, Guimarães Editores, 1983 e *História do Teatro Português*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001; REIS, Carlos e RIBEIRO, Maria Aparecida, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. VI (Realismo e Naturalismo), Lisboa, Editorial, Verbo, 1993; COELHO, Jacinto do Prado (Dir.), *Dicionário de Literatura*, 2º e 4º vols., Porto, Figueirinhas, 1978, 3ª edição; LOPES, Óscar e Saraiva, António José, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 2005, 17ª edição (corr. e actual.); REBELO, Luiz Francisco, *História do Teatro Português*, col. Saber, Lisboa, Pub. Europa-América, s.d., 3ª edição (rev. e aum.); CABRAL, MOTTA, *Notas Soltas Sobre Marcelino Mesquita*, (obra patrocinada pela Comissão do I Centenário do Nascimento de Marcelino Mesquita) Cartaxo, edição do *Notícias do Cartaxo*, 1956; SAMPAIO, Albino Forjaz (Dir.) *O Teatro. Marcelino Mesquita. A sua vida e a sua obra*, col. Patrícia, Lisboa, Empresa do Diário de Notícias, 1925.

deputado, entre 1890 e 1892, diz respeito ao círculo da Guarda e não ao do Cartaxo, como tem sido habitualmente referido.<sup>21</sup>

O primeiro capítulo aspira ainda a revisitar o quotidiano de Marcelino, na cidade de Lisboa, na vila do Cartaxo, ou noutros espaços geográficos. Procura-se traçar os seus movimentos a partir dos locais onde reside, principalmente na capital, entre a Escola Médico-Cirúrgica e os cafés, a redacção dos jornais, o teatro, o Grémio Literário, o Palácio das Cortes, tentando calcular o tempo que lhe resta para o exercício da Medicina, perscrutando, se possível, os locais onde encomenda os seus fatos ou adquire o seu tabaco.

Um espólio documental intacto, sem qualquer tipo de tratamento arquivístico, recolhido junto do recheio da casa de António Ressano Garcia, neto do dramaturgo, vem enriquecer o tratamento biográfico que se pretende delinear, trazendo alguma luz sobre uma área desconhecida da vida do dramaturgo. Do nosso conhecimento, exceptuando os cronistas locais, apenas Motta Cabral, repórter do *Diário de Lisboa*, que visitou a quinta de Marcelino, em 1924, se refere à sua vida privada.<sup>22</sup> O manuseamento desta documentação centra-se no interesse por detalhes que ajudem ao conhecimento e compreensão da sensibilidade e da mentalidade da figura a que se reporta. De caminho, obtém-se uma visão parcial de uma vivência encoberta, mas não propriamente sonogada, de uma relação de companheirismo que não poderia ter sido assumida de forma diferente, devido aos parâmetros institucionais e sociais da época.

A correspondência mencionada, que se espera venha a ser, oportunamente, preparada arquivisticamente para que possa vir a constituir objecto de futuros estudos, tem ainda o mérito de permitir uma reconstituição do(s) ambiente(s) e dos sentimentos marcelinianos, se assim se pode dizer, na medida em que faculta notas, comentários, pequenas descrições sobre os elementos, onde se insere o emissor, sejam relacionados com o espaço rural - os lugares, as pessoas, as plantas e animais - sejam pertencentes ao espaço citadino, como acima ficou dito. Além do mais, o referido material permite a obtenção de pormenores sobre as

---

<sup>21</sup> As referências à faceta política e parlamentar são breves e ocasionais. Maria Filomena Mónica associa fidedignamente o mandato parlamentar, porque consultou a fonte mais segura: o *Livro de Registo do Pessoal Político da Câmara dos Senhores Deputados*. Cf. idem, *Dicionário Biográfico Parlamentar*, vol. II, pp. 928, 929.

<sup>22</sup> Foi recebido por D. Alexandrina Ferreira. Vide p. 159.

expectativas, sonhos e projectos, alguns dos quais não se chega a perceber porque não são concretizados.

O segundo corpo da dissertação, de maior fôlego, tem por objecto o lugar ocupado pela multifacetada figura de Marcelino Mesquita no quadro do património cultural português. Sudivide-se em três planos essenciais, com destaque para o segundo, muito focado na imprensa periódica portuguesa num período relativamente circunstrito (1883 a 1903). Corresponde, por conseguinte, ao período da mais intensa e diversificada actividade do famoso cartaxense. Concretizando, principia o segundo capítulo pelo destaque da sua importância como escritor, ou, mais particularmente, como dramaturgo, estatuto por que, afinal, é mais conhecido.

A sua competência como criador de obras dramáticas, inspirado, quer nas grandes figuras da História de Portugal, quer em factos do quotidiano, está moderadamente fixada nas sínteses nacionais de história da literatura e do teatro, de um modo geral, desde o início do século XX.<sup>23</sup> Por isso, deu-se importância à abordagem de um ponto de vista menos conhecido: a actividade como periodista num conjunto de títulos seleccionados. Para o estabelecimento da selecção utilizou-se o critério da frequência, ou seja, procurou-se encontrar os títulos que registavam maior número de intervenções e de crónicas de Marcelino.

Consequentemente, o segundo subtema versa a sua participação ou colaboração em títulos de imprensa periódica do tipo generalista, ou especializado, quer digam respeito a periódicos de âmbito local ou regional, quer sejam títulos de maior tiragem e divulgação mais alargada, quer ainda se trate de publicações mais específicas, de carácter satírico ou humorístico. Essa dedicação ou envolvimento contempla duas modalidades: uma como colaborador pontual, entendendo-se o termo como aquele que envia, esporadicamente, alguns textos para uma redacção de jornal ou revista, como aconteceu com o *Pae Anselmo* e o *Diario Illustrado*; outra como responsável editorial de um periódico, como se verificou com *O Chronista*, *A Comedia Portugueza* e o *Portugal*.

Decidiu-se ainda incluir um enunciado que desse conta da forma como a memória de Marcelino Mesquita tem vindo a ser tratada e fixada desde o momento da sua morte. O subcapítulo final (recordação e celebração da vida e

---

<sup>23</sup> António de Sousa Bastos (1844-1911) já inclui o nome de Marcelino no seu *Diccionario do Theatro Portuguez*, de 1908. *Vide* bibliografia.

obra) pretende ser um contributo modesto para um levantamento de tudo quanto se disse, se escreveu ou se realizou a propósito da figura retratada, na imprensa escrita (historiografia, literatura, dramaturgia), na imprensa falada (rádio, televisão), na imprensa dita electrónica (internet), nos espaços culturais (salões de teatro, museus, bibliotecas).

Por fim, organiza-se um apêndice composto por uma cronologia, tão exhaustiva quanto possível, sobre Marcelino Mesquita, uma antologia de textos do autor e um conjunto iconográfico que consideramos representativo.

## 2. A biografia de Marcelino Mesquita: traços essenciais

*Os nossos antepassados são nossos filhos, através de um buraco na parede vemo-los brincar nos seus quartos, e eles não nos vêem a nós.*

Maalouf, Amin, *Origens*, Lisboa, Difel, 2004

### 2.1. Infância e juventude

Os dados básicos da vida de Marcelino António da Silva Mesquita encontram-se dispersos numa infinidade de abordagens levadas a cabo por escritores, historiadores, artistas, jornalistas ou outras personalidades mais ou menos conhecidas, mais próximas do tempo presente ou mais chegadas ao do escritor.

O que se pretende apresentar neste espaço é o essencial da biografia, recorrendo, o mais possível às fontes consideradas fidedignas. Tal é o caso das memórias do irmão mais novo,<sup>1</sup> que, em Maio de 1944, se correspondia com uma estudante da Universidade de Coimbra, pedindo-lhe esta o favor de responder a um conjunto de perguntas sobre a vida do dramaturgo, o qual escolhera para tema da sua tese de licenciatura em Filologia Românica. António Mesquita escreveu-lhe então um longo texto com o que considerava ser uma “história indispensável para conhecer o homem”.<sup>2</sup> Na introdução a essa missiva, o remetente promete contar “uma história que [lhe] pareceu indispensável para (...) conhecer o homem”. “É a expressão da verdade pura e simples. Não lhe aumento qualidades nem encubro defeitos, nem me meto em apreciações”,<sup>3</sup> acrescentava ainda, asseverando a fidelidade do relato.

---

<sup>1</sup> Faleceu em 1948 e tinha o mesmo nome do pai, António da Silva Mesquita.

<sup>2</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, Cartaxo, 23 de Maio de 1944. EDMM, pasta 20, doc. 3.

<sup>3</sup> A carta tem uma parte manuscrita, aquela em que se dirige à destinatária e outra dactilografada, a que contém a narração dos factos biográficos. Idem, *ibidem*.

Contudo, a narrativa principia logo por omitir factos anteriores à entrada de Marcelino para o Seminário, aos onze anos. Será, por conseguinte, necessário interrogar outras fontes para obter as informações em falta.

O assento de baptismo de Marcelino António da Silva Mesquita, lavrado pelo padre António José dos Santos, encontra-se guardado no Arquivo Distrital de Santarém e principia nos seguintes termos:

Aos 6 dias do mez de Outubro de 1856 n' esta parochial egreja de S. João Baptista da vila do Cartaxo Arcediagado de Santarem Patriarcado de Lisboa baptizei solenemente a Marcellino nascido no 1º dia de Setembro ultimo filho legitimo de Antonio da Silva Mesquita e Anna Innacia Mesquita, moradores na rua dos Casaes d' esta freguesia.<sup>4</sup>

Prosseguindo com dados relativos à proveniência do pai, natural da freguesia do Carvoeiro, concelho de Mação e da mãe, nascida e criada no Cartaxo, adianta que ambos tinham sido recebidos na mesma igreja aos catorze dias de Setembro de 1853 “pelas seis horas da manhã”.<sup>5</sup> Outras informações de relevo podem ser o nome do padrinho, Marcelino Ferreira da Franca, morador no Cartaxo, de quem, por tradição, o afilhado herdou o nome e o do signatário acima nomeado, o prior da paróquia. Trata-se de uma família das mais abastadas da região, proprietária de vários bens rústicos e urbanos, situados quer no espaço urbano, quer nas localidades dos arredores.

Uma dessas propriedades, ainda hoje existente, era a Quinta da Ribeira, composta de pinhal, olival, vinha e terras de sementeira. O nome advém-lhe de um pequeno curso de água que a atravessa no sentido noroeste-sudeste, indo desaguar na Vala Real ou Canal de Azambuja, afluente do Tejo. Apesar da irregularidade do caudal, a Ribeira de Pontével alimentava nessa época uma quantidade razoável de moendas de cereal e azeite, instaladas nas suas margens. Ainda hoje podem ser cartografados vestígios dessas estruturas nos terrenos da quinta e ao longo de todo o percurso fluvial. A ribeira ganhou ainda fama devido à excelência das suas águas, provenientes de abundantes fontes e nascentes, comumente chamadas “olhos”, de onde ainda hoje jorra continuamente o precioso líquido. Nas suas

---

<sup>4</sup> Reproduzido de forma fac-similada in AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p. 50. Vejam-se também, em notas de rodapé, as referências relativas aos nascimentos de Marcelino e dos pais, bem como ao casamento destes. *Op. cit.*, p. 15.

<sup>5</sup> Idem, *Ibidem*.



margens cultivavam-se produtos hortícolas e leguminosas de grande qualidade, milho e outros cereais. Há relativamente pouco tempo ainda se mantinham intactos diversos ecossistemas que faziam pulular de vida todo o ambiente circundante.

O pai de Marcelino era um destacado agricultor e negociante de vinhos e de produtos relacionados com o vinho, como a borra,<sup>6</sup> o que lhe valera a alcunha de *Borreiro* ou *Borreira*,<sup>7</sup> conforme se detecta ainda na tradição oral local. Além dos terrenos de cultivo, possuía uma azenha, um forno de cal e armazéns de vinho em Lisboa, situados na Travessa Nova de S. Domingos, junto ao Rossio, os quais rivalizavam “em grandeza e concorrência” com o grande armazém do Quintão, referido por Luís Pastor de Macedo.<sup>8</sup> Tanto quanto é possível saber, gozaria de boa reputação, ao contrário do dono deste último armazém, seu vizinho na capital, que acabou por cair em desgraça por causa de uma história de falsificação de vinhos.<sup>9</sup>

Marcelino teve dois irmãos: Maria Inês e o já mencionado António, nascidos, respectivamente, em 1860 e 1866. Da primeira, encontrou-se o assento de casamento, em Janeiro de 1882 com Manuel Ribeiro da Costa, “lojista, morador na Rua d’Além”, contando-se, entre as testemunhas do acto, o nome do irmão mais velho, ao tempo solteiro e estudante de Medicina.<sup>10</sup> Este cunhado de Marcelino devia pertencer a uma família de grande prestígio na localidade, enriquecida pelos altos rendimentos provenientes de grandes propriedades agrícolas, situadas em Valada e outras zonas. A memória desta família encontra-se bem vincada na história política, social e económica do município e da região, conforme se pode comprovar pelas referências toponímicas e outros registos.

Marcelino fez publicar no seu jornal, *O Chronista*, em Julho de 1886, uns versos dedicados ao desaparecimento precoce de uma irmã muito querida que, a

---

<sup>6</sup> Resíduo vinícola depositado no fundo do depósito após a trasfega.

<sup>7</sup> Cf. AAVV, *Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 29.

<sup>8</sup> Macedo, Luís Pastor de, *Lisboa de lés-a-lés. Subsídios para a história das vias públicas da cidade*. Vol. V, pp. 100, 101.

<sup>9</sup> Segundo Pastor de Macedo existia na zona, nos princípios do século XX “um cinema de aspecto feião, de grandes cartazes, a cuja porta uma mulherzita vendia pevides e amendoins”, o “Salão Ideal”. Veio a descobrir-se que a tal mulher, Carolina de seu nome, regava as castanhas com o vinho falsificado do Quintão. Macedo, Luís Pastor de, *op. cit.*, pp. 97-101.

<sup>10</sup> AN/TT, Livro de Registos de Microfilmes, concelho do Cartaxo, paróquia de S. João Baptista, série 02 - Registo de Casamentos, 1861-1910.

aplicarem-se a Maria Inês, conduzem à ilacção de que terá sobrevivido poucos anos após o seu matrimónio:

Ó minha doce mãe  
Já vês que é bem verdade  
Haver depois da noite  
Aquella claridade  
Que a tua boa alma  
Em mystica fragancia  
Fazia acreditar  
Outrora, à minha infancia  
Há mais, a esta hora  
Em incomparavel goso  
Tremendo pelo ceu  
Um ponto luminoso.<sup>11</sup>

Quanto a António, o irmão mais novo, há que destacar o seu papel basilar no equilíbrio económico familiar, bem como o de primeiro mentor da perpetuação da memória da vida e da obra do irmão. Não tendo frequentado o ensino universitário, apesar de se ter formado como técnico agrário, foi o principal gestor dos negócios da família, mantendo, após a morte do pai, a continuidade dos rendimentos provenientes do seu património, fosse para segurança do irmão, fosse para a de pessoas que dele viriam a depender. A biblioteca de que o Município do Cartaxo dispõe hoje, legado de António Mesquita com um considerável acervo de obras de natureza científica e outras, em português e noutras línguas, datáveis desde, pelo menos, o século XVIII, é bem o exemplo vivo dessa importância. A longevidade deste cidadão, que sobreviveu quase trinta anos ao irmão, permitiu trazer, até relativamente perto do tempo actual, o interesse pelo conhecimento dos factos com ele relacionados.

Tratando-se de uma família com bons recursos, não se estranha que o primogénito tivesse tido o privilégio de uma educação esmerada, com direito a prosseguir estudos. De acordo com os dados biográficos em análise, Marcelino deu entrada no Seminário Patriarcal de Santarém aos onze anos de idade, por

---

<sup>11</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 8, 25 de Julho 1886

influência de um “professor de primeiras letras”,<sup>12</sup> o reverendo Teodósio Duarte, que teria convencido o pai a consentir nesse ingresso. Foi admitido em Outubro de 1867 como “alumno pensionista” após requerimento assinado pelo pai em Setembro do mesmo ano.<sup>13</sup> Pouco tempo depois, dava sinais de querer sair, desejo que não lhe foi concedido devido à interferência do mesmo reverendo.<sup>14</sup>

Contrariado deste modo, não se podia esperar que Marcelino tivesse sido um seminarista dócil e submisso. Também não há registos que permitam considerá-lo um aluno notável ou brilhante. A falta de apetência para os estudos eclesiásticos, que era notória, a julgar pelo que deixou escrito, não tolda, no entanto, o reconhecimento posterior dessa vivência no desenvolvimento do seu percurso:

Eu começava, pois, uma carreira que havia de fazer, mais tarde, de mim, um dos grandes vultos da minha pátria. Aqui o digo para honra daquele casarão venerando. Cabe-lhe a ele a honra de ter amparado os meus passos infantis, na longa estrada de Minerva. Foi lá que ouvi, pela primeira vez, falar do nominativo e do ablativo, do exórdio e da peroração, do «eu» e do «não eu». Sobretudo este último conhecimento trouxe-me torrentes de felicidade - o «eu» e o «não eu»!<sup>15</sup>

Ainda no Seminário, ter-se-á matriculado nas disciplinas de Português, Latim, Francês e Inglês, no Liceu instalado no mesmo espaço desde 1843.<sup>16</sup> Todavia, empenhado em sair da instituição religiosa “custasse o que custasse, mesmo contra a vontade das famílias”,<sup>17</sup> tudo fez para que tal acontecesse. Com um colega e amigo inseparável, “um tal Souto, de Alemquer”, iniciou um processo de “partidas”, na expectativa de uma ordem superior de expulsão.<sup>18</sup> “Chegaram a desanimar, porque parecia que os padres não ligaram a maior importancia”, conta o irmão António.<sup>19</sup> Por fim, lá acabou por ser “excluído do número dos alunos do mesmo Seminário (...) em razão do seu irregular

---

<sup>12</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

<sup>13</sup> Documentos do Arquivo do Seminário Patriarcal de Santarém reproduzidos de forma fac-similada in AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, pp. 26,28.

<sup>14</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

<sup>15</sup> EDMM, pasta 15, doc.1.

<sup>16</sup> Sobre a instalação do primeiro liceu em Santarém leia-se a nota de Rogério Coito, um dos redactores da citada *Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 25, nota 1.

<sup>17</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

<sup>18</sup> Idem, ibidem.

<sup>19</sup> Idem, ibidem.

procedimento, e de não mostrar vocação para o Estado Ecclesiastico”.<sup>20</sup> O caso não era para menos, pois liderara algumas proezas que tinham feito tremer o edifício e a reputação da instituição, quer lançando canas a partir do tecto da igreja em pleno acto litúrgico, quer montando e fazendo detonar um engenho artesanal.<sup>21</sup>

Como não podia deixar de ser, o acto de insubordinação não tardou a chegar ao conhecimento do progenitor, despertando a sua cólera e a sua vontade de pôr um ponto final no prosseguimento dos estudos. A protecção da mãe, D. Ana Inácia, e a intervenção competente de uma personagem misteriosa, o “senhor Coronel Mongeardim”, que pregou “um sermão” ao filho e outro ao pai, ditou a transferência para Lisboa. Marcelino matricula-se “na Escola Académica, d’onde seguiu para a Politecnica e d’esta para o Hospital até acabar o curso de Medicina.”<sup>22</sup>

Aos quinze anos de idade encontra-se a morar num primeiro andar da Rua da Rosa, ao Bairro Alto. Partilha o quarto alugado com um tal Manuel Barbosa, “raça de bohemio amoroso a quem uma actriz do Gymnasio partiu o curso.”<sup>23</sup> A forma como descreve o ambiente em que habita é sugestiva, evocando páginas e cenas descritas por outros autores portugueses ou estrangeiros, seus contemporâneos, permitindo antever a celeridade com que se integrou no mundo boémio da capital, certamente aquele em que já gravitavam figuras hoje sobejamente conhecidas do património memorial. Se dúvidas surgissem sobre as razões que o levavam a embrenhar-se nas lides artísticas e literárias, muitas respostas se poderiam contar entre os relatos dessas primeiras experiências lisboetas. Seria difícil imaginar que um mancebo provinciano, da estirpe do jovem cartaxense, permanecesse indiferente ao contacto com a mundanidade, mesmo que a Lisboa desse tempo não passasse da pasmaceira que Eça de Queiroz tão bem retrata nas páginas das suas obras.

Conservam-se ainda em relativo bom estado extensas páginas manuscritas de textos de carácter memorialista, lavrados em data desconhecida, que deixam transparecer um olhar retrospectivo e saudoso sobre os tempos em que Marcelino

---

<sup>20</sup> Nota de expulsão datada de 27 de Julho de 1871, inscrita no verso do assento de matrícula e reproduzida de forma fac-similada in AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p.28. Vale a pena conhecer os detalhes destas patifarias na narrativa de António Mesquita (EDMM, pasta 20, doc. 3).

<sup>21</sup> Idem, ibidem.

<sup>22</sup> Idem, ibidem.

<sup>23</sup> Idem, pasta 15, doc.4.

se passeava com os camaradas por uma Lisboa muito pouco cosmopolita, onde pontuavam feiras como a das Amoreiras e Belém:

Com dezoito tostões, dois bons estudantes não jantavam em caza. Era no tempo da feira das Amoreiras. Não sei se o ruído d'um tambôr chegou até nós; sei que olhámos ambos para o lado do Rato, ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, dissemos: - á feira. E fômos. N'aquelle tempo, havia, na feira, duas barracas célebres. A da Julia, celebre pelas queijadas, frequentada pela gente fina, que vendia, doces, licores, bolos de toda a especie a acompanharem os refrescos e a do Pedro, um creado dos Galveias, em cuja frente, o mexilhão estrugia nas caçarolas, as pescadinhas de rabo na bôca formavam pirâmides e os nacos de pôrco, cheirosos e loiros chiavam no azeite cheio de fumaças e de espirros.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> EDMM, pasta 15, doc.5. A existência de espaços (tendas ou barracas) dedicados ao teatro e aos artistas é comumente referida na imprensa da época. Cf. c. *Diario Illustrado*, nº 4069, 29 de Agosto de 1884. Mas é particularmente interessante assinalar como a memória persiste localmente. Numa reunião familiar, o autor deste trabalho teve ocasião de ouvir da boca de uma anciã, nascida em 1913, a letra de uma canção da sua juventude que se referia à fama de uma dessas feiras:

Linda feira de Belém  
Lembrança que eu acarinho  
Como tu me fazes falta

Ainda me lembro bem  
Do café do Machadinho  
Com um tostão  
(Que era então um dinheirão)  
Fazia-se um figurão  
E sempre o diabo a quatro

Eram cafés, cervejas e capilés  
E sobrava muita vez  
Maçaroca p'ro teatro

A feira era tão linda  
Que até lá iam escritores  
Das peças mais consagradas  
Vi Marcelino Mesquita  
Ramada e outros escritores  
E [o] António das Caldeiradas

Ai meus amigos  
Naqueles tempos antigos  
Até os pobres mendigos  
Ali se sentiam bem

Eram cervejas e capilés  
Queijadas e água-pés  
E o café só custava um vintém

Desta feira o que me resta  
É [sic] as saudades que eu tinha  
E já lá vai tanto ano

Ia a gente p'ra festa  
Ou no carro do Jacinto  
Ou no carro americano.

A iniciativa que retira Marcelino do anonimato é a primeira representação de *Leonor Telles*, em 1876, pouco tempo depois de ter entrado na Escola Médico-Cirúrgica. O apontamento da estreia encontra-se arquivado na Biblioteca do Teatro Nacional D. Maria II. No registo da récita foi anotado que se destinava a apoiar a Caixa de Socorros Mútuos dos Estudantes Pobres, tendo sido representada por amadores, entre os quais o próprio autor que desempenhou o papel de rei D. Fernando.<sup>25</sup> António Mesquita dá a entender que se sente uma certa falta de apoio e interesse por parte da direcção do teatro na inclusão da peça na programação oficial. O facto é confirmado por Augusto Rosa, com quem Marcelino viria a trabalhar. Este famoso actor e empresário recorda também, nas suas memórias, a primeira aparição da peça que se viria a tornar num êxito de bilheteira: “O drama teve um grande agrado. Por esse motivo foi mais tarde representado na nossa administração.”<sup>26</sup>

A inclinação para as letras e as artes dramáticas era, indubitavelmente, precoce. Partilhava o curso com muitos outros afazeres, começando a escrever poesia e crónicas para o *Diario Illustrado* e *O Pae Anselmo*.<sup>27</sup> Os testemunhos de um relacionamento próximo com Teófilo Braga, encontrados, por exemplo, na sua correspondência, levaram à convicção de que Marcelino fora seu discípulo no Curso Superior de Letras, onde teria travado conhecimento com a elite intelectual do seu tempo. O suplemento literário do *Diário de Lisboa*, de 17 de Junho de 1937, ostenta um extenso artigo assinado por António Ferrão<sup>28</sup> com a reprodução de quatro cartas inéditas, pretensamente comprovativas dessa proximidade. O jornalista pretendia, com a publicação daqueles escritos, mostrar “como foram sempre muito amistosas as relações entre o eminente autor dos *Peraltas e Secias* e o sabio criador da historia da literatura portuguesa e como era grande a admiração e, mesmo, veneração”<sup>29</sup> de um pelo outro. Mas, apesar desses esforços bem-intencionados, não se conseguiram encontrar elementos que certificassem,

---

<sup>25</sup> TNDMII, Registos Biográficos, Dossier nº1055.

<sup>26</sup> Rosa, Augusto, *Recordações da Scena e de Fóra da Scena*, pp.209, 210.

<sup>27</sup> O *Diario Illustrado* principiou a sua publicação em Junho de 1872, cessando em 7 de Janeiro de 1911 (com o nº 13301). Era impresso na tipografia Souza Neves. *O Pae Anselmo* (semanário) teve 322 números, com início em 21 de Setembro de 1879 e fim em 15 de Novembro de 1885.

<sup>28</sup> António Ferrão (1884-1961) foi historiador, inspector das bibliotecas e arquivos, assinalou presença em vastas publicações e colaboração em revistas e jornais (*GEPB*, XI e *Actualização*, V). É ele que revela que Marcelino foi aluno de Teófilo no Curso Superior de Letras na cadeira de “Literaturas Modernas e especialmente portuguesa”. Recorte de jornal in EDMM, pasta 1, doc. 14.

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*.

concretamente, a frequência desse curso. Reconhece-se, não obstante, o mérito da transcrição em que Teófilo recebe o tratamento de “caro mestre”, “velho amigo” e em que Marcelino se despede com o respeito de “antigo discípulo, grande amigo e admirador”.<sup>30</sup> Por outro lado, a hipótese de proximidade terá sido uma realidade, uma vez que há, pelo menos, uma prova pública de cumplicidade entre o primeiro Chefe de Estado republicano e o dramaturgo: o prefácio de *Margarida do Monte*, peça dada à estampa no agitado final de ano de 1910.<sup>31</sup>

O percurso de Marcelino não permite antever um grande entusiasmo pelo curso de Medicina, que devia frequentar mais por desejo ou imposição paterna do que por vontade própria, a julgar pelo tempo que demorou a concluí-lo. Esse facto influenciava inevitavelmente o seu rendimento, dando azo à circulação de uma imagem pouco favorável à sua reputação de estudante. Brito Camacho,<sup>32</sup> igualmente estudante de Medicina, apesar de significativamente mais novo, resolveu fixar o seguinte episódio sobre o condiscípulo:

Um dia, na sala de autópsias, rodeado do curso, procurava no cadáver a confirmação do diagnóstico. O Garcia, moço do anfiteatro anatómico, já tinha aberto o tórax, tirando lá de dentro um dos pulmões, o direito. Nisto entra o Marcelino Mesquita, e vai colocar-se ao lado do Mestre (Ferraz de Macedo): «Que pulmão é este?». Responde o Marcelino sem hesitar: «É o direito.». «E porquê?». «Porquê? Pois se o outro está além, e é o esquerdo, o que pode este ser senão o direito?». Galhofa geral, a ninguém causando admiração que o Marcelino não soubesse que o pulmão direito tem três lóbulos e o esquerdo só tem dois, para acomodar o coração. Pousando-lhe a mão no ombro, sem azedume, antes com simpatia benevolente, o Ferraz disse ao futuro glorioso dramaturgo: «Estas coisas aprendem-se no primeiro ano.». E logo o Marcelino retruca, tão pronto como no teatro: «Pois aí é que está o mal, porque quando se chega ao quinto, já esqueceram.». Já esqueceram! Ele nunca as tinha sabido.<sup>33</sup>

Os relatos disponíveis apresentam alguma confusão no que concerne ao ano exacto de conclusão do curso e da tese, se bem que o facto de esta ter sido

---

<sup>30</sup> Recorte de jornal in EDMM, pasta 1, doc. 14.

<sup>31</sup> “De uma carta de Teophilo Braga” in Mesquita, Marcelino, *Margarida do Monte*, Lisboa, «A Editora», 1910. Cf. Introdução de Duarte Ivo Cruz a *Teatro Completo*, vol. I, p.18.

<sup>32</sup> Manuel Brito Camacho (1862-1934), médico, escritor, jornalista e estadista. Teve papel preponderante na propaganda republicana, combatendo a monarquia. Veio a integrar o aparelho político da I República. *Lello Universal*, vol. I, p. 436.

<sup>33</sup> Brito Camacho, *apud* Coito, Rogério, in *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, pp. 30, 31. O referido Mestre, (João) Ferraz de Macedo, integra a lista de professores que antecede a tese de licenciatura de Mesquita, onde surgem outros nomes, como os de Miguel Bombarda, Curry da Camara Cabral, Sousa Martins, entre outros. *Vide* nota seguinte.

publicada pela Tipografia Minerva e estar guardada na Biblioteca Municipal do Cartaxo, possa ajudar a desfazer o equívoco. Por estranho que possa parecer, a data da impressão é 1884, ao passo que a informação sobre a apresentação e defesa recai sobre Julho de 1885.<sup>34</sup> Estranha-se, por conseguinte, que a impressão antecedesse a apresentação.

António Mesquita não esconde a agitação que presidiu a esta fase da vida de Marcelino. Coincidiu com o momento em que concebeu a sua primeira peça polémica: *Pérola*. A trama parece basear-se na experiência pessoal do seu autor, envolvido numa paixão ardente “que o teve algum tempo separado da família”, conta o irmão. “Em nossa casa (...) todas as noites o serão era de lágrimas”, prossegue, antes de narrar o desfecho motivado “por desavenças” entre os amantes, causando a perda de um ano de estudos e deixando o irmão à beira da loucura. A moça que “era interessantíssima e fez sensação em Lisboa” viveu pouco mais de um ano, desconhecendo-se a causa de tão precoce decesso.<sup>35</sup>

Estes envolvimento e a negligência subsequente, contribuíam muito para a degradação das relações com o pai, cada vez menos tolerante e paciente, temendo pela sorte das expectativas que alimentava em relação ao futuro do filho. Apesar disso, nas alturas de maior desânimo ou aperto monetário, Marcelino procurava consolo no afecto da mãe ou no refúgio próximo da Quinta da Ribeira.

Desse período, ainda António Mesquita conta mais um episódio inesquecível: o irmão, cedendo às instâncias do pai, regressa a Lisboa, abonado e disposto a concluir de vez os estudos. Instala-se então num hotel do Largo de S. Paulo, decorrendo três meses sem resultado algum. Ao fim desse tempo, o dono do hotel vem ao Cartaxo pedir, “muito cortezmente”, o pagamento da hospedagem em atraso. Envergonhado, mas fiel ao seu carácter íntegro e honesto, o velho lavrador prontificou-se a satisfazer a dívida do filho. Não se coíbiu, no entanto, de declarar ao homem “que de futuro não pagaria nem mais um real”, aconselhando-o a “que o despedisse e lhe dissesse que nada tinha recebido no Cartaxo”. “Talvez influenciado pelos calices de vinho generoso”, prossegue o relato, o estalajadeiro desfez-se “em elogios ao talento de meu irmão o que meu

---

<sup>34</sup> Mesquita, Marcelino, *Hysteria. These Inaugural Apresentada e Defendida Perante a Escola Medico-Cirurgica de Lisboa*, Julho de 1885, Lisboa, Tipographia Minerva Central, 1884. Na Biblioteca Municipal do Cartaxo encontra-se um volume contendo a encadernação de quatro exemplares, com 75 páginas cada.

<sup>35</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.



pai contradizia carrancudo e furioso”.<sup>36</sup> Dias depois, retractava-se por escrito, disposto a consentir na continuação da permanência do hóspede e a esquecer os pagamentos em atraso.<sup>37</sup>

Como o modo de vida de Marcelino não melhorasse aos olhos do pai, este decidiu-se pelo corte de relações. Porém, não deixava de recomendar ao filho mais novo “que o não perdesse de vista, o aconselhasse, e empregasse todos os meios para que ele fizesse a teze, defendesse e viesse para casa.”<sup>38</sup>

Fosse pela necessidade de reatamento da relação com o pai, cujo corte, por certo, lhe não aprouveria, ou por outra qualquer motivação, a conclusão da tese e do curso não parecem nunca ter sido postos em causa, pois, apesar de todas as vicissitudes e contrariedades, Marcelino não dá mostras de desistência. Por essa ocasião tinha já lançado *Meridionaes*,<sup>39</sup> o primeiro livro de poemas publicado a expensas suas e inspirado na memória de uma paixão antiga e inocente, talvez a primeira, por uma jovem que morreu também precocemente. “Lembro-me que nas primeiras ferias a que veio fui encontrá-lo conversando com minha mãe a respeito d’ela e chorando os dois como duas Madalenas”, recorda o irmão.<sup>40</sup>

Colaborava, pontualmente, no *Diario Illustrado* e no *Pae Anselmo*, se bem que oculto, durante algum tempo, sob os pseudónimos *Mendo Abbade* e *Satanaz Junior*. O último destes pseudónimos é, de resto, referido por Inocêncio Silva num dos tomos do seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*,<sup>41</sup> ao passo que *Mendo Abbade* surge apenas no *Diario Illustrado*. É o próprio Marcelino que, na sequência de dissabores não explicitados, a partir de Novembro de 1883, decide retirar a máscara e passar a assinar a colaboração com o seu próprio nome.<sup>42</sup> Importa ainda aqui referir que, segundo o relato de António Mesquita, Marcelino colaborou noutros jornais, como o *Diario Popular* e o *Correio da Manhã* e “revistas varias”, de tal sorte que “por esta altura o seu nome (...) adquiriu uma certa notabilidade”.<sup>43</sup>

---

<sup>36</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

<sup>37</sup> Idem, ibidem.

<sup>38</sup> Idem, ibidem.

<sup>39</sup> Marques, Aurélio, *Marcelino Mesquita*, (brochura comemorativa dos 140 anos do nascimento), ed. Câmara Municipal do Cartaxo, p.13.

<sup>40</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, idem, ibidem.

<sup>41</sup> Silva, Inocêncio, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo XIX, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1973 (fac-símile da edição de 1908).

<sup>42</sup> “Na capital. Uma declaração. Palcos.” in *Diario Illustrado*, n° 3791, 23 de Novembro de 1883.

<sup>43</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

Marcelino era, sem sombra de dúvida, uma figura que não passava despercebida nos cafés e salões. Os seus dotes de orador destacavam-se nos eventos de carácter cívico ou político, como as aparatosas cerimónias comemorativas das grandes figuras da história nacional, aproveitadas pela propaganda da organização partidária republicana nascente. Não se vislumbra qualquer vestígio da sua participação no célebre centenário de Camões, mas é possível que, sendo parte integrante da camada jovem interventiva da capital, não deixasse de estar presente. Já a sua intervenção no centenário da morte do Marquês de Pombal em Maio de 1882, está documentada. Um jornalista do tempo, Luís Trigueiros,<sup>44</sup> refere-se-lhe de uma forma particularmente emocionada e respeitosa, confessando-se honrado pela encomenda de um artigo que retrata o momento em que com ele travou conhecimento, precisamente na ocasião daquela efeméride:

Acabára de fallar o dr. Consiglieri Pedroso<sup>45</sup> e por signal que nos deixára uma soberba impressão o seu magnifico discurso. Então do canto esquerdo da sala, um rapaz alto, desempenado, moreno, de barbicha mephistofelica, impertinente monoculo entalado no olho direito, começou a discursar. Não me recordo já das suas primeiras phrases; lembro-me apenas que se operou em toda a sala um forte movimento de attenção. Vinte minutos depois, em meio duma trovoadade applausos, o rapaz da barbicha mephistofelica era levado ao collo em passeio triumphal pela sala, sob a ovação clamorosa da mocidade das escolas. Soube d'ahi a pouco, pelo presidente do congresso - hoje o medico Zepherino Falcão -<sup>46</sup> que o orador era estudante de medicina e que se chamava - Marcellino Mesquita.<sup>47</sup>

Voltando ao atribulado ano de 1885, destaca-se a subida à cena do drama *Pérola*, subtitulado *Episódio da vida académica*, e o escândalo que a fez retirar do palco, “proibida por imoral pelo sr. A. Sousa Vasconcelos, comissário régio

---

<sup>44</sup> Luís Trigueiros (1863-1934), jornalista, colega de redacção de Marcelino no *Portugal* e autor de, pelo menos, uma comédia, publicada em 1893. Cf.c. Rebello, Luiz Francisco, *100 Anos de Teatro Português*, p. 133. Vide também TRIGUEIROS, Luís Forjaz, “Marcelino Mesquita” in *Perspectivas da Literatura Portuguesa no Século XIX*, vol. II, Lisboa, Ática, 1948

<sup>45</sup> Zófimo Consiglieri Pedroso (1851-1910), um dos primeiros deputados republicanos no período monárquico (Lello Universal, vol II, p. 495).

<sup>46</sup> Poderá tratar-se de Zeferino Candido Falcão Pacheco, nascido, como Marcelino, em Setembro de 1856. Foi médico especialista em Dermatologia, tendo-se destacado pelos estudos sobre a lepra. Pereira, Esteves e Rodrigues, Guilherme, *Diccionario Historico, Chorographico ... e Artistico*, vol. III, p. 271.

<sup>47</sup> Fragmento de artigo publicado na revista *A Arte*, nº6, 15 de Janeiro de 1896. EDMM, pasta 3, doc. 4.

junto do Teatro D. Maria II”.<sup>48</sup> António Mesquita, procurando caracterizar a recusa institucional, afirma que a direcção do teatro “não simpatisava nem com originais portuguezes nem com os papeis portuguezes, estava na moda o francezismo”.<sup>49</sup>

A peça acabaria por se estrear no Teatro do Príncipe Real, em Maio desse ano, tendo sido bastante aplaudida pelo público. Com a invejável lucidez dos seus setenta e oito anos e à distância de quase sessenta sobre as ocorrências narradas, o irmão de Marcelino conta que a representação tinha tido “um sucesso enorme”, explicando que o drama se integrava “numa Escola nova (...) muito conhecida já lá fóra”.<sup>50</sup> Relacionava ainda o agrado geral com “uma serie de circunstancias”, referindo o impacto negativo junto da opinião pública que terá considerado a proibição escandalosa e, inclusivamente, terá descomposto a “empresa do [teatro] Normal”.<sup>51</sup> Acresce dizer que os factos estão documentados pela imprensa da época, conforme atesta uma caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro na edição de 28 de Maio de 1885 dos *Pontos nos iii*.<sup>52</sup> Matos Sequeira, em 1946 e Carlos Reis,<sup>53</sup> mais recentemente, também historiam de alguma forma a dramaturgia marcelinesca.

A leitura atenta do enredo, girando em torno do envolvimento de um estudante de Medicina com uma jovem prostituta, parece retratar a própria vivência do autor. Denuncia pontos comuns vividos entre o dramaturgo e a protagonista da peça, confirmando os boatos postos a correr acerca de um envolvimento com a referida actriz, a quem António Mesquita atribui o nome de “Margarida loira” e classifica como “uma das primeiras atrizes do tempo, interessantíssima como atriz e não menos interessante como mulher”.<sup>54</sup> A vida da exuberante jovem acabaria por ser breve, falecendo no Brasil, segundo se conta no relato.

---

<sup>48</sup> Referência inserida no rosto da 1ª edição da peça. AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p.96.

<sup>49</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

<sup>50</sup> Idem, ibidem.

<sup>51</sup> Idem, ibidem.

<sup>52</sup> O desenho exhibe os seguintes dizeres: em cima, “Theatro do Principe Real - A Perola”; em baixo, “A Marcellino Mesquita, Um bravo”, seguido da assinatura do humorista.

<sup>53</sup> Sequeira, G. M., *História do Teatro Nacional D.Maria II*, pp. 374 ss.; Reis, Carlos (coord.), *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. VI, pp. 355 ss.

<sup>54</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, idem, ibidem.

Veja-se ainda como é descrita no enredo a intensidade das paixões pelo familiar de Marcelino:

Encarnando o personagem d'uma maneira superior, mulher superior como realmente era, e tendo com meu irmão as relações inevitáveis durante o período dos ensaios e dada a sua impressionabilidade, era fatal o que se deu (...). Paixão das fortes porque elle tinha-as de varias fôrças.<sup>55</sup>

Este testemunho vem confirmar que Marcelino concluiu, efectivamente, o curso em 1885. Feridas saradas, tempestades acalmadas, o velho Mesquita parecia, finalmente, estar prestes a conseguir realizar o desígnio de puxar o primogénito para a sua proximidade. “Arrasta-o até ao Cartaxo onde casa e exerce clínica durante dois anos, passados os quais se safa para Lisboa levado pelo sôgro e alegando não poder suportar mais aquela vida”.<sup>56</sup> A certa altura, António Mesquita decide interromper a carta, resolvendo dar-lhe “um dia de descanso” antes de prosseguir, caso a interlocutora achasse que valia a pena:

Eu também não posso levar mais longe esta historia que sopuz poder fazer em poucas palavras e afinal me sai tão comprida ...<sup>57</sup>

## **2.2. Em busca de afirmação**

Acabado o curso e defendida a respectiva tese, Marcelino regressa, ainda que por pouco tempo, às suas origens, onde poderia reencontrar algum conforto e equilíbrio, bem como as condições propícias à satisfação das necessidades materiais. O seu espírito irrequieto e impressionável, dado às paixões tumultuosas, fortes e fatais, esgotava-o. Apreciava os excessos da vida boémia, sem aparente consciência dos limites, nem capacidade de controlo dos gastos, o que o fazia andar num permanente estado de penúria financeira. Juntando a isto o desaire amoroso e o desgaste provocado pelos conflitos com os críticos e as autoridades,

---

<sup>55</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

<sup>56</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, idem, ibidem.

<sup>57</sup> Idem, ibidem.

não é difícil concluir que atingiria um ponto em que a sua situação se tornava insustentável. Nessa circunstância, o regresso ao rincão natal, embora se afigurasse pouco convicto, impôr-se-ia como solução para o tratamento e recuperação dos males.

Está, então, no Cartaxo por alturas do Verão de 1885, para gáudio dos pais e do meio social local. Contraí matrimónio com Maria Rufina Marques e exerce clínica durante um curto período de tempo. Desse casamento pouco há a registar, a não ser o facto de ter sido breve e atribulado, pese embora o facto de, na realidade, não ter chegado a ser dissolvido, porque o estado civil de casado se manteve oficialmente, ao longo de toda a vida. Numa *Ilustração Portuguesa* de 1914, pode ver-se a fotografia da “esposa do ilustre dramaturgo sr. dr. Marcelino de Mesquita”, voluntária ao serviço do Corpo Expedicionário Português na Primeira Guerra Mundial. D. Maria Rufina de Mesquita, conforme a apresenta o artigo, era então uma “das senhoras portuguesas que deixaram os confortos dos seus lares e os afagos das suas famílias” para se dedicarem ao acolhimento de feridos oriundos dos campos de batalha, em Biarritz, “onde até alguns hotéis foram transformados em hospitaes”.<sup>58</sup>

Também em Janeiro de 1919, poucos meses antes da sua morte, esse estado civil constava do registo de casamento de Inês Alves Mesquita, sua filha bastarda, que, por sua vez, figurava como descendente de pai incógnito.<sup>59</sup> Por conseguinte, a menção de divorciado, inscrita no assento de óbito arquivado na Conservatória do Registo Civil de Lisboa, tem apenas o valor da informação do declarante, “José dos Santos, casado, empregado no comércio, residente na Travessa das Inglesinhas, trez”.<sup>60</sup>

Até ao final de 1888, empenha-se na reconciliação consigo próprio e com os que o rodeiam. Restabelece-se, dispondo-se a assumir o papel social que se lhe espera: facultativo de província, herdeiro ou usufrutuário de rendimentos

---

<sup>58</sup> Imagem reproduzida in AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p.60. A propósito da participação feminina na Primeira Guerra Mundial, cf. Rêgo, Raul, *História da República*, vol.III, pp. 339 e 348.

<sup>59</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, idem, ibidem.

<sup>60</sup> *Livro de Registo de Óbitos da Freguesia de São Mamede*, Ano de 1919, 3ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa.

estimáveis, titular de uma influência capaz de vir a aceitar responsabilidades de âmbito político.<sup>61</sup>

Para dar largas à veia periodista, adquire o jornal *O Povo do Cartaxo*, publicado desde 1883, onde já assinava colaborações. Rebaptizou-o *O Chronista*, tornando-se, simultaneamente, seu director e principal redactor. A publicação tem início em 23 de Maio de 1886, terminando cerca de dois anos e meio depois, em Dezembro de 1888. Apresentava-se em formato de semanário que se vendia normalmente ao domingo de manhã, não divergindo do estilo dos seus congéneres da época. Nele, o redactor ia dando conta do que se passava a nível geral e local, preocupando-se em manter os leitores actualizados, aproveitando a oportunidade para se auto-promover, quer a nível literário, quer a nível político.

Insera-se ainda neste período o início da sua entrada nas campanhas eleitorais, competindo com Mariano de Carvalho,<sup>62</sup> conhecido deputado progressista, candidato repetente ao círculo eleitoral nº 83 (Cartaxo e Rio Maior). Apesar de contar com algum apoio local e de utilizar as páginas do jornal para orientar a sua candidatura, perde a eleição parlamentar de Março de 1887, a favor do rival, mais experiente e granjeador de significativa influência local. Apesar de ser recordado como republicano, de ser referido como tal na bibliografia sobre História da Literatura<sup>63</sup> e de ter assumido posições anti-monárquicas, como a recusa da condecoração pelo rei D. Carlos, não se lhe conhece filiação ou militância partidária nesse sector. Certa é a sua adesão ao Partido Regenerador pelo qual concorreu e foi eleito “na eleição geral de 30 de Março de 1890, pelo círculo plurinominal nº 57, Guarda, pelas maiorias”,<sup>64</sup> ocupando o cargo até ao fim da legislatura, em 1892.

---

<sup>61</sup> Um estudo recente coloca-o como Presidente da Junta Escolar do Cartaxo no ano lectivo de 1886/1887. Cf. Pires, Everilde e Simão, M. Manuel, *O Mestre Cid e a Escola do Seu Tempo*, p. 67.

<sup>62</sup> Mariano Cirilo de Carvalho (1836-1905). Com uma formação académica diversificada, chegou a ser professor de Matemática na Escola Politécnica de Lisboa e “lente proprietário” (1877). Abraçou desde cedo o jornalismo político, tendo-se destacado como fundador e proprietário do *Diário Popular*. Colocou o jornal ao serviço da sua militância no Partido Progressista, teve uma longa carreira como parlamentar (desde 1870) e fez parte de alguns governos, nomeadamente, como Ministro da Fazenda, entre Fevereiro de 1886 e Janeiro de 1892. Mónica, Maria Filomena (coord.), *Dicionário Biográfico Parlamentar*, vol. I, pp.665-669.

<sup>63</sup> Cf. Andrade, João Pedro, *Reflexões Sobre o Teatro Português*, 2004 pp. 62, etc. e a introdução de Costa Ferreira a *Leonor Teles*, 1983.

<sup>64</sup> Apesar de estar registado no Livro de Registo da Câmara dos Deputados, guardado no Arquivo Histórico Parlamentar, é frequente ver-se o nome de Marcelino Mesquita associado ao círculo do Cartaxo, quando se refere a sua curta carreira parlamentar. O recentemente publicado *Dicionário Biográfico Parlamentar* fixa correctamente essa situação. Mónica, M.F., *op. cit.*, vol. II, p. 928.

A publicação, a partir de Abril de 1888, nas páginas do seu semanário, do anúncio de venda de um “prelo de ferro em bom uzo, podendo servir para um jornal do formato d’*O Chronista*”,<sup>65</sup> faz pressupor que, por volta desta data, Marcelino esteja outra vez de malas aviadas para a capital. O anúncio parece ter saído pela última vez no centésimo número, a 5 de Agosto, o que leva a crer que o jornal foi vendido por volta dessa altura. Entretanto, já se vinha notando uma certa ausência do director que, na entrada no terceiro ano, não se dignou efectuar o costumeiro editorial sobre a actividade do jornal ao longo do seu breve percurso de vida. Folheando as páginas, a partir de Setembro de 1888 deixa de se reconhecer o tom quase inconfundível do redactor, como se este tivesse efectivamente interrompido a escrita, apesar de o seu nome ainda constar do cabeçalho.

Em Outubro de 1888, o nome de Marcelino Mesquita surge já associado à fundação e direcção literária d’ *A Comédia Portuguesa*, de mãos dadas com Fialho de Almeida e Silva Lisboa.<sup>66</sup>

A instalação em Lisboa assume um carácter efectivo, uma vez que arrenda casa, supostamente na Rua das Amoreiras, nº 198, a única residência documentada em Lisboa e aquela onde veio a falecer, a 7 de Julho de 1919. Pouca gente saberá que o frondoso e singelo jardim das Amoreiras, ostenta o seu nome no registo municipal, embora no local nada o relacione com a figura do dramaturgo, a começar pela placa toponímica que continua a manter a designação pombalina. Depreende-se que a deliberação camarária que procedeu a essa atribuição, se deva ao facto de Marcelino ter residido na zona durante cerca de três décadas. Não se conhece a data dessa atribuição toponímica, mas uma consulta efectuada junto dos serviços de toponímia da Câmara Municipal de Lisboa revelou que o nome do escritor foi concedido a uma rua da freguesia do Alto do Pina, em Lisboa, após deliberação camarária de 23 de Março de 1932.<sup>67</sup>

O timbre das folhas de receituário do consultório, instalado na Rua Nova de S. Domingos, informa que tinha “estabelecimento hydrotherapico annexo, banhos simples, de chuva, de duche, russos, turcos, de vapor, sulfuricos, mercuriaes, boricos, de mar artificiaes, etc.”. Esses papéis singulares, que

---

<sup>65</sup> Começa a ver-se a partir do nº 85, de 22 de Abril.

<sup>66</sup> *A Comedia Portuguesa*, nº1, Ano I, 6 de Outubro de 1888.

<sup>67</sup> Informação cedida pela Divisão de Alvarás, Escrivania e Toponímia do Município de Lisboa.

aproveitavam também para rabiscar mensagens, recados, apontamentos de natureza diversa, ostentavam ainda o horário de atendimento: das 10 às 12 horas da manhã. O pai explorava o estabelecimento instalado no 1º andar de um prédio contíguo à Igreja de S. Domingos, segundo informa o actor Carlos Santos numa carta de 1944.<sup>68</sup> Embora o artista teça informações duvidosas, como a de que “Marcelino nunca exerceu clínica”,<sup>69</sup> não há razão para duvidar da localização daquele estabelecimento, tanto mais que o pai, António Mesquita, possuía armazéns de vinho na zona.

O exercício da clínica, referido na correspondência privada, vai sendo complementado com a actividade literária e os assuntos da política. Nasce uma filha que teve uma existência curta, de apenas alguns meses. A referência a esta criança consta dos relatos biográficos do escritor, mas a única prova material da sua vida breve é a inclusão no número de Novembro d’*A Comédia Portuguesa* de uma nota algo inusitada que anunciava o luto do seu director.<sup>70</sup> O ano de 1888 terminava, por conseguinte, da pior maneira para a família Mesquita.

Marcelino mergulha no trabalho e nas distrações, envolvendo-se em novos problemas que vão atribulando de algum modo a corrente da sua vida. Uma jovem amiga do casal, solteira, que chegara a ser madrinha de baptismo da criança malograda, entra em cena de uma forma arrebatadora. Trata-se de Alexandrina Alves Ferreira, filha de Lizzie Turner, americana de nacionalidade e do português Alexandre Alves Ferreira. Os pais tinham-se e consorciado em Filadélfia, mas residiam em Lisboa desde, pelo menos, 1866, ano de nascimento da filha. A impressão causada pelo conhecimento e posterior convívio entre *Baby* (forma de tratamento que a jovem recebia na intimidade) e Marcelino, resultou numa paixão intensa, com consequências que iriam marcar para sempre as vidas de ambos.

“As complicações e contrariedades que estes acontecimentos acarretaram não se descrevem, só quem a elas assistiu pode fazer ideia do que foram”, revela António Mesquita nas suas memórias,<sup>71</sup> embora não adiante mais pormenores sobre aquela que viria a ser a principal figura feminina da vida do irmão. Aparentemente, tratava-se de um conhecimento vindo do lado familiar de Maria

---

<sup>68</sup> Carta de Carlos Santos a Maria Adelaide Castanheira, Lisboa, 14 de Janeiro de 1944, EDMM, pasta 20, doc. 5.

<sup>69</sup> O actor refere-se ao dramaturgo nas suas memórias (*Cinquenta Anos de Teatro*, Lisboa, 1950).

<sup>70</sup> *A Comédia Portuguesa*, nº 7, 24 de Novembro de 1888.

<sup>71</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.



Rufina, a esposa legítima,<sup>72</sup> mas faltam provas que o documentem. Um conjunto de cartas e outros papéis encontrados, por acaso, no Casal dos Eucaliptos (Amadora), junto à residência de um descendente de Marcelino, por ocasião da demolição de casas de habitação,<sup>73</sup> não ajuda ao esclarecimento da origem dessa amizade. Vem a propósito referir, a talho de foice, que aquele material, apesar de constituir um espólio não tratado composto por alguma correspondência e pouco mais, veio a revelar-se precioso, uma vez que respeita à vida particular de Marcelino Mesquita e Alexandrina Ferreira, avós maternos do antigo proprietário.

O desgosto causado pela perda da filha parece, assim, resultar no reacendimento de uma nova paixão, com a inevitável degradação posterior da relação matrimonial. A proximidade residencial em Lisboa favoreceria o convívio, pois tudo parece apontar no sentido da assiduidade do contacto. As cartas de Marcelino dão a entender a presença da figura feminina por detrás de uma janela,<sup>74</sup> não tardando a traduzir-se numa expressão de sentimentos arrebatadores. Pela evolução da correspondência, depreende-se que recorre a expedientes para não a perder de vista, implorando que não deixe de o(s) visitar, a ele e à esposa, a quem se refere pela inicial M.

A relação amorosa principia assim, discreta e cúmplice arredada de olhares alheios. Marcelino insiste em convidar a jovem para que venha passar uns dias com eles “quando estivermos em baixo”, não se esquecendo, porém, de lhe recomendar “o maior cuidado (...), a maior cautela.”<sup>75</sup> De facto, nessa correspondência peculiar percebe-se a existência de uma grande intimidade entre Alexandrina e o casal. Há um bilhete em que Marcelino se confessa pouco cuidadoso em casa, pronunciando acidentalmente o nome da amante, mesmo quando ela não está presente: “Hontem passou, em nossa caza, a noite a Julieta. Jogamos o Seven-up. Enganava-me sempre a jogar e dizia: jóga Baby. Ria-me, disfarçando e sentia os olhos humedecerem-se-me”.<sup>76</sup>

O tempo decorre e a paixão inflama-se, num ápice, ganhando forma a necessidade de estreitar o relacionamento. Todos os pretextos são válidos para que

---

<sup>72</sup> *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, pp. 56 e ss.

<sup>73</sup> António Mesquita Ressano Garcia, único neto do dramaturgo, falecido em 1989, residiu neste local da freguesia da Venteira, hoje designado Praceta Marcelino Mesquita. Os papéis foram recolhidos *in extremis* pela Dr<sup>a</sup> Zelinda Pêgo, que os tem conservado.

<sup>74</sup> “Quem é que está a teu lado à janela?” (fragmento de carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.).

<sup>75</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>76</sup> *Idem*, *ibidem*.

os encontros se proporcionem, seja na presença de Rufina ou de outras pessoas da família. São frequentes as alusões à passagem pela casa de visitas, nomeadamente, os familiares e amigos, em que Alexandrina se encontra presente, como se fizesse parte daquele agregado. Nessas ocasiões há, certamente, breves oportunidade para um olhar, um gesto, um beijo fugidio, quem sabe se a combinação de um encontro secreto:

Ainda me parece ver-te e ouvir-te! Que encanto e que superior gozo pensar depois na felicidade que passou, tão rápida, como passa tudo, o que ha de bom na vida! Lembras-te? Se te lembras, meu amôr; não o esqueças mais, que eu nunca poderei esquecer! Que depois das alegrias supremas resta-nos a saudade, como o mais dôce consolo, o unico recurso, o unico recurso [sic] d'um soffrimento continuo.<sup>77</sup>

Mas o amor não é só feito de rosas e Marcelino tem disso plena consciência. De vez em quando, assenta os pés na terra e, enquanto evoca a imagem da amada, lamenta-se por a ter conhecido “n'este momento miseravel da vida, (...), em que tudo me fôrça a encontrar um amôr que ostentaria, com orgulho, deante de todos”.<sup>78</sup> Reconhece, enfim, que ninguém “póde saber que secreto destino a sorte lhe reserva”.<sup>79</sup> Pela leitura das cartas percebem-se os momentos da consumação do amor<sup>80</sup> e da culpa subsequente. Ele trata-a como uma criança frágil, prometendo esforçar-se para que ela não corra nenhum perigo ou sofrimento. Por outro lado, confessa-se temeroso e ciumento: “a edêa [sic] de te perder, por qualquer modo, enche-me o futuro d'uma nuvem tão negra de dores, que me parece impossível resistir-lhe”.<sup>81</sup> Deduz-se que Alexandrina se mostre, por vezes, desagradada, uma vez que ele lhe pede paciência, inquietando-se com as suas queixas e maleitas, incitando-a ser corajosa e dando-lhe esperanças de uma vida melhor no futuro: “Faze a diligencia de comer bem [...]. Tem esperança que brevemente seremos felizes”.<sup>82</sup>

Apesar de todo o cuidado revelado, Marcelino não está isento do sentimento de posse e não coloca qualquer obstáculo à exposição desse sentimento, mostrando-se “exigente, como qualquer amante cioso”, assumindo-se

---

<sup>77</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>78</sup> Idem, ibidem.

<sup>79</sup> Idem, ibidem.

<sup>80</sup> “Sim, foram deliciosos o dia e a noite que passámos...”. Idem, ibidem.

<sup>81</sup> Idem, ibidem.

<sup>82</sup> Idem, ibidem.

incapaz de amar alguém sem sentir “o ciume a roer-me o peito, (...) cheio de máguas e desesperos”.<sup>83</sup> Conclui, por fim, para que não restassem dúvidas à natureza do seu sentimento: “Preferia perder-te para sempre a ver-te amar alguém”.<sup>84</sup>

Lentamente, vai-se esgotando o tempo em que é possível suster as aparências e o escândalo não tardará a rebentar, apesar da colaboração de cúmplices na concretização dos encontros. Começa a ser difícil escapar aos olhares coscuvilheiros; receia-se algum descuido que possa precipitar a sorte dos acontecimentos. É o caso do esquecimento de objectos pessoais femininos no local dos encontros: “Pela razão porque não pude escrever-te não pude mandar a sombrinha e o leque. Este leval-o hei hoje. A sombrinha acho melhor mandal-a para casa da Emillia.”<sup>85</sup>

Entretanto, devia estar a aproximar-se o Verão e Marcelino revelava-se apreensivo com a perspectiva de ficar dois meses sem ver a amante, visto que ela deveria passar esse período na Ericeira com os pais. Manifesta, então, expectativas de lhe poder fazer uma visita. No caso de tal não ser possível, “animar-me-ha a esperança de que serás sempre muito minha amiguinha, de que não te esquecerás nunca de mim”.<sup>86</sup> Usa de estratégias para a testar, fingindo-se compreensivo no caso de ela mudar de ideias. Nesse caso, adverte, “eu não terei mais ocasião de te incomodar (...) porque demais por ti tenho soffrido e precisarei acabar de vez um estado perfeitamente insustentavel”.<sup>87</sup> Nesta ocasião, chega a parecer que Marcelino pretende que *Baby* desista das férias na praia para evitar a separação, propondo-lhe que escrevesse a Rufina: “se tu quizesse (...) poderíamos passar muito razoavelmente o verão.”<sup>88</sup>

Escreve-lhe continuamente cartas e bilhetes, às vezes mais do que uma vez por dia, embora não seja possível determinar-lhes a periodicidade, porque não se encontram datadas nem guardadas nos seus envelopes de origem. A determinada altura, subentende-se que se encontra a residir numa casa que não é aquela que habita com a mulher, levantando a suposição de que mantém um alojamento

---

<sup>83</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>84</sup> Idem, ibidem.

<sup>85</sup> Deduz-se tratar-se da esposa do (António) Pinho (da Cunha), um amigo muito mencionado nas cartas, residindo na Rua Barata Salgueiro. Idem, ibidem.

<sup>86</sup> Idem, ibidem.

<sup>87</sup> Idem, ibidem.

<sup>88</sup> Idem, ibidem.

alternativo. Outro pormenor significativo desta correspondência é a informação dada sobre a aproximação da mulher no momento em que se encontra a escrever. Tudo é revelado de forma minuciosa à amante:

Chegou a M. Interrompi a tua carta. Teve questões com os pais e quer mudar-se para aqui. Veio vê as cazas e diz que as acha muito boas. Vamos a ver em que isto pára. Se tu andasses ainda connosco, como seria bom o estar-mos [sic] separados. Agora nada me importa. Penso no futuro, apenas. Um futuro que eu tenho sonhado tanto e que me parece não poderei nunca alcançar. Como me magoa esta edêa [sic] e quanto eu daria para ler a minha vida pelo tempo adiante.<sup>89</sup>

Apesar das limitações materiais, os manuscritos parecem não deixar dúvidas quanto à determinação de vir a assumir um compromisso com Alexandrina, admitindo a possibilidade de pôr a mulher legítima ao corrente dessa vontade, se bem que, como se sabe, fosse praticamente impossível dissolver um casamento naquela época. Todavia esta afirmação é tecida com muita cautela, pois, na verdade, apenas é possível compulsar uma amostra significativa do que escrevia à amante, desconhecendo-se o teor exacto das conversas e discussões com a esposa, bem como as reacções desta. Do mesmo modo, seria importante poder ter tido acesso à correspondência de Alexandrina para o amante, cuja existência apenas se pode depreender pelo contexto das cartas que recebia de Marcelino. Clarifique-se: se se pode seguir passo a passo cada pulsação de Marcelino, o mesmo não se consegue em relação a Alexandrina, da qual não se encontrou um único testemunho escrito. São as cartas dele que vão permitindo tecer a trama em que se vai enredando a sua vida e as dos que o rodeiam:

Hontem houve scena lá em caza por tua causa. Tudo puz a direito. Mas preciso fallar-te porque preciso tomar uma resolução definitiva. Que supplicio o meu. Não durmo, nada faço sem pensar em ti. Acordo toda a noite sempre a ver-te, sempre com a tua imagem na cabeça. Que amôr o meu e como eu receio ser infeliz de futuro. Se eu soubesse que tu farias por mim o que eu tenho que te pedir e hei-de pedir a 1ª vez que te fallar eu seria o mais feliz dos homens. Tenho não sei que esperança de que o farás: se me amas como dizes, e eu quero para bem do meu espírito acreditar, tu serás ainda a minha felicidade, a minha aventura eterna.<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>90</sup> Idem, ibidem.

A crise conjugal estava, portanto, instalada. As razões e as circunstâncias em que decorre, só podem ser inferidas pelos desabafos que Marcelino vai lavrando nas linhas que escreve: “Hontem não me foi possível escrever-te porque tive a visita da M. no consultorio, até á hora de jantar. Como calculas houve scena, que te contarei.”<sup>91</sup> Ao aproximar-se o final do ano de 1889, os acontecimentos parecem precipitar-se. Há como que um hiato na correspondência que não permite cobrir o tempo que medeia entre Julho e Novembro, ou seja, o período que se segue às férias na Ericeira. Mas o surgimento dos sintomas de gravidez de Alexandrina não deixa lugar a dúvidas no que se refere à continuação do romance. Uma carta, felizmente datada, dá a entender uma reacção menos favorável da parte dela em relação aos propósitos dele. Marcelino queixa-se, então, que não esperava da parte dela tantos padecimentos: “Nunca imaginei que os pudesse ter (hoje!) vindos de ti”,<sup>92</sup> confessa, antes de lhe solicitar “umas informações sem as quaes sinto que não posso fallar-te agradavelmente”.<sup>93</sup> Nesse dia previne-a de que prefere faltar ao encontro marcado: “Desculpa-me se te sou desagradavel mas sinto que seria mais se te fallasse agora”.<sup>94</sup>

A partir do momento em que ambos tomam consciência da gestação, os ânimos alteram-se, confundem-se e vários cenários se conjecturam. Inevitavelmente, coloca-se a hipótese da interrupção da gravidez, não se percebendo muito bem de onde parte a iniciativa. Marcelino demonstra aqui alguma serenidade de espírito, chamando a si a quota-parte de responsabilidade, recusando-se a colocar os seus créditos em mãos alheias. De antemão, respeita a vontade e a decisão da companheira, qualquer que ela seja. Sendo médico, poderia procurar a melhor forma de ajudar a resolver a situação. Os registos apontam no sentido do estabelecimento de contactos de natureza sócio-profissional, por assim dizer.<sup>95</sup>

Mas o Sol dava uma volta no horizonte e novos planos se architectavam: Marcelino tinha um primo em Abrantes, solteiro, bom rapaz, como é costume dizer-se, mas descontente com a vida que levava. Propôr-lhe-ia o consórcio com

---

<sup>91</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>92</sup> Idem, s/l, 22 de Novembro de 1889.

<sup>93</sup> Idem, ibidem.

<sup>94</sup> Idem, Ibidem.

<sup>95</sup> “Envio-te a resposta do Barcellos. O homem não quer dar a opinião, mas diz que lhe parece melhor no caso de se fazer, fazer-se assim como está. Tu o dirás.” Idem, Ibidem.

Alexandrina, encarregando-se de lhe arranjar uma boa situação em Lisboa: emprego, casa e até um suplemento financeiro para ajudar nas despesas da família fictícia. Várias cartas testemunham os contactos que com o primo vai estabelecendo. Mas era preciso que ela estivesse pelos ajustes, o que não aparentava ocorrer. Para *Baby* congemina-se outra situação: embarcar tão breve quanto possível para África, a fim de casar com alguém supostamente relacionado com a família. Como não podia deixar de ser, essa ideia era inconcebível aos olhos de Marcelino:

Não compreendo porque te não deixam cazar com meu primo e como é que n'esse estado pensam em te mandar para a Africa[...]. Tu sabes que o [que] me convinha e acabava com tudo isto era ir para S. Luiz esperar uns dias. Tinhas talvez um meio. Eu dizel-o ao Alexandre ou á Mulher, isto é, dizer-lhe que não podias cazar com [o] tal X [sic] e pedir-lhe para te fazerem entrar para o Convento ou o Recolhimento. Se elle é teu amigo, como dizias, não te deixará partir e sobretudo cazar á força.<sup>96</sup>

Partindo do princípio de que se referia aos pais de Alexandrina, sugere-se a seguinte interpretação: Marcelino conversaria com os pais dela, pondo-os ao corrente da gravidez da filha (facto de que ainda não seriam conhecedores) e tentaria, desse modo, travar o embarque. *Baby* acha a ideia disparatada e propõe antes o embarque clandestino dele. “Ir no paquete e fugir á tola”, seria uma loucura tola, responde-lhe. Recomenda-lhe calma, pede-lhe um tempo para descansar e pensar melhor: “tenho a cabeça em agua d'estes 3 dias.”<sup>97</sup> Insiste na ideia de a hospedar em S. Luís, uma instituição de recolhimento feminino, confrontando-a com o assentimento dela dias antes: “Tinhas-me dito (...) que conseguirias ir (...). Eu fiquei tão contente, estaria tudo tão bem encaminhado. Mas é sina que tudo corra mal.”<sup>98</sup> Mau grado a indecisão dela, não se deixa subjugar pelo pessimismo, mantendo acesa a paixão, revelando-se sempre carinhoso e ansioso por tornar a vê-la.<sup>99</sup>

Desconhecendo-se as razões que a pressionam, Alexandrina vai seguindo o seu caminho, aparentemente indiferente às lamúrias do amante: “Agora que eu

---

<sup>96</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>97</sup> Idem, Ibidem.

<sup>98</sup> Idem, Ibidem.

<sup>99</sup> “Eu tenho milhões de coisas para te dizer e a escrever-te, não me ocorrem, esqueço-me. [...] Vou ver-te agora que é melhor para mim.” Idem, Ibidem.

precizava saber dia a dia o que se passa, nada sei. (...) Pois devias ter tempo para me escrever.”<sup>100</sup> Com os nervos à flor da pele, Marcelino não contém o despeito e o inconformismo por o colocarem à margem de decisões onde também se considera tido e achado. Fala em tom objurgatório da “rapidez com que tudo se tem feito”, reclamando que, no mínimo, o ponham ao corrente do sucesso dos acontecimentos. Nesta fase, refere-se pela primeira vez, de forma concreta e objectiva, ao ser que Alexandrina carrega dentro de si, reivindicando o desejo de o assumir, disposto a acolhê-lo até, no caso de a mãe o rejeitar: “Quero o meu filho ouviste? Quero-o. Irei buscal-o se fôr preciso. É o teu filho, o nosso. Ouviste? Quero que só o deixes declarado. Não é preciso, tenho as tuas cartas.”<sup>101</sup>

Nesta fase atribulada da vida, Marcelino está activamente empenhado na sua carreira política, afadigando-se nos compromissos eleitorais. Na vasta e variada troca de mensagens com Alexandrina é frequente encontrar a expressão do desgaste físico e psicológico provocado pelo conjunto de circunstâncias que o rodeiam. Confessa-se “cansado de conferencias e truques políticos”,<sup>102</sup> tentado a desistir de tudo, mas, ainda assim, convicto de que o sacrifício se venha a traduzir na melhoria do seu nível de vida. “Se não fosse um degráu para para poder subir, abandonava tudo”, desabafa numa das inúmeras cartas.<sup>103</sup> Nas eleições parlamentares de Março de 1890 é finalmente eleito, não pelo círculo do Cartaxo, como tanto desejava, mas pelo da Guarda, não escondendo o seu entusiasmo à companheira:

Escrevo-te do Martinho onde estou fallando naturalmente em politica, porque hoje é dia de fallar só em politica. Fui eleito pela Guarda como talvez ainda não saibas. Estou portanto pai da patria.<sup>104</sup>

Esta última mensagem é particularmente profícua, na medida em que não deixa lugar a dúvidas quanto à data da sua entrada no mundo parlamentar e ao único círculo que representou. A restante correspondência privada relacionada com esta fase, permite também visualizar a movimentação de Alexandrina Ferreira. Por esses dias de Março de 1890 dera entrada no Recolhimento ou Asilo

---

<sup>100</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>101</sup> Idem, Ibidem.

<sup>102</sup> Idem, ibidem.

<sup>103</sup> Idem, ibidem.

<sup>104</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, escrita do café Martinho, datada de 31 de Março de 1890.

das Irmãs da Caridade Francesas, designado, a partir deste momento, pelo nome vulgar de Asilo de Santa Marta, contrariando, como se percepciona os desígnios do amante. Contudo, o que importa é que, gradualmente, vão desaparecendo os receios da partida para África, o que, a verificar-se, redundaria no afastamento total e definitivo dos amantes. O assunto do casamento com o parente da província, tão esperançado em melhorar a sua situação que já dispensava a mesada oferecida pelo primo,<sup>105</sup> falou-se ainda durante um breve período de tempo, mas acabou também por se dissipar.<sup>106</sup> Marcelino parecia agora querer livrar-se dos tormentos que lhe causavam fortes dores de cabeça e muitas noites passadas em claro, à procura de uma solução que lhe tornasse o futuro menos negro.

Todas as suas atenções se viravam então para a saúde da mãe de sua filha, enquanto a preocupação principal passara a ser a obtenção de um aposento condigno, onde Alexandrina pudesse dar à luz em segurança e cuidar convenientemente da criança. Por isso, avisava-a de que lhe enviaria um colega de profissão para a examinar, rogando-lhe que não tivesse qualquer espécie de acanhamento em lhe mandar dizer tudo o que precisasse:

Tudo te posso satisfazer; manda sem receio. Deves mesmo fazel-o, por que sabes bem quanto sou teu amigo e serei sempre e entre nós não deve haver o minimo rebuço. Eu não quero que tu soffras a minima necessidade ou contrariedade.<sup>107</sup>

Visita-a com regularidade, avisando-a sempre das horas a que pode ir, para que ela esteja preparada e possam sair para dar um passeio. Manda-lhe dizer quando não se pode deslocar e os motivos que o detêm, por vezes, em cima da hora: a chegada imprevista do pai – “apareceu-me em caza ás 10 horas quando eu me levantava e não me deixou até agora”,<sup>108</sup> ou de outras pessoas. Esforça-se para que não lhe falte nada, incluindo a tinta e o mataborrão que ela pedia. Lamenta apenas não poder satisfazer o seu maior desejo do momento: casar com a mulher que dizia amar acima de todas as coisas.

A leitura da correspondência que vem sendo referida revela que *Baby*, apesar de ter passado a viver num outro ambiente, se encontrava numa situação

---

<sup>105</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>106</sup> Apesar de, segundo as cartas, ter havido contactos com o prior de Santa Isabel. Idem, ibidem.

<sup>107</sup> Idem, ibidem.

<sup>108</sup> Idem, ibidem.



totalmente diferente da reclusão. Além do amante, recebia a visita dos pais (geralmente da mãe, Lizzie), em horário flexível, antes ou depois do meio-dia, mas sempre de forma a evitarem o confronto. Marcelino fazia questão de se certificar previamente de que não correria o risco de se encontrar com a mãe dela. Quanto ao pai, Alexandre Ferreira, parecia ter optado por não visitar a filha naquela situação. “Já sabes naturalmente que teu pai não quer saber de nada”, lê-se num dado passo da correspondência.<sup>109</sup> Habitualmente, o casal apanhava o trem ou a tipóia que os levava a dar uma volta até ao Aterro ou outra zona mais afastada da cidade, para escapar a olhares curiosos e denunciadores. Esses momentos de descontração amorosa pela Lisboa de Oitocentos encontram-se devidamente anotados pela mão do escritor: “Com que saudades se recordam no outro dia os bons momentos que se passam juntos”.<sup>110</sup>

Era frequente que o estado físico e psicológico dela se ressentisse com esses passeios, o que nada tinha de surpreendente, visto que se expunha a condições climatéricas próprias da estação invernal. “Hoje provavelmente estás peor. É natural. Tu não tens juízo, nem eu”,<sup>111</sup> parecia repreender Marcelino, ele próprio atacado pelos malefícios do frio e das correntes de ar: “Como amanhã ahi vou, nada tenho que lhe dizer, senão que estou muito mal da minha garganta.”<sup>112</sup> Não tardará muito a manifestar-se ansioso por a tirar daquele sítio: “Não gosto de te ter ahi, não sei porque. Desgostou-me um tempo e hoje não me agrada. Vê se consegues ir para S. Luiz. Não estarás lá um mez, porque n’um prazo tudo se arranjará.”<sup>113</sup>

Todo o seu empenho concentra-se agora no aluguer de um lar, mesmo que tenha que percorrer um calvário de moradas até encontrar aquela que melhor se adegue às suas condições e possibilidades. Uma grande virtude do arquivo particular, é permitir uma avaliação da situação financeira das pessoas que retrata. Nesse aspecto, não se pode dizer que Marcelino nade em dinheiro, muito pelo contrário. Estava completamente posta de parte qualquer contribuição ou ajuda da família do Cartaxo e o que ganhava mal dava para as despesas correntes. Mesmo assim não dá mostras de vacilar no propósito de conseguir arrendar uma casa e

---

<sup>109</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s.d.

<sup>110</sup> Idem, ibidem.

<sup>111</sup> Idem, ibidem.

<sup>112</sup> Bilhete de Marcelino a Alexandrina, s/l, 14 de Abril de 1890.

<sup>113</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

tem a sorte de contar com um amigo colaborador: “O Pinho deve ir hoje ter com o homem da caza, para vêr-nos o que se pode arranjar.”<sup>114</sup>

Há sinais que apontam para a participação de Alexandrina nessa procura, evidenciando o desejo de permanecer numa zona central da cidade: “Fallas-me na tua carta de hontem em caza na Avenida. Parece-me que não convêm nada caza n’esse sitio, nem sei, nem lá vejo a caza a que te referes com escriptos.”<sup>115</sup> Detecta-se alguma ambiguidade da parte de Marcelino quanto à escolha do melhor local. Tão depressa fala em procurar casa em Lisboa, nas zonas de Campo de Ourique e Estrela, por exemplo, como manifesta a opinião de ser preferível tê-la mais longe, reconhecendo, no entanto, as desvantagens de estar longe da mãe, com quem, naturalmente, ela teria uma forte ligação: “em Torres [Vedras], estavas perfeitamente, affastada, e bem tractada e eu ficava descaçado”.<sup>116</sup>

Outra nota interessante exibida pela correspondência é o afadigamento quotidiano dele, multiplicado por diversos afazeres, a ponto de descurar as refeições e ver escassear o tempo para fruir da companhia feminina. A presença do pai continua a ser muito condicionante:

Amanhã mando-te o trem depois das dez horas porque até essa hora tenho consulta na pharmacia. Depois não sei onde iremos porque meu pai está cá e aborrece-me estar no consultorio em sobressaltos. Eu indagarei onde poderemos ir almoçar. Eu almoçar e tu jantar. O dia está tão bonito para o campo e é provavel que amanhã assim esteja.<sup>117</sup>

Não faltavam razões a Marcelino para se sentir acossado por vários sectores, surpreendendo que mantivesse a lucidez para cumprir os seus compromissos e actividades particulares e ainda lhe sobrar tempo para assumir responsabilidades do foro social e político. Um dia, quando tudo parecia bem encaminhado, torna a estalar a bomba do escândalo doméstico. De passagem pela zona de Santa Marta, o sogro depara-se com ele à saída do Asilo e vai contar tudo à filha Rufina, mulher de Marcelino:

---

<sup>114</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, escrita do café Martinho, datada de 31 de Março de 1890. Parece tratar-se de António Pinho da Cunha.

<sup>115</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>116</sup> Idem, ibidem.

<sup>117</sup> Idem, ibidem.

Imagina que sujeito e que juízo d'homem. O que ganhou elle com tal procedimento? Não sei. Há coisas que revelladas so podem acarretar desgostos e não remedeiam coisa alguma. Esta é d'essas. Imagina pois a noite que eu passei. Sahi de caza sem jantar logo que soube da novidade e voltei á meia noite para dormir, o que consegui; tão cançado me sinto.<sup>118</sup>

Para cúmulo do desgaste, ainda tinha que respeitar os compromissos assumidos com o pai, ou, melhor dizendo, os assuntos em que o pai o envolvia e a que ele correspondia para não o contrariar. É o caso de uma deslocação ao Cartaxo para tomar parte num determinado evento, precisamente na altura em que tinha tudo combinado para acompanhar a retirada de *Baby* de Santa Marta. Tanto esforço a convencê-la da decisão e tanto empenho a sossegá-la de que tudo correria a contento! Não fosse a sua grande capacidade de encaixe, a grande disponibilidade que sempre manifestava para atender a todas as solicitações e esta viagem inoportuna teria constituído mais um motivo de desgaste. É sugestiva a forma como parece solucionar a impossível ubiquidade adicionada a outros factores:

Já que é preciso, para tu entenderes as coisas, vou pôr os pontos nos ii. Eu só posso ir buscar-te ahi de amanhã por deante porque só amanhã 6ª feira recebo dinheiro. Se tu vês que eu não tracto com a desejada rapidez de caza para onde vás é porque bem sabes que sem dinheiro nada se pode fazer. É isto que me tem prohibido de ter tudo arranjado já como tu desejavas e eu; é isto que me tem preso de ir saber aonde podes estar bem como eu desejo e perto d'aqui para te poder ir vêr todos os dias. Posto isto que é claro e simples tu podes resolver para sabbado a hora a que queres que te vá buscar, na certeza que vás para um hotel por dois ou três dias visto que eu tenho que ir ao Cartaxo no Domingo e não posso deixar de ir. Vou bem contra a minha vontade porque embirro solemnemente com recepções, mas não posso deixar de ir por causa de meu pai<sup>119</sup>.

A recepção a que se referia relacionava-se, decerto, com a sua apresentação à elite local no novo papel/estatuto de deputado das cortes. A imprensa cartaxense da época testemunha bem a participação do pai e do irmão nos assuntos da política local, tendo assento na Assembleia Municipal. Não se estranhava, por isso, que quisessem exhibir o patricio, ouvindo o que tinha a dizer sobre a situação política e económica do reino.

---

<sup>118</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>119</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, 17 de Abril de 1890.

Enquanto isso, Alexandrina, não dava mostras de seguir as orientações do amante, para grande desespero deste. Inconformado pela desobediência dela, continuava a passar noites em claro, revelando-se ainda muito preocupado com a sorte do bebé. Coloca-se a hipótese de não levar a gravidez a bom termo ou de encontrar para o nascituro outro destino que não fosse o acolhimento por parte dos progenitores. Escreve-lhe uma carta extensa e repreensiva, desvendando o carácter das intenções dela:

Julguei que me farias o que te pedi. Isto não quer dizer que o não faças mas sem eu entrar para nada. (...) Espero então saber a tua resposta que peço seja pensada e reflectida com socêgo. (...) Figuras indecentes não farei porque me hão-de ser fataes na minha vida futura. (...) Tudo se remediará de futuro, em quanto que o que se quer fazer não terá nunca remédio. És livre para o fazeres se quizeres, mas eu é que não devo entrar n' isso. (...) Deus queira que sejas prudente e sensata.<sup>120</sup>

O final do mês de Abril parece, finalmente, ter trazido algum desanuiamento. Alexandrina deve ter-se rendido às intercessões de Marcelino, dispondo-se a colaborar. As mensagens dão agora instruções para que ela proceda à retirada com toda a discrição possível. Deverá dirigir-se à casa do Pinho e esperar lá por ele. O detalhe na identificação do local leva a crer que ela não conhecia bem a casa.<sup>121</sup> António Pinho e a esposa, Emília, afiguram-se peças fundamentais nesta nova fase difícil e conturbada. Desempenham o papel de porto seguro e rampa de lançamento para o início de uma vida de casal clandestina. Um bilhete do Pinho denuncia bem a existência de laços de amizade e gratidão criados ou reforçados pela força das circunstâncias:

A E. está doente e não pode portanto ir hoje jantar com V. Ex<sup>a</sup>. Assim, creio que sera melhor adiar esta festa - porque saiba, minha Senhora, que não prescindo já d'ella. Vou procurar o Marcellino para o prevenir d'este contratempo.<sup>122</sup>

---

<sup>120</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>121</sup> “O prédio côr de rosa da esquina da Rua Barata Salgueiro, 2º andar (...) nº (...) 186 ou 200, não sei bem, mas parece-me que é o primeiro (...) no quarteirão em frente ao corêto”. Duas mensagens curtas de Marcelino a Alexandrina, num envelope com carimbo de Lisboa, 30 de Abril de 1890.

<sup>122</sup> Bilhete de António Pinho a Alexandrina Ferreira. Assinado Pinho da Cunha, datado de Domingo, 7.

A partir deste momento surgem alusões à passagem por quatro moradas, pelo menos, num curto espaço de tempo. A primeira encontra-se inscrita num envelope vazio destinado a *Baby* com a direcção de Rua dos Ferreiros à Estrela, nº 3, 1º. A segunda morada, Travessa de Santa Gertrudes, nº 42, rés-do-chão, é apontada como o local do nascimento da criança, aos doze dias de Julho de 1890.<sup>123</sup> Com efeito, confirma-se que é para este último endereço que Marcelino envia cartas e recados, quer em envelopes de cor azul com o timbre do *Portugal*, jornal que fundou e governou durante o primeiro semestre de 1891, quer em pequenos envelopes brancos com a sigla da Câmara dos Deputados. Por conseguinte, se se atender à data em que teve início a sua actividade de deputado (Maio de 1890) e aquela em que esteve à frente dos destinos do jornal, pode concluir-se que Alexandrina permaneceu cerca de um ano naquela morada.

A existência de muitos envelopes e cartões do *Portugal* enviados para a Calçada da Estrela, permite situar mãe e filha neste novo endereço desde o 1º semestre de 1891. A partir de 1892 e durante pouco mais de uma década, a correspondência passa a dirigir-se para a Rua do Cabo, nº 77, a Santa Isabel. O acervo em referência, apesar de não tratado, permite ficar-se inteirado de grande parte dos passos do dramaturgo, pelo seu próprio punho, até, sensivelmente, Março de 1903. Depois dessa data, as cartas para *Baby* escasseiam, ou são substituídas por outras dirigidas à filha, o que, bem entendido, não equivale a afirmar que tivesse havido interrupção no relacionamento.

### 2. 3. A face oculta

A vivência de Marcelino com Alexandrina desenvolve-se de uma forma necessariamente diferente do estereótipo comum, com o secretismo e a discrição indispensáveis à manutenção das aparências. Ele continuava a ser o cidadão oficialmente casado; ela, a menina solteira que pusera no mundo uma criança quase por obra de um milagre, visto que não lhe foi consentido registar o nome do pai. Aparentemente, não lhe assentariam bem os epítetos do género de *manteúda*, *loretta*, ou *cocotte por conta* que se aplicavam à mulher que, sendo casada,

---

<sup>123</sup>AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p.58.

mantinha uma ligação adúltera, ou àquela que, não o sendo, vivia maritalmente com um homem casado.<sup>124</sup> Sem se pretender entrar em detalhes sobre a reputação da jovem no círculo social a que pertencia, que não teria permanecido intacta, supostamente, não há dúvidas sobre o seu carácter de seriedade e integridade moral. Para a manutenção dessa discrição muito terão contribuído o apoio expresso da mãe que sempre a acompanhou e o esforço de Marcelino na prestação do bem-estar e na satisfação das principais necessidades.

A proibição do divórcio na lei portuguesa mantinha-o vinculado ao casamento, impedindo-o de qualquer outro compromisso. Consequentemente, tornava-se impossível legitimar o nascimento da filha e aperfilhá-la, transmitindo-lhe o nome de família. *Tininha*, como sempre foi conhecida, foi baptizada Inês Alves Mesquita, recebendo o apelido paterno por via do tio António, seu padrinho de baptismo. O nome de Marcelino apenas teve direito a constar como padrinho, muito mais tarde, nos autos do casamento da filha com Duarte Ressano Garcia.

Tal como tem vindo a ser dito, são raras as referências à vida conjugal de Marcelino com Maria Rufina, a esposa legítima. Pelas mensagens dele a *Baby*, ficam a perceber-se algumas manobras de um sogro apostado em comprovar o adultério do genro, como se o pretendesse apanhar em flagrante delito. Por outro lado, já se fez referência ao facto de ele ter posto a mulher ao corrente do seu *affair*. Não se encontrou qualquer indício que aponte no sentido de perceber o momento da separação do casal, embora os dados não sugiram outra situação que não fosse a de afastamento.

Igualmente se torna impossível falar declaradamente de coabitação efectiva com Alexandrina, pese embora o facto de a correspondência fazer supor uma grande proximidade, ou, pelo menos, uma assiduidade regular nas visitas à casa da companheira e da filha. Marcelino parece manifestar, sobretudo nos primeiros tempos após o nascimento da criança, um natural sentido de zelo em relação a esta e à mãe. A forma de comunicação mais assídua e imediata continuava a ser a troca de cartas ou bilhetes com mensagens breves, entregues por mão ou via postal, consoante as circunstâncias o permitissem.

Por conseguinte, ele apresta-se a enviar, com mais ou menos regularidade, o dinheiro para os gastos, desculpando-se, quase invariavelmente, por não poder

---

<sup>124</sup> Itálicos nossos. Cf. Barreira, Cecília, *História das Nossas Avós*, pp. 77, 78.

mandar mais. Mau grado a penúria, manifesta todo o empenho em obstar às necessidades mais prementes do lar que passou a sustentar. Deduz-se até que confia a Alexandrina a gestão dos seus recursos, como se pode constatar pela frequência dos recados: “Manda-me cá abaixo [ao Martinho] o sr. João ou qualquer com 15 000 rs.”<sup>125</sup> “Para eu ficar descansado, pede à Maria 5000 rs. Se forem precisos (...) tornam-se-lhe a dar”.<sup>126</sup>

Serve-se de bilhetes com mensagens breves para anunciar as suas visitas ou prevenir atrasos e ausências. Muitas das vezes denunciam os locais de onde são emitidos: Grémio Literário, *Martinho*, *Havaneza*... Apesar da economia de palavras nesses textos rápidos é interessante reparar no enfoque que lançam sobre os movimentos de que Marcelino gosta de dar conta. Recados com enunciados tão banais no momento em que foram produzidos, mas que adquirem hoje o peso e o significado de pequenas preciosidades. “Precizo ir hoje ao Gremio”, ilustra bem a frequência dos espaços de encontro de intelectuais e políticos. Outras expressões transmitem dedicação ao trabalho e responsabilidade pela obtenção de meios de sustento: “Não vou hoje porque espero Luiz Fernandes para tractar negocios e nada tenho de jornal”; “Estou tractando de letras e pôr em ordem os juros”.<sup>127</sup> Num dos bilhetes refere que vai “à estação ao bota fóra do João Vianna e depois venho para o consultorio trabalhar”,<sup>128</sup> não se percebendo bem se se vai despedir solenemente de algum amigo que parte em viagem, ou se vai assistir ao lançamento à água de algum navio.<sup>129</sup>

Por sua vez, não se pode dizer que Alexandrina fosse posta à margem do seu convívio ou do seu aparecimento público. Pelo contrário, envia-lhe amiúde convites e ingressos para espectáculos de teatro e ópera, avisando-a com antecedência para a demora no caso de resolverem passar pelo “meio-bife”.<sup>130</sup> Sempre que pode, gosta de comparecer às refeições em casa dela, fazendo-se também anunciar: “Como tenho uma première resolvi ir jantar ahi. Nada de luxos.

---

<sup>125</sup> Bilhete de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>126</sup> Idem, ibidem.

<sup>127</sup> Todas as expressões são retiradas de bilhetes avulsos enviados por Marcelino a Alexandrina. Nenhum refere local ou data.

<sup>128</sup> Bilhete de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d. *Bota-fora* é um termo familiar que significa o acto de despedida de alguém que se acompanha até ao momento da partida. Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia de Ciências de Lisboa, Editorial Verbo, 2001, pág. 567.

<sup>129</sup> Parece óbvio tratar-se de João de Melo Viana, amigo a quem dedica a *Pérola*. Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p. 96.

<sup>130</sup> Bilhete de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

(...) Jantar à sombra da parreira”; “Janto contigo hoje, para pagar a ausencia de hontem.”<sup>131</sup>

Alguns cartões, como aquele em que se desculpa por mais uma falta - tem que ir esperar o irmão à “estação do Norte” (Santa Apolónia) - desvendam a rede de pessoas com quem trava relações: “O Arriaga manda dizer à senhora que ahi deve estar que tenha a bondade de vir para baixo só, que elle não pode ir e que venha pelo Martinho”.<sup>132</sup> Uma receita de “alúmen calcinado” e “mel corado” com o carimbo da “Pharmacia Lopes”, no “Largo da Paschoa”<sup>133</sup>, passada pelo médico Marcelino Mesquita, revela ainda que ele não entregava a terceiros o atendimento às maleitas domésticas. Outras receitas, datadas de 18 e 19 de Abril de 1892, respectivamente, acusam enfermidades oportunistas sofridas por *Tininha* ou por *Baby*.<sup>134</sup>

Por um modesto maço de cinco cartas com o carimbo de Julho de 1892, percebe-se que Alexandrina se encontra com a sua filha de veraneio na Granja do Marquês, próximo de Montelavar. Marcelino, apesar de liberto das atribuições parlamentares, não consegue visitá-las com a regularidade desejada. Duas espécies de razões, intrinsecamente ligadas, o detêm: o pai e o dinheiro, ou a falta deste. Em certas ocasiões, refere o enfado que lhe causa a pressão paterna: “Calcula que não posso ir ahi hoje depois da scena d’esta manhã. Quando cheguei a caza estava meu pai a procurar-me. O diabo. Coisas que só a mim me acontecem.”<sup>135</sup> Noutra ocasião, modera os seus desabafos, reconhecendo-lhe razão e sentindo-se grato por, apesar de tudo, sempre ter estado no centro das preocupações do velho. Admite por fim que à beira de completar 36 anos, não dá indícios de ser capaz de assegurar a sua própria independência financeira, rendendo-se a aceitar o dinheiro e o fato que o pai lhe estende. Confessa-se, por conseguinte, merecedor de receber na cara, como bofetada justa, acusações de quase indigência: “diz sempre que eu não trabalho, etc., etc.”.<sup>136</sup>

---

<sup>131</sup> Bilhete de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>132</sup> *Post-scriptum* de bilhete de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d. Refere-se, sem sombra de dúvida, a Manuel de Arriaga, de quem era colega na Câmara dos Deputados, embora não se tenha averiguado o relacionamento entre ambos.

<sup>133</sup> Estabelecimento muito próximo da casa onde vivia *Baby*, na zona da Estrela.

<sup>134</sup> “Mistura anti-h [...] de Rivière, duzentos grs”; “antypirina, duas grammas em quatro papeis”. (Receitas com a assinatura do facultativo Dr. Marcelino Mesquita).

<sup>135</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>136</sup> *Idem*, *ibidem*.



Nesse Verão de 92, a vida de Marcelino não estava fácil: tinha que se repartir entre o Cartaxo, onde estava agarrado a compromissos da política local, Lisboa, o centro da sua actividade e agora Montelavar, sítio de difícil acesso para onde Alexandrina se retirara com a filha, a fim de gozarem os bons ares da região. A presença no Cartaxo, mesmo imposta, não devia deixar de ter as suas compensações, pois é difícil imaginar que o velho Mesquita o deixasse abalar de bolsos vazios: “Meu pai embirra em que preciso cá estar sempre mais que um ou dois dias de cada vez para esta gente me vêr e para ir com elle ás diversas assemblêas.”<sup>137</sup> Não obstante, a penúria continua a ser uma constante na limitação da sua acção: umas vezes diz que ficou sem dinheiro, outras que só pode mandar determinada importância. Sucede ainda escrever a avisar que não vai ter com ela “porque espero respostas do dinheiro”.<sup>138</sup> Enfim, está sempre a contar “receber dinheiro em grande” para ver se endireita de uma vez a vida.<sup>139</sup>

Por sua vez, *Baby* enfrenta a angústia de saber se ele aparece ou não por lá a visitá-la. Sente-se um tom derrizador na correspondência: “Lembra-te que se a semana que passou eu não passei um dia inteiro contigo a culpa foi tua”.<sup>140</sup> E retornando à carga, admoesta: “Não queres crêr que eu não te mereço o que me fazes, eu não o posso remediar mas verás sempre que tudo redunde em incommodos, em saudades e em despesas inúteis”.<sup>141</sup> Marcelino já não tem paciência para amuos e cenas de ciúme. Por vezes desgasta-se, parecendo confirmar o que dele afirma Zelinda Pêgo:

Ele só queria o que não tinha, tal como o demonstra em alguns dos seus versos: «Todo o sonho, quando se torna realidade, enjoa e cansa». «Pode ser bela e cristalina a fonte; bebeste nela? Foi-se embora a sede».<sup>142</sup>

O desinteresse ou desgaste que aqui se pode, eventualmente, alegar não equivale a afirmar peremptoriamente algum tipo de negligência em relação aos compromissos assumidos, uma vez que Marcelino continuava a desenvolver todos os meios para que nada obstasse ao bem-estar de *Baby* e da sua *Tininha*. Tanto

---

<sup>137</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>138</sup> Idem, ibidem.

<sup>139</sup> Idem, ibidem.

<sup>140</sup> Idem, ibidem.

<sup>141</sup> Idem, ibidem.

<sup>142</sup> AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p. 62.

assim é que não desiste de continuar a procurar um lugar onde elas possam estar mais perto do seu convívio durante o período estival. Chega a propor à amante trazê-las para a Quinta da Ribeira, mas rapidamente se arrepende e desgosta da ideia, porque “tem feito um calôr horroroso como nunca”.<sup>143</sup> De resto não se vislumbra nenhuma simpatia de Alexandrina pela hipótese de trocar a relativa proximidade da cidade e dos ares marítimos pelo isolamento do campo.

Noutro ponto da correspondência revela ter pensado no Cacém “ou em sitio menos concorrido onde pudesses estar e eu pudesse ir vêr-te todos os dias ou quasi todos.”<sup>144</sup> Seria preferível à distante Granja do Marquês, longe de todos os acessos, para onde tinha que gastar uma boa dose de tempo em viagens e mudanças de transporte: de comboio até Sintra, a cavalo ou de carroça até Montelavar. De qualquer modo, continua a insistir nas vantagens de estarem mais próximos, “porque se acabavam assim as contrariedades, e pensava em se arranjar mais perto uma casita que fosse também campo por cauza da Tininha”.<sup>145</sup> A chegada súbita de um telegrama vem resolver a questão, pondo fim às diligências para encontrar a tal casa de campo mais chegada. Marcelino manda a família regressar a Lisboa a todo o vapor: “Vem para Lisbôa no comboio da noute de amanhã. É melhor”<sup>146</sup>. As férias tinham acabado. Nesse mesmo mês vê-se já a residência mudada para a Rua do Cabo, nº 77.

As cartas enviadas para esse novo endereço no período compreendido entre 1892 e 1903, elucidam o quotidiano de um casal separado pela força das circunstâncias, mas em permanente contacto, quer pelo fruto da sua união, quer pela necessidade constante de partilhar angústias e alegrias, preocupações e movimentos, projectos e expectativas. No derradeiro trimestre de 92 é notório o afã de Marcelino no trabalho eleitoral. Tem-se a convicção de que o centro da sua actividade política, a sede da sua candidatura à renovação do mandato de deputado, se situa no Cartaxo.

De Maria Rufina apenas se encontram referências indirectas muito mais tardias, quase confirmando um afastamento definitivo, inquestionável.<sup>147</sup> Separado de facto, mas não de direito, Marcelino assume a relação com

---

<sup>143</sup>Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>144</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>145</sup> Idem, ibidem.

<sup>146</sup> Telegrama de Marcelino para Alexandrina, Lisboa, 2 de Agosto de 1892.

<sup>147</sup> Carta de Carlos Santos a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc.5.

Alexandrina, dez anos mais nova. Apesar de nunca poder formalizar essa ligação, ela será o principal interesse afectivo e amoroso da sua existência.

As grandes vicissitudes pessoais que caracterizaram esta fase da sua vida, não lhe tolheram a iniciativa nem o espírito criativo. De parceria com Gualdino Gomes, escreve e leva à cena no Teatro Avenida *A Tourada* (Revista do Ano).<sup>148</sup> Em Janeiro de 1891, funda o diário *Portugal*<sup>149</sup> cuja direcção assumiu durante praticamente todo o primeiro semestre desse ano. Entretanto a imprensa escalabitana dava à luz o famoso semanário (*O*) *Correio da Extremadura*<sup>150</sup> que anunciava a partida do “glorioso escriptor” para o Rio de Janeiro em digressão com a companhia teatral que ia representar a *Leonor Telles*. Seria, por conseguinte, durante o período em que exerceu o seu mandato de deputado, provavelmente numa fase de interrupção legislativa decorrida entre 9 de Julho e 30 de Novembro de 1891. De facto, os registos apontam no sentido de uma primeira viagem ao país irmão nessa altura, mas não se encontraram provas documentais nem outros ecos da digressão na imprensa coeva consultada.<sup>151</sup>

O mandato parlamentar cessou a 2 de Abril de 1892, a mesma data que se encontra apontada no *Registo do Pessoal Político da Câmara dos Senhores Deputados* como a do término da legislatura de 1890-1892. Pressupõe-se um encerramento conturbado, a julgar pelo balanço publicado no hebdomadário ribatejano: “ponto final de um periodo historico de bem triste memoria (...) sem ter deixado um beneficio unico marcado com o cunho de grande utilidade social”<sup>152</sup>. De facto, convém não esquecer que se tratou de um período negro na História de Portugal, inaugurado com o Ultimato Inglês, pontuado pela agitação pública que culminou na revolta republicana do Porto e sempre ensombrado com a recessão financeira e o fantasma da bancarrota. Mesmo assim Marcelino não desistia da política nem da aspiração ao círculo cartaxense, como o próprio jornal fazia questão de testemunhar.

Novas eleições foram marcadas para Outubro de 1892. À medida que a campanha avançava, Marcelino ia perdendo o respeito que anteriormente lhe

---

<sup>148</sup> Representada em 1889 ou 1892, não chegou a ser publicada. Marques, Aurélio, “As Ideias e Convicções” in AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p. 96. Cf. idem, *Marcelino Mesquita e o seu tempo* (brochura comemorativa dos 140 anos), p. 17.

<sup>149</sup> *Portugal*, Ano I, nº1, 15 de Janeiro de 1891.

<sup>150</sup> *O Correio da Extremadura*, Ano I, nº1, 9 de Abril de 1891

<sup>151</sup> *Idem*, Ano I, nº 26, 1 de Outubro 1891. Cf. c. Marques, Aurélio, *op. cit.*, (brochura comemorativa dos 140 anos), p. 16.

<sup>152</sup> *O Correio da Extremadura*, Ano I, nº 52, 2 de Abril 1892.

parecia devotar as páginas d'*O Correio da Extremadura* (entenda-se o respeito como candidato político, visto que a imagem pública de criador literário se mantinha imaculada). Referindo-se à demarcação de posições, o articulista do periódico depositava esperanças de que “o autor da Leonor Telles” se retirasse do círculo do Cartaxo para deixar o caminho livre ao opositor progressista.<sup>153</sup> Incrédulo com a relutância do candidato, o qual, na sua óptica, se deveria contentar com qualquer outro círculo arranjado por Mariano de Carvalho, cerrava o ataque, aproveitando para o rebaixar. Desvalorizava também a influência dos anti-progressistas locais, cujo porta-voz era o recém-aparecido (*O Provinciano*, outro periódico cartaxense):<sup>154</sup>

Compreende-se a defesa na candidatura do sr. dr. Marcellino Mesquita, um filho do Cartaxo, que em tempo pugnou com proficiencia pelos interesses da sua terra natal no bem redigido semanario *O Chronista* – mas daí a escurecer, de uma forma aviltante, os serviços prestados pelo sr. Marianno de Carvalho é arrojado. Nem tanto ao mar nem tanto à terra. O mais chistoso, porém, é que ainda há pouco o sr. Mesquita asseverava ter certo o círculo do Cartaxo.<sup>155</sup>

Estas e outras afirmações apenas serviam para acicatar o génio reactivo do visado, mas este prosseguia na corrida, indiferente às provocações e tentativas de ridicularização pessoal. Fez questão de convencer o eleitorado de ser representante de uma candidatura independente e, portanto, apartidária. *O Correio da Extremadura*, seguidor atento da campanha e apoiante declarado de Mariano de Carvalho, aproveitou o ensejo para dar largas à sua verve, elevando o candidato cartaxense ao estatuto de *S. Marçalino, o Mosquito*:

Propõe-se pelo Cartaxo, como candidato independente este santo, muito da devoção do geógrafo sr. José Duarte Lima que há muito lhe acendeu uma das suas velas. A propósito de independência, diremos (...): os deputados independentes começam, logo depois de eleitos, por perder o *in*, ficando *dependentes*. Pouco depois, perdem o *de*, ficando *pendentes* ... das casacas dos ministros. Finalmente, perdem o *pen* e restam-lhes apenas os *dentes* com que roem alguns ossos que lhes atiram. Sucederá outro tanto ao dramaturgo *S. Marçalino* (...)? Cremos que sim. Salvo se não houver mais frete de papeis para o Brasil.<sup>156</sup>

---

<sup>153</sup> *O Correio da Extremadura*, Ano II, nº 75, 10 de Setembro de 1892.

<sup>154</sup> *O Provinciano*, Ano I, nº 1, 20 de Janeiro de 1889.

<sup>155</sup> *O Correio da Extremadura*, Ano II, nº 75, 10 de Setembro 1892.

<sup>156</sup> *Idem*, Ano II, nº79, 8 de Outubro 1892

Transmitindo uma ideia de força e de vitalidade que supera a natureza do debate, onde valia mais a elevação ao poder de um candidato influente do que a afirmação prática dos ideais democráticos, o tratamento jornalístico do combate político atinge as raias da difamação e da chicana, chegando a levantar suspeitas sobre a honradez do opositor, insinuando que se furtara a pagar a conta num hotel do Rio de Janeiro,<sup>157</sup> acusando-o da compra de votos e da recolha de assinaturas de pessoas pouco idóneas, para subscrever a sua candidatura:

O *Provinciano* do Cartaxo, órgão de S. Marçalino, o mosquito, botou suplemento há dias - um suplemento muito cheio de patriotismo e de independência - assignado por diferentes eleitores do Cartaxo. De entre as assignaturas de acaso figura Pedro Sérgio da Silva que nem eleitor é do círculo cartaxense, e a par deste muitos outros. Ora Belzebu se compadeça da mioleira do Mosquito, que com a saraivada de amanhã vai decerto ficar com os queixos à banda<sup>158</sup>.

Ironicamente, são as próprias linhas do periódico escalabitano que permitem conhecer a máquina (ou algumas peças dela) que dão força a Marcelino. Além da propaganda garantida pelo *Provinciano* que, para o colega de Santarém, não passava de uma “folha” especializada em “bravatas”,<sup>159</sup> são referidos alguns nomes que correspondem, possivelmente, a magnates locais que pugnavam pelo médico-escritor, destacando-se a figura de José Duarte Lima, “um tal Azevedo fazendário”,<sup>160</sup> e o próprio presidente da Câmara Municipal de Rio Maior. Não há elementos que permitam determinar qual seria a estrutura partidária que estaria por detrás da candidatura de Marcelino, mas não será despropositado continuar a associá-lo às forças regeneradoras. A relação entre estas e os seus adversários progressistas não se pautavam propriamente pela cordialidade, podendo compreender-se a sanha com que se moviam em ambiente de disputa pelo poder.

No acerto de contas após o escrutínio, vem à baila mais uma “paródia” para desmoralizar Marcelino, cujo insucesso se consumara. Trata-se de informar os leitores das satisfações que o autarca riomaiorense teve que dar ao “barão da Casca Grossa do Cartaxo” (referência jocosa a Marcelino), sobre o paradeiro de 800 mil réis investidos na campanha. Nada mais se adianta, porém, a não ser o

---

<sup>157</sup> *O Correio da Extremadura*, Ano II, nº79, 15 de Outubro 1892.

<sup>158</sup> *Idem*, Ano II, nº81, 22 de Outubro 1892.

<sup>159</sup> Expressões empregadas no artigo. *Idem*, Ano II, nº78, 1 de Outubro 1892.

<sup>160</sup> *Idem*. *Idem*, Ano II, nº82, 29 de Outubro 1892.

facto de se constatar a “magreza” dos votos lançados nas urnas cartaxeiras, a favor de Marcelino Mesquita.<sup>161</sup>

A edição do *Correio...* de 29 de Outubro de 1892 refere-se em termos caricaturais à derrota local do Partido Regenerador: “o candidato do sr. conselheiro Mariano de Carvalho obteve aproximadamente 3000 votos enquanto o santo Marçalino com peanha, vellas bentas de Duarte Lima e discurso do avinhado Azevedo fazendário apenas ganhou 453 votos!!!”<sup>162</sup> Podia ter terminado aqui a aventura política de Marcelino Mesquita, mas uma detalhada busca nos *Diários da Câmara dos Deputados*, entre 1893 e 1894, dá conta ainda de novas tentativas. É referido, na acta da sessão parlamentar de 14 de Janeiro de 1893, como candidato não eleito no círculo 83 (Cartaxo), tendo recebido 1603 votos contra os 4295 obtidos por Mariano de Carvalho. O seu nome vem à baila uma derradeira vez pela voz do relator da *terceira comissão de poderes* que, em sessão de 6 de Outubro de 1894, informa que os resultados do acto eleitoral, decorrido pouco antes, se saldavam em 3940 votos na figura do candidato progressista, contra uns escassos 35 em Marcelino Mesquita.<sup>163</sup> Foi o bastante para se convencer definitivamente ser preferível render-se aos apupos e chufas do público e da crítica teatral, violentos mas sinceros, do que aturar por mais tempo as jogadas políticas eleitorais, caracterizadas pelos truques baixos, pela corrupção e pela ausência de lealdade.

#### 2.4. Regresso às origens

Aos 40 anos o percurso de Marcelino tinha sofrido um novo volte-face. Atingira um estatuto elevado no firmamento cultural lisboeta, nacional e brasileiro, dado o sucesso das suas peças nos principais palcos. Com *Leonor Telles* e um elenco de luxo que contava com os melhores nomes do cartaz nacional, Eduardo Brasão, os irmãos João e Augusto Rosa, Virgínia, Rosa

---

<sup>161</sup> *O Correio da Extremadura*, Ano II, nº85, 19 de Novembro 1892.

<sup>162</sup> *Idem*, Ano II, nº82, 29 de Outubro 1892.

<sup>163</sup> *Diário da Câmara dos Senhores Deputados*, Actas nº 8, de 14/1/1893 e nº 3, de 6/10/1894.

Damasceno, Posser, Ferreira da Silva,<sup>164</sup> percorreram a província e chegaram ao Brasil. A *Pérola* dera que falar, em primeiro lugar, pela reacção contra a censura de que foi alvo e, logo a seguir, pelo êxito alcançado. Muitas outras peças se contavam no seu currículo, marcando a história do espectáculo teatral: *O Senhor Barão*, *Os Castros*, *Fim de Penitência*, *O Velho Tema* e a muito badalada *Dor Suprema*. Sempre insatisfeito, concentrava-se, na tarefa que melhor lhe aprazia e que, provavelmente, mais compensações remuneratórias lhe trazia: a criação literária, especialmente dramática.

Da clínica não devia recolher grandes proventos, fosse por escassez de clientela ou por não ser rigoroso na cobrança das consultas. Torna-se difícil imaginar o cumprimento do horário do consultório, uma vez que se desmultiplicava em inúmeros afazeres e trabalhava até de madrugada. Além do mais, passava grandes temporadas no campo, em Pontével. Poucas informações há sobre o exercício clínico, o que não equivale a negar o seu desempenho, como o disseram ou pensaram alguns.<sup>165</sup> Esse deficiente conhecimento da sua actividade como médico prende-se com a irregularidade da sua prestação e adiciona-se a muitos outros aspectos da sua vida bem protegida da devassa pública, os quais não ultrapassavam a esfera da privacidade mesmo em círculos mais restritos, como é o caso dos amigos ou profissionais do espectáculo que com ele contactavam mais de perto.

De facto, era uma figura que se submetia ao julgamento da opinião pública, mas única e exclusivamente pelo trabalho que mais o absorvia: o de autor dramático e o de jornalista. Como médico encontra-se referência à sua actividade nas páginas da imprensa local em anúncios ou notas de agradecimento, quer pelo restabelecimento da saúde de algum notável da terra, quer em situações em que, apesar de todos os esforços do facultativo se tornou impossível evitar o óbito. Por ocasião da passagem do seu centésimo quinquagésimo aniversário natalício, organizou-se no Cartaxo uma série de eventos, entre os quais uma exposição onde não faltaram testemunhos da actividade clínica (receitas assinadas, instrumentos de trabalho, entre outros).

---

<sup>164</sup> Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 95.

<sup>165</sup> Considera-se exagerada e desprovida de fundamento a afirmação de que “Marcelino nunca exerceu clínica, [...] e enveredou pelas letras obedecendo ao seu instinto de escritor”. Carta de Carlos Santos a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 5.

A melhor forma de contextualizar a tomada de decisão em assentar arraiais na Quinta da Ribeira é regressar ao relato do irmão, António Mesquita:

Uma noite, estava eu na adega, andavamos com a faena da vendima, pára á porta a deligencia da estação do c/ de ferro e entra meu irmão. Abraço do costume e ao perguntar-lhe que bons ventos o trasiam por cá, suspeitei logo que deviam ser bem maus. Respondeu: eu tinha de tomar uma resolução. Ou escrever uma peça em que ganhasse uns cobres de que necessito absolutamente, ou dar um tiro na cabeça. Optei pela peça. Tens de mandar amanhã arranjar a casa da azenha da Ribeira de Pontevel (...) e mandam-me depois todos os dias o almoço e o jantar. Assim se fez com grande jubilo de meu pai e minha mãe (...).<sup>166</sup>

Com os pulmões cheios do ar puro do Pinhal da Rola,<sup>167</sup> colheu inspiração para escrever, de uma assentada, a peça *Os Castros*<sup>168</sup> - doze dias, a acreditar no irmão - não sendo necessário esperar muito tempo para a fazer subir à cena. A produção literária não deixou de se intensificar a partir dessa altura. Continuou a escrever sobretudo teatro, mas também outros géneros, parecendo convicto de que encontrara o local ideal para expandir a sua veia literária. Não são escassos os registos em que exorta as virtudes do regresso ao contacto com a natureza em toda a sua plenitude:

A nossa terra, é o lugar, o sitio, as arvores, os rios, as cazas, os moinhos, os pinhaes, a Natureza local, emfim; onde o homem não entra senão como coisa acessoria, de ultimo plano; como um parasita, o peor dos animaes; esse rei da criação, o mais reles e o mais pifio dos reis.<sup>169</sup>

O ambiente circundante, a exuberância natural e o pitoresco da região são descritos de forma impressionante, deixando transparecer um bem estar e uma harmonia deliciosos, produzindo textos que fazem coro com os autores românticos seus contemporâneos. Noutra perspectiva, segue as pisadas de muitos congéneres que recolheram à terra, para se reencontrarem e dar um novo impulso

---

<sup>166</sup> António Mesquita refere 1893 como o ano da instalação na quinta, relacionando-o com a data da estreia de *Os Castros*, mas, uma vez que se refere à vindima, será conveniente recuar a Setembro do ano anterior. Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

<sup>167</sup> Vasta área florestal integrada na propriedade da Quinta da Ribeira.

<sup>168</sup> Drama em 4 actos, representado pela 1ª vez no Teatro D. Maria II em 8 de Abril de 1893. Teve a 1ª edição nesse mesmo ano pela Livraria Popular de Francisco Franco. Marques, Aurélio, *Marcelino Mesquita e o seu tempo*, (brochura comemorativa dos 140 anos), p. 17. Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita, Edição Comemorativa dos 150 anos*, pp. 62 e 96.

<sup>169</sup> Escritos diversos de Marcelino Mesquita, EDMM, pasta 13, doc. 1.



às suas vidas. Recorda Herculano que, zangado com a capital, se retirou definitivamente para Vale de Lobos, não muito longe do Cartaxo, dedicando-se à exploração agrícola e à produção de azeite. O nome da família Mesquita continuava a soar forte no mercado da produção vinícola e a leitura dos escritos e cartas de Marcelino permite entrever o apreço pelas questões da terra. Dá conta de passeios frequentes pelos seus domínios, preocupando-se com a poda, a enxertia das árvores e outras fainas sazonais. Quando ocorrem intempéries que provocam o transbordo do rio que lhe passa por baixo da casa, ele próprio verifica os estragos causados. Refere-se às peripécias relacionadas com a vida dos serviçais da casa, empenha-se no negócio da compra e venda de vinho, dando, enfim, mostras de se preocupar com o funcionamento da propriedade.

Com a presença mais assídua na quinta proporciona-se também a criação de círculos de convívio. Entre o espólio reunido no arquivo da Biblioteca Municipal com o seu nome, no Cartaxo, podem ver-se registos fotográficos dessa vivência. Num desses registos, Marcelino surge retratado com o seu característico chapéu, sentado numa mesa ao ar livre com o pai, que aparenta ainda uma certa robustez, apesar da idade, a filha *Tininha* afagando um cão e algumas outras pessoas de identificação mais difícil.<sup>170</sup> Noutros registos de datação variável ou desconhecida, Marcelino deixou-se fotografar, ora à secretária, no seu estúdio sobre a azenha, fumando o seu cigarro *Nazir*, ora fazendo uma pausa na caminhada pela sombra dos pinheiros com a cadela *Lupa*. Nutria pelos cães uma estima extrema, a ponto de sofrer com o seu desaparecimento, como dá testemunho a propósito da morte do seu fiel *Rover*.<sup>171</sup>

Naquele recanto recebia a visita de muitos amigos que, anos mais tarde, dariam testemunho desses encontros:

Apesar de idades um pouco distanciadas, (...) fomos grandes amigos, nessa convivência, principiada, quando em férias escolares íamos passá-las a Pontével, palestrando com esse mestre de teatro, ouvindo o seu espírito cintilante nas conversas literárias, cultas, educadoras, prendendo pelo interesse e pelo domínio da sua inteligência. (...) Estamos a vê-lo com o seu largo chapéu de feltro negro, derrubado na aba, a sua tez muito morena, o olhar penetrante, persistente, a barba

---

<sup>170</sup> Foto reproduzida in AAVV, *Marcelino Mesquita, Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 64.

<sup>171</sup> EDMM, Dossier 2, doc. 16.

muito negra, aparada como a do duque de Guise, laço à *La Valière*, de côcas largas, envolto, no inverno, em capindó farto, alto, esgalgado, tendo a linha e traço dum *d'Artagnan*.<sup>172</sup>

Quanto a Alexandrina, presume-se que não fosse muito assídua nas suas visitas e estadas, embora a correspondência que com ela mantém, ao longo de todo o restante curso da sua vida, pressuponha que ocupe nela um lugar insubstituível. Na fase inicial da instalação naquele espaço, Marcelino convidava-a insistentemente para a quinta, não apenas para que ela se pudesse familiarizar com o espaço e usufruir dele, mas, sobretudo, para que se estreitassem os laços com a filha, proporcionando-lhe uma vivência distinta da que tinha na cidade. Esses convites não parecem ter tido grande receptividade por parte de *Baby* que, não só não abdicava da sua vida na cidade, como se mostrava pouco conformada pelo relativo abandono a que se sentia votada.

Nas cartas percebe-se o recurso dela a uma certa chantagem emocional, lamuriando-se pela pouca sorte e frágil saúde, reivindicando a presença dele para ajudar a cuidar da filha, em determinada ocasião atacada de tosse convulsa.<sup>173</sup> Parecendo não valorizar muito os seus queixumes, ele vai-lhe fornecendo indicações por escrito, recomendando o máximo de repouso e a administração de “água de cal” e “bismutho” à criança, enquanto ele não chega para a examinar.<sup>174</sup> Aproveita uma dessas alturas para a culpabilizar pelo fracasso da sua inspiração, acusando-a de lhe provocar instabilidade psíquica como se poderá inferir das linhas seguintes:

Tu fazes-me e dizes o que queres e espantas-te quando eu respondo no mesmo sentido. (...) Se não fosse a tua carta teria ido hoje para Lisbôa como tencionava. Assim, fiquei incomodado e desde que te foste, até hoje, tenho escripto duas paginas. Quero vêr se estes três dias faço, sem falta alguma o que é indispensavel que vá feito e se me vou no sabbado sem falta, ou no Domingo á noite”.<sup>175</sup>

Dá também ele o braço a torcer, queixando-se do isolamento a que se sente votado na quinta, especialmente à noite. Ironicamente, confessa-se saudadoso, não

---

<sup>172</sup> Fragmento de artigo assinado por Fernando Baldaque no jornal *Notícias*, Lourenço Marques, 16/9/1932. O texto tem a virtude de poder situar em 1905 os factos a que se refere. EDMM, pasta 3, doc. 3.

<sup>173</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, Pontével, 25 de Agosto de 1892.

<sup>174</sup> Idem, s/l, s/d.

<sup>175</sup> Idem, *ibidem*.

da presença dela, mas do cão, o *Rover*, ainda vivo na ocasião: “faz-me imensa falta; tal foi o habito em que me puz de estar com elle”.<sup>176</sup> Não tardará muito a trazê-lo consigo de Lisboa e, em breve, o quotidiano do animal emparelha com o tema dos cuidados com a filha e a companheira, bem como das suas próprias mazelas. Em dado passo queixa-se de mau estar, “dôres nos rins e (...) na bexiga”, inchaço na cara e nas mãos, mas acabam por ser as andanças do cão a ocupar mais linhas:

Quem se diverte é o *Rover*, deitado nas vallas com água até á barriga por horas; anda cheio de pulgas e isso lá o afflige um pouco. Agora não quer carapáu nem peixe. De modo que do meu jantar elle come dois terços e eu um. Pão com manteiga, batatas fritas, sôpa que não seja de feijão, etc., petiscos é quantos appareçam mas peixe está enjoado e não vai nada. Creio que está mais magro mas não porque não tenha que comer.<sup>177</sup>

É ainda o *Rover* o argumento utilizado para a trazer à quinta, para que ela o auxilie nas viagens de regresso à casa de Lisboa.<sup>178</sup> Dessa vez Alexandrina não parecia entusiasmada com o convite, talvez porque temesse pelo agravamento do estado de saúde da filha. Marcelino vai adiando quanto pode a sua deslocação, sugerindo medidas para ir obviando o mal de *Tininha*: “Chama o Gomes se ella não melhorar como espero”.<sup>179</sup> Desculpa-se com os múltiplos deveres e afazeres, relatando as peripécias que lhe acontecem, tecendo comentários e críticas à campanha eleitoral em que mais uma vez está envolvido. Numa ocasião, conta que chegou a casa todo molhado, depois de andar dias “a cavallo por montes e valles”, noutra que vem “côxo com uma perna ferida por um coice de cavallo”.<sup>180</sup> A expectativa de ser eleito deputado pelo círculo do Cartaxo ainda se mantinha. “A eleição está bem figurada”, “espero vencer”, “estamos resolvidos a tudo”,<sup>181</sup> são expressões que emprega com frequência, denunciando irregularidades sem apontar nomes de ninguém: “Estão fazendo toda a corte de patifarias e para intimidar o povo tem prendido gente e dado cargas de cavallaria”.<sup>182</sup>

---

<sup>176</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, Idem, ibidem.

<sup>177</sup> Idem, Pontével, 25 de Agosto de 1892.

<sup>178</sup> “É ainda o *Rover* uma razão para cá vires porque é um grande trabalho leval-o e elle não ficava ca sozinho”. Idem, Ibidem.

<sup>179</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, Pontével, 25 de Agosto de 1892. Deve tratar-se de um médico da sua confiança que já é referido na correspondência para Montelavar.

<sup>180</sup> Idem, s/l., s/d.

<sup>181</sup> Idem, Ibidem.

<sup>182</sup> Idem, Ibidem.

À distância, vai entremeando o bulício político com a actividade literária, o exercício da medicina com a gestão do lar da Rua do Cabo. Trata-se de um campo de acção razoavelmente abrangente para a época, entre Lisboa e Rio Maior com o Cartaxo por epicentro. Nas cartas refere-se ao pessoal doméstico da casa de Lisboa que não parece contente com o serviço: “Quanto à Marcolina, vê se ella vai ficando porque quando eu fôr, tracta-se”,<sup>183</sup> recomenda em certa ocasião. Noutra pede por tudo para não deixar ir embora a “Maria”, a não ser que houvesse forte motivo: “Se foste tu que a mandaste muito bem; se não foste então diz-lhe que eu lhe peço para ficar”.<sup>184</sup> Mais adiante referir-se-à à importância da empregada no acompanhamento da filha: “Ella far-nos-hia uma grande falta e à Tininha ainda maior”.<sup>185</sup>

Depreende-se uma permanência a tempo inteiro do pessoal doméstico e o papel fundamental que desempenharia na organização das tarefas da casa. Marcelino insiste em que ela se mantenha calma, tentando convencê-la de que o sacrifício é por uma boa causa. Promete que quando ultrapassar a “estopada das eleições” tudo voltará ao normal: “Podemos também viver mais socegradamente”.<sup>186</sup> A certa altura confessa-se “muito incommodado cheio de saudades e aborrecido”, como se estivesse arrependido de ter entrado em mais uma aventura: “O que me compensa um pouco é a ideia de se vencer como espero tenho garantido o meu socego do inverno ahi em Lisboa, o meu e o teu”.<sup>187</sup> Estes desabafos são preciosos para ajudar à clarificação do carácter do seu envolvimento político.

A expectativa da eleição afigura-se mais como uma oportunidade de emprego de prestígio com remuneração assegurada do que como a satisfação de um ideal cívico ou político. Porém, como foi dito atrás, os ventos não lhe foram favoráveis e deram mais uma vez a vitória a Mariano de Carvalho, useiro e vezeiro na conquista do eleitorado local, para desespero do candidato dramaturgo. O que se estranha é o facto de Marcelino não ter alcançado outro círculo, como acontecera dois anos antes. Talvez desta feita não tenha movido convenientemente as suas influências e apoios, ou não se tenha apercebido bem das regras do jogo.

---

<sup>183</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, Pontével, 29 de Agosto de 1892.

<sup>184</sup> Idem, s/l, s/d.

<sup>185</sup> Idem, Ibidem.

<sup>186</sup> Idem, Ibidem.

<sup>187</sup> Idem, Ibidem.

Sobre esta matéria não se encontraram mais detalhes e o desaire sofrido deve ter ditado a sua retirada da vida política.

Gorada a aposta numa carreira parlamentar, resta-lhe a dedicação quase exclusiva ao exercício da escrita. Dessa intensa entrega vai dando testemunho na correspondência que se estende até 1903, desconhecendo-se o que sucedeu às cartas dos anos subsequentes, se acaso existiram. Resigna-se com o retiro campestre, sem que esta afirmação pretenda significar qualquer espécie de sacrifício. A sua Ribeira propiciava-lhe os ingredientes ideais para levar a cabo a empreitada dramaturgica. Não manifestava qualquer desejo de abdicar de Lisboa, de que sentia mais falta, sobretudo, quando o tempo estava invernos e não lhe permitia andar à vontade pelo campo, como tanto apreciava. Por esse motivo, ia alternando o exílio rural com visitas temporárias à capital, onde continuava a manter residência. O caseiro da quinta transportava-o, umas vezes de *charrette* outras de carroça, até às estações do Setil, mais próxima da sede do concelho, ou do Reguengo, distante uma légua de Pontével. Ali embarcava no comboio que o levava à cidade grande, numa viagem relativamente curta, dados os cerca de 50 quilómetros de distância.

Lisboa exercia sobre ele um fascínio especial, sem dúvida diferente do que lhe despertava o mundo rural. Lá podia sentir-se mais próximo do pulsar da civilização e punha-se ao corrente de tudo o que acontecia no mundo social, político e cultural. Vigia de perto a edição dos seus escritos e acompanhava a encenação e a representação das suas peças em vários teatros. Frequentava o café *Martinho*, como já se disse, mas também a tabacaria *Mónaco*, onde se encontrava com gente ligada ao mundo do espectáculo (actores, encenadores, empresários), aos jornais e à produção literária. A propósito deste último estabelecimento, descobriu-se que Marcelino colaborou numa publicação encomendada para a comemoração do seu 6º aniversário, em 1896. Um testemunho dessa participação pôde ser admirado numa exposição que esteve patente em 2007 numa galeria do Museu Rafael Bordalo Pinheiro. O espaço da *Mónaco*, vizinho do Café *Nicola*, em pleno Rossio, mantém-se identificado e ostenta ainda a sua bela cercadura de azulejos bordalianos, embora corra o risco de passar despercebido.

À beira do desfecho do século, em 1898, uma comissão executiva procede à abertura de um concurso público para comemorar o quarto centenário da chegada de Vasco de Gama à Índia. Puseram-se à prova doze trabalhos, sendo

distinguidos apenas três, entre os quais *O Sonho da Índia*, de Marcelino Mesquita, que conquistou um honroso segundo lugar. Contudo, involuntariamente, viu-se envolvido numa polémica suscitada pelos critérios da organização. Os pormenores dessa polémica deram muito que falar e podem ser seguidos nas páginas dos jornais da época. Porém, o melhor testemunho pode ser dado por Faustino da Fonseca, parte muito interessada na questão, reagindo bombasticamente com a publicação *O Escandalo dos Dramas do Concurso do Centenario da India*.<sup>188</sup> No seu protesto arrasou tanto os critérios da organização como os premiados. Por essa ocasião, também *O Século* tinha publicado um artigo de Marcelino que inspirou a uma reacção de Júlio Dantas, que poderia ter desencadeado um fogo cruzado se não fosse a intervenção do director do jornal.<sup>189</sup>

Além desta ligação directa à efeméride referida, pode apontar-se uma outra indirecta, talvez não tão conhecida. Segundo Augusto Rosa,<sup>190</sup> foram fotografias do teatro de Marcelino Mesquita que exportaram a imagem da actividade comemorativa. O antigo actor, na época responsável principal pela empresa do Teatro D. Maria II, recorda que foi contactado pelo director do periódico parisiense *Le Théâtre* interessado em obter informações, quer sobre o Centenário da Índia, quer ainda sobre a arte dramática portuguesa. Dado o carácter urgente da solicitação e não havendo tempo para arranjar imagens do evento o director do teatro optou pelo envio do material fotográfico da peça que se mantinha em cena.<sup>191</sup> As cenas de *O Regente* serviram então de ilustração para um “belo e elogioso artigo” intitulado “Le Théâtre en Portugal”, assinado por Ephrem Vincent. O texto em várias colunas ocupa cinco páginas e foi publicado em Paris, em Setembro de 1898. Uma cópia encontra-se guardada no espólio do dramaturgo, na Biblioteca do Cartaxo.<sup>192</sup>

Há ainda uma efeméride a que Marcelino não ficou indiferente, ou não fosse, também ele, um autor dramático com uma significativa taxa de ocupação do palco do Teatro D. Maria II: a do nascimento de Almeida Garrett. Em seu louvor

---

<sup>188</sup> Fonseca, Faustino da, *O Escandalo dos Dramas do Concurso do Centenario da India*, Lisboa, Agencia Universal de Publicações, 1898.

<sup>189</sup> O artigo refere-se à publicação do texto de Marcelino na edição da véspera e reproduz a resposta de Júlio Dantas. EDMM, Pasta 3, doc. 1.

<sup>190</sup> Rosa, Augusto, *Recordações da Scena e de Fóra da Scena*, pp. 280, 281.

<sup>191</sup> *O Regente*, drama histórico em torno dos acontecimentos que levaram à batalha de Alfarrobeira, estreou-se, de facto, em 1 de Maio de 1897, no D. Maria. Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita, Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 96.

<sup>192</sup> EDMM, pasta 1, doc. 33.

lavrou e fez subir à cena o *Auto do Busto*, pequeno texto em verso representado naquela sala, na noite de 4 de Fevereiro de 1899.<sup>193</sup>

Nesse mesmo mês e ano subia à cena *Peraltas e Sécias*, grande sucesso de bilheteira, considerado na época o espectáculo que mais contribuiu para a recuperação financeira da empresa do D. Maria. A peça, que ultrapassou a centena de representações, permanece associada a um facto testemunhado in-loco pelo actor Carlos Santos nas páginas d' *O Século* e, pouco tempo após, nas suas memórias.<sup>194</sup> O episódio pode ser resumido em breves palavras: o rei D. Carlos, agrado com a qualidade da representação, pretendeu agraciar o dramaturgo com a insígnia de Santiago. Este, não deixando de agradecer o gesto, declinou diplomaticamente a distinção, informando o governante da sua convicção republicana. “Que pena, pelo menos neste momento, não poder ser seu correlegionário”, exclamou o monarca, nada escandalizado com a sinceridade do interlocutor. “Que tipo tão simpático!” terá comentado Marcelino, depois de se retirar do camarote real.<sup>195</sup> Apesar da recusa, a condecoração consta do seu registo biográfico patente no Arquivo do Teatro Nacional D. Maria II.<sup>196</sup>

Esta peripécia, embora se possa considerar reveladora da sua convicção ideológica, não é absolutamente comprovativa de uma ligação a um movimento revolucionário ou a um partido político. Perante a falta de uma prova cabal de militância, é inevitável a associação ao ideal republicano quando se encontra nas páginas de um *blog* uma referência mais precisa que associa Marcelino Mesquita à inauguração do “Centro Escolar Republicano do Cartaxo”, em Dezembro de 1907, colocando-o à frente de “um curso livre de Ciências Naturais” que funcionava todos os domingos e quintas-feiras.<sup>197</sup> Podem considerar-se significativas as notícias sobre o relacionamento com personalidades bastante identificadas com aquela ideologia, como são os casos de Magalhães Lima, João

---

<sup>193</sup> AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, pp.97,98.

<sup>194</sup> Santos, Carlos, “Há 45 anos...” in *O Século* de 25 de Dezembro de 1945 e idem, *Cinquenta Anos de Teatro*, Lisboa, Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade, 1950.

<sup>195</sup> Santos, Carlos, *op. cit.* Há uma versão diferente contada por Matos Sequeira que diz que o monarca “lhe redarguira, em voz baixa, sorrindo: - Também eu...mas não diga a ninguém”. *História do Teatro Nacional D. Maria II*, p.434

<sup>196</sup> Dossier Registos Biográficos, n° 1055. TNDMII.

<sup>197</sup> Mendonça, Artur B. e Martins, José M., “Efemérides de Dezembro” in *Almanaque Republicano*, <http://arepublicano.blogspot.com>., consultado em 22/12/2007, às 18h43’

Chagas, Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, para mencionar apenas alguns dos mais conhecidos.<sup>198</sup>

A propósito destas ligações, Aquilino Ribeiro testemunha um facto que não parece totalmente desligado da colaboração de Marcelino com a causa republicana. Trata-se da perseguição a Leal da Câmara, por esse tempo jovem “desenhador e caricaturista na velha Lisboa mole e patriarcal, à qual começava a arrepelar a epiderme cascuda de conformismo a furunculose política anti-dinástica”.<sup>199</sup> O jovem revolucionário envolvera-se em actos provocatórios contra a ordem estabelecida, por volta de 1898, que o puseram na mira policial. Para se livrar do mandato de captura que sobre ele pendeu, uns amigos, que Aquilino não identifica, apressam-se a embarcá-lo em Santa Apolónia para se esconder na casa de Marcelino, no Cartaxo:

“Fica lá muito quietinho à espera que amaine a tempestade ou de instruções nossas para botares mais longe. - Mais longe...? Sim, homem Madrid, Paris, a casa do Deus verdadeiro.” No dia seguinte era Marcelino que recebia uma mensagem desilusiva: “Não há nada a fazer. Mete o teu hóspede no comboio e que role para Madrid sem olhar para trás. Dá-lhe 10 000 réis para seu governo e esta carta para o Chagas”.<sup>200</sup>

Na viragem do século, Marcelino continua a escrever de forma intensa e variada, quase sempre exclusivamente obra dramática. As peças de teatro parecem resultantes de um impulso frenético, como se fossem produzidas em série para serem rapidamente postas em cena e submetidas ao julgamento do público e da crítica. Só depois dessa prova eram, geralmente, publicadas, por vezes, em mais do que uma edição, como sucedeu com a famosa *Leonor Telles*, que teve 12 edições em vida do autor,<sup>201</sup> mas também de *Peraltas e Sécias*, *Envelhecer* e mais de metade das cerca de trinta obras que compôs. Há trabalhos que não chegaram a ser dados à estampa, como são os casos de *O Senhor Barão* (representada no Teatro Ginásio, em 1886), *Ser Pai* (Teatro D. Maria, 1898), *O Rei Maldito* (Teatro do Príncipe Real, 1903) e *Um Episódio da Guerra*, representado por amadores

---

<sup>198</sup> As ligações a figuras republicanas são referidas por Aquilino Ribeiro a propósito de Leal da Câmara (1876-1948). Ribeiro, Aquilino, *Leal da Câmara, Vida e Obra*, pp.8, 9.

<sup>199</sup> Ribeiro, Aquilino, *op.cit.*, idem.

<sup>200</sup> Idem, *ibidem*, p.13. Leal da Câmara retratou Marcelino em caricatura datada de 1897. Cf. Nascimento, Augusto do, *A Individualidade Multiforme de Leal da Câmara*, p. 121.

<sup>201</sup> AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, p.95.



numa récita a favor dos soldados portugueses em França. Muitos outros tiveram apenas uma edição.<sup>202</sup>

Em 1903 foi a vez de *A Noite do Calvário* ser impedida, pela comissão de censura, de subir ao palco, tal como acontecera com *A Pérola*, cerca de vinte anos antes. Os censores argumentavam que o enredo do drama comprometia o bom nome e a privacidade de personalidades conhecidas da sociedade lisboeta. Naturalmente, a atitude desagradou profundamente ao autor que publicou n' *O Século* o seu protesto.<sup>203</sup> Não aceitava mais esta proibição, tanto mais que a peça conseguira ser representada no ano anterior no Teatro Recreio do Rio de Janeiro, apesar de esforços diplomáticos para o impedir. Viria a ser reposta em 1907, no Teatro do Príncipe Real, sem mais impedimentos.<sup>204</sup> António Mesquita aponta as intrigas e as más influências contra o irmão como factores que terão impedido *A Noite...* de ver a luz dos palcos durante quatro anos. Curiosamente, atribui a responsabilidade pela reposição à subida ao poder de João Franco: “mandou ler a peça e perguntou o que havia n'ela que justificasse a proibição, como lhe respondessem que nada, mandou levantar a interdição e a peça agradou”.<sup>205</sup>

Paralelamente, ia executando outros trabalhos, como a tradução livre de *A Rússia Vermelha*, de John Forster<sup>206</sup> e a composição de *Primeiras Noções da História de Portugal*, um manual escolar para o ensino primário feito em parceria com Acácio Guimarães.<sup>207</sup> Correspondia-se com autores estrangeiros, como é o caso de um médico e escritor de origem sefardita portuguesa, que assinava o pseudónimo Max Nordau.<sup>208</sup> Trata-se de uma personagem que desperta alguma

---

<sup>202</sup> AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, pp.95-100. Braz Burity dá ainda notícia ainda de *O Mestre Régio*, farsa em um acto representada em 1904 no Teatro S. Carlos na festa de benefício do actor Vale. Cf. Madureira, Joaquim, *Impressões de Teatro*, p.369.

<sup>203</sup> AAVV, *op. cit.*, p. 97.

<sup>204</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>205</sup> Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

<sup>206</sup> Fraser, John Forster, *A Rússia Vermelha*, Lisboa, «A Editora», 1908, 2ª edição, 223 páginas.

<sup>207</sup> Teve uma primeira edição ainda no período monárquico (1908) e várias outras após a implantação da República e mesmo depois do desaparecimento do autor. AAVV, *idem*, p. 99.

<sup>208</sup> Max Simon Süfeld (1849-1923), nascido em Budapeste, residiu sobretudo em França, mas também em Espanha. Desempenhou um papel importante no movimento sionista. Publicou as novelas *A Doença do Século*, 1888 e *Comédia do Sentimento*, 1891, bem como “obras onde aborda, numa óptica positivista, temas éticos e culturais”: *As Mentiras Convencionais da Civilização*, 1884, *A Interpretação da História*, 1909, entre outros trabalhos. Américo Monteiro, num estudo publicado em 2006, diz ainda que foi “autor de uma obra em muitos aspectos problemática, chocante mesmo e por vezes contraditória, está hoje quase esquecido, mas até à I Grande Guerra gozou do estatuto de grande celebridade” e marcou muitos autores portugueses, entre os quais Fernando Pessoa. Monteiro, Américo (coord.) “Max Nordau: *fin de siècle*, Dreyfus, Sionismo ... e Portugal”, *Cadernos do Cieg (Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos)*, nº 25, Coimbra, 2006 (com a colaboração de Cristoph Schulte).

curiosidade, manifestando incentivo e admiração pela obra literária de Marcelino. Parece ter havido entre ambos um contacto bastante estreito e prolongado, embora se desconheçam pormenores sobre a origem desse relacionamento.

Em vésperas da implantação da República, tem pronta a edição de *Margarida do Monte* - peça que retrata os ambiente da corte e episódios do reinado de D. João V - pedindo insistentemente a Teófilo Braga o obséquio de a prefaciar. As vicissitudes próprias do período revolucionário, no qual se conta o envolvimento directo do seu antigo mestre, condicionaram o lançamento do livro. Estava preparado para sair em Setembro de 1910, mas foi efectivamente publicado em Janeiro do ano seguinte, tendo o autor visto o seu desejo satisfeito, graças às suas prerrogativas e à bonomia de um muito atarefado Presidente do Governo Provisório.<sup>209</sup>

Entretanto, continuava a manter a colaboração com um considerável número de publicações periódicas, tendo regressado à direcção da *Comedia Portuguesa* durante o ano de 1902. Na composição dessa revista, contara com as colaborações do ilustrador Francisco Valença e dos escritores Teófilo Braga e Tomás Ribeiro, para citar apenas dois dos nomes mais sonantes. Pouco tempo depois, nos anos de 1904 e 1905, eram postos à venda numa edição monumental os três volumes (de 652, 678 e 701 páginas, respectivamente) da *Leonor Telles* agora elevada a romance histórico, com ilustrações a cores de Manuel de Macedo e Roque Gameiro.<sup>210</sup>

As cartas pertencentes ao maço encontrado junto ao Casal dos Eucaliptos, confirmam detalhadamente a absorção pelo exercício da escrita, comprovando a dependência da criatividade, o esforço que emprega na composição, a angústia e a expectativa face ao lançamento de uma obra. Do mesmo modo ilustram a ligação umbilical ao centro dos acontecimentos culturais, com particular ênfase para o mundo do espectáculo cénico. Marcelino, que fazia questão de seguir de perto a encenação e representação das suas peças, revela que estava bem informado sobre o que se passava nos principais teatros, pois refere frequentemente os espaços do D. Maria, D. Amélia, Avenida e o Teatro da Rua dos Condes. Quando se encontra

---

<sup>209</sup> Manteve-se a data de 1910 na publicação. Mesquita, Marcelino, *Margarida do Monte*, (Peça em 4 actos), Lisboa, «A Editora», 1910. Cf. FERRÃO, Antonio, “Quatro Cartas Ineditas. Quando Marcelino Mesquita escrevia a Teófilo Braga”, (recorte do *Diário Popular* datado de 17 de Junho de 1936), EDMM, pasta 1, doc.14.

<sup>210</sup> AAVV, *op. cit.*, p.99.

em Lisboa, procura assistir, só ou acompanhado do irmão ou da amante, às *premières*, seja dos seus contemporâneos (Henrik Ibsen, *Casa das Bonecas*; Júlio Dantas, *A Severa*), seja dos seus antepassados (Molière, *Médico à Força*. Também são mencionados Henrique Lopes de Mendonça,<sup>211</sup> Rafael Bordalo Pinheiro e Salvador Marques,<sup>212</sup> de quem foi amigo ou privou muito de perto.

Entrando mais uma vez pela esfera íntima de Marcelino e Alexandrina, constata-se a evolução de uma vida sentimental entre duas pessoas que mantiveram entre si laços de força equivalentes a um matrimónio, uma ligação que perdurou e marcou para sempre as suas existências. Esta asserção não anula, no entanto, a convicção de que essa ligação foi acidentada e de como o coração dele se rendia a impulsos amorosos vindos de outras partes. Um dos indícios mais evidentes dessa sentimentalidade, é a criação de um poema inspirado na paixão que nutriu por uma jovem com idade para ser sua neta que conheceu a bordo do navio que o conduziu ao Rio de Janeiro, já próximo do fim da vida.<sup>213</sup>

Mas era com a sua *Baby* que partilhava preocupações sobre o que projectava escrever. “Queria fazer uma comédia de campo, simples, q[ue] era a maneira de me dar dinheiro e ser decentemente representada”.<sup>214</sup> É possível que estivesse a pensar n’*O Tio Pedro*, tragédia com referências às superstições do mundo rural.<sup>215</sup> Não se prende com horários nem respeita épocas festivas como o Natal ou o Ano Novo:

---

<sup>211</sup> Henrique Lopes de Mendonça (1856- 1931). Poeta e escritor dramático, autor de *O Duque de Viseu*, *A Morta*, *A Estátua* entre outras obras. Celebrizado pela autoria da letra d’*A Portuguesa*, que veio a tornar-se hino nacional.

<sup>212</sup> Salvador Marques da Silva (1844 - 1907). Natural de Alhandra, onde fundou, em 1865, o Teatro Tália Alhandrense. Instalado em Lisboa dedicou-se ao jornalismo, à produção e encenação de peças teatrais. Foi um empresário de grande nomeada, ligado à exploração dos teatros Avenida, Rua dos Condes, Príncipe Real, Avenida, Rato. Desempenhou funções de director literário da empresa do teatro D. Maria II entre outros e ainda autor de peças como *O Incêndio da Fragata Diana*, *As Ruas de Lisboa*, *Fidalgos e Operários*, entre outras.

<sup>213</sup> *O Grande Amor*, publicado ainda em vida do autor, em 1918, com o retrato da musa inspiradora na capa, assinado por Carlos Reis. Em 1925 já tinha tido uma 3ª edição, segundo Forjaz de Sampaio (*O Teatro. Marcelino Mesquita. A sua vida e a sua obra*, col. Patrícia, Lisboa, Empreza do Diário de Notícias, 1925) Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 98. O exemplar depositado na Biblioteca Municipal do Cartaxo é o n° 1 da colecção AFRA, editado em Lisboa, pela Livraria J. Rodrigues e C.ª, 1927.

<sup>214</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, Pontével, 15 de Novembro de 1901.

<sup>215</sup> Peça em um acto estreada no Teatro D. Amélia em 24 de Março de 1902, com os actores João Rosa e Chaby Pinheiro no elenco. Cf. AAVV, *idem*, p. 97.

Sentei-me á meza ás 5 horas da tarde, depois de jantar e levantei-me ás 2 horas da noite. (...) É claro q[ue] não posso ir ahí amanhã. Ficará para o anno novo. Não posso perder um dia.<sup>216</sup>

Para além dos ritmos de trabalho, aborda ainda os momentos de bloqueio, o pânico pelo esgotamento dos prazos, o medo que a peça não agrade e o dinheiro falte. Refere-se muito à figura de um visconde, de cujo parecer depende a aceitação do trabalho e a respectiva compensação.<sup>217</sup> O atraso da resposta aumenta-lhe a ansiedade e o receio de que o pagamento não venha. A impaciência não o deixa ficar de braços cruzados, tanto mais que lhe fariam muito arranjo cem libras de adiantamento. Por isso, informa que vai escrever-lhe mais uma vez, à cautela, “não queira ele fazer-me a partida de levar a peça no principio da epocha, sem me dizer nada”.<sup>218</sup>

Não é muito frequente referir o título da peça que está a compor. Excepcionalmente, uma vez, quebra a regra e revela que a seguinte “chamar-se-ha Petronio: salvo se a empreza quizer no cartaz o titulo de Quo Vadis”.<sup>219</sup> As reflexões em torno do destino desta obra em concreto são oportunas e preciosas para situar cronologicamente o momento em que escreve. Fala do desejo de a poder apresentar no D. Amélia, mas no caso de não ser aí aceite, oferecê-la-á aos empresários do D. Maria, atrevendo-se a sugerir que o papel principal fosse representado por Ferreira da Silva.<sup>220</sup>

As cartas evidenciam bem o modo como o trabalho o condiciona e a insegurança monetária o afecta. Em certo momento informa que desiste de ir para Lisboa porque não tem “paciencia para Entrudos” e necessita de “estar só para poder trabalhar alguma coisa”.<sup>221</sup> Queixa-se de não conseguir acabar o fascículo, o que o impede de presentear a filha e de enviar os dez mil réis que prometera à companheira: “O meu dinheiro, n’este momento, são doze vintens. Tenho (...) que mandar primeiro para lá o fasciculo para me mandarem para cá dinheiro para

---

<sup>216</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>217</sup> “Escrevo hoje ao Visconde a perguntar-lhe o dia em q[ue] posso ir lêr a peça”. Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>218</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>219</sup> Idem, Ibidem.

<sup>220</sup> A peça *Petrônio*, adaptada do romance *Quo Vadis* de Henri Sienkiewicz, foi, efectivamente, levada à cena no Teatro D. Amélia, a 8 de Março de 1901, mas não se tem a certeza se contou no elenco com Ferreira da Silva da companhia do D. Maria, casado com a célebre actriz Virgínia. Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 97.

<sup>221</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

poder ir”.<sup>222</sup> Mesmo assim encontram-se referências a honorários provenientes da actividade clínica: a dada altura pergunta à amante se “já tem signal de pagarem as vaccinas”,<sup>223</sup> aludindo a um certo Tavares Cardoso. Noutra ocasião, pede que lhe façam chegar dez mil réis “se o Gomes mandar o dinheiro”.<sup>224</sup>

Directa ou indirectamente relacionadas com os problemas de natureza extrínseca, surgem referências a sintomas de mal-estar físico e indisposição. É frequente queixar-se de estar “muito inchado e com a cabeça sem força para trabalhar”<sup>225</sup> ou “mal” e “impossível de cabeça”.<sup>226</sup> Abusa do café e do tabaco, mandando recado para que lhos comprem em casas específicas.<sup>227</sup> Exagera a tal ponto que chega a ficar doente: “Agradeço (...) o café mas creio que (...) me fez mal porque bebi quasi uma garrafa no primeiro dia. Estava com desejos de café bom”.<sup>228</sup> Torna as culpas ao frio que, quando aperta, o deixa de rastos: “Alguma coisa concorrerá para me atrapalhar o coração”.<sup>229</sup>

É ainda essa correspondência que testemunha, em primeira instância, o emergir de uma enfermidade que lhe causará grande sofrimento, acompanhando-o quase até ao fim da vida: “um tumor (...) que começa a fazer das suas” e lhe dá um péssimo aspecto, apesar de não lhe afectar o apetite.<sup>230</sup> O desconforto da casa e os rigores do clima não o arrancam da sua Ribeira, mesmo quando cai “geada de palmo (...) faz frio de rachar pedras”<sup>231</sup> que lhe trazem a “vontade de se safar”<sup>232</sup> para o ambiente mais ameno de Lisboa. Assim como assim, não há mal que sempre dure e vale a pena disfrutar de outras épocas em que “o tempo está delicioso “ com “dias e noites lindos”<sup>233</sup> e “calor que parece de verão”.<sup>234</sup>

Albino Forjaz de Sampaio, referindo-se, mais tarde, à figura do dramaturgo, confirma que foi operado a “um cancro da língua (...) pelo eminente professor Dr. Custodio Cabeça”, cerca de nove anos antes de falecer. A operação

---

<sup>222</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>223</sup> Idem, ibidem.

<sup>224</sup> Idem, ibidem. O nome sugere o de um colega médico a quem Marcelino se refere na correspondência que enviava para Alexandrina, quando esta se encontrava em Montelavar, no Verão de 1892.

<sup>225</sup> Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

<sup>226</sup> Idem, ibidem.

<sup>227</sup> Idem, ibidem. Pede que lhe avie cigarros *Nazir* na *Tabacaria Americana*.

<sup>228</sup> Idem, ibidem.

<sup>229</sup> Idem, Pontével, 29 de Janeiro de 1901.

<sup>230</sup> Idem, s/l, s/d.

<sup>231</sup> Idem, s/l, s/d.

<sup>232</sup> Idem, s/l, s/d.

<sup>233</sup> Idem, s/l, s/d.

<sup>234</sup> Idem, s/l, s/d.

devia ter sido bem sucedida, uma vez que se dá a entender que a causa da morte nada teve a ver com essa intervenção: “Nada fazia prever que a sua vida fosse tão curta”.<sup>235</sup>

A correspondência de Marcelino para a Rua do Cabo interrompe-se abruptamente em 1903. Esgotar-se-iam nessa data as notícias referentes à evolução das suas vidas, não fosse o acervo do Casal dos Eucaliptos disponibilizar mais dois apreciáveis maços de cartas. Ambos os conjuntos fornecem pistas sobre o desenvolvimento do percurso de cada um dos protagonistas: um de remetente misterioso e outro destinado a Inês por seu pai.

O primeiro grupo é composto por meia dúzia de cartas dactilografadas em papel fino com o timbre da casa *Ayres d’Ornellas e Cysneiros* da Figueira da Foz. Dirigem-se a D. Alexandrina Alves Ferreira com morada na Estrada da Cela, arredores da Nazaré e ostentam uma assinatura que apenas permite identificar o apelido do autor da carta: *Ayres*. Abrangem um período compreendido entre Novembro de 1913 e Janeiro de 1914. A referência à infecção de febre tifóide contraída por *Tininha*, permite supor que se trate de um médico amigo que vai perguntando pelo seu estado, dando palpites e indicações sobre a evolução e o tratamento da convalescente.

Marcelino gostava de passar o Verão naquela zona, havendo, inclusivé, notícia de um escrito intitulado *A Nazareth. O Sítio e Praia*, publicado em 1913.<sup>236</sup> Seria fácil admitir que se encontrava junto da família no momento da eclosão da doença, mas há elementos que fazem duvidar dessa proximidade. Existem, de facto, dois postais que escreveu à filha, o primeiro para a Quinta da Ribeira e o seguinte para a morada de Lisboa, na Rua das Amoreiras. No primeiro, afirma que tem que sair do hotel onde se encontra, na Nazaré, porque está “tudo doente” e “imundo”, não havendo criados para assegurar o serviço.<sup>237</sup> No segundo postal, datado de 30 de Janeiro de 1914, mencionava a doença dela, perguntando pelas suas melhoras e acusando uma espécie de despeito: “Estranhei não me teres escripto por ser natural que eu quizesse logo noticias da consulta. Eu previa o que o Nery disse e já o tinha dito, mas santos de caza não fazem

---

<sup>235</sup> Sampaio, Albino Forjaz de, (Dir.) *O Teatro. Marcelino Mesquita. A sua vida e a sua obra*, col. Patrícia, Lisboa, Empresa do Diário de Notícias, 1925 (texto não paginado).

<sup>236</sup> Sampaio, Albino Forjaz de, *op. cit.*, idem.

<sup>237</sup> Postal de Marcelino para Inês Mesquita, Nazaré, s/d.

milagres.”<sup>238</sup> Nesta fase, *Tininha* devia estar já recuperada, uma vez que o pai lhe enviava ingressos para o *Republica* e o *Colyseu*, com a recomendação de que “é preciso subscriptal-os para os dois empregados”.<sup>239</sup>

Este grupo de mensagens fornece elementos que enriquecem a compreensão do quotidiano dos intervenientes. Parece haver uma maior cumplicidade com a filha que se transformava numa espécie de amiga e confidente do pai. Este encarrega-a de trazer os cigarros “Nazir”, “uma torcida para o fogão do Depósito do Camões”.<sup>240</sup> Conta-lhe também peripécias sobre as pessoas que frequentam ou trabalham na quinta, o cavalo que monta e os inseparáveis cães:

A canzoada não me deixa. Vem toda para o escriptorio, até o Nero. A Micas rosna, mas lá se acomoda.<sup>241</sup>

Algumas mensagens que escreveu à filha nos primeiros meses de 1918 dão testemunho de uma deslocação a França e Inglaterra nessa altura. Referem-se à demanda de cenários de miséria e desolação, nos atribulados anos da Primeira Guerra Mundial, mas não adiantam pormenores sobre a natureza da missão. Num deles, Marcelino queixa-se de que a viagem foi penosa e atribulada - “quarenta e cinco dias no mar, aos tombos”.<sup>242</sup> As cartas exibem timbres de hotéis, como o *Bedford*, em Paris, ou o *Excelsior-Hotel du Monde*, em Bayonne e não transmitem mais do que impressões passageiras sobre os lugares onde estava e as saudades que sentia da pátria:

Tempo sempre detestavel. Neva sempre aqui. Em Londres, tem graça, dois dias lindos de sol. (...) É bella Londres, mas rude, aspera. Paris é mais suave... é já Europa. (...) Anceio por chegar. Que lindo é Portugal. Que suavidade de vida. O que por aqui se come e se bebe! (...) Sei que é inverno e é guerra; mas calcula-se o que será na paz”.<sup>243</sup>

---

<sup>238</sup> Postal de Marcelino para Inês Mesquita, s/l, 30 de Janeiro de 1914.

<sup>239</sup> Idem, s/l, 30 de Janeiro de 1914.

<sup>240</sup> Idem, Pontével, 7 de Fevereiro de 1914.

<sup>241</sup> Idem, s/l, s/d. (Tem o timbre do dramaturgo).

<sup>242</sup> “45 dias”, no original. Idem, Paris, 2 de Março de 1918.

<sup>243</sup> Idem, Ibidem.

Pouco mais de uma semana volvida sobre a última missiva, encontrava-se já em Bayonne, “bom de saúde ainda que n’um estado nervoso excessivo, farto de viajar á força”.<sup>244</sup> A revelação de que iria demorar-se em Lisboa apenas o tempo suficiente para esperar que lhe pagassem as passagens e o tempo gasto em excesso, entende-se como prova de uma missão de carácter oficial ou diplomático.<sup>245</sup> Quando, finalmente, chega a Portugal, envia um cartão com o timbre do *Gremio Litterario* para a filha que está em Pontével.<sup>246</sup> A mensagem comprova um nível de vida mais folgado: *Tininha* adquirira um automóvel. Mas o pai desaconselhava-a de o vir buscar a Lisboa, porque alguém lhe dissera que “as estradas estão más e então não vale a pena gastar dinheiro para arranjar maçadas”.<sup>247</sup> Recomenda-lhe antes que o espere no Setil e que mande a carroça ao Reguengo, “porque a mala grande não cabe no automovel”.<sup>248</sup>

Reitera-se neste ponto a importância da correspondência encontrada junto à residência do neto de Marcelino, resultado do despejo da casa, dando testemunho de deslocações que parecem ter escapado ao conhecimento de quem até agora lhe investigou a vida. É o caso de uma passagem por Madrid que se constata uma alusão lida num postal ilustrado remetido por Max Nordau, em 1915.<sup>249</sup>

Todas as publicações compulsadas na primeira fase da pesquisa para a elaboração deste trabalho foram unânimes em comprovar a realização de uma única viagem oficial ao Brasil. A deslocação deu-se nos finais do ano de 1917, integrada numa “Missão Cultural do Governo Português”.<sup>250</sup> O consagrado

---

<sup>244</sup> Carta de Marcelino para Inês Mesquita, Bayonne, 11 de Março de 1918.

<sup>245</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>246</sup> Segundo o Diploma exposto na Sala de Leitura da Biblioteca Municipal, Marcelino tinha sido integrado na Academia de Ciências em 14 de Junho de 1916.

<sup>247</sup> Carta de Marcelino para Inês Mesquita, Lisboa, 18 de Março de 1918.

<sup>248</sup> Idem, *ibidem*. É difícil de justificar actualmente esta disparidade de apeadeiros. Depreende-se que o desembarque de bagagens mais pesadas se processasse no Reguengo, estação precedente do Setil no sentido Lisboa - Porto.

<sup>249</sup> “Moi aussi je regrette beaucoup de ne vous avoir pas vu lors de votre passage à Madrid”. Postal de Max Nordau a Marcelino Mesquita, Madrid, 26 de Junho de 1915.

<sup>250</sup> A informação é dada por Duarte Ivo Cruz. Cf. “Introdução” in Mesquita, Marcelino, *Teatro Completo*, vol. I, p. 43. Outros situam essa viagem em 1918 (cf. AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 43). A descoberta de um importante documento no espólio vem tirar todas as dúvidas sobre esta e outras viagens. Trata-se de um passaporte passado pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros que faz saber que “parte para a República dos Estados Unidos do Brasil o sr. Doutor Marcelino Mesquita, em missão do governo”. É datado de 14 de Novembro de 1917 e assinado pelo Director Geral do Gabinete (assinatura não decifrada). No verso ostenta carimbos das embaixadas brasileira e francesa e do consulado britânico com datas de Novembro de 1917 e Janeiro e Fevereiro de 1918 que atestam que o circuito foi, provavelmente, o seguinte: Portugal, Brasil, França, Inglaterra, França, Espanha, Portugal. EDMM, Dossier, doc. 19.



dramaturgo parecia então merecer alguma distinção, por parte do governo republicano. A embaixada encontra-se bem documentada no espólio fotográfico do escritor guardado no Cartaxo. Referindo-se ao modo como decorreu, Forjaz de Sampaio, descreveu-a como polémica, porque “um governo os mandou ir, outro governo os mandou regressar”.<sup>251</sup> O registo parece comprovar a pouco calorosa recepção que Marcelino encontrou nas terras de Vera Cruz, como consequência de algumas declarações menos felizes. Marcelino, esperado com tanto interesse, teceu aos órgãos de imprensa, afirmações aviltantes para os brasileiros, por exemplo: “Não se deve esquecer que, moralmente, o portuguez muito tem feito pelo Brazil e muito faz afastando a concorrência das outras colonias estrangeiras”.<sup>252</sup> Apesar da *gaffe*, a viagem saldou-se por uma forte inspiração sentimental que se materializou na publicação de um livro de poemas que veio a tornar-se um sucesso editorial.

Pelo compulsar dos últimos registos pessoais, é possível depreender que aos 62 anos Marcelino mantivesse o ritmo da sua actividade literária e artística, continuando a mostrar-se crítico em relação ao que achava mal, particularmente, no que respeitava ao universo teatral e cultural. Preocupava-se com a falta de condições em que continuavam a viver os trabalhadores do espectáculo, sem excepção, desde o camaroteiro ao cabeça de cartaz. Acusava as deficiências do sistema de educação e de instrução pública, que considerava determinantes na formação do cidadão e na valorização do gosto pela arte. Numa carta com o timbre do Grémio Literário, parcialmente transcrita por Duarte Ivo Cruz, expõe ao Secretário de Estado da Instrução de então as linhas-mestras do seu desencanto.<sup>253</sup> A nomeação para o cargo de vogal da comissão de reforma do Teatro Nacional D. Maria II, em Outubro de 1918, foi certamente a consequência mais lógica e imediata dessa importante missiva.<sup>254</sup>

A vida não lhe consentiu a oportunidade de dar o contributo que dele se esperaria no órgão para que acabara de ser designado. Receberia ainda, em Abril de 1919, um convite na qualidade de “um dos membros mais prestigiados” da

---

<sup>251</sup> Referia-se à instabilidade governativa da época e acrescentava também que na missão cultural figuravam os nomes de Alexandre Braga, Fausto Guedes Teixeira e Augusto Gil. Cf. Sampaio, Albino Forjaz de, *O Teatro. Marcelino Mesquita. A sua vida e a sua obra*, col. Patrícia, Lisboa, Empreza do Diário de Notícias, 1925.

<sup>252</sup> Recorte de jornal brasileiro não identificado in EDMM, Dossier 2, doc. 19.

<sup>253</sup> Cruz, Duarte Ivo, “Introdução”, in Mesquita, M., *Teatro Completo*, vol. I, pp. 48, 49.

<sup>254</sup> Sequeira, Gustavo Matos, *História do Teatro Nacional de D. Maria II*, vol. II, Lisboa, 1955, pp. 528-529, *apud idem, ibidem* p. 12.

Academia de Ciências, para participar numa cerimónia honorífica na Universidade de Coimbra.<sup>255</sup>

A de 8 de Julho de 1919, *O Século* anunciava o óbito ocorrido no dia anterior. Muitos outros diários se referiram com sentida mágoa à perda do escritor, lavrando as notas mais elogiosas sobre a sua figura e a sua obra. A *Manhã*, fazendo-se eco de outros jornais, informava: “Com o autor da *Leonor Teles* desaparece a maior figura do teatro português moderno”.<sup>256</sup> As fachadas dos teatros de Lisboa cobriram-se de crepes negros, suspendendo as representações. O jornalista Motta Cabral recordou, anos mais tarde, a última visão do escritor vivo, a caminho do Hospital de S. José “em automóvel aberto”, já aflito, “mas apumado ainda”.<sup>257</sup> Suspirou pela última vez no quarto da sua residência da Rua das Amoreiras, com a filha à cabeceira.<sup>258</sup>

Também Domingos Leite Pereira, Presidente da Câmara dos Deputados, mandou proceder à interrupção dos trabalhos para dar conhecimento do falecimento do “ilustre escritor” e apelar à congregação de um “voto de sentimento”. De seguida, usaram da palavra dois deputados: Ramada Curto, também dramaturgo, jornalista e com fortes ligações ao Cartaxo<sup>259</sup> e António José de Almeida. O primeiro confessou-se emocionado com o desaparecimento do amigo que “foi em Portugal uma brilhante e lucidíssima inteligência, [apoiados] uma inteligência sempre moça, duma graça alada, sempre nobre, das mais belas, das mais vivas encarnações do espírito”.<sup>260</sup> Por sua vez, António José de Almeida teceu elogios àquele “que era neste momento o mais alto representante da arte divina que fez a crítica sensacional da vida duma sociedade sobre as tábuas dum palco teatral”. O discurso prossegue, ainda, com referências que apetece destacar a propósito da “alta envergadura intelectual (...) que precisa de ser interpretado à luz duma filosofia diferente daquela que costuma orientar a crítica literária em

---

<sup>255</sup> EDMM, pasta 14, ofício nº 382, Lisboa, 25 de Abril de 1919.

<sup>256</sup> *A Manhã*, 8 de Julho de 1919.

<sup>257</sup> Cabral, Motta, *Notas Soltas Sobre Marcelino Mesquita*. (Edição comemorativa do centenário). Cartaxo, 1956, p.10.

<sup>258</sup> Cabral, Motta, *op. cit.*, ibidem.

<sup>259</sup> Amílcar da Silva Ramada Curto (1886 - 1961), nasceu em Lisboa, mas tinha residência no concelho do Cartaxo, mais precisamente na freguesia de Vale da Pinta, que conserva a sua memória toponímica. Apesar de 30 anos mais novo, foi amigo de Marcelino e, como ele, publicou muitas peças de teatro.

<sup>260</sup> Discurso de Ramada Curto in *Diário da Câmara dos Deputados*, Acta 20, 7 de Julho de 1919.

Portugal”.<sup>261</sup> Em nenhum momento, contudo, se encontra uma alusão à passagem de Marcelino Mesquita pelas bancadas parlamentares.

O registo de óbito aponta paralisia da laringe (asfixia) como causa de morte, podendo estar associada ao surto de gripe pneumónica que assolou o país nessa época, mas não há nenhum registo que o comprove. O féretro foi transportado de automóvel, primeiro para a Quinta da Ribeira, em Pontével, daqui saindo para o cemitério do Cartaxo, ficando depositado numa campa rasa sem qualquer inscrição identificativa.

---

<sup>261</sup> Discurso de António José de Almeida in in *Diário da Câmara dos Deputados*, Acta 20, 7 de Julho de 1919.

### 3. Uma figura do património cultural português

Desde o virtuosismo dramático de conduzir uma acção dramática, a partir de um único acontecimento a um desfecho surpreendente e provocador de palmas, até à sucessão de acontecimentos e lamentos melodramáticos (...), vai a hierarquia que separa o «virtuoso» do honrado artífice.

Nesse aspecto temos de considerar Marcelino Mesquita um «virtuoso».

(Ferreira, A.J. Costa, “Introdução” in Marcelino Mesquita, *Leonor Teles*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1983, p. 21)

#### 3.1. O escritor e dramaturgo

A divulgação da dramaturgia de Marcelino Mesquita não corre o risco de pecar por defeito, como o atesta a recente compilação organizada por Duarte Ivo Cruz,<sup>1</sup> encarregado pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda da reedição das obras completas publicadas, quer em vida do autor, quer após o seu desaparecimento. Todavia, o anúncio desse relançamento quase passou despercebido, uma vez que apenas foi alvo de um anúncio publicitário no *Jornal de Letras*,<sup>2</sup> quando poderia ter sido acompanhado de um artigo de carácter sinóptico que assinalasse a passagem do aniversário da figura memorada, dando assim a conhecer os aspectos mais salientes da sua vida e obra. Para compensar a falta, a rubrica de poesia e música “Os Sons Fértis” da Antena 2 dedicou a Marcelino a programação da semana que coincidiu com a efeméride do seu nascimento.

No entanto, apesar do tributo prestado na ocasião, considera-se que o espaço que ocupa no panorama cultural português mereceria uma abordagem mais detalhada do que a que efectivamente dispõe. Os dados existentes associam-no à vertente da história da literatura dramática, remetendo-o para o período neo e pós-garrettiano, inserido nessa corrente com posteriores incursões no naturalismo e

---

<sup>1</sup> Cruz, Duarte Ivo, (obra editada por), Mesquita, Marcelino, *Teatro Completo*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2006

<sup>2</sup> *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano XXVI, nº 938, Lisboa, 21 de Setembro de 2006.

simbolismo. Mas as referências não o enaltecem convenientemente, o que faz com que, em períodos muito distanciados do seu desaparecimento físico, seja considerado “um autor dramático injustamente esquecido”,<sup>3</sup> pese embora o reconhecimento de qualidades singulares, como sejam o perfil que traça das personagens e a natureza dos diálogos e dos conflitos criados.

De tal falta não pode ser acusado o Município do Cartaxo que, fazendo jus à inscrição do conterrâneo no painel das figuras incontornáveis do património cultural nacional, aproveitou a ocasião para empreender um conjunto de acções e realizações que mantiveram viva, durante cerca de um ano, a recordação do homenageado. A primeira das razões que justificam tal inscrição, prende-se com a abundância de peças que publicou e levou à cena, durante quase quatro décadas de intensa actividade. Destacam-se, em particular, as que deram mais que falar, quer fosse pelos aplausos, quer, muito pelo contrário, pela polémica ou rejeição que suscitaram. Obras dramáticas como, por exemplo, *Leonor Teles*, *Peraltas e Sécias* ou *Pedro, o Cruel*, projectaram-se muito para além da vida do seu criador.

A rádio e o cinema, novos meios de comunicação que eclodiram nos tempos que se seguiriam à retirada de cena de Marcelino e que haveriam de desviar o público dos salões de espectáculo, não permitiram, no entanto, o desprezo pela arte de Talma. A comprová-lo estão as bastas referências ao teatro na chamada Sétima Arte ou mesmo a utilização de textos dramáticos como argumento cinematográfico ou radiofónico, no caso dos folhetins que também ajudaram à história da rádio, complementando uma tradição até aí adscrita aos jornais. Especialmente consagrada na história da cinematografia portuguesa, ficará para sempre a extensa fala de el-rei D. Fernando proferida pelo actor Vasco Santana desempenhando o papel de actor de um grupo cénico amador (os *Grandelinhas*).<sup>4</sup> Curiosamente, a alusão a este filme de António Lopes Ribeiro, mostra como a dramaturgia dos finais de oitocentos continuava a conquistar as preferências de actores, encenadores e espectadores nas décadas de trinta e quarenta do século XX.

---

<sup>3</sup> Cf. Castelo Branco, Maria Inês, “Introdução” in Mesquita, Marcelino, *Antologia de Textos Dramáticos*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1981, p. 7.

<sup>4</sup> Alusão à cena do filme *O Pai Tirano* (1942) em que o referido actor se vê forçado a recorrer a uma estratégia de improviso, porque o actor que com ele contracenava (Ribeirinho) abandonara subitamente a cena. Recitava então uma longa tirada de versos alexandrinos, correspondentes à fala de D. Fernando, na peça *Leonor Telles*: “Mulheres! Há tantas que é preciso/ poupar o galanteio e ser banal no riso! (...) Ele há tanta mulher! Mas por que fantasia/ Entre tantas, só uma a nossa simpatia/ Distingue, escolhe e quer!”. Cruz, Duarte Ivo., *op.cit.*, p. 73.

A própria radiotelevisão (RTP), nas suas primeiras experiências emitidas de estúdios improvisados na Feira Popular de Lisboa, convidava estudantes do Conservatório Nacional ou profissionais de teatro em início de carreira que não se importassem de emprestar o seu nome e a sua figura a esses primeiros ensaios da difusão cultural de massas. Rogério Paulo, que por essa altura debutava no palco do Teatro Nacional, surgiu também no pequeno ecrã a declamar o longo monólogo do Rei Formoso, trazendo para o público espectador a recordação de um drama histórico celebrizado por Mesquita, nas últimas décadas do século XIX.<sup>5</sup>

Gustavo de Matos Sequeira, no vasto volume dedicado ao centenário do Teatro Nacional D. Maria II,<sup>6</sup> traça com bastante rigor a passagem do dramaturgo por aquele espaço depois de vencida a contenda em torno da recusa da representação de *Pérola*, em 1885, pelo então comissário régio. *Leonor Teles*, escolhida para inaugurar a época de 1889-1890, é referida como a responsável pelo “período de glória” das grandes peças em verso e “a bandeira da paz” entre Marcelino e a empresa Rosas - Brazão, então gestora do teatro.<sup>7</sup> São frequentes as alusões ao impacto das representações de outras peças junto do público, que umas vezes as interrompe para aplaudir vibrantemente, outras as recebe com desagrado e tormento, como se passou, por exemplo, com a *Dor Suprema* levada à cena em 1895.<sup>8</sup>

As críticas menos positivas ao teatro de pendor mais derrotista, por assim dizer, versando a degenerescência do sentimento amoroso ou a dificuldade de encarar o envelhecimento e que culminam, normalmente, de forma trágica, não obstavam à afirmação transfronteiriça do autor português. O teatro de Marcelino Mesquita, que lograra atravessar o Atlântico em direcção ao Brasil, representou-se igualmente em Espanha, Itália e França, havendo notícia de ter sido traduzido pelo menos nos dois primeiros países. Em Julho de 1913, Cristóbal de Castro, repórter do *Heraldo de Madrid*, informava *Don* Marcelino que “*Envejecer*” estava a ser encenada pelas companhias “de la insigne actriz Rosano Pinto” e do “no menos

---

<sup>5</sup> “RTP - 50 anos de História”, in <http://www2.rtp.pt>, acesso em 11 de Novembro de 2008 às 17h45’.

<sup>6</sup> Sequeira, Gustavo de Matos, *História do Teatro Nacional D. Maria II*, (Edição Comemorativa do Centenário 1846-1946), Lisboa, 1946.

<sup>7</sup> Idem, *op. cit.*, pp. 383, 384.

<sup>8</sup> Apesar da interpretação extraordinária e de tal maneira realista que “não foram raros os desmaios e soluços durante as representações”. Sequeira, Gustavo de Matos, *op. cit.*, p. 413.

insigne actor sr. Tallaví”, adiantando ainda que a peça atraía a curiosidade das empresas teatrais que estariam interessadas em “estrenar en casi todos los teatros de España y America”.<sup>9</sup>

Também por um artigo de uma *Ilustração*,<sup>10</sup> de 1933, se fica a saber de uma representação menos feliz, em Roma, da mesma peça que, vertida para italiano, se designava “*Invecchiare*”. A explicação para o logro é simples e pode resumir-se em poucas linhas. Lambertini Pinto, diplomata em funções na legação portuguesa em Roma, por alturas de 1911, empenhara-se em mostrar junto do público daquela capital um exemplo do “moderno teatro português de declamação”. Escolhera a peça por a considerar “obra consagrada, de fôlego e que, por não ter carácter regionalista, facilmente se adaptaria e triunfaria nos palcos italianos muito nacionalistas”.<sup>11</sup> Mas não resistiu à tentação de a amputar, retirando-lhe partes que considerava passíveis de melindrar o público italiano. Resultado: o drama viu-se reduzido em um acto (tinha quatro no original), perdendo o equilíbrio de cenas, prejudicando os diálogos, numa palavra, fracassando por completo. O evento teve lugar em Dezembro de 1917, sendo, por conseguinte, o autor ainda vivo. Porém, Marcelino nunca ficara ao corrente do sucedido, vangloriava-se o articulista, enquanto afirmava ter descoberto “a razão do fracasso de *L’Invecchiare*” e não poupava elogios ao esforço para que a peça fosse conveniente e condignamente reposta.<sup>12</sup>

Outro exemplo de divulgação da arte dramática portuguesa no estrangeiro - e dos dramaturgos mais em voga naquela época - patenteia-se na tradução para o francês de *Uma Anedota*, pequeno episódio de comédia, escrito para a estreia da actriz Adelina Abranches no Teatro D. Amélia, em 7 de Novembro de 1902.<sup>13</sup> A realização foi levada a cabo por Jules-Léon de Claranges-Lucotte e publicada em

---

<sup>9</sup> Carta de Cristóbal de Castro a Marcelino Mesquita, Madrid, 12 de Julho de 1913. EDMM. Pasta 14.

<sup>10</sup> Revista quinzenal destinada a leitores de estatuto social elevado. Publicava-se em Lisboa e chegou a ser dirigida por António Ferro.

<sup>11</sup> Garcia, Emídio, “In Illo Tempore... Como se representou na capital italiana a linda peça “O envelhecer” de Marcelino Mesquita”, *Ilustração*, nº 183, 1 de Agosto de 1933, pp. 10-11 (gentileza de Isabel Alice Radburn Vidal).

<sup>12</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>13</sup> Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita 1856-2006. Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 97. Essa circunstância foi carinhosamente evocada pela própria actriz. Cf. Abranches, Aura, *Memórias de Adelina Abranches*, pp. 91, 92.

Lausanne, em 1913.<sup>14</sup> O tradutor, que viveu entre 1840 e 1912, foi vice-cônsul de Portugal em Versailles e verteu para o francês outras peças de língua portuguesa, tendo também escrito teatro para ser representado no Brasil e Portugal. A comédia foi dada a conhecer em Paris e arredores, entre 1910 e 1912, pelo Visconde de Faria, diplomata português, amigo do anterior, em várias “soirées littéraires”, uma das quais foi presidida por “M. de Magalhães Lima”.<sup>15</sup> A publicação, cujo propósito era homenagear o tradutor francês, por ocasião da passagem do primeiro aniversário da sua morte, sublinhava ainda o extraordinário êxito que a peça obtivera nos teatros de Lisboa (o já referido *D. Amélia*, o *D. Maria e o Trindade*) e Porto (o *S. João e o Príncipe Real*).<sup>16</sup>

O espólio do dramaturgo, arquivado na Biblioteca Municipal do Cartaxo, conserva verdadeiras relíquias da sua memória. É um filão sempre à espera de ser explorado com cuidado e atenção. Uma das pastas que fixa o interesse do investigador contém um apreciável conjunto de documentos, manuscritos na sua grande maioria, que integra rascunhos de poemas com a caligrafia de Marcelino, cartas deste para o irmão e, sobretudo, diversa correspondência representativa dos seus contactos e do reconhecimento da sua actividade intelectual.<sup>17</sup> É possível dar a esta última categoria de registos algum tipo de ordenação, de modo a ter-se uma ideia mais definida da sua importância. Situa-se entre os anos de 1908 e 1919 e é emitida por personalidades de relevo na cena cultural da época, tanto a nível nacional como europeu: actores como Chaby Pinheiro e Augusto Rosa; intelectuais e escritores como Max Nordau, Fialho d’Almeida, Júlio Dantas (na qualidade de Inspector das Bibliotecas Eruditas e Arquivos) e António Cândido;<sup>18</sup> jornalistas como Alfredo Gallis e o já referido Cristóbal de Castro. Há ainda uma carta-convite da Academia de Ciências, mencionada noutro passo desta

---

<sup>14</sup> Mesquita, Marcelino, *Une Audition*, (trad.fr. de Claranges-Lucotte, J.-C.), Bibliothèque du Théâtre Latin, Lausanne, Imprimeries Réunies S.A., 1913.

<sup>15</sup> É o diplomata, português, *Vicomte* de Faria, que, no prefácio da peça, refere o facto da presença honorífica de M. de (Monsieur de?) Magalhães Lima, susceptível de se relacionar com o distinto republicano e Grão - Mestre da Maçonaria Portuguesa. Trata-se, provavelmente, desta destacada figura de jornalista e mentor do movimento republicano e não do seu irmão, Jaime Magalhães Lima (1859-1936), na medida em que representou, por diversas vezes, a imprensa portuguesa em diversos congressos internacionais, realizados, nomeadamente, em Paris. Cf. *GEPB*, vol. 15, pp. 910-911.

<sup>16</sup> Dados que carecem de confirmação, uma vez que apenas se conhece a referência à representação no *D. Amélia*, desconhecendo-se também a existência de um teatro com a designação de *Príncipe Real* na Cidade Invicta.

<sup>17</sup> EDMM, pasta 14.

<sup>18</sup> Deduz-se ser António Cândido Ribeiro da Costa (1850-1922), político e parlamentar, notabilizado pelos seus dotes oratórios. Cf. *Lello Universal*, vol. I, p. 449.



dissertação. As missivas dos actores relacionam-se com o desempenho de determinados papéis nas peças, enquanto as dos escritores se reportam à apreciação crítica dos trabalhos, destinando-se também a acusar a recepção e a agradecer alguma dessas obras. As cartas do jornalista madrileno prendem-se com a tradução e representação do drama *Envelhecer*, como ficou dito.

Passando um olhar mais atento, embora não muito exaustivo, por uma selecção bibliográfica diversa, constata-se que o nome de Marcelino se detecta com certa facilidade nas obras de carácter enciclopédico, quer sejam nacionais ou estrangeiras. Para o primeiro caso, pode apontar-se um exemplo italiano, de 1960, a *Enciclopedia Dello Spettacolo*,<sup>19</sup> e outro castelhano, mais recente, *Escenarios de Dos Mundos. Inventario Teatral de Iberoamerica*,<sup>20</sup> mas é mais frequente encontrar referências à sua figura e obra nos livros de matéria especificamente literária ou teatral, como são, a título de exemplo, os casos do conceituado *Dicionário de Literatura*,<sup>21</sup> dirigido por Jacinto do Prado Coelho, da prestigiada *História da Literatura Portuguesa*,<sup>22</sup> de António José Saraiva e Óscar Lopes, ou da *História do Teatro Português*,<sup>23</sup> ecléctica síntese de Luiz Francisco Rebello.

Em qualquer das obras referidas, Marcelino ocupa um lugar meritório, na medida em que é reconhecido o seu esforço na evolução de uma determinada tendência ou corrente literária e o seu contributo para o enriquecimento cultural da sua época. Assim, para Prado Coelho, ele conta-se como um “dos autores teatrais mais fecundos do fim do século XIX e princípios do século XX”, sendo um dos que mais “contribuiu para o ressurgimento cénico que assinalou aquela época”.<sup>24</sup> Mais adiante, no 4º volume da mesma obra, é retratado como seguidor dos caminhos abertos por Garrett “no sentido de um teatro de actualidade, de observação duma sociedade em crise”.<sup>25</sup> Quase se pode dizer que é colocado num patamar superior ao de outros autores seus contemporâneos, cultivadores do mesmo género, notabilizados por serem “granjeadores de aplausos” (Gomes de

---

<sup>19</sup> Amico, Silvio d' (fondada da) *Enciclopedia Dello Spettacolo*, Roma, Casa Editrice Le Maschere, 1960, vol. VII, pp. 468-469.

<sup>20</sup> Coterillo, Moisés Pérez (dir.), *Escenarios de Dos Mundos. Inventario Teatral de Iberoamerica*, Madrid, Centro de Documentación Teatral, 1988.

<sup>21</sup> Coelho, J. Prado, *Dicionário de Literatura*, 2º e 4º vols, Porto, Figueirinhas, 1978.

<sup>22</sup> Saraiva, A. J. e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*. Porto, Porto Editora, 12ª edição, s.d.

<sup>23</sup> Rebello, Luiz Francisco, *História do Teatro Português*, col. Saber, Lisboa, Pub. Europa-América, s.d., 3ª edição

<sup>24</sup> Coelho, J. Prado, *op. cit.*, 2º vol., pp. 636-637.

<sup>25</sup> Idem, *Ibidem*, 4º vol., p. 1072.

Amorim), “exóticos” (Ernesto Biester), “panfletários” (António Enes), “galantes” (Fernando Caldeira) ou “escabrosos” (Abel Botelho).<sup>26</sup> A posição que ocupa, ainda no entender do distinto catedrático, está mais próxima das de Júlio Dinis, César de Lacerda ou Pinheiro Chagas, sendo a sua consagração e talento postos em pé de igualdade com D. João da Câmara: “Ficaram na memória dum público idoso - muitas vezes mercê do desempenho magistral dum dos grandes actores daquele tempo ”.<sup>27</sup>

Também António José Saraiva e Óscar Lopes<sup>28</sup> integram Marcelino Mesquita no panorama de uma literatura evocativa das personagens e acontecimentos históricos, sobretudo medievais, onde se destacaram nomes maiores como Garrett, Herculano e Oliveira Martins. Referem-se, naturalmente, à fonte comum onde esses autores foram colher inspiração para a concepção de obras como *O Arco de Sant’Ana*, *O Alfageme de Santarém*, *Lendas e Narrativas* ou *A Vida de Nun’Álvares*, por exemplo. Apesar de surgirem mais tardiamente, os dramas históricos de Marcelino seguem o rasto dos seus antecessores, a exemplo do que acontecia com outros literatos do seu tempo (Carlos Malheiro Dias, Conde de Sabugosa e Antero de Figueiredo). Além da “corrente historicista”, encontram-se ainda profusamente representados na obra marceliniana a “tendência naturalista” e o “drama de conflito moral”<sup>29</sup>, que se detectam do mesmo modo em Henrique Lopes de Mendonça e Júlio Dantas.<sup>30</sup>

Neste périplo bibliográfico, merecem estatuto especial os estudos de Luiz Francisco Rebello e Duarte Ivo Cruz, pela forma de documentar o modo como a referência marceliniana se fixa no paradigma cultural. O primeiro autor menciona logo na área do teatro clássico, a propósito do recurso aos temas melodramáticos relacionados com célebres figuras históricas - *Inês de Castro*, entre outras - para, de forma mais desenvolvida, noutras passagens, o integrar numa corrente pós-romântica, caracterizada pelo “culto dos valores individuais, a exaltação dos rasgos heróicos [e] uma concepção palaciana e cortês do amor”.<sup>31</sup> O mesmo estudioso considera ainda que os temas recorrentes “entroncam na corrente nacionalista que, na década de 90, forneceu um substrato ideológico às forças

<sup>26</sup> Coelho, J. Prado, *op. cit.*, 4º vol., p. 1072.

<sup>27</sup> Idem, *Ibidem*, p. 1052.

<sup>28</sup> Saraiva, A. J. e Óscar Lopes, *op. cit.*, pp. 129 e 1011.

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 966.

<sup>31</sup> Rebello, Luiz Francisco, *op. cit.*, p. 59.

tradicionalistas e reaccionárias, saudosas do passado e receosas do futuro, procurando esconjurar este pela tentativa, de antemão condenada a frustrar-se, de ressuscitar aquele”.<sup>32</sup> Esta contextualização surge reforçada pela afirmação do valor do dramaturgo cartaxense, de “talento impetuoso e indisciplinado”, expandindo-se “em comédias e dramas históricos de uma agitação puramente exterior e romântica”.<sup>33</sup> Tais características são bastantes para o considerar indispensável numa “qualquer antologia do teatro português dos últimos cem anos”,<sup>34</sup> onde nunca poderiam deixar de figurar as farsas de Gervásio Lobato ou de André Brun, as comédias de Augusto de Lacerda, Vitoriano Braga e Ramada Curto, os dramas históricos de Marcelino ou Lopes de Mendonça.

Quanto a Duarte Ivo Cruz, embora insira Marcelino numa espécie de historicismo resistente, onde também pontuam os nomes de Lopes de Mendonça e Júlio Dantas, não hesita em relacioná-lo com a “tentação naturalista” e as “tentativas e aspirações realistas” que experimentaram as correntes de literatura no último quartel do século XIX e na transição para o seguinte.<sup>35</sup> Chega a realçar-lhe uma certa supremacia, considerando-o mais constante, mais concreto e objectivo. Afirma ainda, dando exemplos de trabalhos representativos (*Os Castros, A Pérola, Dor Suprema e O Velho Tema*), que subjacentes a essas peças se podem detectar “sinais de uma objectivação analítica, desejos de uma reprodução realista da vida, pelo menos dignos de apreço”.<sup>36</sup> Conclui, enfim, com o reconhecimento do alcance de um “realismo naturalista (...), já pela qualidade, já pela pujança e autonomia das suas manifestações”.<sup>37</sup>

As alegações efectuadas não invalidam o reconhecimento de uma prolongada estagnação que haveria de amarrar o teatro português a esquemas que quase toda a Europa já tinha ultrapassado, parafraseando Lucciana Picchio.<sup>38</sup> O recurso a fórmulas de representação recorrentes e gastas, não obstante o valor e o êxito que Marcelino logrou alcançar, pode ter contribuído para que a sua vasta produção dramática, fosse olhada, em grande medida, no decurso das últimas décadas do século XX, como um “documentário de uma dada forma passada de

<sup>32</sup> Rebello, Luiz Francisco, *100 Anos de Teatro Português*, p. 16.

<sup>33</sup> Idem, *História do Teatro Português*, pp. 102-105.

<sup>34</sup> Idem, *100 Anos de Teatro Português*, p. 11.

<sup>35</sup> Cruz, Duarte Ivo, *Introdução à História do Teatro Português*, pp. 130-136.

<sup>36</sup> Cruz, Duarte Ivo, *op. cit.*, p. 130.

<sup>37</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>38</sup> Picchio, Lucciana Stegano, *História do Teatro Português*, Lisboa, Portugália Editora, 1969, pp.278 e ss.

sensibilidade privada burguesa”<sup>39</sup> e, como tal, sem qualquer hipótese de ser reposta nos moldes em que foi concebida.

Numa tentativa de aproximação ao estilo literário de Marcelino Mesquita encontram-se ainda dois autores de divulgação mais circunscrita ou menos conhecida: João Pedro de Andrade (1902 - 1974)<sup>40</sup> e Costa Ferreira (1918 - 1997).<sup>41</sup> O primeiro, autor dramático, ensaísta e crítico literário, deixou gravadas na *Seara Nova* e no *Comércio do Porto* algumas impressões que ajudam a avaliar a situação do teatro de produção nacional, ao mesmo tempo que permitem tomar o pulso à cotação, passe a expressão, da obra marceliniana, no seio da opinião pública portuguesa durante as décadas de 40 e 50 do século transacto. O segundo, advogado de formação, mas com muitas provas dadas como autor, intérprete dramático, encenador, entre outras ocupações ligadas à representação, ousou, se assim se pode dizer, proceder à reedição de *Leonor Teles*, em 1983. Integrava a obra no lançamento de uma colecção antológica de Literatura Portuguesa, justificando o facto com o aproveitamento do que considerava o regresso do “crescente entusiasmo das plateias pequeno-burguesas e até populares pela Ópera”.<sup>42</sup>

João Pedro de Andrade, numa crónica para a *Seara Nova* datada de 27/12/1947, considerava justo e adequado o regresso ao Teatro Nacional de *Peraltas e Sécias*, uma das peças que tinha consagrado Marcelino, “capaz, por si só, de desfazer a lenda da incompatibilidade do génio português com o género teatral.”<sup>43</sup> Numa alusão clara à qualidade da programação daquele Teatro, o crítico aplaudia “a restrição imposta ao escandaloso bodo que há várias décadas

---

<sup>39</sup> Óscar Lopes, *Entre Fialho e Nemésio. Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*, apud Marques, Aurélio, *Marcelino Mesquita e o seu tempo*, p. 5.

<sup>40</sup> As opiniões e críticas expressas por este autor encontram-se reunidas num livro organizado por uma Comissão de Honra encarregada das comemorações do seu centenário, onde constam os nomes de Luiz Francisco Rebello, Carlos Porto, Maria Helena Serôdio, entre outros. Andrade, João Pedro de, *Reflexões Sobre o Teatro Português*, Lisboa, Acontecimento - Estudos e Edições, 2004.

<sup>41</sup> António Joaquim da Costa Ferreira é o nome completo deste cidadão natural de Elvas, cuja actividade esteve ligada a grupos como os Companheiros do Pátio das Comédias, o Teatro Nacional Popular, o Teatro Moderno de Lisboa e o Teatro da Cornucópia, entre outros. Escreveu várias peças de teatro, entre as quais *Por Um Fio* (1950) e *Os Desesperados* (1961), precisamente a primeira e a última das obras publicadas, bem como *Uma Casa Com Janelas Dentro* (1985), volume de memórias dedicado a 60 anos de vida literária e artística. In *Infopédia* [em linha], Porto, Porto Editora, 2003-2008.

<sup>42</sup> Cf. Ferreira, A. J. Costa, “Introdução” in Mesquita, Marcelino, *Leonor Teles*, col. Cem Anos de Literatura em Língua Portuguesa, Porto, Livraria Civilização Editora, 1983.

<sup>43</sup> Idem, *Ibidem*.

vinha sendo distribuído a escritores medíocres e menos que medíocres”.<sup>44</sup> A reposição do drama de Marcelino era, por conseguinte, encarada como o retomar de um ciclo feliz da apresentação teatral, pautado pela revelação de criadores talentosos, ilustres representantes da literatura portuguesa contemporânea de aquém e além fronteiras. Sem nunca referir o nome desses ilustres criadores, João Andrade aproveitava para reflectir criticamente sobre a dramaturgia nacional a nível geral, num período cronológico bem delimitado. Dirigia-se a duas gerações de leitores: a que ainda tinha convivido com o estilo de representação contemporâneo de Marcelino e a geração culta emergente. À primeira, na qual ele próprio se integrava, pretendia oferecer o seu ponto de vista pessoal, a sua reflexão analítica e imparcial; à segunda procurava, numa atitude pedagógica contra o esquecimento, cativar para a apreciação dos dramas antigos, sublinhando-lhes os aspectos mais interessantes, quiçá num esforço para demonstrar a sua intemporalidade.

A ideia que se pretende vincar é que estas formas de recensão crítica assumiram um importante papel na divulgação de autores que corriam o risco de ficar ofuscados por outros que atingiam estatutos de celebridade mais elevados, já para não falar da mais elementar indiferença. Ao apresentar Marcelino Mesquita na sua verdadeira dimensão humana, não o sobrevalorizando mas também sem o desvalorizar, apontando-lhe simplesmente defeitos e qualidades inerentes ao ser humano, João Andrade parece querer criar o estímulo e a motivação para o aprofundamento do conhecimento de objectos culturais que nada deviam à vulgaridade ou à esterilidade. Noutro breve ensaio intitulado “Meio século de dramaturgia nos palcos portugueses”, escrito cerca de oito anos após a crítica sobre a reposição da peça anteriormente referida, hierarquizando a actividade literária teatral, coloca a obra de Marcelino numa posição subsequente a D. João da Câmara, sendo “a mais característica” de um grupo de autores que transferiram do século XIX para o XX “a sua actividade sem alteração visível de orientação”.<sup>45</sup>

É conveniente ainda esclarecer, porém, que o ensaísta apenas contemplava a vertente do teatro histórico, sendo absolutamente redutor na restante teatralogia marceliniana, o que o levava a duvidar da qualidade de *Envelhecer*, mesmo antes de saber resultados da apreciação pública por ocasião do recente regresso à cena

---

<sup>44</sup> Andrade, J. Pedro, *op. cit.*, p. 304.

<sup>45</sup> Idem, *ibidem*, p. 402.

daquela peça. Menosprezava o referido drama, considerando que gozara de fama imerecida e “não suportaria uma aproximação do público moderno”, pelo que se justificaria uma revisão do texto com cortes e alterações “para que não chocasse em demasia o gosto do público”.<sup>46</sup>

Uma feliz coincidência vem, a talho de foice, demonstrar que o interesse pelas criações de autores representativos de correntes ultrapassadas não estava definitivamente excluído, pressupondo, em sintonia com João Pedro Andrade, que a sobrevivência desses objectos carecia apenas de uma operação de remodelação. Tal asserção advém do facto de se ter encontrado, entre a documentação do espólio dos familiares de Marcelino Mesquita, uma carta emitida pela *Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses*, solicitando a António Ressano Garcia, na qualidade de representante dos herdeiros, o seu parecer quanto a um pedido de autorização para uma adaptação cinematográfica da peça *Envelhecer*, “numa versão livre (...), com diálogos apropriados, do jornalista Augusto Pinto”.<sup>47</sup> Apesar de se desconhecer a resposta dada à pretensão, o gesto é comprovativo das possibilidades de evolução que um determinado objecto, no caso, um texto dramático, pode suscitar, ao invés de ser confinado ao esquecimento.

Quanto a Costa Ferreira, torna-se aprazível percorrer as cerca de duas dezenas de páginas de introdução ao texto de *Leonor Teles*, pela forma peculiar e interessante como procede à análise da obra de Mesquita, não deixando de aludir também à personalidade da figura, bem entendido. Em certa medida, afiguram-se, pelo menos, curiosas as razões pessoais que estabelece para explicar o que pode ser considerado “um renascimento do romantismo no Teatro moderno”.<sup>48</sup> Na verdade, surpreende um pouco que um tradutor de Molière, Ibsen, Pirandello ou Tennessee Williams tenha seleccionado Marcelino e não qualquer outro autor seu contemporâneo ou dentro da sua linha estética, para integrar um repertório de obras representativas de uma determinada época da história do teatro.

A explicação para esta escolha pode buscar-se na asserção, sem dúvida inovadora, de que, em princípio, *Leonor Teles* poderia ter produzido matéria para

---

<sup>46</sup> Andrade, J. Pedro, *ibidem*, p. 404 (nota 10).

<sup>47</sup> Carta com o timbre da *Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses*, assinada pelo seu Secretário-geral, enviada ao Engenheiro Duarte Ressano Garcia, Lisboa, 21 de Fevereiro de 1947. EDMM, Pasta 3, doc. 3. Cf. Cruz, D.I., “Introdução”, *Teatro Completo*, pp. 48-49.

<sup>48</sup> Ferreira, António Joaquim da Costa, “Introdução” in Mesquita, Marcelino, *op. cit.*, p.7.

um “excelente libreto de ópera romântica, exaltada e exaltante, alienada e alienante”.<sup>49</sup> Esta ideia assenta na convicção de que a obra-prima de Marcelino, assim como os dramas históricos dos seus contemporâneos (Henrique Lopes de Mendonça, D. João da Câmara) “arrastam consigo graves equívocos culturais”<sup>50</sup> susceptíveis de provocar expectativas e reacções do tipo emotivo ou sentimental no público frequentador do espectáculo operático. Se bem se entende o ponto de vista do prefaciador, o que interessaria ao espectador não seria tanto a autenticidade ou a veracidade dos factos dramatizados e encenados, mas a capacidade de abstracção e evasão dos sentidos que lhe permitisse “um abandono sentimental à musicalidade dos versos, ao tom empolado e exaltante da linguagem”.<sup>51</sup>

Costa Ferreira prossegue, dando a entender que este tipo de dramaturgia não possui a seriedade, a força e a consistência para corporizar uma ópera romântica, estabelecendo uma analogia com os textos de Shakespeare ou Beaumarchais, que deram a encenadores de ópera como Giorgio Stehler<sup>52</sup> “uma dialéctica viva entre a linguagem, a música da palavra e a ideia, o conteúdo dramático do texto”<sup>53</sup> capazes de agradar ao público e captar a atenção da crítica. Noutra perspectiva, estabelece um paralelismo entre Victor Hugo e Marcelino Mesquita: enquanto aquele, querendo escapar ao regime de Napoleão III, se exilou em Bruxelas, este, “sem dúvida republicano, sem dúvida progressista, recebe, embora contrariado, uma condecoração das mãos do rei”.<sup>54</sup> Dá a entender a existência, por parte do dramaturgo português, de uma certa falta de coerência que apelida de “sentimentalismo (...) que usa como emblema a saudade, (...) o olhar para trás” que transforma em “estátuas de sal” os “nossos poetas dramáticos”, impedindo-os de alcançar a aristocrática tragédia clássica.<sup>55</sup>

Pela forma como o questiona, chega a parecer estranho que o ensaísta pretenda ressuscitar a obra teatral de Marcelino para as gerações do final do século XX. Aponta-lhe falhas, sem dúvida, pertinentes, mas que não têm em conta o facto de ter saído da pena de um jovem de 20 anos (foi escrita em 1876), nem os

---

<sup>49</sup> Ferreira, A.J. Costa, *op. cit.*, p. 8.

<sup>50</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>51</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>52</sup> Giorgio Stehler (1921-1997), influente director de teatro e ópera que trabalhou essencialmente na Alemanha, apesar de ter nascido em Itália. Referido in Ferreira, A. J. Costa, *ibidem*..

<sup>53</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>54</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>55</sup> Idem, *Ibidem*.

comentários finais que o autor lhe apôs em 1892, nos quais se incluem a confissão de que não a quis ver nem retocar, porque, se o fizesse, “iria tirar-lhe o sabor da rudeza que às vezes respira e sobretudo a audácia e espontaneidade da expressão, filhas do meu temperamento e daqueles anos”.<sup>56</sup> As críticas também não se compadecem com o distanciamento de um século, relativamente à criação e edição da obra, nem a evolução do pensamento historiográfico ao longo de toda a centúria de Novecentos. A título de exemplo, enumeram-se algumas “acusações”: preocupar-se exclusivamente com o “conflito sentimental individualista [...] da «pequena história» principesca dos governantes, politicamente irresponsáveis, de um pequeno país quixotescamente heróico”;<sup>57</sup> não dar realce ao povo e à burguesia mercantilista; reduzir Fernão Vasques a figurante e omitir Álvaro Pais e João das Regras; estereotipar as personagens de D. Fernando (o amante infeliz) e D. Leonor (a cortesã ambiciosa).

Resumindo, Costa Ferreira gostaria, certamente, que Marcelino aproveitasse os elementos indicadores de uma transformação social que podia estar subjacente à peça e “vai influir nos desígnios aventureiros da rainha barregã”.<sup>58</sup> Surpreende-se que o dramaturgo não aborde o tema nessa perspectiva, tanto mais que nos *Peraltas e Sécias*, comédia composta mais de duas décadas após, critica eximamente “a estúpida sociedade aristocrática do século XVIII”, ridicularizando a Arcádia com os seus “maneirismos de estilo, (...) deformadores da verdade e portanto claros inimigos da cultura”.<sup>59</sup>

Contudo, o literato elvense encontra boas motivações para retirar da gaveta do esquecimento as obras do dramaturgo ribatejano. Vale a pena sumariar algumas dessas razões, começando pela aceitação legítima da importância que tiveram numa época em que as bibliotecas eram escassas, sendo o Teatro declamado ou impresso nos folhetins dos jornais o “alimento” da imaginação dos portugueses.<sup>60</sup> Não deve ser entendido de ânimo leve o conhecimento da projecção que alcançou o êxito de peças como *Leonor Teles*, que contou com um elenco de luxo na sua primeira apresentação oficial, reunindo os mais conceituados profissionais do palco: Virgínia, Ferreira da Silva, João Rosa, Rosa

---

<sup>56</sup> Cruz, D.I., *Teatro Completo*, p. 177.

<sup>57</sup> Ferreira, A.J. Costa, *op. cit.*, p. 9.

<sup>58</sup> Idem, *Ibidem*, p. 9.

<sup>59</sup> Idem, *Ibidem*, p. 10.

<sup>60</sup> Cf. *Ibidem*, p. 15.



Damasceno, Eduardo Brazão. Torna-se inegável no património de uma nação o papel primordial que assume tanto a personagem dramática como o tema histórico, devidamente “aprofundados, enobrecidos, (...) entendimento claro do que fomos, do que somos e do que queremos ser”.<sup>61</sup>

Enfim, em termos meramente culturais, continua a manter-se válido nesta primeira década do século XXI o argumento de que “ao menos esse teatro melodramático tinha sobre as telenovelas mal faladas em português ou os folhetins com legendas incríveis e os locutores com neologismos e pronúncias americanizadas, uma inegável vantagem cultural: falavam português correcto”.<sup>62</sup> Apesar de volvidos vinte e cinco anos sobre a data em que foram proferidas estas palavras, impressiona o sentido consensual que delas emana. Mantém-se do mesmo modo inalterável o postulado de que, pese embora o facto de não ser tarefa fácil a inclusão da dramaturgia marceliniana no repertório do teatro nacional, as obras de Marcelino Mesquita apresentam qualidades que lhes conferem a importância de documentos históricos, objectos de pesquisa fundamental para estudar a psicologia social de uma época e, em simultâneo, continuar a inventar o teatro de forma a constituir a alternativa, mais vantajosa, à oferta cultural proporcionada pelos meios de difusão actualmente disponíveis.

Da exposição desenvolvida nas linhas precedentes, pode extrair-se a convicção de que a memória do escritor e dramaturgo Marcelino Mesquita se encontra satisfatoriamente fixada e tratada. Mas cresce e ganha forma, também a ideia de que permanecem abertas muitas pistas que convidam, não apenas à ampliação do conhecimento sobre o que permanece oculto, relativamente ao que se pensou e escreveu sobre a sua vida e obra, mas também, a partir desse exercício, traçar as bases para diversos estudos e reflexões. Na verdade, esse esforço de síntese não se encontra adormecido, como o atesta a existência de trabalhos que, ao longo desta dissertação, foi necessário referenciar: trabalhos académicos, mais ou menos distanciados no tempo, como as dissertações de licenciatura de há quase setenta anos<sup>63</sup> e uma dissertação de mestrado recentemente defendida no Departamento de Literatura da Universidade de

---

<sup>61</sup> Ferreira, A.J. Costa, *op. cit.*, p. 16.

<sup>62</sup> Idem, *ibidem*, p. 20.

<sup>63</sup> Realizadas por Maria Helena Grácio e Maria Sara Malato. *Vide Bibliografia.*

Évora.<sup>64</sup> À espera de ser retomada ficou outra tese, proposta há quase década e meia, versando uma abordagem inovadora no âmbito da história da literatura.<sup>65</sup>

Se mais argumentos não houvesse, o simples facto de se registar a existência de uma base documental bastante satisfatória, justificaria um tratamento exaustivo que resultasse numa obra que desse a conhecer, por exemplo, o que permanece inédito. Conforme se tem dado testemunho, o referido espólio depositado na Biblioteca Municipal com o nome do dramaturgo, integra vários tipos de documentos, entre os quais se podem enumerar:

- Cartas diversas para Marcelino Mesquita.
- Correspondência de António Mesquita (irmão do dramaturgo).
- Bilhetes de visita.
- Pequenas crónicas.
- Vários programas de espectáculos de Marcelino apresentados em Espanha e Portugal.
- Excertos de jornais sobre Marcelino com diversas opiniões sobre ele.
- Críticas das suas peças nos jornais.
- Diversa colaboração sua em jornais.
- Caricaturas suas em jornais.
- Diálogos dispersos.
- Cantigas e poemas de Marcelino.
- Contos de Marcelino.
- Memórias de Marcelino.
- Notas e apontamentos.
- *Auto do Busto*, peça em um acto, escrita em Braille.
- Documentação vária manuscrita.
- Várias peças manuscritas (entre as quais a que serviu de objecto à dissertação de Vítor Santos).<sup>66</sup>

Transposta a data da celebração do século e meio do nascimento do escritor, pode advogar-se, com relativa segurança que, apesar de um

---

<sup>64</sup>Santos, Vítor, *No Atelier do Dramaturgo: Edição Crítica de um Inédito de Marcelino Mesquita*, Universidade de Évora, 2007.

<sup>65</sup>Com permissão de Aurélio Marques, bastante empenhado na divulgação do conhecimento sobre a vida e obra de Marcelino Mesquita, regista-se o título que pretendia dar ao seu trabalho para o Mestrado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, no ano lectivo de 1993-1994: «O Teatro Finissecular - A Obra de e sobre Marcelino Mesquita».

<sup>66</sup> Vide supra nota 64.

aparentemente escasso interesse em torno da matéria, a personalidade e a obra de Mesquita traduzem, de alguma forma, o meio local onde nasceu e viveu, projectando-o para muito além desse horizonte. A sua memória permanece viva, continuando a merecer, com plena justiça, ser objecto de estudos de natureza multifacetada e não apenas de discursos de exaltação em ocasiões comemorativas.

## 3.2. A intervenção cívica e política

### 3.2.1. O cronista

O contacto com a imprensa periódica acompanhou, praticamente, toda a vida de Marcelino, quer enquanto cidadão, quer como autor literário e dramaturgo, desde, pelo menos, a idade de 25 anos,<sup>67</sup> quando se estreou nas colunas do semanário burlesco *O Pae Anselmo*,<sup>68</sup> em Setembro de 1881. Este tipo de ligação pode ser entendido como demonstrativo da necessidade de intervir cívica e politicamente na sociedade, emitindo opinião sobre o que se passava à sua volta, ora partilhando dúvidas e angústias, ora mostrando a natureza da sua garra e do seu espírito crítico. Por outro lado, quer a sua intervenção eclodisse num jornal ou numa revista, estes assumiam o papel de veículos divulgadores das suas ideias e projectos, ao mesmo tempo que contribuía para a concretização dos seus objectivos. Neste último caso, importa ter presente a importância que a actividade de periodista assumia na conquista da atenção pública, no sentido de apresentar a sua figura enquanto obreiro na área da escrita, particularmente no ramo da dramaturgia.

Após cerca de um ano de participação mais ou menos regular n'*O Pae Anselmo*, começa também a publicar nas páginas de outro conhecido periódico

---

<sup>67</sup> Por razões que se podem relacionar com a organização do discurso, estabelece-se esta fase como ponto de partida, uma vez que não se teve acesso a testemunhos anteriores sobre a participação de Marcelino Mesquita na imprensa periódica. No entanto, há indícios de intervenções anteriores, como dá a entender, por exemplo, um conjunto de estudos coordenados por António Nóvoa, que referem Marcelino como colaborador da ilustração mensal *O Amigo da Infância*, cujo início de publicação se situa em 1873 ou 1874. Nóvoa, António, *A Imprensa de Educação e Ensino (séculos XIX-XX)*, Lisboa, IIE, 1993, pp. 37-40.

<sup>68</sup> Publicou-se em Lisboa entre 21 de Setembro de 1879 e 15 de Novembro de 1885.

lisboeta: o *Diario Illustrado*.<sup>69</sup> Aqui assegurou uma colaboração aproximada de três anos (de 1882 a 1885), ao passo que no anterior semanário assinalou uma presença um pouco mais prolongada (de 1881 a 1885), embora muito espaçada a partir de determinada altura. Pode afirmar-se, sem receio, que a ligação aos mencionados periódicos coincide com os derradeiros anos de conclusão do curso de medicina. Não foram encontrados quaisquer testemunhos que pudessem esclarecer as razões que o levaram a ingressar naqueles títulos, o mesmo acontecendo relativamente à interrupção e ao término da intervenção.

A frequência com que aparecia nas páginas dos periódicos não era muito regular, a julgar pelo levantamento dos artigos publicados. N' *O Pae Anselmo* contabilizaram-se 24 textos, o que é, do ponto de vista estatístico, relativamente escasso para um período de cerca de quatro anos. Praticamente todos os textos se inscreviam na coluna satírica “Risos e Satyras”, subscrita por um insuspeito *Satanaz Junior*. Este era apenas um no meio da vasta panóplia de redactores que respondiam por assinaturas tão características e hilariantes como *G. Deão, Paula Tino, Gil Dardo, Rachador, Sal-Monete, Hugo Lino, Rosa Lino, João Ninguém, Benedicto, Mil-flores...* Misteriosamente, porém, os três derradeiros textos saídos da pena de Marcelino, publicados cada qual em seu ano, foram assinados sem qualquer espécie de ocultação.<sup>70</sup> Já no *Diario Illustrado*, os textos surgem em maior quantidade - cerca de 84 - o que não causa estranheza especial dado tratar-se de um jornal quotidiano. Tal como n' *O Pae Anselmo* houve, igualmente, desde o início da colaboração, o recurso ao pseudónimo em mais de três dezenas de crónicas.

Em suma, Marcelino Mesquita serviu-se, durante esta primeira fase da sua actividade jornalística, entre o mês de Setembro de 1881 e o final de 1883, de dois pseudónimos: *Satanaz Junior*, no semanário *O Pae Anselmo*<sup>71</sup> e *Mendo Abbade*, no *Diario Illustrado*. Contudo, em 23 de Novembro de 1883 declarou publicamente que passaria a assinar os textos única e exclusivamente com o seu

---

<sup>69</sup> Teve uma existência mais longa, de cerca de 39 anos, de Junho de 1872 a 7 Janeiro de 1911.

Saía em Lisboa e era feito na Imprensa de Sousa Neves.

<sup>70</sup> “Escrepto com o cabo d’uma trolha. À Nação”. “O jantar e a politica” e “Margarida. Episodio do Cerco do Porto”, *O Pae Anselmo*, Ano V, nº 237, 30 de Março de 1883, Ano VI, nº 272, 30 de Novembro de 1884 e Ano VII, nº 300, 14 de Junho de 1885, respectivamente.

<sup>71</sup> Até 4 de Março de 1883, inclusivé, para se ser mais preciso.

verdadeiro nome.<sup>72</sup> Nessa data expôs a resistência com que se sentia obrigado a abdicar da pseudo identidade, dizendo que se despedia do *Mendo Abbade* “como quem se despede d’um bom amigo com quem se viveu em leal e franca camaradagem”.<sup>73</sup> Porém, pouco esclarecia sobre os motivos que teriam estado na origem de tal atitude, adiantando apenas que “razões fortes fazem que o abandone de vez”.<sup>74</sup> Já em relação à justificação pelo recurso aos pseudónimos, de uma forma geral, não era tão omissivo: “um pouco de receio, muito de vaidade, encoberta em falsa modestia, quasi tudo por moda”<sup>75</sup> - declarava, deixando ao leitor o trabalho de imaginar a razão com que se ocultara atrás do “véu um pouco fradesco de *Mendo Abbade*”.<sup>76</sup>

Advertia ainda que nunca publicara escrito algum sem que usasse esse pseudónimo ou o seu verdadeiro nome. Mas é óbvio que a declaração peca por defeito, logo no momento em que é proferida, uma vez que ignora a utilização da assinatura *Satanaz Junior* na rubrica “Risos e Satyras” d’*O Pae Anselmo*. Por conseguinte, seria legítimo colocar em causa a propriedade deste último pseudónimo, não fora a circunstância de se tornar bastante evidente, após um cruzamento exaustivo e atento, a semelhança de estilo dos textos, os quais se repetem, por vezes, em mais do que uma publicação.<sup>77</sup> Aquela diabólica alcunha, se assim se pode designar, encontra-se também devidamente patenteada e atribuída no *Diccionario Bibliographico Portuguez* começado por Inocência da Silva, continuado e ampliado por Brito Aranha.<sup>78</sup>

### 3.2.1.1. N’O Pae Anselmo

Os primeiros “Risos e Satyras” surgiram no número 104 de 15 de Setembro de 1881 d’*O Pae Anselmo*. O texto preenchia, em regra, duas colunas da

---

<sup>72</sup> “Na Capital. Uma declaração. Palcos.”, *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3791, 23 de Novembro de 1883.

<sup>73</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>74</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>75</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>76</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>77</sup> Um exemplo: o artigo “A Restauração de Portugal”, inserto nos “Risos e Satyras”.d’ *O Pae Anselmo*, Ano III, nº 116, de 4 de Dezembro de 1881 virá a ser publicado anos mais tarde n’*O Chronista*, Ano I, nº 21, 5 de Dezembro de 1886 e n’*A Comedia Portugueza*, Ano I, nº 8, 1 de Dezembro de 1888.

<sup>78</sup> Silva, Inocência Francisco da, *Dicionário Bibliográfico Português*, Tomo XVI, p.344.

segunda página da publicação,<sup>79</sup> sendo, ocasionalmente, subintitulado.<sup>80</sup> A tipologia da coluna dispensa o esforço de classificação numa estilística de seriedade, apesar da ocorrência esporádica de subtítulos susceptíveis de se confundirem com esse registo.<sup>81</sup> Tratando-se de uma rubrica de natureza sarcástica coloca-se pertinentemente a questão de saber qual seria o objecto parodiado. A publicação do semanário coincide, acidentalmente ou não, com a primeira série do famoso (*O*) *António Maria* (1879-1885), não surpreendendo por isso a sintonia de estilo com este último periódico galhofeiro da lavra de Rafael Bordalo Pinheiro. Ambos se empenhavam em caricaturar “as diversas facetas de um regime monárquico em acentuada fase de decadência”,<sup>82</sup> divergindo apenas na linguagem, ora fortemente apoiada no desenho e no texto breve, no caso da folha bordalesa, ora exclusivamente verbal, nas páginas d’*O Pae Anselmo*.

O conteúdo das “crónicas satânicas”<sup>83</sup> mereceria, por si só, um estudo sistemático que permitisse fixar com pormenor os diversos contextos em que foram produzidas. Versavam ataques à “imprensa séria”, a “pudibunda imprensa”,<sup>84</sup> nas palavras do autor, pretendendo expor e denunciar o que ele considerava mais grave: o espírito retrógrado, a hipocrisia e o pseudo-moralismo. *Satanaz* chegava a acusá-la de se empenhar mais em deformar a realidade, distorcendo os factos, do que em contribuir para o enobrecimento da consciência humana.

Disparava ainda contra uma certa ideologia - “uns typos que se dizem *realistas*” -<sup>85</sup> que, segundo a sua opinião, parecia apostada em descrer do progresso científico do século, somando disparates atrás de disparates, sem que ninguém percebesse o que queriam dizer e onde visavam chegar. Esta forma de se posicionar no seio da opinião pública poderá contribuir para o entendimento da perspectiva de Marcelino sobre o ambiente intelectual que o rodeava. Parecia não levar a sério a emergência de novas e diferentes correntes de pensamento, ou, dito de outra forma, parecia não admitir o direito à existência de pontos de vista

---

<sup>79</sup> Exceptuam-se os números 127 e 128 de 19 e 26 de Fevereiro, respectivamente, em que a crónica se inicia logo no rosto da publicação.

<sup>80</sup> Por exemplo: “A Restauração de Portugal”, nº 116, 4 de Dezembro de 1881, “Em Lisboa”, nº 169, 10 de Dezembro de 1882.

<sup>81</sup> “Philosophias”, nº 127, 19 de Fevereiro de 1882.

<sup>82</sup> Lopes, Maria Virgílio C., *O Teatro N’A Paródia de Rafael Bordalo Pinheiro*, p. 33.

<sup>83</sup> Aspas nossas.

<sup>84</sup> *O Pae Anselmo*, Ano II, nº 104, 11 de Setembro de 1881.

<sup>85</sup> *Idem*, nº 105, 18 de Setembro de 1881.

divergentes dos seus. Quase se podia afirmar que não reconhece na classe intelectual qualquer espécie de autoridade crítica, como se pode inferir num discurso onde se refere aos representantes dessa classe como uns “maganões (...) em geral d’uma ignorância crassa (...) atrevidos, pae do céu, até à temeridade”:<sup>86</sup>

“ À força de se quererem<sup>87</sup> tornar originaes, novos, em folha, como o outro que diz, d’uma cana só, tornam-se afinal uns patuscos tão ridículos e desengonçados que não sabe a gente por onde lhes pegue que não se desconjuntem ”.<sup>88</sup>

A leitura completa e atenta destes artigos permite perceber que se trata de interpretações e reacções pessoais em forma de arremessos verbais ao que se publicava nos periódicos da época e despiques dirigidos aos colegas do *métier*. É, pelo menos, o que se pode deduzir de uma crónica que visava o *Beldemónio*, pseudónimo de Eduardo Barros Lobo,<sup>89</sup> escritor e jornalista com quem Marcelino se deve ter cruzado muitas vezes, uma vez que foi seu colega no *Diario Illustrado*. Apesar da proximidade, não hesitava em o classificar de “um pigmeu qualquer” que tinha tido o desplante de se pôr a comentar “as grandes theorias, as grandes leis”<sup>90</sup> sem que lhe fosse reconhecida a respectiva competência. A publicação do artigo do *Beldemónio* – “a proposito d’um Jeovah no *Mandarim* jornal”<sup>91</sup> – servia, portanto, de pretexto para extensas críticas por parte de um não menos luciferiano interlocutor...

As datas evocativas de grandes acontecimentos ou figuras da história pátria e as respectivas cerimónias comemorativas, muito em voga a partir da segunda metade do século XIX, constituem outro dos temas inspiradores de Marcelino, como se verá em ocasiões posteriores, nomeadamente, quando intervém no concurso do Centenário da Índia e quando escreve o *Auto do Busto* para o Centenário de Garrett. Trata a comemoração do aniversário da Restauração de forma muito satírica, referindo-se aos revolucionários de 1640 como “uns bravos” que tomaram a decisão de despedir os espanhóis “da sua longa visita de

---

<sup>86</sup> *O Pae Anselmo*, nº 105, 18 de Setembro de 1881.

<sup>87</sup> Querem, no original.

<sup>88</sup> *Idem*, Ano II, nº 105, 18 de Setembro de 1881.

<sup>89</sup> Era praticamente da mesma idade de Marcelino (nasceu em 1857) mas morreu precocemente em 1893. Lançou alguns títulos de revistas (*Vespas*, *Arauto*), contos (*Musa Loira*) e crónicas (*Viagens no Chiado*). Foi também tradutor de Balzac e Zola. Cf. *Lello Universal*, vol II, pp. 86, 87.

<sup>90</sup> *O Pae Anselmo*, *Idem*.

<sup>91</sup> *Idem*, *Ibidem*.

sessenta annos (...) um dia, ao jantar [atirando-lhes] com os pratos á cara, [voltando] a meza do banquete e [arremessando-os] pelas portas e pelas janellas”.<sup>92</sup> Aproveita, no entanto, o ensejo para espetar uma farpa relativamente ao estado da nação, censurando os governantes por se terem desviado do caminho traçado pelos heróis de antigamente. A imagem do país é descrita como um “estabelecimento” em péssimo estado de conservação:

Os *bancos* quebrados; as paredes sujas; chove como na rua; dinheiro, pede-se e não se paga; *cães* por todos os lados; freguezes nem um; a corrupção, a immoralidade, a ineptia e até o crime por toda a parte. Miséria em todas as classes, a exploração odiosa, o roubo legalizado, ou ilegalizado e impune! (...) Somos pantano, não somos o *jardim da Europa*. ”<sup>93</sup>

A alegoria do país à deriva mantém-se subjacente ao longo do discurso do cronista estreante, nomeadamente na época carnavalesca, indiscutivelmente mais favorável ao desprendimento da verve. Apesar de ser essa a quadra apropriada para “cada um poder ser o que não é”, aproveita para denunciar aqueles que ao longo dos restantes dias do ano se aproveitam da política para “mudar de cara ou voltar a cara” a seu belo contento, unica e exclusivamente preocupados em salvar a sua reputação para que se lhes não escapasse o poder.<sup>94</sup>

Pela forma como o *Satanaz Junior* principia a abordagem do centenário pombalino, dir-se-ia que o assunto lhe causa alguma repugnância. A primeira referência surge em Março de 1882<sup>95</sup> e não passa disso mesmo: uma fugidia alusão. Marcelino prefere prender a atenção dos leitores divagando sobre a “febre dominante dos centenários”<sup>96</sup> como se se tratasse de uma doença contagiosa. Apenas no fim do texto promete voltar a ocupar-se do tema. Mas tal não acontece ainda na vez seguinte, porque se perde a falar das suas impressões sobre o “meio asfíxiante da nossa querida capital”<sup>97</sup> após o regresso do campo, em relação ao qual, confessa, sente uma enorme nostalgia. Na terceira crónica, opta por

---

<sup>92</sup> *O Pae Anselmo*, ano III, nº 116, 4 de Dezembro de 1881.

<sup>93</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>94</sup> “Philosophias” e “A morte do molosso” são dois textos que corroboram as críticas de Marcelino. *Idem*, ano III, nºs 127 e 128, 19 e 26 de Fevereiro, respectivamente. Este último texto, apresentado em estrofes irregulares de versos maioritariamente dodecassilábicos é digno de registo pela metáfora de um Portugal “gigante, indomável, brutal” que é desafiado por um “campeão famoso” que o derrota com um simples frasco de “Água Circassiana”.

<sup>95</sup> *Idem*, ano III, nº 131, 19 de Março de 1882.

<sup>96</sup> Aspas nossas para uma expressão de Marcelino (“A febre dominante é a dos centenários”. *Idem*, *Ibidem*.

<sup>97</sup> *Idem*, nº 136, 23 de Abril de 1882.



circunscrever a atenção em torno da grandiosa figura de Camões e da sua portentosa estátua inaugurada pouco mais de uma década antes.<sup>98</sup> Ao Marquês voltará apenas na quarta ocasião, porque se dá conta de que se aproximava a data do cortejo cívico e era forçoso escrever um texto.<sup>99</sup>

Com tantos rodeios, apetece indagar sobre o que levaria o cronista a desviar-se da crónica. Embora se desculpe com o facto de detestar os “artigos de grande folego e sobretudo de grande erudição”,<sup>100</sup> a verdade é que a figura de Sebastião José de Carvalho e Melo não é propriamente simpática aos olhos de Marcelino. Os argumentos a favor desta asserção colhem-se logo no momento em que se começa a referir ao maior poeta português de todos os tempos, tecendo a seu respeito um discurso laudatório e de profunda admiração. No entanto, não deixa de frisar que “diante d’esta gloria enorme, (...) d’esta superioridade inexcedível, eu passaria altivo, sem tirar o chapéu, se o braço que escreveu os Luziadas, tivesse um dia cometido um assassinato convicto”.<sup>101</sup> A auto-exaltação do filantropismo vai ao ponto de afirmar que de pouco serviria “a gloria d’um homem, ainda que [tivesse] o brilho d’uma nebulosa e se [chamasse] Camões!”<sup>102</sup> se as suas mãos estivessem manchadas de sangue inocente.

Para compreender as razões da aversão pombalina é necessário penetrar mais densamente na leitura do artigo. Marcelino não demonstra qualquer pejo em declarar que a memória do celebrado lhe é “perfeitamente indiferente, senão desprezível”.<sup>103</sup> Salvaguarda, contudo, o facto de se limitar a expôr a sua opinião exclusiva, advertindo não pretender impô-la: “não sou padre, nem tenho tio nenhum com ordens de missa”.<sup>104</sup>

Chega ao pormenor de discriminar cada um dos actos praticados pelo estadista em benefício da nação: expulsão dos jesuítas, ataque ao poder da nobreza, reforma da universidade coimbrã, reconstrução de Lisboa, humilhação da Inglaterra. Donde lhe virá então essa aversão se, de facto, não tem qualquer dúvida quanto a reconhecer-lhe o mérito de ter tomado tantas medidas de vulto? É que, embora reconheça a justeza de tais medidas, nenhuma delas justifica, no seu

---

<sup>98</sup> *Idem*, nº 137, 30 de Abril de 1882.

<sup>99</sup> *Idem*, nº 138, 7 de Maio de 1882.

<sup>100</sup> *Idem*, nº 138, 7 de Maio de 1882.

<sup>101</sup> *Idem*, nº 137, 30 de Abril de 1882.

<sup>102</sup> *Idem*, *Ibidem*. (Intercalámos expressões nossas entre [] para facilitar a leitura).

<sup>103</sup> *Idem*, nº 138, 7 de Maio de 1882.

<sup>104</sup> *Idem*, *ibidem*.

modo de ver, uma celebração grandiosa - “uma apotheose, uma divinização”,<sup>105</sup> pela simples razão de o considerar responsável pelo cometimento de actos aviltantes e de o acusar de se ter aproveitado do poder que lhe foi instituído para se engrandecer.

É que *Satanaz* não tolerava a falta de espírito democrático patente na auto-promoção social dos “vilões que nascem Sebastões Josés e morrem condes de Oeiras e marqueses de Pombal!”<sup>106</sup> Banalizava desse modo toda a actuação do homenageado, dirigindo-se-lhe em tom agressivo, como se estivesse a falar com alguém que estivesse na sua presença. Atacava-o ferozmente, apontando-lhe as fraquezas e incoerências mais evidentes, acusando-o de ter destruído famílias de grande prestígio e tradição (referia-se aos marqueses de Távora) com furor assassino.

Em suma, é pela negativa e pela oposição relativamente à corrente de exaltação pombalina que Marcelino dá nas vistas e conquista a atenção de algumas personalidades que jamais o esquecerão, como são os casos de Lourenço Cayolla<sup>107</sup> e Luís Trigueiros, por exemplo. O primeiro, antigo companheiro dos bancos da Escola Politécnica e da Associação Académica recorda, em dado momento, esses festejos onde se improvisaram discursos e brilharam “académicos dos mais aplaudidos”, como António Feijó e Luís Osório.<sup>108</sup> O segundo esboçou nas próprias páginas d’*O Pae Anselmo* o perfil de um jovem já considerado “jornalista distinto e poeta esplendido”, a perfilar-se como dramaturgo e a quem aconselhava que não se precipitasse já “nos abysmos da politica”.<sup>109</sup>

O cortejo pombalino realizou-se no princípio desse mês de Maio de 1882 e *Satanás* não perdeu a oportunidade de o comentar com pormenor nos “Risos” de 14 e 28 de Maio, satirizando a efeméride, escarnecendo daqueles que nela tomaram parte, desde “a flor da mocidade pensadora”, aos republicanos, aos socialistas e aos “homens de livre pensar”.<sup>110</sup> Indignava-se contra a participação dos republicanos que clamavam contra a pena de morte e a falta de liberdade,

---

<sup>105</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>106</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>107</sup> (1863-1935). Jornalista, professor, escritor e militar, várias vezes deputado no período monárquico. Cf. *GEPB*, vol. 5.

<sup>108</sup> L. Cayolla, *Revivendo o Passado*, Lisboa, Imprensa Limitada, 1928, p.190. Cf. *GEPB*, Vols. 11, pp. 29-30 e 21, pp. 212.

<sup>109</sup> “Talentos Modernos (Esboços, Perfis). Marcellino Mesquita”, in *O Pae Anselmo*, n° 272, 30 de Novembro de 1884.

<sup>110</sup> *O Pae Anselmo*, n° 139, 14 de Maio de 1882.

defendendo “com as suas pennas puritanas as canalhices sempre que caíam sobre os thronos ou que farejem fidalgos”.<sup>111</sup> Acusava-os ainda de serem “cabeças esquentadas que pretendem derruir tudo, a direito, como se na seara, entre as plantas parasitas se não pudessem extremar as espigas florentes e douradas”.<sup>112</sup>

Quanto aos socialistas só aceitava que lá tivessem ido “por epigramma, por despreso, por escarneo” porque lhes reconhecia a crença na conquista das liberdades individuais e colectivas, na distribuição equitativa da riqueza, na “felicidade emfim, sobre a terra”.<sup>113</sup> Nem os livre-pensadores, acima de qualquer crença política ou religiosa, escapavam à pena satânica. Admitia que se teriam incorporado na manifestação “para glorificar o libertador, o liberal, o democrata, o pensador livre”, mas perguntava-se como era isso possível se o estadista “se partia os fidalgos, queimava os plebeus (...), se baixava a nobreza, tornava intangível o rei, (...) se centralizava o poder, prejudicava o futuro enormemente”,<sup>114</sup> contribuindo para um atraso de mais de cem anos na marcha do país.

O estilo utilizado na crítica ao ministro de D. José e ao ritual de comemoração é característico de um temperamento arrebatado, como parece ter sido o de Marcelino Mesquita ao longo de toda a sua vida, o que justifica afirmações como a de que não era capaz de se submeter a uma disciplina partidária. A respeito de Pombal, Marcelino, ou antes, *Satanaz Junior*, era peremptório: o acto divinatório tornava-se injustificável pela razão de que se tratava de “um homem em cujo coração existiu um abismo de egoísmo o mais vil, cuja fronte tem a linha sinistra dos inquisidores, homem que cheira a sangue”.<sup>115</sup> No entanto, fazia questão de sublinhar, essa era apenas a sua opinião. Rogava, por isso, que não lhe atribuíssem asas de puritanismo, nem o vissem como um ortodoxo do clericalismo, ou qualquer outro ser dessa categoria:

Padres, clérigos, jesuítas, tonsurados e *tuti quanti*, que abris as portas do ceu, dispensai-me as vossas *indulgencias*, não vou aos jubileus, não me confesso, sou um cão tihoso, uma ovelha ranhosa do rebanho, mas não quero a vossa pommada.

---

<sup>111</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>112</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>113</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>114</sup> *Idem*, nº 139, 14 de Maio de 1882.

<sup>115</sup> *O Pae Anselmo*, nº 141, 28 de Maio de 1882.

Há sobre vós padres e marquezinhos heroes, uma espada luzente, temperada no estudo, no gabinete, no trabalho, a espada de eterna justiça, cadinho incorruptível, purificador – a consciencia humana!”<sup>116</sup>

Outras crónicas mantêm o tom fortemente crítico relativamente ao quotidiano político-social, umas vezes ostentando os artifícios da sátira, outras esgrimindo a sua bengala em direcção à forma como eram exercidos os poderes ou como actuavam os seus representantes. É o caso da descrição da procissão real em honra de São Jorge, o Santo protector de Portugal, aproveitada para ilustrar a concubinação entre a religião e a política. Parodia-se a competição entre os poderes temporal e espiritual para ver quem mais rapidamente consegue libertar o reino da decadência que o ameaça.

Em estilo jocoso, o cronista vai relatando a majestosa passagem dos “altos poderes do estado, ministros, generaes, pares e grandes da corte”, ostentando “as suas fardas de dourados arabescos, de golas erectas e luzentes”, enquanto passeiam pelas ruas da capital o “misanthropo protector”.<sup>117</sup> A caricatura não podia ser mais perfeita: um povo que espera dos seus governantes a solução para os males do reino, enquanto estes - rei incluído - vão desfilando atrás de um santo “atarraxado”<sup>118</sup> em cima de um andor:

Rei, patria e Deus; bom vinho, boas romarias, bons cirios, orelheira de porco com feijão branco, um imposto novo, de vez em quando uma data de bordoada... e viva a galinha com a sua pevide”.<sup>119</sup>

A intenção moralizadora, pedagógica, não deixa de se mostrar por detrás de um discurso provavelmente empenhado em agitar as consciências, uma mensagem que pretende provocar o espírito nacional, confrontando-o com os seus limitados horizontes:

Deixemo-nos de tolices, nós nascemos para isto: um roçario, uma mulher bonita, uma guitarra e um bom curro de touros. O mais, isto de querer pensar, ter direitos, ou ser livre, isso é bom lá para os francezes, cabeças de vento que nunca estão satisfeitos com o que teem”.<sup>120</sup>

---

<sup>116</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>117</sup> *Idem*, nº 144, 18 de Junho de 1882.

<sup>118</sup> Expressão de Marcelino. *O Pae Anselmo*, nº 144, 18 de Junho de 1882.

<sup>119</sup> *Idem*, *ibidem*.

A intervenção da força policial na prevenção de conspirações ou na fiscalização do cumprimento da lei é também um assunto que vem à baila nas páginas do semanário, designadamente nos “Risos e satyras”. *Satanaz Junior* escamoteia até à exaustão o uso abusivo de repressão junto dos estudantes da Escola Médica, acusados da autoria de um “celebre requerimento”<sup>121</sup> que atentava contra a figura de Tomás Ribeiro,<sup>122</sup> por essa altura Ministro do Reino e ex-governador civil de Lisboa. Aproveitava o ensejo para se atirar contra aquele dignitário, lamentando que se tivesse alimentado de uma “ninhada de disparates”,<sup>123</sup> em resultado de um “estado pathologico”<sup>124</sup> em adiantado estado de gravidade para justificar o cometimento de “actos ridículos”.<sup>125</sup> Pela forma como narra as ocorrências pressente-se uma espécie de proximidade a que não é estranho o facto de saber que nesta época Marcelino era ainda estudante. Pode admitir-se que tivesse tido algum tipo de envolvimento nas acções descritas, embora o constante uso do tom alegórico e a humorístico dificultem a percepção exacta dos factos.

O tema da ineficácia da actuação policial é retomado noutra crónica, a propósito do encerramento de casas de jogo ilegal. A polícia tinha tomado de assalto uma dúzia de casas de batota da capital apreendendo “duzentos e tantos mil réis”, “além de utensilios propios do jogo que (...) encheram não sei quantas carroças.”<sup>126</sup> O cronista zombava da irrisória quantia arrestada que nem dava “para um jantar d’arromba”, azucrinando mais uma vez a autoridade - “esta policia de pataco” que passeia “languidamente pelos asphaltos”<sup>127</sup> indiferente às fortunas enormes que se perdiam (e ganhavam) loucamente, fazendo vista grossa à criminalidade verdadeiramente pesada.

Por vezes a pena de *Satanaz* adquire alguma moderação e torna-se amena, mostrando-se mesmo capaz de seriedade em certas passagens. Um texto dedicado ao desaparecimento de uma famosa actriz, cujo nome não refere,<sup>128</sup> chega a ser

---

<sup>120</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>121</sup> *Idem*, nº 145, 25 de Junho de 1882.

<sup>122</sup> Tomás António Ribeiro Ferreira (1831-1901), político e poeta, autor de *D. Jaime, Delfina do Mal*, entre outros títulos. *Lello Universal*, vol II, p.760.

<sup>123</sup> *O Pae Anselmo*, nº 145, 25 de Junho de 1882.

<sup>124</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>125</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>126</sup> *O Pae Anselmo*, nº 167, 27 de Novembro de 1882.

<sup>127</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>128</sup> Não será difícil descobrir a sua identidade, uma vez que é referida a publicação do seu retrato n’*O António Maria*. *Idem*, nº 107, 2 de Outubro de 1881.

comovente: “pobre e boa mulher desculpa-me se eu poude misturar o meu riso cynico com a memoria da tua morte!”.<sup>129</sup> Outros escritos captam a atenção pela singularidade do assunto desenvolvido, embora não demonstrem uma originalidade especial, podendo até confundir-se com o estilo de qualquer outro jornalista ou escritor daquela época. Tratam temas tão triviais como as estações do ano e a vida dos estudantes, com os seus namoricos e paixões, a exiguidade e o desconforto dos quartos de aluguer, os percalços académicos, as saudades de casa e da terra natal. São, simultaneamente, exercícios de autobiografia baseados na experiência pessoal de quem os compõe.

Há textos que se aprimoram em falar da entrada de um calouro provinciano na capital do império: “um rapaz guardado à vista, durante seis ou sete anos, por cabos reformados”, quando se apanha na “cidade de Ulysses”, ascende ao “alto mundo” da sua fantasia, tornando-se “uma larva, abortiva em geral, d’um D. Juan”.<sup>130</sup> Desses textos podiam destacar-se os que enternecem pelo estilo quase bucólico, quando descrevem a partida para as férias do Natal, umas vezes ansiando pelos ribeiros que galgam os combros, a neve que branqueia os colmos e “o frio intenso [que] accende furiosamente os brazeiros que não se apagam nunca”,<sup>131</sup> outras despedindo-se das palcos e plateias da urbe: “Gayarre (...) Lucinda Simões, (...) a atmosphaera dos salões dos pirystillos” para ir “às borôas”.<sup>132</sup>

Uma extensa crónica (quatro colunas distribuídas por duas páginas) dirigida ao colega Gabriel Cláudio,<sup>133</sup> a respeito das opiniões deste sobre o desempenho de Lucinda Simões em *Teresa Raquin*,<sup>134</sup> constitui a derradeira colaboração subscrita por *Satanás Junior*. Ao que parece, aquele crítico tinha discordado do que *Mendo Abbade* escrevera nas páginas do *Diario Illustrado*,<sup>135</sup> mas Marcelino optou por lhe responder no espaço d’*O Pae Anselmo*. Reconhecia-lhe o direito de se expressar sobre o que tinha visto mas não que escrevesse

---

<sup>129</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>130</sup> *O Pae Anselmo*, nº 165, 12 de Novembro de 1882.

<sup>131</sup> *Idem*, Ano IV, nº 171, 24 de Dezembro de 1882.

<sup>132</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>133</sup> Pseudónimo de Guiomar Torrezão (1844-1898), escritora e colaboradora em várias publicações periódicas. Cf. GEPB, vol 32, p. 255 e Andrade, Adriano G., *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*, p. 112.

<sup>134</sup> Peça de Émile Zola.

<sup>135</sup> “Na Capital. Tereza Raquin-Lucinda Simões”, in *Diario Illustrado*, ano XI, nºs 3428 e 3431, 22 e 25 de Novembro de 1882, respectivamente.

“coisas duras, asperas, feias”,<sup>136</sup> principalmente artigos de difícil compreensão que pudessem comprometer a opinião do público sobre a arte dramática. Por isso desancava-o impiedosamente, não olhando a meios para defender publicamente a reputação da notável artista:<sup>137</sup>

Gabriel, a tua critica ressent-se muito das objectivas do teu binoculo. (...) As lentes estão talvez sujas, limpa-as ... e depois é melhor não as limpar, Lucinda Simões é grande demais talvez para o seu fóco, não passa ... Há coisas assim, os brilhantes são muito bonitos para vista, para comer não prestam, são pouco digeríveis. Lucinda Simões deve ser vista a olho nú, não com o olhar com que se namoram as troxas d’ovos, mas com o olhar com que se analysam as obras dos mestres, digo, *sans rancune*.<sup>138</sup>

As derradeiras aparições de Marcelino Mesquita no semanário surgem um tanto ou quanto desgarradas das restantes, quer dizer, muito mais espaçadas no tempo (Março e Novembro de 1884 e Junho de 1885) e assinadas com as maiúsculas iniciais do seu nome.<sup>139</sup> O primeiro desses artigos, “Escripto com o cabo d’uma trolha...”, tem por pano de fundo a reacção de um misterioso colega de outro jornal (*A Nação*)<sup>140</sup> a um texto de Marcelino publicado dias antes no *Diario Illustrado*.<sup>141</sup> O assunto deve ter roçado a susceptibilidade do leitor devido a afirmações muito pouco católicas: “O Senhor dos Passos é um aristocrata [que] vive entre fidalgos e nobres”;<sup>142</sup> os devotos são gatunos disfarçados que, quando se debruçam para beijar a imagem e lançar um tostão de esmola, “tiravam 450 réis de troco!”<sup>143</sup> Mas ultrapassar todos os limites e despertar a raiva clerical era justamente o que (o agora ex-) *Satanaz* pretendia. Podia assim aproveitar para descarregar todo o fel que sentia pela instituição religiosa, apelidando-a de “minha carunchosa velhaca”, assumindo-se como “um hereje que escarnece dos santos,

---

<sup>136</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>137</sup> Lucinda Simões (1850-1928), actriz de grande craveira, pertenceu aos elencos do Ginásio, D. Amélia, D. Maria II e Baquet (Porto). Foi também professora do Conservatório Nacional e recebeu a comenda de Santiago da Espada. (Cf. *Lello Universal*, vol. II, p. 906).

<sup>138</sup> *O Pae Anselmo*, ano IV, nº 181, 4 de Março de 1883.

<sup>139</sup> O facto de deixar de usar pseudónimo poderá estar relacionado com a revelação de *Mendo Abade* proferida no *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3791, 23 de Novembro de 1883.

<sup>140</sup> Com este título publicaram-se em Lisboa dois periódicos, pelo menos: um diário que iniciou a sua publicação em 1847 e outro em 1865. Cf. *GEPB*, vol. 18, p. 332.

<sup>141</sup> “Cavacos” in *Diario Illustrado*, ano XII, nº 3898, 10 de Março de 1884.

<sup>142</sup> *O Pae Anselmo*, Ano V, nº 237, 30 de Março de 1884.

<sup>143</sup> *Idem*, ibidem.

companhia forçada de tanto tempo”<sup>144</sup>, evidenciando as reminiscências da sua experiência no seminário de Santarém.

Trata-se de um artigo, sem dúvida, paradigmático, representativo do posicionamento individual face às questões doutrinárias e, simultaneamente, revelador de uma certa consciência do lugar que Marcelino sabia ocupar no panorama de uma franja específica de opinião pública. Por um lado, não hesitava em defender-se das investidas dos ofendidos, por outro, mostrava-se perito em dar a volta ao texto, como é frequente dizer-se, dando às suas afirmações uma espécie de ar inofensivo ou inocente. Numa determinada passagem refuta a acusação de iconoclastia que lhe imputam por pretender desviar o culto da imagem do Senhor dos Passos, “porque é de *roca de pau* e não tem *visceras*”. Mais uma vez não deixa escapar a oportunidade de ridicularizar o interlocutor, a quem trata por “reverendíssima”, *madre Nação*” e outros modos sempre sarcásticos e humorísticos:<sup>145</sup>

Vês? Cá estás tu já a ser pulha. (...) Ó minha tolinha ingénua, eu não disse isso para dar novidades a ninguém; não, não te faças inocente. Quando um botânico descreve, por exemplo, uma roseira, diz que é um arbusto com folhas e não diz para dar a novidade de que as roseiras tem folhas. Se eu te descrevesse a ti, meu encapotado reverendo, eu diria, por exemplo: mamífero, coração com quatro cavidades, cabeça ôcca; calino ou malandro ... e todos me diriam: - olha que novidade!<sup>146</sup>

Os artigos desta natureza - em que está patente uma disputa de pontos de vista divergentes - reflectem o diálogo e a forma de relacionamento entre colaboradores de diversos órgãos de comunicação, dando coordenadas sobre eles e a sua práxis. As referências a títulos de periódicos e a nomes de jornalistas constituem sempre um motivo de curiosidade e fornecem uma boa perspectiva da sua difusão na época a que se refere este estudo.

Os dois textos finais, publicados à distância de mais de um semestre um do outro, não contêm o sabor cáustico dos anteriores. O primeiro deles parece condimentado *in stricto sensu*, uma vez que tem por título “O jantar e a política”. Á primeira vista, é uma espécie de parábola que tem por finalidade a

---

<sup>144</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>145</sup> Respeitaram-se os itálicos do original. *O Pae Anselmo*, nº 237, 30 de Março de 1884.

<sup>146</sup> *Idem*, nº 237, 30 de Março de 1884.



demonstração de que a boa gastronomia é o futuro da civilização. Aproximando o olhar, descobre-se a típica ferroada aos que se reúnem à volta do poder metaforizado na caçarola, no espeto, na salsicha, no chouriço e no “bacalhau, “esse fiel amigo do povo, que por ter vergonha na cara, nunca teve cabeça”.<sup>147</sup> Simultaneamente, ridicularizam-se a falta de gosto culinário e os hábitos alimentares dos portugueses: “Nas provincias não se come, enche-se o bandulho! (...) Em Portugal ainda ha mulheres que comem orelheira de porco!!!”<sup>148</sup> Recomenda-se também a urgente criação de uma cadeira de Culinária na Universidade de Coimbra. Prognostica-se, enfim, que “as grandes questões internacionaes se hão-de resolver entre o Champagne, Madeira e Xerez” e que “as guerras serão de faca e garfo, e as espingardas Chasepot, Enfields e outras serão substituídas por escumadeiras e espetos”.<sup>149</sup> O texto muito bem estruturado e espirituoso remete constantemente para o estilo d’ *O António Maria*,<sup>150</sup> salvaguardando-se o facto de este último recorrer ao desenho humorístico e ao texto breve.

“Margarida. Episodio do Cerco do Porto”,<sup>151</sup> eis como se intitula o último texto de Marcelino no semanário que tem vindo a ser nomeado. O conto pode resumir-se em poucas palavras. Gira em torno da figura de Margarida, uma jovem portuense que vive na pacatez dos seus amores com Lourenço, o noivo. Mas ambos são apanhados no turbilhão da guerra: ele tem que abraçar às armas e perde-se o contacto entre os dois amantes. Mais tarde, uma bomba perdida abate-se sobre o telhado dela. A desditosa é atingida e fica gravemente ferida. Porém, resiste à mutilação de um braço, mantendo-se fiel à Carta Constitucional e a D. Maria II. Passam-se meses a fio ... Margarida, pálida, deformada, vem à janela atraída por vozes festivas. É o cortejo nupcial do antigo noivo. A jovem sucumbe, por fim.

O enunciado difere de tudo quanto tinha sido escrito n’ *O Pae Anselmo*, embora se verifiquem afinidades com pequenos contos e novelas publicados no *Diario Illustrado*, onde Marcelino iniciara entretanto a colaboração. Denota-se

---

<sup>147</sup> *Idem*, nº 272, 30 de Novembro de 1884.

<sup>148</sup> *O Pae Anselmo*, nº 272, 30 de Novembro de 1884.

<sup>149</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>150</sup> O periódico de Rafael Bordalo Pinheiro viria a ser suspenso em Janeiro de 1885, por alegado abuso de liberdade de expressão e não seria de estranhar que a mesma razão tivesse levado ao silenciamento d’ *O Pae Anselmo*, mais perto do final desse mesmo ano.

<sup>151</sup> *O Pae Anselmo*, nº 300, 14 de Junho de 1885.

alguma afinidade com a novelística garrettiana, mais precisamente com o romance *O Arco de Sant'Anna*, na medida em que são retratados o mesmo tipo de ambiente histórico e enredo amoroso, bem como o tema trágico dos amores infelizes. De resto, não constitui nenhum motivo de estranheza o facto de se ver reproduzir os modelos de Garrett, porque, apesar da disparidade cronológica, não parece haver dúvidas sobre a sua influência em Marcelino Mesquita, conforme se pode constatar em estudos de História da Literatura.<sup>152</sup>

### 3.2.1.2. No *Diario Illustrado*

Retomando o que se disse a respeito da colaboração no *Diario Illustrado*,<sup>153</sup> *Mendo Abbade* começou a surgir nas colunas das páginas centrais deste jornal a partir de Agosto de 1882. Emparceirava com os nomes mais ou menos frequentes de Gomes Leal,<sup>154</sup> Guiomar Torrezão, que também usava assinar *Gabriel Cláudio* e *Sith*<sup>155</sup> e outros ocultos em pseudónimos: *Beldemónio*, *Dominó Vermelho*, *Adrecal*, *Argus*, *Tricolor*...<sup>156</sup>

Relativamente ao número de artigos saídos n' *O Pae Anselmo*, constata-se uma frequência de aparições bastante superior, o que não causa nenhuma admiração, visto tratar-se agora de um periódico publicado diariamente. A média de textos publicados por Marcelino (aliás, *Mendo Abbade*) no *Diario Illustrado* pouco ultrapassava as duas crónicas mensais, durante os anos de 1882 e 1883, aumentando para cerca de quatro, em 1884. Todavia, em certas alturas, a produção atingia autênticos picos,<sup>157</sup> provavelmente porque haveria matérias que galvanizavam mais a inspiração do colunista.

O título geral da coluna ia alternando entre “Crónicas da Aldeia”, ou simplesmente “Na Aldeia” e “Na Capital”, consoante o tipo de paisagem em que o

---

<sup>152</sup> Por exemplo, Óscae Lopes e A.J. Saraiva. *Vide* bibliografia.

<sup>153</sup> *Vide* pág. 80.

<sup>154</sup> Deve tratar-se de António Duarte Gomes Leal (1848-1921), assinalado no *Lello Universal*, como um dos maiores poetas portugueses do seu tempo”, autor de “obras de grande inspiração e beleza lírica.” Cf. *Lello Universal*, vol. II, p. 37.

<sup>155</sup> Cf. Andrade, Adriano G., *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*, pp. 112, 207.

<sup>156</sup> A questão dos pseudónimos na imprensa periódica mereceria, por si só, um estudo aturado.

<sup>157</sup> Tomem-se como exemplo os casos de Maio de 1883 (7 crónicas) e Maio e Agosto de 1884 (9 e 7 crónicas, respectivamente).

autor se posicionava. A variante “Cavacos”, sinónimo de cavaqueira, conversa, aposta a seguir ao tema da crónica, era ocasionalmente utilizada, sendo também normal a atribuição de um subtítulo.

A característica mais evidente do estilo de *Mendo Abbade* é a maior contenção de linguagem comparativamente a *Satanaz Junior*. Nas “Crónicas da aldeia”, citando uma estudante universitária da década de 1940, Marcelino transforma-se num “pintor de factos e de typos que lança na sua carteira com desprendimento de filósofo, os croquis rústicos na fidelidade harmónica com a sua aptidão, almejando pela realidade”.<sup>158</sup> O enunciado desenvolve-se em estilo ameno, convidando à leitura e à evasão lírica pela forma como retrata o ambiente campestre.

*Mendo Abbade* entretém-se a descrever e a comentar os usos e costumes da burguesia rural ribatejana, retratando com a sua objectiva literária os ambientes e os eventos sociais: os animados serões da Quinta do Pote,<sup>159</sup> o clube da vila, centro de diversão dominical, onde se jogava o loto enquanto se criticava o vizinho do lado” e também o lugar ideal para encontrar “as doze filhas do Dr. Alonso, capazes de namorar doze mil homens de cavallaria”,<sup>160</sup> a saída da missa do seminário de Santarém, “cidade feiíssima”, escrito que, segundo viria a informar “veio causar na aldeia uma revolução que eu estava longe de imaginar”.<sup>161</sup> Noutro género de registo, mais ficcional, apresentava contos pitorescos, donde se podem destacar “A quinta branca”,<sup>162</sup> “A última cruz”,<sup>163</sup> “O Arthur”,<sup>164</sup> “Pela feira”, entre outros.<sup>165</sup>

Há textos que parecem testemunhar a dor sentida pela perda de algum ente querido, como é o caso de “Joaninha”, retratada com as cores da pureza e da inocência, destinada a “representar no mundo, sob as formas correctas de uma gentil e seductora creança, todas as perfeições e todos os encantos fascinadores da

---

<sup>158</sup> Maria Helena Grácio, *Marcelino Mesquita* (dissertação de Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1943/1944, pp. 23, 24.

<sup>159</sup> *Diario Illustrado*, Ano XI, nº 3318, 4 de Agosto de 1882.

<sup>160</sup> Grácio, M.H. *op. Cit.*, p. 29.

<sup>161</sup> *Diario Illustrado*, Ano XI, nºs 3345 e 3358, de 4 de Agosto e 13 de Setembro de 1882, respectivamente.

<sup>162</sup> *Idem*, Ano XII, nº 3714, 7 de Setembro de 1883.

<sup>163</sup> *Idem*, Ano XII, nº 3730, 23 de Setembro de 1883.

<sup>164</sup> *Idem*, Ano XII, nº 3771, 3 de Novembro de 1883.

<sup>165</sup> *Idem*, Ano XII, nº 3777, 9 de Novembro de 1883.

mulher sublime”.<sup>166</sup> É possível que se tratasse de uma figura muito cara a Marcelino, talvez uma paixão platónica, dessas que lhe arrebatavam o coração e se convertiam em fontes inesgotáveis de inspiração.

No mesmo registo funéreo surge uma crónica que, embora inserida na “série cidadina”,<sup>167</sup> apresenta ligações à raiz rural do autor, visto abordar o falecimento do “Reverendo F., parcho de S. João Baptista”, designação do orago do Cartaxo. Marcelino, indignado com a insignificância da cobertura feita por uma folha local que lhe havia chegado às mãos (provavelmente *O Povo do Cartaxo*, que então se publicava), dedicou-lhe uma crónica de duas colunas.<sup>168</sup> Dizia respeito à figura do padre-cura que o vira nascer, o baptizara e o orientara sempre até à sua saída para outras paragens. O assunto é desenvolvido de forma sensível, tocante, a contrastar com outras ocasiões em que se revelava um assanhado atacante do clero e seus membros. O artigo tem o sabor de um panegírico destinado a conceder ao finado uma homenagem justa e condigna:

Este homem, o maior que em minha vida tenho visto, porque foi o unico que vi superior a si proprio, este homem, tem na sua morte, tres linhas n’um jornal, por memoria, por necrologio, por gratidão,- por gratidão é engano - por falta de noticias! (...) Mora para ahi um bandido qualquer, cheio de crimes e de commendas, de coração de bronze, devasso até ao drama, que custou dezenas de contos, e foi grande do reino, que viveu regaladamente, que roubou, que assassinou (...) e o reino cobre-se de ecos tristes de jerumiadas.<sup>169</sup>

Noutra ocasião, *Mendo* afirma-se envolvido numa “discussão na loja do barbeiro, entre o andador das almas e o mestre da musica”,<sup>170</sup> a respeito de um infanticídio cometido por uma jovem mãe-solteira para esconder “aos olhos da sociedade (...) a prova irrecusavel dos seus amores ludibriados”.<sup>171</sup> Apesar de reconhecer a gravidade do acto, que fez exaltar os ânimos do povo e correr muita tinta na imprensa, o articulista optou por não se juntar à multidão de juízes e carrascos de boca. Apoiado no axioma de que “os amores, as luctas, os martyrios,

---

<sup>166</sup> *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3639, 24 de Junho de 1883. Este artigo ostenta apenas a assinatura *M.* que tanto pode corresponder a *Mendo* como a Marcelino.

<sup>167</sup> Expressão referente à designação “Na Capital”, que constitui a outra vertente das crónicas de Marcelino no *Diario Illustrado*.

<sup>168</sup> Começava por dizer que se tratava de uma notícia de “tres linhas, fria, simples, desconsoladora...”. *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3905, 17 de Março de 1884.

<sup>169</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>170</sup> “O crime de Constança das Dores”, *Idem*, Ano XII, nº 3732, 25 de Setembro de 1883.

<sup>171</sup> *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3732, 25 de Setembro de 1883.

os crimes, os odios, as vinganças, tudo, enfim, provém da multiplicação dos dois factores - o temperamento e o meio”,<sup>172</sup> abordou a questão de um ângulo diferente. Criticou antes a forma como a opinião pública se precipitara a atacar a delinquente, sem atender aos factores que a levavam ao ignóbil acto:

A sociedade horrorisa-se, treme em convulsões epilepticas de raivas summas, expectora interjeições de pasmos horripilantes, berra, sua, urra, quer os castigos do ceu e da terra (...) tudo sobre a cabeça de Constança das Dores - a desnaturada! (...) Nem uma voz se ergueu placida e calma, aplanando o caminho desta mulher, não se ouviu, ao menos, um grito de dôr, o grito christão que redime pelo amor, não! o odio e a raiva, sós abriram as boccas anathematisantes, na passagem do Calvario.<sup>173</sup>

Tomava uma posição distinta relativamente à “pobre mulher”, concedendo-lhe “o dó irrecusavel aos desprotegidos, aos sacrificados, aos miseráveis”.<sup>174</sup> Na sua opinião, tinha-se reunido um conjunto de razões que se concatenaram para convergir naquele resultado: a orfandade, a marginalização familiar e social, o embrutecimento, o desprezo dos homens, o trabalho infantil, enfim, um enorme sortido de desgraças capazes de colocar o ser humano à deriva no mundo. A contestação ou réplica – que outra designação não se encontra para um texto desta natureza - preenche quase toda a segunda página da edição, com quatro colunas de alto a baixo. Nele se conta como “um Joaquim da municipal, um malandro qualquer” atrai “a desgraçada”<sup>175</sup> para o ardil do amor. A jovem engravidada e, com a promessa de reparação por parte do companheiro, dá à luz. Com o abandono dele principia o calvário que se adivinha:

A casa onde a desgraçada habita não é a dela. Terá um filho; será expulsa vergonhosamente; (...) onde a receberão com o filho? todas as portas estão fechadas, o hospital regeitala-ha na convalescença; não poderá servir, não poderá trabalhar. Pedirá esmola pelas ruas, à porta das igrejas, rota, immunda, envilecida, ludibriada, cuspidada, por todos, cheia de miseria e de fome. Dar-se-ha aos malandros, aos vadios, aos ladrões, para ter que comer. (...) Há uma solução natural. Aquela coisa que será a sua vergonha e a sua miséria, desaparecerá.<sup>176</sup>

---

<sup>172</sup>“O crime de Constança das Dores” *Idem*, *ibidem*.

<sup>173</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>174</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>175</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>176</sup> *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3732, 25 de Setembro de 1883.

Marcelino, aliás, *Mendo Abbade*, não tem qualquer pejo em anatematizar a mentalidade que fabrica Constanças das Dores e “alimenta e protege os *Joaquins* da municipal, D. Juans das esterqueiras de caserna, fétidos, imundos”.<sup>177</sup> À sociedade lança um repto, recordando-lhe o seu papel de “mãe official” dos que não tiveram a oportunidade de crescer nas condições normais: que ponha a mão na consciência, em vez de lhes cuspir e de os expulsar do seu seio. Assumindo uma pose muito moralista, aconselha o leitor a educar os seus filhos na convicção de que “todo o homem honrado é escravo da sua palavra; abusar do que é indefezo, enganar uma mulher, é uma canalhice a que corresponde o degredo ”.<sup>178</sup>

Ao caso Constança das Dores retornaria ainda nas páginas do *Diário Ilustrado*,<sup>179</sup> mantendo o mesmo registo exprobatório em relação à comunidade social, mas apenas para se pronunciar sobre a sentença final. Continuariam a eclodir relatos de miséria civilizacional, de atentados contra a vida humana, quase consentidos por uma sociedade distraída ou indiferente. Tais manifestos permitiriam ao seu autor continuar a emitir opiniões e duras críticas visando quer o poder judicial quer o legislativo, chegando ao ponto de se mostrar favorável à aplicação da pena capital, a qual, como se sabe, fora abolida, pouco tempo antes, em 1867. No *Diário Ilustrado* de 28 de Outubro de 1884, narra as peripécias de um crime horrível: uma jovem adolescente é assassinada a sangue frio pelos pais adoptivos. “Tinham-n’a trazido de Lisboa, olhando a miserável remuneração d’uns tostões por mez, e creado ao Deus dará, como se cria uma besta, cheia de fome e de pancadas.”<sup>180</sup> A sentença que pendeu sobre o casal mereceu a Marcelino o seguinte comentário:

O vento das grandes concepções lorpas emperrou, entre nós, pérolas humanitárias da Europa. O triangulo da guilhotina e derribou pela base os postos altivos das forcas. Este par d’assassinos voltará da Africa (se para lá for) castigado, com mais algumas libras na bolsa. Ella, como a uma conterrânea que assassinou o par, succederá o amancebar-se com qualquer ricasso e transformar, (...) o postigo da choupana pelo camarote da opera, elle, escudado pela mulher, enriquecido por concessões indevidas, voltará, é possível, rico, considerado, feliz e commendador da Torre-Espada, de valor...”<sup>181</sup>

---

<sup>177</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>178</sup> Itálico, no original. *Idem*, *ibidem*.

<sup>179</sup> *Idem*, *ibidem*, nº 3963, 15 de Maio de 1884.

<sup>180</sup> “Scenas da província” in *Diário Ilustrado*, Ano XIII, nº 4129, 28 de Outubro de 1884.

<sup>181</sup> *Idem*, *ibidem*.

Integrada no ciclo “Na Aldeia”, começa a publicar-se, a partir de 23 de Abril de 1884, uma série de textos subintitulados “Viagens maravilhosas”. Trata-se da narração, em nove episódios, de uma viagem de *char-à-bancs* entre o Cartaxo e Alcobaça em que o autor participa acompanhado por alguns amigos. Ao melhor estilo de algumas passagens d’*As Viagens na Minha Terra* de Almeida Garrett, a que não falta o permanente diálogo com a “amável leitora”, Marcelino vai anotando impressões sobre a paisagem e sobre as suas peripécias, intercalando-as com algumas pinceladas de História. Fornece, assim, imagens sobre o arruinado edifício do convento de Santa Maria de Almoester, “uma reliquia (...) cahindo aos boccados, batida de chuvas e de ventos”<sup>182</sup> da qual apenas se aproveita a igreja e pouco mais. Introduce, depois, a história da fundação por Berengária Aires, saltando de imediato para o século XVI, a propósito de D. Violante Gomes, *a Pelicana*,<sup>183</sup> condenada a passar a vida na “frialdade d’um mosteiro, entre o cantochão e a ladainha”,<sup>184</sup> depois de ter sido amante de um filho de D. Manuel I e mãe de D. António Prior do Crato.<sup>185</sup> O registo é interessante, pois fixa a vida daquele espaço ainda escassamente habitado por velhas freiras que têm à sua guarda algumas raparigas internas.

Na continuação da jornada, ao aproximar da noite, param junto a uma estalagem para descanso e abastecimento. À porta do estabelecimento estava uma rapariga nova, de boa aparência, que desperta a curiosidade do viajante: “a curiosidade de ver o rosto (...) d’esta pequena cabra montanhesa, velando por noite velha (...) fez-me entrar na taberna.”<sup>186</sup> Passa a descrever a figura feminina com a qual dialoga, enquanto espera que lhe aqueça um pouco de vinho. No calor da conversa quase consegue um beijo, não fora a circunstância de se aperceber da presença de “um homem (...) estendido n’uma esteira”, meio envolto na escuridão, que “resmungou não sei que frases n’um grunhido pouco affectuoso”.<sup>187</sup> Antes de se retirar, faz menção de, discretamente, dar a entender o transporte de um revólver no cinto, para o caso de haver necessidade de se defender.

---

<sup>182</sup> *Idem*, Ano XII, nº 3960, 12 de Maio de 1884.

<sup>183</sup> *Itálico* nosso.

<sup>184</sup> *Diario Illustrado*, *ibidem*.

<sup>185</sup> Marcelino desconhece ou confunde os nomes dos protagonistas deste episódio, afirmando ser D. Henrique e não D. Luís o amante desta famosa dama.

<sup>186</sup> “Viagens maravilhosas”, in *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3961, 13 de Maio de 1884.

<sup>187</sup> *Idem*, *Idem*, *Ibidem*.

Finalmente, ao romper da madrugada, avistam “as torres do soberbo mosteiro (...) por entre as cômas das árvores”:<sup>188</sup> chegavam à vetusta Alcobaça. Apesar de se referir, em determinada passagem, à realização das festas da vila,<sup>189</sup> o principal motivo daquela deslocação, Marcelino não parece ter apreciado muito a música no interior do convento, dando a entender a excessiva reverberação sonora provocada pela magnitude da arcaria gótica.<sup>190</sup> Por esse motivo preferiu sair e dar uma volta pelos arredores. Descobriu então, numa colina fronteira à fachada do mosteiro, as ruínas do velho “castelo godo”.<sup>191</sup> Deteve-se a contemplá-lo e divagou longamente sobre as lendas que encerrava. Regressando ao mosteiro, percorreu com o olhar em câmara lenta a grandiosidade arquitectural da nave principal, registando com pormenor fotográfico detalhes que o impressionaram e que testemunham o estado de conservação do património:

E vi a morte de S. Bernardo, grupo em marmore de umas trinta figuras, mutiladas, mancas, degoladas, escalavradas pelos soldados francezes, nos divertimentos da invasão e outras capellas onde uns santos de esculpturas detestaveis, pareciam franzir os sobrolhos, indignados por eu levantar a cortina, mettendo sem cerimonia o nariz pelos seus aposentos.<sup>192</sup>

Contudo, foi na “capella dos *reizes*”<sup>193</sup> que a sua inspiração mais se elevou, na admiração dos mausoléus, mormente os de D.Pedro e D.Inês de Castro que o alhearam de tudo o que o cercava. A descrição do cenário, “aquelle namoro de séculos”,<sup>194</sup> mal iluminado por um luar “mudo, discreto”,<sup>195</sup> servindo de mote para uma extensa narração da “epopêa de amor e martyrio”<sup>196</sup> do célebre casal, mais parece o argumento para a montagem de *Pedro o Cruel*, peça teatral escreveria daí a mais de 30 anos.

Deixando de lado a cobertura que faz do tema romântico, importa isolar dois dados com algum significado para o conhecimento historiográfico actual. Em primeiro lugar, a fazer fé na descrição do cronista, os túmulos onde repousavam

---

<sup>188</sup> *Idem, Idem, Ibidem.*

<sup>189</sup> Referidas como “coisa rica”, com a presença de músicos de Lisboa. *Idem, Ibidem.*

<sup>190</sup> “Tocavam razoavelmente os rapazes; mas as arcarias enormes das naves eram muito altas para reflectir os sons que lá chegavam, cançados da subida, fracos, agonisantes.” (“Viagens maravilhosas”, in *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3968, 20 de Maio de 1884).

<sup>191</sup> *Idem*, Ano XII, nº 3967, 19 de Maio de 1884.

<sup>192</sup> *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3968, 20 de Maio de 1884

<sup>193</sup> Itálico, no original. *Idem*, Ano XII, nº 3968, 20 de Maio de 1884.

<sup>194</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>195</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>196</sup> *Idem*, nº 3969, 21 de Maio de 1884



os restos mortais do rei justiceiro e da sua trágica amante não estavam posicionados, na época, no espaço que actualmente ocupam (na nave central, próximo da capela-mor da igreja), mas sim na sala onde jaziam (e jazem ainda hoje) outros monarcas da primeira dinastia e respectivos familiares, o chamado panteão régio. Em segundo lugar, é de salientar o gosto que o cidadão Marcelino Mesquita devotava ao legado patrimonial dos antepassados, ao mesmo tempo que revelava um forte sentimento de defesa da necessidade da sua preservação. Ao comentar a profanação e destruição dos túmulos pelas hordas de invasores franceses, censurava a aplicação de pastas de gesso para tapar os enormes buracos feitos. “Nada difficil fôra compôl-os com a mesma pedra e imitar-lhes as esculpturas destruídas”,<sup>197</sup> sugeria, a par de uma ferroada na ausência de sensibilidade política para a conservação do património monumental: “Sua Senhoria, El-Rei D. Pedro, não tem voto no círculo de Alcobaça! Se o tivesse...”<sup>198</sup>

O cronista faz questão de ressaltar que a culpa do vandalismo não é da exclusiva responsabilidade das tropas napoleónicas: duzentos e trinta anos antes, D. Sebastião, “fedelho real, cretinizado pelos jesuitas”, tinha dado ordens para abrir o túmulo de D. Pedro, “n’aquella celebre mania de ver os antepassados”.<sup>199</sup> A acção avassaladora do tempo e a incúria dos governantes encarregavam-se agora de delapidar o conteúdo do imponente edifício que fora também templo do conhecimento. Antes de se despedir, com mágoa pelo que via suceder ao que agora se assemelhava mais a “uma cavallariça perfeita”, Marcelino fazia questão de idolatrar duas ilustres figuras do passado: “fr. Bernardo de Brito o elegante escriptor e fr. Antonio Brandão o melhor historiador do seu tempo, o precursor, como lhe chamam, de Alexandre Herculano.”<sup>200</sup>

A exemplo do que se passa com as *crónicas da aldeia*,<sup>201</sup> a sequência de escritos, agrupados sob o título “Na Capital”, engloba duas categorias distintas:

- textos de carácter mundano, envolvendo opinião cultural e política, relatos de experiências pessoais, interpretações de artigos lidos noutros jornais,

---

<sup>197</sup> *Idem*, nº 3974, 26 de Maio de 1884.

<sup>198</sup> *Diario Illustrado*, *ibidem*.

<sup>199</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>200</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>201</sup> Itálico nosso.

pontos de vista sobre eventos contemporâneos, impressões e comentários sobre factos ou notícias do quotidiano;

- textos de carácter ficcional (conto, folhetim, novela), ocasionalmente, em mais do que um episódio.

Sendo impossível passar em revista a totalidade da produção literária exposta nas páginas deste diário, optou-se por seleccionar alguns textos considerados modelares do ponto de vista da opinião do autor e da sua capacidade interventiva. Assim, deixando de lado, o registo ficcional patente em diversos textos,<sup>202</sup> centra-se a atenção por breves instantes num ou noutra ponto mais significativo. Começa por merecer destaque a primeira crónica “Na Capital” na qual se pode encontrar uma reflexão muito consistente sobre a arte em termos gerais e a arte dramática nacional, em particular. Nessa crónica, Marcelino demonstra alguma acrimónia, negando a existência de um teatro verdadeiramente português, considerando-o seguidista:

Satellite mesquinha da arte franceza, envergando as suas roupagens, as suas transformações, copiando as suas *poses*, reproduzindo a gamma das suas notas, amaneirando-se absolutamente á sua imagem, isso que para ahi se applaude, pode ser uma copia servil da Comédie Française, mas não é, certamente, esta arte, de uma individualidade typica, caracteristica de cada paiz, - a arte nacional.<sup>203</sup>

Não obstante, acaba por reconhecer um princípio de progresso que, embora lento, constitui uma esperança ou um sinal de evolução. Na revelação de uma grande actriz, Lucinda Simões,<sup>204</sup> reconhecia a competência necessária para revelar o temperamento do povo português “d’uma forma magnifica de verdade, sem precedentes na arte nacional, esplendida de talento, de distincção, e de graça”.<sup>205</sup>

Mau grado as críticas negativas à actualidade cultural, vai dando conta dos sucessos nos principais salões: *A vida em familia*, no D. Maria, “comedia bem feita (...) mas sem critica, sem estudo, sem logica, sem senso, impropria do theatro

---

<sup>202</sup> A título de exemplo: “O Carnaval” in *Diario Illustrado*, Ano XII, nºs 3505, 3508 e 3515, datados de 9,12 e 19 de Fevereiro de 1883, respectivamente; “Clotilde” in *Idem*, Ano XIII, nºs 4012, 4013 4015, 4020, 4028, 4047, de 3, 4, 6, 11 e 19 de Julho e 7 de Agosto de 1884, respectivamente.

<sup>203</sup> “Na Capital. Thereza Raquin-Lucinda Simões”, in *Diario Illustrado*, Ano XI, nº 3428, 22 de Novembro de 1882.

<sup>204</sup> Cf. p. 92.

<sup>205</sup> “Na Capital. Thereza Raquin-Lucinda Simões”, *idem*, *ibidem*.

normal”,<sup>206</sup> *Filha unica*, no *Gymnasio*, “comedia-drama do velho repertorio, cheia de inverosimilhanças, feita porém de modo a prender as platéas de ha dez annos, com as suas rajadas oratorias”.<sup>207</sup> A primeira contara com as participações de Eduardo Brazão<sup>208</sup> e Augusto Rosa<sup>209</sup> em “interpretações deliciosas”, revelando os seus “dotes superiores”<sup>210</sup> e magistraes. Rosa Damasceno,<sup>211</sup> “impagavel de mimo, de comprehensão, de delicadeza artistica”,<sup>212</sup> também causara sensação. Sobre a segunda peça, uma *reprise* em beneficio do actor Polla,<sup>213</sup> no *Gymnasio*, registavam-se, acima de tudo, as “scintilações do talento” de Lucinda Simões.<sup>214</sup>

Era frequente publicitar ou referir a realização de espectáculos cuja receita revertia a favor dos artistas que se encontravam a braços com alguma doença ou dificuldade económica, os chamados benefícios. Também ocorria pronunciar-se a respeito da desdita de alguma infortunada vedeta, como foi o caso de Ester de Carvalho,<sup>215</sup> “pobre expatriada”, que deixou o mundo dos vivos “na agonia lenta das tuberculosas, a milhares de léguas da patria”.<sup>216</sup> É impossível não reparar na forma discriminatória como é tratada esta figura: é-lhe reconhecido o mérito de actriz distinta - “inteligente, cantava bem”- mas acentua-se-lhe o carácter histérico, insinuando a tentação fácil pelo esplendor da fama: “A glória, (...) o desejo de brilhar, de receber ovações, de ter fatos aguarelescos, de ser fallada,

---

<sup>206</sup> Não são referidos os autores das peças. “Na capital. Uma declaração. Palcos”, in *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3791, 23 de Novembro de 1883.

<sup>207</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>208</sup> Eduardo Brasão (1851-1925), notável actor de grande talento, colega de palco dos irmãos Rosa, de Virgínia e de Rosa Damasceno, com quem foi casado. Representou peças de Marcelino Mesquita (*O Regente*, *Envelhecer*) e de outros autores. Escreveu as suas *Memórias* prefaciadas por Lopes de Mendonça e compiladas pelo filho homónimo que foi escritor, jurisconsulto e diplomata. Cf. *Lello Universal*, vol I, p382.

<sup>209</sup> Augusto Rosa (1852-1918), juntamente com o seu irmão João “foram das mais altas e prestigiosas figuras do teatro português em todos os géneros.” Cf. *Lello Universal*, vol. II, p. 787.

<sup>210</sup> “Na capital. Uma declaração. Palcos”, in *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3791, 23 de Novembro de 1883.

<sup>211</sup> Rosa Damasceno (1849-1904), actriz de grande talento que a história do teatro nacional eternizou. Alcançou triunfos sucessivos pela admirável arte de representar, beleza e voz encantadora. Foi casada com Eduardo Brasão. *Lello Universal*, vol. I, p. 692.

<sup>212</sup> “Na capital. Uma declaração. Palcos”, *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3791, 23 de Novembro de 1883.

<sup>213</sup> César Polla (1831-1891), notável actor que trabalhou nos teatros D. Maria e Ginásio (Lisboa), bem como em teatros do Porto. Cf. *GEPB*, vol 22, p.222.

<sup>214</sup> “Na capital. Uma declaração. Palcos”, *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3791, 23 de Novembro de 1883.

<sup>215</sup> Ester de Carvalho, nascida em data desconhecida, em Montemor-o-Velho, morreu de facto, de tuberculose atribuída à sua vida desregrada, no Rio de Janeiro em 1884. Destacou-se, sobretudo, como intérprete de operetas de Offenbach, Audran e Lecocq. *GEPB*, vol. 6, p.73.

<sup>216</sup> “Na capital. Uns dedos de cavaco”, *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3873, 13 de Fevereiro de 1884. O tema da morte de Ester de Carvalho inspira-lhe ainda a coluna do nº 3878 de 18 de Fevereiro.

commentada, apreciada, disputada, engrandecida, amada, começou a fervilhar-lhe na cabeça escandecida”.<sup>217</sup>

A crítica dramática não é, de todo, monopolizadora dos apontamentos culturais de Marcelino, cujo leque apresenta, de resto, uma abrangência vasta. À sua atenção não escapam as exposições de artes plásticas “do grupo do Leão”, com as belas paisagens de Malhoa, Silva Porto e os “retractos curiosos, cheios de defeitos procurados e de bellezas, de Columbano”.<sup>218</sup> Nem lhe é indiferente o que se passa para as bandas de S. Carlos, embora por ali não pareça reinar nada que lhe mereça louvor especial. Muito pelo contrário, em certas alturas parece que nada mexe em matéria de teatro lírico: “S. Carlos, morreu emfim, depois d’uma agonia de mezes, lenta e triste como as ultimas horas d’um moribundo.”<sup>219</sup>

A tourada, o circo e as sessões de hipnotismo e espiritismo constituem outros motivos de interesse que Marcelino gosta de partilhar com o leitor. Um artigo não assinado, publicado numa *Ilustração Portuguesa* de 1906, conta que, durante algum tempo, o teatro de D. Maria era um espaço utilizado para as práticas de hipnotismo e de espiritismo. Passava então por Lisboa uma dupla que causou sensação na arte da prestidigitação: o “Dr. May” e Emma Zannardelli, sua esposa e respectiva *medium*. Numa *Ilustração Portuguesa* de Abril de 1906, pode ler-se que Marcelino Mesquita, enquanto estudante de medicina, mostrava grande entusiasmo pela parapsicologia e ciências ocultas, “predicava espiritismo pelas mesas do Martinho”, e frequentava o Hotel Aliança onde se hospedavam os famosos mágicos.<sup>220</sup>

O caso deste casal-fenómeno, passe o termo, preenche a coluna de *Mendo Abbade* entre 8 de Maio e 4 Junho de 1883. O colunista introduz o tema a pretexto de uma carta de uma distinta senhora da Estremadura “a cuja delicadeza eu devo a extrema honra d’uma correspondência deliciosamente rara”.<sup>221</sup> Aos ouvidos da suposta dama teriam chegado os ecos dos extraordinários feitos da mulher que, “magnetizada com extraordinária facilidade, cae no somno hypnotico”, atingindo a capacidade de ver objectos ocultos e executar “com uma precisão de espantar,

---

<sup>217</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>218</sup> “Na capital. Uns dedos de cavaco”, *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3871, 11 de Fevereiro de 1884.

<sup>219</sup> “Na capital. Uma declaração. Palcos”, *Idem*, Ano XII, nº 3791, 23 de Novembro de 1883.

<sup>220</sup> “O Espiritismo em Portugal”, *Ilustração Portuguesa*, II serie, nº 2, 2 de Abril de 1906, pp. 161-167.

<sup>221</sup> “Na Capital”, *Diario Illustrado*, Ano XI, nº 3592, 8 de Maio de 1883.

actos apenas esboçados na phantasia de qualquer”.<sup>222</sup> É, por conseguinte, sob a forma e o subtítulo de “Cartas a uma senhora” que o pseudónimo de Marcelino discorre a respeito das questões de carácter sobrenatural ou parapsicológico ao longo de oito edições. Todavia, não foi necessária uma análise muito minuciosa do artigo para perceber a coincidência curiosa, admirável mesmo, da semelhança com o enunciado da tese de licenciatura apresentada em 1885 perante o júri da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa!<sup>223</sup> No mínimo, apetece questionar se os frequentes contactos do jovem estudante com o hipnotizador e a sua cônjuge-assistente sugeridos pela *Ilustração Portuguesa* não o terão induzido a escolher a histeria para tema de tese de licenciatura...

A atracção pelo ocultismo tornaria a granjear-lhe a atenção, precisamente na que se supõe ser a sua última intervenção no *Diario Illustrado*. Sob o título “Sciencia maravilhosa”, dedicava os “Cavacos” de 4 de Abril de 1885 à actuação de um certo Dr. Hansen, hipnotizador dinamarquês cuja actuação mereceu, da parte da crítica marceliniana, uma avaliação bastante inferior à do casal Zanardelli considerado inigualável. As razões da nota negativa começavam logo pela forma como tivera lugar a exibição do executante, apresentando-se só em palco e ostentando uma figura pouco agadável à vista.<sup>224</sup> Pelo contrário, o Dr. May, trouxera “uma formosa companhia de rosto meigo e appetitosas formas”, o que tinha criado um impacto muito superior junto do público, visto que “um magnetizador sem mulher é como uma rosa sem cheiro, ou menos poetico e mais propriamente, é como uma panella sem testo”.<sup>225</sup>

Embora não se justifique o emprego do tempo a tentar compreender os parâmetros que orientam a apreciação de Marcelino, vale a pena sublinhar certas passagens que podem contribuir para tecer o retrato de quem tinha o poder de emitir opinião e a responsabilidade de a tornar pública. A crítica marceliniana atribui o fracasso do “magnetizador”, a quem também chama “dentista”,<sup>226</sup> à ausência de magia, à quebra da expectativa, principal factor da criação do *suspense* junto do espectador. Ora este Dr. Hansen fazia, justamente, questão de

---

<sup>222</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>223</sup> Referência à tese de licenciatura de Marcelino. *Vide Bibliografia*.

<sup>224</sup> “O Dr. Hansen vem só e a respeito de formas é a anthitese perfeita do plastico Hamlet”. “Na Capital. Cavacos. Sciencia Maravilhosa.” *Diario Illustrado*, Ano XIII, nº 4285, 4 de Abril de 1885.

<sup>225</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>226</sup> As expressões entre aspas são usadas por Marcelino Mesquita. *Idem*, *Ibidem*.

quebrar rapidamente o encanto pelo mistério, afirmando publicamente que não havia nada de maravilhoso na sua demonstração, “sciencia pura, experimentação, franca, clara, decisiva”.<sup>227</sup> Neste capítulo, Marcelino Mesquita, médico recém-formado, parecia já dar cartas, tecendo um extenso enunciado sobre as virtudes da honestidade e da boa consciência, como se pretendesse desmascarar a falta dessas qualidades no exibidor. “Ora adeus, v. ex.<sup>a</sup> afinal saiu-me muito sabio para charlatão e muito charlatão para sabio”,<sup>228</sup> remata, após expor a sua indignação contra quem se deu ao trabalho de vir da Dinamarca para mostrar coisas já sobejamente conhecidas do público português:

E depois doutor v. ex.<sup>a</sup> (...) não traz tambor, nem macaco, nem usa carapuço comico, nem varinha, nem realejo (...), não traz a bella pastilha que tira nodoas de gordura e dores dos dentes; (...) não vende o bello frasco de agua de cheiro, usada na Persia pelas sultanas e cujo segredo se achou no pateo dos Leões de Alhambra; v. ex.<sup>a</sup> não vende: - o polvilho de aloé que quanto mais se mira menos se vê.<sup>229</sup>

Do circo fala também com grande paixão, afirmando que não o troca pela opereta, “a manifestação mais completa da decadência moral”.<sup>230</sup> Perde-se em longas descrições e apreciações deslumbradas: “há uns chapéus com plumas muito garridas e longas, idílios baratos, pouco calor e de vez em quando os taes *duelos* frescos, frescos como a pedra do rio”.<sup>231</sup> Detém-se em considerações sobre atracções femininas como uma certa Katarinodar, artista russa, escultural e “deliciosa à vista”, que vem ao Coliseu e é aplaudida todas as noites “por chuveiros de palmas”.<sup>232</sup> O efeito causado pela visão da ginasta prolonga-se por muitas edições, trazendo à memória do redactor a recordação de outras divas, como a “madame Paiva” que fez fortuna “vendendo os seus beijos por milhões (...) arrastando atraz do seu carro dourado os potentados do dinheiro, os lubricos, caprichosos até á loucura, insensatos até á prodigalidade”.<sup>233</sup>

Mas é *Miss Henriette Senide*, a mítica domadora de feras “em portuguez classico uma mulher de estalo (...) desde o palminho da cara, até ao palminho do

---

<sup>227</sup> *Diario Illustrado*, Ano XIII, nº 4285, 4 de Abril de 1885.

<sup>228</sup> “Na Capital. Cavacos. Sciencia Maravilhosa.” *Idem*, ibidem.

<sup>229</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>230</sup> “Cavacos”, *idem*, Ano XIII, nº 3995, 16 de Junho de 1884.

<sup>231</sup> *Idem*, Ibidem.

<sup>232</sup> “Uns dedos de cavaco”, *idem*, Ano XII, nº 3871, 11 de Fevereiro de 1884.

<sup>233</sup> *Idem*, ibidem, nº 3873, 13 de Fevereiro de 1884.

pé”<sup>234</sup> que monopoliza a atenção do cronista atento a cada gesto, enfeitado pela graciosidade e a coragem da artista. O texto é, também ele, contagiante, seja pela forma espirituosa como o autor o desenvolve, seja pela descrição minuciosa da exibição, digna de figurar numa antologia de textos sobre a história do espectáculo circense.

Bem certo é que não são escassas as alegorias, metáforas e mais recursos estilísticos que transportam o assunto para outras esferas do entendimento humano. *Miss Henriette* não é só uma brilhante e atraente *performer*, mas sim um ser exuberante perante quem o leão, rei da criação, se verga, como se de uma rainha se tratasse. Por vezes, a pantera aparenta mostrar alguma ferocidade, abrindo a boca de forma ameaçadora, mas isso não passa, nas palavras de Marcelino, de uma “questão de femeas”,<sup>235</sup> própria da competição pelo interesse do macho. O urso, esse, é a caricatura do homem casado, o marido domesticado, se o termo é permitido, pela esposa: “toma-lhe o braço e passeia delambido e grotesco, como tantos maridos, que não são do pólo, por essas ruas ao lado das caras metades”.<sup>236</sup>

Prosseguindo com as comparações, no final do número, como que para despertar uma ovação mais unânime, o corpulento animal abraça, comovido, a artista, beijando “o que encontra dentro do seu decote”. Nota do comentador: “Bem certo é que para poder beijar o colo d’uma mulher formosa, é preciso fazer, tanta vez figuras d’urso!”<sup>237</sup> Enfim, depois de insistir na ideia de estar perante uma “lição de philosophia positiva”, “uma lição de moral”, “um compêndio”,<sup>238</sup> Marcelino remata com um pensamento de certa forma sublime:

E é assim que, inalteravelmente, atravez das edades, na immensa jaula da terra, o homem com todos os seus egoísmos, valentias, vícios e brutalidades, se tem visto á mercê da gentil domadora, que a natureza lhe poz ao lado! Sim, senhores, aquella jaula é o quadro synthetico d’esta verdade, é uma allegoria flagrante. Os leões representarão - a nobreza; a panthera, com as suas manhas cobardes - o clero; o urso com a sua bonacheirice de parvo feliz - o povo.<sup>239</sup>

---

<sup>234</sup> “Cavacos. Miss Henriette Senide”, *Idem*, Ano XIII, nº 4278, 27 de Março de 1885.

<sup>235</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>236</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>237</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>238</sup> Expressões do cronista. *Idem*, *ibidem*.

<sup>239</sup> Expressões do cronista. *Idem*, *ibidem*.

Uma derradeira referência estende-se, mais uma vez, ao sentido ético e humanitário de Marcelino, sempre atento às parangonas dos jornais diários, mostrando-se preocupado com questões como a negligência alheia, a falta de responsabilidade por parte das autoridades, o crime violento e a falência das medidas punitivas necessariamente subsequentes, a falta de segurança no trabalho, ao que parece, já então uma questão inspiradora de cuidado. Na edição do *Diario* de 10 de Março de 1884, relata e comenta, no seu estilo peculiar, um acidente que envolvera quatro operários da construção civil. Esses trabalhadores ocupavam-se da reparação do tecto da velha igreja de Santo Antão, no Hospital de São José, um resquício ainda do terramoto ocorrido em 1755. Sem nenhuma espécie de protecção e com andaimes instáveis, a queda tornara-se inevitável e fora aparatosa “na ocasião em que percutiam uma abobada, para aproveitar, commovedora economia, uns tijolos e uns metros cubicos de pedra”.<sup>240</sup>

É de salientar, mais uma vez, a dissonância do discurso de Marcelino relativamente à tónica da imprensa corrente que se apressara a atribuir a desgraça à imprudência dos trabalhadores. “A imprudência!”, ironizava, “que typos, estes operarios; elles podiam muito bem ir buscar pedra á serra da Arrabida, ao Monte Junto... não senhor; (...) foram por-se a martellar a abobada aluida da egreja de Santo Antão!”<sup>241</sup> Com a sua verve habitual, denunciava a tónica que outros periódicos colocavam no “jogo do empurra”<sup>242</sup> entre o mestre-de-obras e a direcção do hospital, evidenciando o facto de se atribuir as culpas ao azar, em vez das condições precárias de trabalho. “Quem teve a culpa foi o terremoto de 1755!”,<sup>243</sup> concluía, parodiando a situação.

---

<sup>240</sup> “Cavacos”, *idem*, Ano XII, nº 3898, 10 de Março de 1884.

<sup>241</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>242</sup> Aspas nossas.

<sup>243</sup> A frase é “de um colega”, mas podia ser de Marcelino. *Idem*, *ibidem*.



### 3.2.2. O proprietário e director de periódicos

#### 3.2.2.1. *O Chronista*

Conquistado o grau de licenciado, Marcelino regressa ao Cartaxo, presumivelmente para exercer clínica. Todavia, são escassas as referências ao ofício de médico, em comparação com o de jornalista e escritor. Os registos sobre a chegada do novo facultativo reportam-se mais à aquisição de uma tipografia e de um periódico semanal do que à instalação de um consultório. No entanto, é nas páginas d’*O Povo do Cartaxo* que o público leitor cartaxense toma conhecimento da abertura do seu consultório no Verão de 1884.<sup>244</sup> A notícia terá sido bem acolhida, uma vez que a sociedade local devia aguardar com ansiedade o momento de ver como se comportaria o filho de António e Ana Inácia Mesquita, inicialmente predestinado para a vida religiosa e com provas dadas no campo da criação intelectual e artística.

O semanário, que começara a ser impresso em 1883, publicava textos de diversa natureza entre os quais os que se referiam à vida pública e privada dos munícipes mais ilustres. A movimentação da pessoa individual de Marcelino, desde os tempos de estudante, não era, por conseguinte, totalmente indiferente ao editor do jornal que, logo no segundo número, anunciava a sua presença na terra natal em pleno gozo das férias de verão, sublinhando as “geraes simpatias” de que gozava devido ao seu “elevado talento e fino tracto”.<sup>245</sup>

O mesmo editor, certamente conhecido de Marcelino e sabedor da sua colaboração no *Diario Illustrado*, publica-lhe algumas crónicas, entre as quais, “com a devida vénia”, “O crime de Constança das Dores”.<sup>246</sup> As peripécias em torno da representação de *Pérola* mereceram também o estatuto de notícia e até uma tomada de posição solidária com o autor. O redactor considerava “injusto o rigor do Commissario regio”, acusando-o de parcialidade, na medida em que proibiu aquela peça, mas tolerou “as obscenidades mal disfarçadas do

---

<sup>244</sup> *O Povo do Cartaxo*, Ano I, nº45, 7 de Agosto de 1884.

<sup>245</sup> *Idem*, Ano I, nº 2, 26 de Agosto de 1883.

<sup>246</sup> *Idem*, Ano I, nº8, 4 de Outubro de 1883. Cf. *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3732, 25 de Setembro de 1883.

*Microbio*”.<sup>247</sup> Nos números subsequentes dava conta da transferência da representação para o palco do Teatro do Príncipe Real e dos grandes aplausos que aí obtivera.<sup>248</sup>

A iniciativa da compra da Tipografia Cartaxense por Marcelino surpreende por dois motivos diferentes: em primeiro lugar, as permanentes dificuldades económicas de que constantemente se queixava e que são testemunhadas pelo irmão; em segundo lugar pela conhecida relutância do pai em apoiar os seus projectos. Não obstante, existem dados que apontam no sentido de levar por diante um projecto político alternativo ao que se mantinha dominante localmente. Quer isto dizer que a leitura da imprensa local da época permite constatar um forte empenho na manutenção do progressista Mariano de Carvalho, como deputado incontestável do círculo cartaxense. Ora, o lançamento d’*O Chronista*, título que passa a ter o periódico que sucedeu a *O Povo do Cartaxo*, a partir de 23 de Maio de 1886, afigura-se como uma espécie de primeira pedra no lançamento da campanha de Marcelino como candidato pelo Partido Regenerador. A questão que se coloca é a de saber se existiam e quais seriam as forças individuais ou colectivas que estariam por detrás do arranque dessa iniciativa.

*O Chronista*, cuja assinatura anual custava 1\$600 réis, mantinha as mesmas características físicas do seu antecessor, no que dizia respeito ao tamanho, número de páginas e periodicidade, desempenhando, no essencial, o mesmo tipo de funções cívicas e políticas. Trata-se de uma publicação impressa em grande formato, com quatro páginas, sendo as duas primeiras preenchidas com conteúdo de índole noticiosa ou informativa e as duas restantes destinadas a anúncios de carácter oficial, judicial ou comercial.

A nível geral, apresentava um figurino mais ou menos fixo de actualidade semanal, seguido de uma coluna dedicada aos assuntos estritamente locais, normalmente em torno das deliberações camarárias. Frequentemente ocorriam artigos de carácter técnico ou científico, grande parte dos quais versavam a temática da agricultura. Os problemas da vinha, com evidente destaque para os avanços da filoxera, percorrem transversalmente o jornal. Estes últimos textos eram, ocasionalmente, assinados por agrónomos que se distinguiram, quer pelas

---

<sup>247</sup> *O Povo do Cartaxo*, Ano II, nº 78, 17 de Abril de 1885. O “*Micróbio*” tinha sido a “*Revista do Ano*” de 1884 e exibira-se no “*chalet*” da Rua dos Condes. Cf. *Diario Illustrado*, Ano XIII, nº 4198, 5 de Janeiro de 1885.

<sup>248</sup> *Idem*, Ano II, nºs 80, 82 e 83 de 1, 22 e 29 de Maio de 1885, respectivamente.

funções que exerceram, quer, sobretudo, pelos estudos que vieram a desenvolver e publicar. São os casos de Alfredo Le Cocq,<sup>249</sup> Batalha Reis,<sup>250</sup> Ferreira Lapa<sup>251</sup> e Rodrigues de Moraes,<sup>252</sup> para mencionar apenas alguns dos vários que assinam trabalhos na imprensa, de uma forma geral.

No semanário podem ainda encontrar-se diversas rubricas de carácter permanente como, por exemplo: *Artes e Letras*, secção destinada à divulgação das novidades no campo da literatura e poesia contemporâneas; *Allegros*, espaço de apontamentos humorísticos ou anedóticos; *Gazetilha*, espécie de coluna poético-satírica subscrita por um tal *Sans Peur*, pseudónimo que mal encobre a figura de Marcelino.<sup>253</sup> O folhetim, na parte inferior da primeira ou segunda páginas (ou em ambas), assinalava uma presença constante que dava a conhecer autores como Edgar Allan Poe,<sup>254</sup> Jules Sandeau,<sup>255</sup> Adelina Lopes Vieira,<sup>256</sup> entre outros. Marcelino, que não desperdiçava uma oportunidade de dar a conhecer a sua veia literária, emparceirava com aqueles autores, fazendo sair folhetins, como “O Segredo de Clotilde” e contos, como “A Herança de Bertha”.<sup>257</sup>

Analisando mais especificamente o conteúdo do jornal, podem detectar-se duas ordens de assunto distintas: uma de carácter local ou regional e outra de âmbito geral. Esta última categoria pode, inclusive, subdividir-se em artigos relacionados com a actualidade nacional ou internacional. Os primeiros números

---

<sup>249</sup> “O phylloxera”, *O Chronista*, ano II, nº 49, 14 de Agosto de 1887. Alfredo Carlos Le Cocq viveu no século XIX, foi um forte impulsionador da agronomia. Desempenhou cargos de chefia nos serviços agrícolas, foi deputado e fundador do Laboratório de Patologia Vegetal. Cf. *Lello Universal*, vol II, p. 40.

<sup>250</sup> “Vinhedos e latadas”, *O Chronista*, ano II, nº 52, 4 de Setembro de 1887. António Batalha Reis (1838-1917), agrónomo e publicista, dirigiu a Escola Prática de Viticultura e Enologia de Torres Vedras, foi autor de trabalhos relacionados com a temática vitivinícola. Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 727.

<sup>251</sup> “Chimica agrícola do solo”, *O Chronista*, ano I, nº 8, 25 de Julho de 1886. João Inácio Ferreira Lapa (1823-1892), antigo professor e agrónomo do Instituto Agrícola, distinguiu-se pelos seus tratados, estudos e monografias sobre assuntos agrícolas. Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 25.

<sup>252</sup> “O phylloxera”, *O Chronista*, ano II, nº 47, 31 de Julho de 1887. Manuel do Carmo Rodrigues de Moraes (1845-1909), escritor, jornalista agrícola, inspector dos serviços antifiloxéricos. Trabalhou no estrangeiro e foi autor de obras sobre agricultura e viticultura. Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 283.

<sup>253</sup> Este pseudónimo estreia-se no nº 46, de 24 de Julho de 1887, a propósito de um cortejo de oferendas para o hospital local.

<sup>254</sup> Edgar Allan Poe (1809-1849) escritor americano de génio especialmente conhecido pela sua excepcional obra. Cf. *Idem*, vol II, p.574.

<sup>255</sup> Julien ou Jules Sandeau (1811-1883), “escritor e académico francês (...) distinto, escrupuloso, moralista, de estilo delicado”. Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 828.

<sup>256</sup> Adelina Lopes Vieira, escritora brasileira nascida em Lisboa em 1850, segundo o *Lello Universal* (que não revela a data da morte), distinguiu-se pela colaboração em jornais e revistas, sendo também autora de livros e de contos infantis com uma sua irmã, Julia Lopes de Almeida, que também é referida n’*O Chronista*. Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 1164.

<sup>257</sup> *O Chronista*, Ano I, nºs 13 e 15, de 17 e 24 de Outubro de 1886, respectivamente.

trazem notícias sobre a realização dos exames do ensino elementar, dando conta do reduzido número de alunos aprovados, certamente não muito diferente do de frequências. Dão conta dos trabalhos da Câmara Municipal, em cujas reuniões se denota alguma preocupação face ao avanço do “phyloxera”, mas também sobre outros flagelos agrícolas, igualmente devastadores, como o míldio ou “sardoeira”, que vinham fazendo estragos pelos vinhedos europeus.<sup>258</sup> A construção e manutenção das infraestruturas são outras preocupações da população de que o jornal faz eco: o estado da Rua Direita, via principal no atravessamento da povoação, troço da estrada Lisboa-Santarém, era, por esse tempo, miserável e carecia de reparação urgente.<sup>259</sup>

As questões nacionais começam também a vir à baila, noticiando-se os confrontos entre as forças militares ou militarizadas e os movimentos populares, relacionando-os com a subida ao poder do Partido Progressista e com a aprovação do Tratado de Lourenço Marques, lesivo para os interesses portugueses em África. A estrutura e o espírito do texto denunciam, como é óbvio, o ponto de vista do redactor, por muito que este acene com a bandeira da imparcialidade. Ataca o governo progressista pela forma como transigiu na assinatura daquele tratado e também pela verba exacerbada que dispendeu no casamento do príncipe D. Carlos, ocorrido recentemente:

O partido progressista seria ainda hoje um partido popular se tivesse conseguido que o casamento de Sua Alteza Real orçasse pela simplicidade de Cleveland, presidente da grande republica americana.<sup>260</sup>

Marcelino, que agora não tem por onde se ocultar, pois é o «faz-tudo» no órgão de comunicação que emite, vai desvendando o lado do qual está. Acusa o governo de “intransigente, impolitico, tiranno, sem querer, á força, arrastado pella resultante d’uma velha falta - ter rasgado o programma”.<sup>261</sup> Refere-se com gáudio à expulsão da família real francesa (os *Orléans*) da sua pátria, agora republicana, comentando a reacção da comunicação social portuguesa ao facto: uns, com

---

<sup>258</sup> *O Chronista*, Ano I, n.ºs 1 e 2, de 23 e 30 de Maio de 1886, respectivamente.

<sup>259</sup> *Idem*, Ano I, n.º 2, 30 de Maio de 1886.

<sup>260</sup> *Idem*, Ano I, n.º 3, 6 de Junho de 1886.

<sup>261</sup> *Idem*, ibidem.

excepção dos jornais democráticos, atacavam a expatriação, outros (os republicanos) cantavam-na.<sup>262</sup>

O exame paciente dos números disponíveis d'*O Chronista* não permite resistir à tentação de assinalar dados como os preços das carreiras de *char-à-bancs* entre Santarém e Caldas da Rainha, durante a época de banhos<sup>263</sup> ou o preço médio dos diferentes géneros agrícolas, entre os quais se podem destacar os chícharos e as lentilhas, leguminosas tão pouco em voga na dieta alimentar actual.<sup>264</sup> Há apontamentos de grande interesse do ponto de vista agro-pecuário, como a “ceva”<sup>265</sup> ou engorda dos porcos, os cuidados a ter com os pombos novos ou como tratar a “pulmoeira”<sup>266</sup> dos animais. Ainda a nível local, o olhar do leitor detém-se sobre um exemplar do jornal que anuncia um espectáculo com o prestidigitador Manuel Infantes, também executante de violino e acompanhante da mulher que canta canções espanholas.<sup>267</sup>

Os temas da fatalidade e da tragédia ao pé da porta ou num perímetro mais dilatado, percorrem transversalmente quase todas as edições da gazeta. São frequentes as notícias locais sobre sinistros evitáveis ou de efeitos controláveis em caso de existência de meios de prevenção e combate. O jornal desenvolve uma autêntica campanha de sensibilização para que o Município adquira, pelo menos, “uma bomba e sacos de lona” para fazer face ao combate a incêndios.<sup>268</sup> De contornos mais alarmantes, o temor da implacável “phyloxera”, cujo avanço quase se podia cartografar ao centiare, contrastava com a ignorância e a indiferença da população e a passividade das autoridades em quem se depositavam responsabilidades relativamente à prevenção do mal.

*O Chronista* cumpria o dever de informar que a autarquia dispunha de dois injectores de sulfureto de carbono para serem requisitados pelos vitivinicultores, mas ninguém os solicitava. “Estamos a ver que pella curiosa indiferença com que vae n’esta região progredindo o terrível phyloxera ninguem requizitará os aparelhos”, comentava o redactor.<sup>269</sup> Mais adiante, percebia-se que o flagelo estava largamente espalhado pelo concelho, prevendo-se uma grave crise de fome

---

<sup>262</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 3, 6 de Junho de 1886.

<sup>263</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>264</sup> *Idem*, Ano I, nº 13, 29 de Agosto de 1886.

<sup>265</sup> Termo veterinário empregue pelo redactor. Cf. *Houaiss*, Tomo II, pp. 886.

<sup>266</sup> Termo veterinário empregue pelo redactor. Cf. *Idem*, Tomo V, p. 3023.

<sup>267</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 5, 27 de Junho de 1886.

<sup>268</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>269</sup> *Idem*, Ano I, nº 13, 29 de Agosto de 1886.

e de miséria, semelhante à que tinha assolado o Douro. Por conseguinte, recomendava-se que a Câmara, o Governo e o deputado do círculo, não demorassem a tomar providências adequadas.<sup>270</sup>

Procurando penetrar no espírito do redactor, podem seleccionar-se registos que o inserem, naturalmente, no contexto sócio-cultural e mental da época em que se distinguiu a sua actividade. Tome-se como exemplo a visão da mulher, enquanto ser que ousa interferir em campos que, tradicionalmente, lhe estavam vedados. Atente-se na forma como comenta a nomeação de *Miss Rosa Isabel Cleveland*, irmã do presidente da República dos Estados Unidos da América, para a direcção de um notável jornal desse país: “Admiravel miss, resta que vosso irmão o presidente, mande convidar o imaginoso proprietario para lhe remendar os calções. *Chacun à sa place*”.<sup>271</sup>

A propósito dessa alegada intromissão, destaca-se um extenso artigo sobre a abertura das portas da escola médico-cirúrgica ao sexo feminino. Ocupa a totalidade da primeira página e quase completamente a segunda com longos comentários de Marcelino a uma carta alegadamente publicada no nº 4859 do *Diario Illustrado* que viera assinada por uma estudante de medicina, em resposta a um artigo vindo a lume no *Correio da Manhã*.<sup>272</sup> Por conseguinte, o direito de resposta de Amélia Cardia,<sup>273</sup> assim se chamava a autora da carta, não podia merecer da parte de Marcelino mais do que umas tantas linhas de chacota, a que chama análise:

Eu envolvo-me no bom humor d’uma digestão perfeita, accendo o meu charutto e vou pallestrar com a Amelia, entre dois gollos de caffè. Como sabem, o Rogerio attirou-lhe a luva e ella levanta-a, vamos ver como, vamos analizar a carta.<sup>274</sup>

O extenso artigo d’*O Chronista*, tem o interesse de ilustrar convenientemente a posição da condição feminina em Portugal naquela época, ao fim e ao cabo pouco diferente da que se verificou ao longo de quase todo o século

---

<sup>270</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 37, 22 de Maio 1887.

<sup>271</sup> Expressão em itálico no original. *Idem*, Ano I, nº 8, 25 de Julho de 1886.

<sup>272</sup> *Idem*, Ano I, nº 17,7 de Novembro de 1886.

<sup>273</sup> Não fora o facto de se ter recorrido ao dicionário enciclopédico para averiguar a significação atribuída ao vocábulo “cardia”, utilizado pejorativamente por Marcelino no final do seu artigo e passaria despercebida a nota biográfica sobre Amélia Cardia dos Santos Costa (1855-1938). Não é muito difícil relacioná-la com a pessoa visada nesta confrontação. Trata-se, tão-só, da primeira senhora que defendeu tese e se doutorou em Medicina em Lisboa. *Lello Universal*, vol. I.

<sup>274</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 17,7 de Novembro de 1886.

XX. Refere-se à situação pioneira do ingresso das “estudantes femeas” no sistema de ensino superior médico-cirúrgico, uma aspiração que Marcelino não encarava sequer com naturalidade, quanto mais com simpatia. Todo o artigo é uma completa apologia do perigo a que se expunha a sociedade consentindo na invasão do domínio médico, para apenas referir esse, pelas representantes do sexo feminino. O redactor d’*O Chronista*, parafraseando o colega do outro jornal, lamentava as “futuras consequencias, na família” que pudesse vir a ter o atrevimento das alunas, considerando-o além de inconveniente também ridículo.

Não será necessário mergulhar muito no texto para adivinhar o que vai saindo da pena do comentador de quem se percebe logo um juízo preconcebido sobre as ideias expressas pela candidata a sua colega e uma espécie de solidariedade sexista para com o seu homólogo cronista. As observações de Marcelino, vistas à luz dos ideais do tempo actual, volvido mais de um século sobre o momento que se seguiu àquele em que escreveu o seu discurso, parecem do pior mau gosto e tendenciosismo. Contudo, o que se pretende neste trabalho, não é tanto sublinhar a visão da condição feminina à luz dos padrões sociais e mentais do século XIX, mas tão-somente exhibir alguns *flashes* dessa ideologia.

Nestes termos, constata-se a grande preocupação em torno da “estabilidade do organismo social, sobre a conservação por parte da mulher medica, de todos os predicados da donna de caza, de todos os affectos intimmos, de todas as exquisitas sensibillidades do amor feminino”.<sup>275</sup> Quase se pode dizer que não há linha do discurso da «colega» que escape à farpa marcelinesca, aproveitando até, a determinada altura, para transmitir uma “receita para obter um menino sensato (...) doce e amavel”,<sup>276</sup> a propósito da menção a uma criança de quase 3 anos, filho da referida mãe-estudante:

ABC e padre-nossos - nem vêl-os  
Odio aos phariseus - quanto possa  
Costumes d’animaes - idem  
Nomes d’officios - cem grammas  
Francez - meio miligramma  
Faça cosimento e cõe com expressão.<sup>277</sup>

---

<sup>275</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 17,7 de Novembro de 1886.

<sup>276</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>277</sup> *Idem*, ibidem. É óbvio que Marcelino considera grave que a mãe não instrua a criança nos mais sagrados preceitos religiosos.

Confessando-se contido na sua paciência, o articulista esforçava-se por demonstrar com meticulosidade milimétrica que a cidadã estava muito longe de poder ser uma boa educadora para o filho que dizia ter a seu cuidado. Note-se o admirável rigor na inventariação de todas as obrigações e tarefas da mulher casada, que faz pensar como terá o próprio Marcelino conseguido adquirir a sua formação de médico em concomitância com tão diversas ocupações:

Vejamos: esta senhora estuda medicina: está portanto na escola todos os dias das 7 às 2 horas da tarde e muitas vezes até às 4 e 5 horas. Vem para casa e tem de jantar. (...) Necessita pois de duas ou trez horas pello menos para as suas lições, com uma hora para jantar, calcula-se que das 7 horas da manhã às 10 da noite, ella é toda comer e livros. Tem de deitar-se á meia-noite para poder dormir 6 horas, como mandam os hygienistas (...). Tem pois duas horas para dar um beijo ao marido, educar o filho, determinar o trabalho da sua casa, e fazer de mulher enfim, porque até então só o foi por vestir saias.<sup>278</sup>

Não obstante a dimensão e a impossibilidade de analisar todos os pontos em que se baseia o artigo, considera-se que constitui um paradigma de abordagem no âmbito da história social e mental contemporânea. Antes de encerrar a referência que tem vindo a ser efectuada com a advertência às leitoras de que “acreditem que uma mulher, que sahe do seu meio natural, é para a familia e para a sociedade o que esta D. Amelia é no jornalismo, um cardia,<sup>279</sup> uma coisa ôcca, uma válvula, um buraco!”<sup>280</sup> atente-se no julgamento sumário a que Marcelino submete a colega num estilo provocatório, tecendo insinuações bastante indecorosas, mesmo atendendo à época em que vivia:

Sabe muito bem de vírus esta D. Amelia. E admiro porque se no primeiro anno de Escola, só se estuda annathomia, sou obrigado a concluir que os conhece por estudos particulares.

Foi, em dado passo, assinalado que o regresso de Marcelino ao Cartaxo não obedecia a um impulso telúrico ou filial. A referência dirige-se, mais concretamente, à aquisição de um órgão de informação, ou seja, entende-se existirem razões para considerar que a apropriação d’*O Chronista* visava a

---

<sup>278</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 17,7 de Novembro de 1886.

<sup>279</sup> Sic. Deve referir-se ao termo cárdia, substantivo feminino, aqui empregue com o sentido de orifício, mas, em simultâneo, como uma espécie de *portrait charge* do apelido da estudante.

<sup>280</sup> *O Chronista*, ibidem.



obtenção e o controlo de um meio de propaganda política ou ideológica. Com efeito, após uma ausência de mês e meio justificada com “motivos imperiosos”,<sup>281</sup> o director/redactor desculpava-se perante os leitores, enquanto anunciava que se propunha fazer um balanço da actividade do jornal ao longo daquele primeiro trimestre. Argumentava pretender, antes de mais, dar resposta “a algumas acusações críticas” que tinham sido feitas “por parte d’alguns conterraneos”,<sup>282</sup> acrescentando que a tanto chegara a sua complacência. Abreviando, passam a enumerar-se as acusações de que se dizia alvo:

1º - ser pobre em notícias locais;

2º - ser republicano;

3º - transcrever artigos de outros jornais;

4º - “outras censuras que me não lembram pois por insignificantes olvidei”.<sup>283</sup>

Às que desfilavam em último lugar nem se dignava responder, como deixa expresso, mas afirma deixá-las de pé, para que “repastem n’ellas os ociosos os critiqueiros e os criticos”.<sup>284</sup> Quanto às precedentes, sobretudo a primeira e a segunda - que considera “a mais grave” - são objecto de elaborada defesa. À primeira queixa reconhece razão alegando que, no fundo, os leitores se tinham acostumado à moda da notícia fácil, corriqueira, da imprensa vulgar que pouco difere de uma banal “regateira”.<sup>285</sup> Referindo-se aos jornais portugueses, de uma forma geral, afirma a certa altura: “Quando se leem, imagina-se que sahiram d’alguma tavolagem mal affamada, impressos com a materia corante dos vomitos por meia duzia de malandros em mangas de camisa”<sup>286</sup>. E adianta que *O Chronista* não tem “esse feitio lôrpa de se importar com quem entra ou com quem sahe [...], como tem a dignidade de respeitar profundamente a vida, a crença, a idéa de cada um, para exigir que do mesmo modo lhe acatem a sua”.<sup>287</sup>

Quanto à segunda acusação, classifica-a, acima de todas as coisas, digna de “profundo dó”,<sup>288</sup> porque, para a mentalidade provinciana, onde grassa a

---

<sup>281</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 14, 17 de Outubro de 1886.

<sup>282</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>283</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>284</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>285</sup> Expressão de Marcelino.

<sup>286</sup> *O Chronista*, ibidem.

<sup>287</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>288</sup> Expressão de Marcelino.

“miseria cerebral, a ignorancia pedante (...), o atraso lamentavel da instrucção elementar”, ser republicano “é ser alguma coisa de perigoso, de evitavel, de contagioso, como a lepra, como o mômro”<sup>289</sup>.<sup>290</sup> Por conseguinte, rejeita esta “grave” acusação, desafiando quem quer que seja a provar que a linha de pensamento do jornal se insere “n’este ou n’aquelle partido”.

À primeira vista inscreve-se numa posição de apartidarismo, embora se recuse a gritar pelo rei e venha, pouco tempo depois, a assumir-se defensor do Partido Regenerador. Trata-se de uma forma de pensar que se compreende como querendo mostrar-se afastada de qualquer compromisso político-partidário, diluindo-se em várias correntes de opinião, como parece demonstrar a justificação de que o jornal não se filia em nenhum partido específico “porque a nenhum pertence”.<sup>291</sup> Noutra perspectiva, admite que “as suas idéas, o seu modo de pensar podem saltando barreiras, ir encontrar-se em todos os campos”.<sup>292</sup> Enfim, Marcelino escuda-se com o facto de viver numa época de relativa liberdade de expressão, para não ter que se perder em grandes explicações junto dos leitores do seu semanário:

Tinha graça estar o Chronista, no anno da graça de oitenta e seis, quasi um século depois da Revolução Franceza, depois de Darwin, de Huxley, de Claude Benard, de Dumas, de Secchi, de Vogt, de Büchner, de Moleschot, de Taine, de Comte, de Littré, de Robin, de Prudhon, de Karl Max<sup>293</sup>, estar, repito, a cavallo no murzelo pôdre da rethorica a gritar, de pendão alçado: Real, Real, por D. Qualquer Coisa Rei de Portugal, ou outra bernardice d’este jaez!<sup>294</sup>

Voltando às acusações, no que respeita à que o imputa de transcrever artigos de outros periódicos, Marcelino intitula-a de “accusação celebre”, embora a considere completamente desprovida de fundamento e de seriedade. Pura e simplesmente passa ao lado da sua consciência que não lhe pesa por se servir de tantas e tão variadas fontes e áreas de conhecimento. Sente-se perfeitamente

---

<sup>289</sup> Termo usado na Medicina (humana e animal) para designar uma doença contagiosa dos solípedes, transmissível ao homem, provocada por uma bactéria. Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Academia das Ciências e Ed. Verbo, 2001, p. 2528.

<sup>290</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 14, 17 de Outubro de 1886.

<sup>291</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>292</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>293</sup> Sic.

<sup>294</sup> *Idem*, *ibidem*.

legitimado e com suficiente à vontade no que toca a utilizar a informação dos seus pares:

“Eu teria obrigação de ser um encyclopedista como Humboldt (...), um Lavoisier, um Laplace, um Naquet, um Kant, um Flammarion, un Cuvier, um Quatrefages, um Oppert, um Virchow, um Smith, um Pico de Mirandola da actualidade, qualquer coisa de um *menino virtuoso*, a encher de preciosidades todas as secções d’um jornal!”<sup>295</sup>

No fim do longo discurso, confessava-se aliviado e grato pela oportunidade de ter procedido ao “pequeno desabafo”<sup>296</sup> de que necessitava. Acrescentava ainda que se sentia “tranquillo de que a ninguem engano e penso que o *Chronista* é para o Cartaxo, senão motivo de honra, ao menos coisa de que não haja de envergonhar-se”.<sup>297</sup>

Não demorou muito tempo até que as suas manifestações de apartidarismo se desmoronassem por completo. Decorridos dois actos eleitorais em que participou, segundo testemunha a leitura do jornal, ou seja, as eleições municipais de Outubro de 1886 e as legislativas de Março de 1887, *O Chronista* exhibe, de forma bem vincada, na primeira página, a posição do director face à dissidência ocorrida no Partido Regenerador, após a morte de Fontes Pereira de Melo. Anulando alguns mitos criados em torno do pensamento político de Marcelino Mesquita, apostados em colar a sua figura ao compromisso com o movimento republicano, o editorial de 14 de Agosto de 1887 não parece deixar lugar a dúvidas:

O «*Chronista*» não concedendo ao sr. B. de Freitas, nem ao grupo dos dissidentes que o cerca,<sup>298</sup> a profissão de idéas mais avançadas do que as que tem expendido e de cuja bondade está convicto, tem a honra de enfileirar-se ao lado dos homens que proclamaram Chefe do Partido Regenerador o exmº sr. conselheiro Serpa Pimentel.<sup>299</sup> Esta declaração que terá pelos effeitos futuros, uma nulla influencia nos destinos e nas luctas do velho partido, tem ao presente uma alta significação, porque representa a mais espontanea e sincera das adhesoes. É agradável no

---

<sup>295</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 14, 17 de Outubro de 1886.

<sup>296</sup> Expressão de Marcelino.

<sup>297</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>298</sup> É, certamente, uma referência directa a Barjona de Freitas (1833-1900) e à dissidência que levou à criação da «Esquerda Dinástica». Cf. Mónica, M.F., *Dicionário Biográfico Parlamentar*, vol. II (D-M), pp. 242-245.

<sup>299</sup> António Serpa Pimentel (1825-1900) foi chefe do Partido regenerador na época de Marcelino. Cf. *Idem*, *op.cit.*, vol. III (N-Z), pp. 271-274.

momento do perigo, (...) ao contar as forças disponíveis, reconhecer que as fileiras engrossam. Nenhum general bem avisado regeitaria, por confiança no número, o voluntario que se lhe apresentasse de espingarda ao hombro, prompto para entrar em fogo, á primeira voz. Eis-me. Meu general dá licença?<sup>300</sup>

Havia alguns anos que o conceituado progressista Mariano de Carvalho, então Ministro da Fazenda, vinha sendo eleito deputado pelo círculo uninominal do Cartaxo e Rio Maior. Chegava agora a vez de Marcelino Mesquita, em nome dos regeneradores, tentar destronar o monopólio dessa influência. Tal objectivo assumia o carácter de uma autêntica cruzada, pois aquela figura gozava por estas bandas de mais poder do que “os ministros d’El-rei”.<sup>301</sup> De pouco lhe valia a campanha difamatória que a imprensa local lhe dirigia, uma vez que o universo de leitores devia ser bastante limitado e organizado em torno da figura do candidato progressista, por sua vez também proprietário e director de um órgão de comunicação com um impacto muito superior ao d’*O Chronista*.<sup>302</sup>

Mau grado isso, Marcelino, apostando talvez nas vantagens da naturalidade, da juventude (tinha menos vinte anos que o rival), no lançamento de uma carreira de prestígio, não abdicava do veículo ao seu alcance, para denunciar a força da tendência de voto das freguesias que dão “as ordens á cabeça de comarca”, exemplificando com o que se passava no círculo da capital “em que as eleições são a expressão do voto do Joaquim dos Melões da Cova da Piedade, ou do Manuel da Porcalhota”.<sup>303</sup> Repudiava, desse modo, os resultados das últimas eleições municipais, favoráveis aos progressistas, lamentando que o Cartaxo, “uma terra populosa, rica (...) independentissima” não se tivesse empenhado mais na eleição regeneradora, parando e cruzando os braços,<sup>304</sup> cedendo, por fim, às “exigencias d’uma aldeola, como Vallada”.<sup>305</sup> Vem a propósito esclarecer que nesta altura funcionaram duas assembleias no círculo eleitoral, instalando-se uma delas nesta última povoação da beira Tejo, parodiada por um despeitado Marcelino nos seguintes termos:

---

<sup>300</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 49, 14 de Agosto de 1887. Respeita-se a indicação do ano, apesar de se ter iniciado a publicação em Maio de 1886, porque apenas a 4 de Setembro do ano seguinte, o Director considera cumprido o primeiro ano de vida (nota nossa).

<sup>301</sup> Expressão de Marcelino.

<sup>302</sup> *O Diário Popular*.

<sup>303</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 18, 14 de Novembro de 1886.

<sup>304</sup> Expressões de Marcelino.

<sup>305</sup> *O Chronista*, *ibidem*.

Vallada, a famosa odalisca de Marianno tornou-se invencível! Ella pode d’hoje para o futuro requerer do seu amo e senhor algum foral em que se leia: Á mui nobre, sempre leal e invicta povoação de Vallada ... E o Porto tremerá de inveja. O que vale é que o rei do Porto é o senhor D. Luiz, na dinastia o primeiro; enquanto o de Vallada é o senhor Marianno, na vergonha o ultimo.<sup>306</sup>

A caricatura política equivalente aos desenhos humorísticos de Rafael Bordalo Pinheiro tinha, por estas paragens uma expressão equivalente em versos de gazetilha assinada por um mal disfarçado “Sans Peur”<sup>307</sup> que, de qualquer modo, sempre aproveitava para agradecer os dois votos que recebeu naquela mesa e que apelidou de dois protestos enérgicos e valorosos “que partiram de quem não tem por dever primeiro zelar a dignidade da terra que lhe foi berço”.<sup>308</sup> Expressava ainda a ambição de qualquer político: que um dia os votos se centuplicassem “como os pães e os peixes da escriptura!”<sup>309</sup>

Os ataques a Mariano de Carvalho assumem notória visibilidade nas páginas d’*O Chronista*. No editorial de 28 de Novembro de 1886, com o título “Voto Popular”, repete e destaca a negrito a expressão “infamissimo canalha, que entrou para o ministerio para roubar os coffres publicos”.<sup>310</sup> No torvelinho, não poupa nenhuma freguesia do concelho, nunca deixando Valada de ser a protagonista dos ataques, por a considerar alvo de protecção excepcional e indigna, pois, denuncia, em tempos quis pertencer a Santarém.<sup>311</sup> Os escassos habitantes do lugar são sempre apelidados de “facciosos agarrados á cauda do sr. Marianno de Carvalho”, entre outras expressões, enquanto a pequena aldeia é apresentada chistosamente como futuro pólo da Universidade de Coimbra, com possibilidade de vir a ser elevada a cidade “independente, como tantas outras cidades allemãs”.<sup>312</sup>

---

<sup>306</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 52, 4 de Setembro de 1887.

<sup>307</sup> “Vai El-rei a viajar/ Ao lado do Marianno/ Um dos pimpões da Nação/Eu ia até apostar/ Que El-Rei seguia o ditado:/ Quem tem medo, leva um cão”. *Idem*, ibidem. O “Sans Peur” pode acrescentar-se à lista de pseudónimos não conhecidos de Marcelino Mesquita.

<sup>308</sup> *Idem*, Ano I, nº 18, 14 de Novembro de 1886.

<sup>309</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>310</sup> A expressão “infamissimo canalha” é repetida três vezes a negro! *O Chronista*, Ano I, nº 20, 28 de Novembro de 1886.

<sup>311</sup> Não se percebe o verdadeiro alcance deste ataque, porque, na verdade, a localidade foi pertença do termo de Santarém até à criação do concelho do Cartaxo em 1815.

<sup>312</sup> *O Chronista*, ibidem.

Em 6 de Março de 1887 realizaram-se eleições para deputados às Cortes, “como mandou a dictadura progressista”,<sup>313</sup> tendo o candidato do partido do governo (progressista) saído vitorioso no “Círculo 83” (Cartaxo, Rio Maior e Almoester), apoiado, como não podia deixar de ser, pelo Ministro da Fazenda. Marcelino Mesquita, mais uma vez derrotado, desabafava com acinte:

Estradas, pontes, aquedutos e não sei se até catedrais, tudo se prometeu: espalhou-se escandalosamente o dinheiro pelas freguesias e levaram-se à urna os homens arregimentados.<sup>314</sup>

Demonstrava, também, desse modo, os trunfos empregues noutros lugares e freguesias, onde se apontaram as seguintes promessas: em Pontével, a construção de uma estrada ligando os sítios do Atravessado e Ponte do Reguengo;<sup>315</sup> no Vale da Pinta, a concessão de uma caixa do correio e a construção de uma estrada para o cemitério; no Casal do Ouro,<sup>316</sup> a dádiva de trezentos mil réis para a erecção de uma capela. Acrescia ainda a “compra propagada”<sup>317</sup> de votos nos lugares da Ereira e da Lapa.<sup>318</sup> Quanto a Marcelino, fazia questão de exhibir orgulhosamente as cerca de seis centenas de votos que alcançara nas assembleias de Rio Maior, Almoester e da sua própria terra: “Posso pois orgulhar-me de que o Cartaxo votou em mim, por sua livre vontade, espontanea e convictamente, na sua enorme maioria, na sua quasi totalidade”.<sup>319</sup>

O espaço do editorial é ainda aproveitado para denunciar e lamentar as irregularidades do processo, a corrupção generalizada, bem como mostrar a sua indignação pelas ofensas recebidas. A três anos de ter experimentado a única eleição política de toda a sua vida, afigura-se significativo o desabafo do médico-jornalista, que haveria de se notabilizar como dramaturgo:

Como eu me envergonharia, um dia de entrar no parlamento, sentindo pezar-me na consciencia, a miseria da minha conducta. E como me sinto orgulhoso, hoje, ao ter a prova cabal

---

<sup>313</sup> *O Chronista*, Ano I, nº 29, 16 de Março de 1887.

<sup>314</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>315</sup> Na prática, um importante eixo viário para o escoamento do vinho e de outros excedentes agrícolas dos campos do «bairro», quer pela Vala da Azambuja, ligada ao Tejo e à capital, quer pelo caminho-de-ferro, mais atraente do ponto de vista da rentabilidade.

<sup>316</sup> Lugar que tem actualmente a designação de Vila Chã de Ourique, desde que foi elevado a freguesia nos anos 20 do século XX.

<sup>317</sup> Expressão de Marcelino.

<sup>318</sup> Actualmente (também desde o fim da segunda década do séc. XX) freguesias autónomas.

<sup>319</sup> Consegui 408 votos no Cartaxo. *O Chronista*, Ano I, nº 29, 16 de Março de 1887.

de que se ha alguem a quem o povo do Cartaxo, sinta em consciencia que o devem representar na Camara popular, esse alguem - sou eu<sup>320</sup>.

Ainda a respeito da falta do apoio da população local, não passa despercebido o ressentimento relativamente à freguesia de Pontével, talvez por ser a que lhe era mais cara, uma vez que se situava aí o seu refúgio, a Quinta da Ribeira, com o seu Vale e Pinhal da Rola. Além do mais, tratava-se da segunda freguesia mais populosa (ainda hoje) e com mais prestígio e antiguidade do Concelho (obteve carta de foral em 1194, no reinado de D. Sancho I). Faz parte da memória local a afirmação de que Marcelino Mesquita se zangou com Pontével a partir destes desaires. Com efeito, apenas muito recentemente a freguesia valorizou a figura do escritor, atribuindo o seu nome a uma das artérias principais, na sequência de alguns actos comemorativos.<sup>321</sup> A origem desse conflito pode ser encontrada no rosto da edição d'*O Chronista* de 19 de Fevereiro de 1888, numa crónica dedicada às questões locais que bem poderia servir de base a um estudo sobre a génese das práticas eleitorais. Ostenta o título “Assumptos tristes” e merece uma breve exposição:

Hoje que a minha voz já não póde prejudicar os Pontevelenses, nas suas aspirações, (...), vamos palestrar um bocado à boa paz. (...) Os meus parabens pella estrada; agora ouçam o resto que não lhes diz respeito exclusivamente, mas pertence ao paiz. O governo progressista, o governo da economia e da morallidade no poder, quiz ganhar a eleição no Cartaxo. Como não tinha votos comprou-os; e querem saber porque preço? Leiam e pasmem. O preço da compra é a estrada que se vai fazer 8...), orçada em 80 contos. O primeiro lanço (...) está orçado em 24 contos. Pontevel deu 150 votos ao governo como acabo de ver no meu caderno; custou pois cada voto d'esta freguezia 160 000 réis. É espantoso não acham?<sup>322</sup>

A argumentação em torno da “prodigalidade do dinheiro do thezouro”,<sup>323</sup> tomada como um exemplo do que acontecia em todo o país, prossegue. Mas o que importa aqui é deixar uma nota de reflexão relacionada com os cálculos das distâncias que separam as localidades a que se refere o artigo e o valor ou a legitimidade das críticas de Marcelino. Talvez a análise contribua para entender a sua amargura. Senão veja-se: sete quilómetros é a distância que separa o lugar do

---

<sup>320</sup> *O Chronista*, Ano I, n.º 29, 16 de Março de 1887.

<sup>321</sup> Para a cerimónia, realizada em 1987, foi convidado e esteve presente o neto de Marcelino.

<sup>322</sup> *O Chronista*, Ano II, n.º 76, 19 de Fevereiro de 1888.

<sup>323</sup> Expressão de Marcelino.

Reguengo<sup>324</sup> de Pontével, sede de freguesia; cerca de dois o comprimento da ligação da vila ao cruzamento de estradas dá pelo nome de Atravessado. Importa referir a importância das infraestruturas para o desenvolvimento local: no primeiro lugar situava-se uma estação da linha do Norte e um porto fluvial com ligação ao Tejo e a Lisboa. Por conseguinte, a estrada compunha-se de dois lanços, tal como se verifica actualmente: o maior, do Reguengo a Pontével; o restante, menor, desta última localidade ao cruzamento do Atravessado. A fazer fé nos valores indicados, o lanço maior custaria menos que o menor, ou seja, por exclusão de partes, este último, orçaria pelos cinquenta e seis ontos, ou seja, mais do dobro do custo do primeiro. Estranham-se, pois, os cálculos e as contas de Marcelino, embora não se duvide da legitimidade da sua censura.

Pormenores contabilísticos à parte, importa extrair o que de verdadeiramente realista e pertinente existe na crítica: a inutilidade de uma estrada “que apenas serve para uma duzia de pessoas poderem ir a suas vinhas de passeio”,<sup>325</sup> o facto de a estação ferroviária apenas receber passageiros e não mercadorias e ainda a circunstância de não se atender a situações mais urgentes, como a conclusão da estrada Lisboa-Santarém e a reparação da via Azambuja-Caldas da Rainha, pejada de buracos “onde cahem diariamente passageiros e mercadorias”.<sup>326</sup>

Uma última nota relacionada com os factos acima mencionados inspira-se na transcrição integral de um artigo do *Jornal de Santarem*, onde é feita a “descrição minuciosa”<sup>327</sup> da inauguração dos trabalhos da estrada para o Reguengo. O relato é de tal forma rico em pormenores que permite reconstituir com fidelidade os acontecimentos. Essa fidedignidade é corroborada pela existência de registos fotográficos, na posse de algumas pessoas da localidade, que ilustram os factos mencionados no artigo do periódico escalabitano. Numa das fotografias, pode ver-se nitidamente um “arco triumphal”,<sup>328</sup> ou seja, uma estrutura baseada em varolas de eucalipto, revestida de murta e urze, enfeitada de flores de papel, bandeiras e bandeirolas, com a seguinte inscrição central: ”A

---

<sup>324</sup> Actualmente a estação ferroviária passou a apeadeiro incluído na área territorial da freguesia de Vale da Pedra que se destacou de Pontével há cerca de duas décadas.

<sup>325</sup> *O Chronista*, Ano II, nº 76, 19 de Fevereiro de 1888.

<sup>326</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>327</sup> “Discripção”, no original. *Idem*, Ano II, nº 84, 15 de Abril de 1888.

<sup>328</sup> Expressão utilizada no artigo. *Idem*, *ibidem*.



Mariano de Carvalho. Pontevel Reconhecido”.<sup>329</sup> De cada um dos lados, mais nomes de pessoas que, directa ou indirectamente, tinham “propugnado pello melhoramento”.<sup>330</sup> Noutros pontos do largo, por essa ocasião designado do Rossio, erguiam-se mais arcos e mastros sustentando pendões com outros escritos: “A união faz a força”, “Decreto de 27 de Setembro de 1887” e “Inauguração a 9 de Abril de 1888”.<sup>331</sup>

Esta última inscrição vem pôr em questão a data que inspirou a atribuição de nome a uma rua da localidade. Trata-se precisamente da Avenida 9 de Abril que se pensava ter recebido essa designação para celebrar a famosa batalha de La Lys, Flandres, onde pereceram muitos portugueses. De posse dos registos relacionados com a festa de recepção ao Ministro da Fazenda, coloca-se agora a questão de saber se aquela data se reporta ao ano de 1918 ou a 1888. Outro dado que pode ser asseverado é a afixação, no local onde teve lugar a homenagem de 1888, de uma placa toponímica com o nome de Mariano de Carvalho, embora se desconheça a data em que foi feita a atribuição. De qualquer modo, o verdadeiro nome do Largo só tem significado prático para os Correios, uma vez que a população, em geral, o apelida de Largo do Coreto.

O relato pormenorizado da cerimónia e dos festejos reveste-se de grande interesse e significado para os anais etno-históricos da freguesia, mas o que importa salientar é o facto de Marcelino Mesquita não se conformar com a ingratidão da comunidade por cujos interesses, alegadamente, sempre tinha pugnado. Por isso, não abdicava de reivindicar para si alguns louros, enquanto se insurgia contra afirmações menos correctas, emitidas pelo redactor do periódico escalabitano. Assim, considerava que o mérito da obra conseguida se devia, em primeiro lugar, ao esforço incondicional que por ele tinha sido desenvolvido durante a campanha eleitoral, uma vez que, “tendo a certeza de perder a eleição, não quiz abster-se da lucta, para que o governo se visse obrigado a cumprir as suas promessas”.<sup>332</sup> Pretendia referir-se, em concreto, a uma carta por si dirigida antes da votação ao “Senhor Conselheiro Lopo Vaz”,<sup>333</sup> com o suposto propósito

---

<sup>329</sup> Expressões em itálico no original.

<sup>330</sup> *O Chronista*, Ano II, nº 84, 15 de Abril de 1888.

<sup>331</sup> A reprodução das inscrições encontra-se em itálico no original.

<sup>332</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>333</sup> Será, muito provavelmente, Lopo Vaz de Sampaio e Melo (1848-1892), que foi ministro de Estado, par do Reino, ministro da Fazenda e da Justiça, presidente do Ministério após o Ultimato. Fez também jornalismo político. *Lello Universal*, Vol. II, p. 210.

de contactar os gabinetes ministeriais competentes para proceder à execução da obra. “A opposição fez o que os governantes não seriam nunca capazes de fazer: - sacrificou o seu amôr proprio aos interesses das povoações inimigas”,<sup>334</sup> vangloriava-se, por fim.

*O Chronista* constitui, por si só, um espelho fiel do seu redactor, proprietário e director. O que nestas linhas fica expresso pretende apenas constituir uma amostra representativa da qualidade e diversidade de assuntos que são abordados. Trata-se de uma selecção criteriosa e subjectiva de alguns traços essenciais do estilo do principal responsável pelo jornal e da linha editorial de um semanário provinciano que teve uma existência curta, mas assinalou presença num contexto histórico-cultural coincidente com os últimos anos do reinado de D. Luís I, nas vésperas do agudizar de novas crises. A partir de Abril de 1888, começa a ver-se o anúncio da venda de um prelo em bom estado, dando a entender a alienação da tipografia e do jornal, cujo derradeiro número saiu nas vésperas do Natal desse ano.<sup>335</sup>

### 3.2.2.2. *A Comedia Portugueza*

No início de Outubro de 1888 surge nos escaparates da imprensa lisboeta uma nova revista semanal ilustrada: *A Comedia Portugueza*. Ostentava na capa inaugural um apelativo poema enquadrado por um desenho de Julião Machado,<sup>336</sup> o ilustrador da publicação:

Vinde á janella, formosas  
Ver passar a cavalgada.  
Lançaê-nos myrthos e rosas  
Sobre o pó da nossa estrada.  
Da vida, entrudo constante,  
O som vibrante dos guizos  
Só morre afogado em risos  
E beijos da nossa amante!

<sup>334</sup> *O Chronista*, Ano II, nº 84, 15 de Abril de 1888.

<sup>335</sup> *Idem*, Ano III, nº 119, 23 de Dezembro de 1888.

<sup>336</sup> Cenógrafo e caricaturista (1863-1930). Cf. *GEPB*, vol. 15, pp. 763-764.

Somos a ronda galante  
Que vem rondar as estrelas!  
Vinde portanto, formosas,  
Abri as vossas janellas,  
Lançaê-nos myrtos e rosas.<sup>337</sup>

Assumia-se como um semanario de crítica e contava com a direcção de Marcelino Mesquita, que também assinava a redacção, juntamente com Fialho d'Almeida e Silva Lisboa.<sup>338</sup> Há muito que se pressentia, pelas páginas d'*O Chronista*, que a pacatez provinciana não servia a um espírito irrequieto como o do seu criador. Não se conhecem, contudo, os pormenores do contexto em que principou o novo projecto. Apenas se pode inferir que se trata de um periódico humorístico muito semelhante aos que por essa altura se publicavam sob os auspícios de Rafael Bordalo Pinheiro e de Fialho d'Almeida, com quem Marcelino tinha relações de amizade. Por conseguinte, numa primeira análise, pode afirmar-se que *A Comedia...* vem emparceirar, com *O Antonio Maria*, cuja primeira série se publicara entre 1879 e 1885 e com os *Pontos nos ii*, publicados entre 1885 e 1891,<sup>339</sup> ambos da responsabilidade do famoso humorista, quer com *Os Gatos*, dados à estampa a partir de Agosto de 1889.<sup>340</sup>

Embora nem sempre os textos venham assinados, não é difícil reconhecer, pelo assunto ou pelo estilo de linguagem, os que têm a paternidade de Marcelino. Aliás, há situações esporádicas de aproveitamento de textos anteriormente publicados, quer n'*O Pae Anselmo*, quer n'*O Chronista*. Um exemplo flagrante é a crónica sobre a efeméride da Restauração da Independência, que sofre apenas umas ligeiras adaptações.<sup>341</sup> O tratamento humorístico que concedeu à data deve ter suscitado reacções de desagrado por parte de outros periódicos, como parece provar o tom da resposta dirigida pelo redactor d'*A Comédia* a um congénere: “Então não queria a «Revolução» que fizéssemos venia a umas duzias de foguetes

---

<sup>337</sup> Folha publicitária d'*A Comédia Portuguesa* reproduzida em gravura pertencente ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro-Câmara Municipal de Lisboa, MRBP.GRA.1839.

<sup>338</sup> Trata-se do escritor e panfletário (1857-1911), autor d'*Os Gatos* (cf. *GEPB*, vol. 11, pp. 250-251) e de um jornalista que surge ao lado de Marcelino na redacção do *Portugal*.

<sup>339</sup>Cf. Maria Virgília Cambraia Lopes, *O Teatro n'A Parodia de Rafael Bordalo Pinheiro*, Lisboa, IN-CM, 2005.

<sup>340</sup> Fialho d'Almeida, *Os Gatos. Publicação Mensal d'Inquerito Á Vida Portuguesa*, Porto, Casa Editora Alcino Aranha & C.<sup>a</sup>

<sup>341</sup> *A Comédia Portuguesa*, Ano I, n.º 8, 1 de Dezembro de 1888. Cf. *O Chronista*, Ano I, n.º 21, 5 de Dezembro de 1886 e *O Pae Anselmo*, ano III, n.º 116, 4 de Dezembro de 1881.

e oito palmitos ridiculos, accesos em redor do obelisco?”<sup>342</sup> Mais adiante, a concluir, aludia àquela publicação de longa data como se se tratasse de uma velhinha a quem têm de se desculpar birras e caprichos: “é velhice, coitada, se até já anda para a esquerda...”<sup>343</sup>

No número de abertura do ano de 1889, simbolizado pela figura de um queijo à espera de ser atacado por um guloso ratinho, Marcelino comenta o primeiro discurso de Ano Novo pronunciado pelo rei no Palácio das Cortes, “um verdadeiro discurso de pinto, tão pipiante a vóz que o recitou, e tão concisas, rapidas e incidentaes as phrases consagradas pela bocca d’el-rei aos actos do seu governo”.<sup>344</sup> Segundo o redactor (Marcelino), o monarca usara de subterfúgios para camuflar a crise do reino, evitando ferir susceptibilidades e confeccionando a intervenção “em sandwiches affectuosas, constitucionalmente mesquinhas, (...) muito embrulhadas em papel côr de lilaz”.<sup>345</sup> Como seria de esperar, todo texto é um comentário irónico ao quadro aprazível que o soberano pinta de um país onde “as finanças nacionaes prosperam a olhos vistos” e “a firmeza do credito publico é cada vez mais inabalavel”.<sup>346</sup> A situação de prosperidade não impedia, no entanto, a que um alegado professor de instrução primária rogasse a José Luciano que “lhe ensinasse sequer uma taberna, aonde elle podesse comer uma canja a fiado”.<sup>347</sup>

Neste periódico, Marcelino parece ter esquecido o propósito assumido uns anos antes, *no Diario Illustrado*,<sup>348</sup> relativamente ao uso de pseudónimos, uma vez que continuava a assinar *Mendo* em muitas das crónicas que escrevia. Recorde-se a este respeito que a promessa havia já sido quebrada no seu semanário cartaxense onde a rubrica de poesia satírica “Gazetilha” levava a assinatura de um certo *Sans-Peur*. Na realidade, o pseudónimo serve para demarcar determinado tipo de textos literários, como poemas e contos, de outros de teor mais generalista, não assinados, que caracterizam a composição da publicação.

Nestes termos, *A Comedia...* oferece um conteúdo onde abunda a crítica social e política, não faltando o relato de episódios burlescos. O aspecto gráfico

---

<sup>342</sup> Referia-se a um importante e influente jornal do liberalismo, «A Revolução de Setembro», que se publicava desde 1840. *A Comedia Portuguesa*, Ano I, nº 9, 8 de Dezembro de 1888.

<sup>343</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>344</sup> *A Comedia Portuguesa*, Ano I, nº 12, 5 de Janeiro de 1889.

<sup>345</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>346</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>347</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>348</sup> Cf. *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3791, 23 de Novembro de 1883.

organiza-se em torno de secções temáticas como os “Can-cans” e as “Bernardices”, muito bem entremeados com caricaturas e desenhos humorísticos. Há episódios humorísticos que se destacam de forma mais imediata, como as engraçadas peripécias do *Simplício* na Exposição Universal de Paris, uma espécie de narrativa em banda desenhada que se prolonga por várias edições.<sup>349</sup> Encontram-se ainda outros exemplos de registos de carácter satírico, em que o traço de Julião Machado se sobrepõe ao texto, como são os casos do “primeiro discurso” de um deputado,<sup>350</sup> e registos de carácter mais sério, por assim dizer, como a narração da história dramática de Adriano do Valle, o “regicida” que atentou contra a vida do imperador do Brasil, D. Pedro II.<sup>351</sup> Ocorrem também, com alguma frequência, notas alusivas à vida particular de personalidades que se destacam no momento, por motivos sociais, políticos ou culturais. Algumas dessas notas chegam a contrastar com o espírito burlesco da publicação, como é o caso de um artigo que tem por objectivo desencadear solidariedades com vista a uma homenagem póstuma ao actor António Pedro<sup>352</sup> e também, como já foi referido, uma discreta nota necrológica que anuncia o luto do director pelo falecimento da filha.<sup>353</sup>

Apesar de poder parecer pouco edificante para o conhecimento da figura de Marcelino e a evocação da sua memória, o certo é que ocorrem nas páginas d’*A Comedia...* episódios de intriga e infâmia pessoal. A este propósito não passa despercebido o empolamento que faz de uma questão aparentemente banal, um *fait-divers*, como se costuma dizer, que assumiu proporções exageradas. O apontamento que a seguir se transmite tem a única pretensão de contribuir para o conhecimento mais detalhado da sua personalidade, não se percebendo bem se o que o move é mais um certo sentimento anti-clerical ou um conservadorismo mal disfarçado.

Sucedem então que, numa certa ocasião, o director da revista, cuja nomeação se dispensa por parecer óbvio, confessava na rubrica “Can-cans” detestar o Verão lisboeta, perdendo-se em pormenores relacionados com o tédio provocado pelo encerramento dos teatros e salões, o calor excessivo que tornava o

---

<sup>349</sup> *A Comedia Portuguesa*, Ano I, a partir do nº 39, 13 de Julho de 1889.

<sup>350</sup> *Idem*, Ano I, nº 13, 12 de Janeiro de 1889.

<sup>351</sup> *Idem*, Ano I, nº 42, 3 de Agosto de 1889.

<sup>352</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>353</sup> *Idem*, Ano I, nº 7, 24 de Novembro de 1888.

ar sufocante, a deserção das pessoas, com quem certamente conviveria, para paragens mais refrescantes como as praias, o campo e as termas. Voltando à sua vida particular, recorde-se que haveria alguns factores que deveriam obstar à sua saída de Lisboa, entre os quais se poderiam apontar dificuldades económicas, os constrangimentos inerentes à perda de uma filha e a eclosão de uma relação de adultério.

Para escapar ao marasmo e atrair a atenção dos leitores, o que vai a mente do redactor buscar? Precisamente uma certa crónica da vida galante das Caldas da Rainha, assinada por “um ermitão (...) de habito, capuz e chapéu concheado”,<sup>354</sup> que cai literalmente, quase se poderia dizer, nas garras de Marcelino. Este, comentando a minuciosa descrição de um sarau poético e musical no hotel termal caldense, ter-se-á excedido em considerações que, implicitamente, terão provocado a ira do padre.

Pela forma como se desenvolve o enunciado d’*A Comedia...*, deduz-se que a reacção do “Ermitão do Senhor da Pedra”,<sup>355</sup> suposto pseudónimo do padre, não tardou a fazer-se sentir na imprensa lisboeta. O próprio Marcelino chega a admitir que se tratou de “uma ideia muito desgraçada o ataque ao Ermitão das Caldas”,<sup>356</sup> na medida em que caiu mal no seio da sociedade, mas rapidamente se percebe que não está a falar a sério, muito pelo contrário. A partir do momento em que identifica o “ermitão”, passando a nomeá-lo (padre António de Almeida, pároco das Caldas), desencadeia contra ele uma ofensiva verbal com o objectivo de o atingir. Ridiculariza-o por ter afirmado que “Lisboa inteira levou a mal”<sup>357</sup> a calúnia de que afirmava ter sido alvo, ironizando:

E eu a pensar porque é que o meu aguadeiro mal me cumprimentava, de há dois dias para cá, e porque, quando passava pela Avenida (...) os homens me olhavam de revez e as damas faziam beicinho d’amuadas.<sup>358</sup>

Marcelino não mede esforços para espezinhar aquele que tinha ousado pronunciar-se sobre o texto que escrevera, chegando ao ponto de invocar o nome e a competência de Rafael Bordalo Pinheiro “para descascar perante a nossa miopia

---

<sup>354</sup> *A Comedia Portuguesa*, Ano I, nº 41, 27 de Julho de 1889.

<sup>355</sup> Apresentado como amigo e confidente do pároco caldense.

<sup>356</sup> *A Comedia Portuguesa*, Ano I, nº 42, 3 de Agosto de 1889.

<sup>357</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>358</sup> *Idem*, *ibidem*.

ignorante este cavalheiro”.<sup>359</sup> Na sua perspectiva, o “ermitão” não tinha motivos para se sentir magoado, uma vez que o seu nome não tinha sequer sido citado no artigo. Instado a entrar no jogo do “anonymo” que se arrogava porta-voz da indignação caldense pelas alegadas ofensas, Marcelino insurge-se contra ele, entrando numa espécie de jogo sujo e feroz. Considera inaceitável que “sua reverencia venha do seu ermo impôr banalidades de critica sertaneja”,<sup>360</sup> convencido de que se tratava de um ser superior, inatingível e imune ao direito que a toda a gente assiste de fazer crítica ao que se torna público.

A troca de mimos podia ter morrido por ali, não fora o facto de o eclesiástico ter feito sair no *Correio da Manhã* de 22 de Agosto uma réplica aos artigos críticos do *Mendo*, publicados nos números 43 e 44 d’A *Comedia*.... Marcelino, sentindo-se desta vez provocado, pede licença para usar, excepcionalmente, as páginas do semanário como fórum<sup>361</sup> para resolver o que considera “uma questão pessoal”.<sup>362</sup> “A baixeza do inimigo obriga-me a descalçar a luva e arregaçar a manga”.<sup>363</sup>

Praticamente toda a edição de 24 de Agosto é, por conseguinte, dedicada ao «ajuste de contas», com direito a publicação na primeira página do retrato do prior em pose de galã. Da imensa prosa podem extrair-se duas interessantes ilações:

- o referido clérigo tinha prestado serviço no Cartaxo como coadjutor do pároco, no período em que Marcelino estudava em Lisboa;
- a sua prestação não agradara aos fiéis que não descansaram enquanto não o viram expulso, tal era o seu carácter “grosseiro, insolente, ousado com senhoras, incapaz de sociabilidade limpa, agressivo e pedante”.<sup>364</sup>

Nas páginas do *Diario Illustrado*, já Marcelino mostrara o afecto que o ligava ao cura da paróquia que o vira nascer e crescer.<sup>365</sup> Agora aproveitava o ensejo para despejar veneno sobre o assistente religioso que, na sua opinião, tão má impressão deixara quando estivera ao serviço dos paroquianos cartaxenses.

---

<sup>359</sup> *A Comedia Portuguesa*, ibidem.

<sup>360</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>361</sup> Tribuna ou arena, segundo os termos de Marcelino.

<sup>362</sup> *Idem*, Ano I, nº 45, 24 de Agosto de 1889.

<sup>363</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>364</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>365</sup> “A morte do cura” in *Diario Illustrado*, Ano XII, nº 3905, 17 de Março de 1884.

Levante-se então um pouco do véu sobre as alegadas leviandades de um padre em início de carreira:

Caçava ao longe todo o dia; ausentava-se sem dar cavaco algum por dias successivos (...) O bom prior desculpava-o sempre, - que era rapaz, dizia. (...) Se a doença do prior o obrigava a dizer a missa conventual, chegava sempre tarde, como os policias de opereta. (...) D'uma vez, quando o povo farto de esperar se espalhava pelo largo, vociferando, aparece elle vestido de campino de vara ao hombro, suado, de barrete, jaleca e cinta. Encosta o pampilho á porta da igreja, entra por ali adentro, veste sobre os calções, alvas e cazulas, engrola a missa em dez minutos, despe cazula e alvas, remonta e elle ahi vae á procura do ultimo toiro que se estramalhára.<sup>366</sup>

À parte a falta de dedicação missionária, não se vislumbram, ainda assim, actos indignos do noviço, de quem Marcelino deixa escapar uma nota de simpatia popular, descaindo-se a dizer que algumas pessoas lhe achavam graça, porque “arrebanhava toiros com a mesma facilidade com que estropiava missas”.<sup>367</sup> No seu modo de ver, era inadmissível que o então jovem religioso, em vez de ajudar o velho prior, se divertisse “com algumas damas de aluguer, mandadas vir de Lisboa, para alegrarem o *toast* de jantares (...) ou para se pavonear nas salas, fazendo esquecer a castracção moral em que a igreja o açaimava”.<sup>368</sup>

Como se vê, quando se sentia acossado por insinuações que não lhe assentavam bem, Marcelino era capaz de escoicinhar feia e fortemente. Não podia, de forma nenhuma, deixar de se arrogar o direito de responder às “calumnias infamíssimas” que o clérigo fizera chegar “a uma menina de Lisboa”, entre as quais “duas reprovações, que soffri, em preparatorios, crendo rebaixar-me”.<sup>369</sup> Apesar de não se declarar atingido pela “pulhice tão pequenina que faz nauseas”<sup>370</sup> e de ameaçar o adversário com umas boas bengaladas, não se coibia de se justificar:

Nada significa perante o merito de qualquer, uma reprovação que pode ter milhares de causas. Os maiores homens do nosso paiz nunca tiveram cursos. Mas o bandalho esquece que são as acções da vida que justificam o valôr. D'outro modo Christo, morto ignominiosamente, teria

---

<sup>366</sup> *A Comedia Portugueza*, Ano I, nº 45, 24 de Agosto de 1889.

<sup>367</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>368</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>369</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>370</sup> *Idem*, *ibidem*.



ficado como um vadio turbulento, um ladrão, um mariola, muito inferior ainda ao seu estanhado levita!<sup>371</sup>

O episódio descrito, apesar de isolado no curto período de tempo que durou a publicação desta primeira série d' *A Comedia...*, deixa perceber alguns traços característicos de Marcelino, à beira de completar 34 anos. Não parece poder afirmar-se, com absoluta segurança, que este director de um periódico de divulgação mais ampla do que *O Chronista*, em termos geográficos e culturais, revelasse uma evolução notória, tanto ao nível da maturidade pessoal como da credibilidade política. Continua a ver-se o crítico assanhado em nome de uma tolerância de pensamento que, afinal, parece não reconhecer aos que o confrontam.

Reconhecem-se-lhe, sem dúvida, o mérito da competência discursiva ou literária, patente na produção de enunciados de diversa ordem, nos quais se podem incluir poemas e contos que não voltaram a ser publicados,<sup>372</sup> notícias sobre os avanços da ciência e da técnica, a nível nacional e internacional,<sup>373</sup> comentários de situação, a crónica fúnebre das exéquias de el-rei D. Luís I.<sup>374</sup> *A Comédia...* não fica aquém das restantes publicações suas contemporâneas no fornecimento de testemunhos de diversa índole relacionados com o quotidiano e os factos e acontecimentos do seu tempo.

A título de exemplo, podem apontar-se temas tão variados como o relato das primeiras experiências de iluminação eléctrica de espaços públicos e privados,<sup>375</sup> a análise crítica do chumbo governamental aos projectos da “ponte Verdier” e da primeira travessia do Tejo,<sup>376</sup> o questionamento da razão de ser dos duelos,<sup>377</sup> a monotonia da vida cultural,<sup>378</sup> contrastando com a novidade dos

---

<sup>371</sup> *A Comedia Portuguesa*, ibidem.

<sup>372</sup> Exceptuam-se os que foram reunidos no livro *Na Azenha*, entre os quais se contam “A berlinda” e “O crime de Raul”. Praticamente todos os números trazem um conto, assinado, ora pelas iniciais MM, ora pelo pseudónimo *Mendo*.

<sup>373</sup> Como são os casos dos comentários sobre a Exposição Universal de Paris e um artigo sobre os avanços da oftalmologia com Gama Pinto. *A Comedia Portuguesa*, Ano I, n.ºs 10, de 22 de Dezembro de 1888 e 46, de 31 de Agosto de 1889, respectivamente.

<sup>374</sup> A cobertura da morte do rei e das respectivas cerimónias fúnebres é feita nas edições de 26 e 31 de Outubro de 1889. *Idem*, n.ºs 50 e 51.

<sup>375</sup> O baile no palácio dos marqueses da Foz, a inauguração da luz eléctrica na Avenida, *in Idem*, Ano I, n.ºs 12, de 5 de Janeiro e 34, de 8 de Junho 1889, respectivamente.

<sup>376</sup> *Idem*, Ano I, n.º 37, de 29 de Junho 1889.

<sup>377</sup> *Idem*, Ano I, n.º 13, de 12 de Janeiro de 1889.

<sup>378</sup> Na edição de 13 de Julho de 1889, uma nota humorística refere a redundância dos temas versados nas representações cénicas, neste caso a ocorrência de 4 peças de teatro sobre a figura de

primeiros “Match Foot Ball”<sup>379</sup> ou a publicidade aos biscoitos “Torre Eiffel”.<sup>380</sup> Todavia, não é possível desinserir essa qualidade e diversidade de um percurso natural de vida ligada, quer à cultura escolástica e livresca, quer à actualidade nacional e mundial, na perspectiva da concretização de mais uma ambição: a obtenção de um lugar na política, visto que a medicina não parecia contentá-lo.

Por razões não apontadas, a primeira série d’ *A Comedia* ... interrompe a sua publicação no nº 55, datado de 28 de Novembro de 1889. Viria a ser retomada uma dúzia de anos depois, em Janeiro de 1902, inicialmente sozinha e depois em coligação com *A Parodia* de Rafael Bordalo Pinheiro.<sup>381</sup> No primeiro número desta nova série de cinquenta e dois exemplares, o director afirma o seu propósito de continuar a manter “a maior e mais absoluta independência (...), na mais ampla liberdade de pensamento e da critica”, com o objectivo de “representar a vibração da alma portugueza, sem desprezos pelo passado digno, sem tolerancias com o presente vilissimo, sem receios, antes cheio de esperanças e de fé pelo futuro”.<sup>382</sup>

Apesar do período de tempo decorrido, não se verificam diferenças de grande vulto, a não ser num capricho maior na titulação de rubricas e artigos. Surgem secções de carácter permanente, entre as quais se destacam a “Chronica”, a “Politica” e os “Theatros”. Na lista de colaboradores passam a figurar os nomes de Teófilo Braga e Tomás Ribeiro,<sup>383</sup> que a abandonou prematuramente, pois o seu desaparecimento vem anunciado logo nos primeiros números.<sup>384</sup> Surgem também os nomes de António da Fonseca e Sousa, na edição, Francisco Valença<sup>385</sup> e Celso,<sup>386</sup> na ilustração.

---

D. Pedro I (o Cru). Comentário do autor: “*Há coisas que se prestam a ser servidas de vários modos diferentes, agradaveis. O bacalhau, por exemplo: em pasteis, de cebolada, estufado, albardado, cosido, assado, frito, em almôndegas, em croquettes, em empadas, guisado, á portugueza, á hespanhola, á italiana, et cetera. Mas D. Pedro I, um mez, dois mezes, seis mezes, um anno, crú, crú, sempre cru! Ora adeus. Há indigestão com toda a certeza.*”

<sup>379</sup> O cronista escreveu “boll” numa antevisão do que viria a ser o neologismo (futebol). *Idem*, Ano I, nº 15, de 26 de Janeiro de 1889.

<sup>380</sup> *Idem*, Ano I, nº 40, de 19 de Julho de 1889.

<sup>381</sup> Cf. Lopes, Maria Virgílio C., *O Teatro n’ A Paródia* ..., pp. 38 e ss.

<sup>382</sup> *A Comedia Portuguesa*, II série, ano I, nº 1, 28 de Janeiro de 1902.

<sup>383</sup> Daniel Pires menciona Tomás Ribeiro quando se refere a Marcelino Mesquita no seu *Dicionário da Imprensa Periódica Portuguesa do século XX (1900-1940)*, p. 111.

<sup>384</sup> *A Comedia Portuguesa*, II série, ano I, nº 3, 11 de Fevereiro de 1902.

<sup>385</sup> Famoso caricaturista, Francisco Valença (1882-1959), encontra-se representado nos museus de Arte Contemporânea, em Lisboa e Bragança e Soares dos Reis, no Porto. *Lello Universal*, Vol. II, p. 1124.

<sup>386</sup> Celso Hermínio de Freitas Carneiro (1871-1904), outro caricaturista muito em voga pelo seu traço original e humorístico. *Idem*, Vol. I, p. 516.

Um aspecto significativo a assinalar é a ausência de reparos pelo regresso desta segunda série. Mas o facto é desvalorizado pela equipa redactorial que, baseando-se no clássico aforismo que transforma o silêncio na melhor das aprovações, converte em “galanteio” a aparente distração dos outros periódicos. As características de estilo mantêm inalterável a vivacidade de outros tempos, continuando *A Comedia Portuguesa* a perseguir os desígnios que sempre a nortearam: ser “um jornal d’arte”, “um jornal de critica” e dar preferência à razão, independentemente da graça.<sup>387</sup> Por isso não é de todo estranho que continuem a surgir artigos fortemente detractores do funcionamento da instituição parlamentar:

Ali para São Bento ha uma casa onde se reuñem, não se póde dizer para quê, um grande numero de homens de sobrecasaca e chapéu alto (...) que provocam *desordens* e usam no convivio *palavradas* só usadas entre gente sem educação. (...) Ora, em todo o mundo, as casas onde se encontra gente d’esta laia, de que é preciso livrar a visinhança e o paiz, chamam-se o bordel, a taberna, a tasca; em Portugal (...) chama-se o Parlamento.<sup>388</sup>

Igualmente esperado é o facto de o conceito de feminismo e a visão do esforço da mulher para alcançar direitos de participação na vida extra-familiar não terem sofrido outra evolução que não fosse a introdução do vocábulo “congressistas”. Mas estas não mereciam outro olhar senão o da caricatura boçal:

São todas feias. Usam em geral, oculos, casacos e chapéus a arremedar os nossos, collarinhos altos, punhos lisos, uma ou outra accusando buços revelladôres. (...) Ora peguem n’uma destas damas, (...) e digam-lhe: vou fazer-te nova e bonita, favorita d’um principe (...) bella e amada sobre todas (...). Alguem acredita que o estafermo regeite? (...) Ninguem.<sup>389</sup>

Comparativamente com a série anterior, o periódico reflecte agora, de uma forma mais vincada, o acelerar do progresso tecnológico, transmitindo a impressão de uma certa tomada de consciência da alteração dos ritmos de vida provocada por essa evolução. O desenho humorístico espelha bem esse sentimento de admiração e estranheza face à transformação da paisagem citadina:

---

<sup>387</sup> *A Comedia Portuguesa*, II série, ano I, nº 2, 4 de Fevereiro de 1902.

<sup>388</sup> *Idem*, II série, ano I, nº 1, 28 de Janeiro de 1902.

<sup>389</sup> *Idem*, II série, ano I, nº 2, 4 de Fevereiro de 1902.

réplicas do *Zé Povinho* e da *Maria Paciência* (os famosos saloios de Rafael Bordalo Pinheiro) visitam de vez em quando as páginas d'*A Comedia*...<sup>390</sup>

Observa-se, também, uma grande proximidade com *A Parodia*, no que concerne aos aspectos menos formais, como sejam o estilo de linguagem e o carácter burlesco, obedecendo, enfim, ao propósito anunciado no editorial de (re) abertura: um semanário livre e independente na plena acepção dos termos. Em termos formais, é evidente o espaço ocupado pelo texto relativamente à imagem que, apesar de percorrer todas as páginas do periódico, não tem o impacto dos desenhos de Rafael. O paralelismo que se verifica nos dois periódicos não constitui qualquer motivo de surpresa, porque todos os dados da investigação levada a efeito para a elaboração deste trabalho apontam no sentido de um relacionamento efectivo entre o dramaturgo e o humorista, patenteado, por exemplo, em notas pessoais e caricaturas que retratam Marcelino e o seu teatro.<sup>391</sup> Uma prova inquestionável dessa aproximação vê-se na fusão entre *A Parodia* e *A Comedia Portuguesa* ocorrida a partir de Janeiro de 1903, na sequência de problemas com a censura.<sup>392</sup>

### 3.2.2.3. O Portugal

O desempenho do cargo de director assinala-se também no diário *Portugal* começado a publicar em 15 de Janeiro de 1891. Compunha-se na Travessa do Carmo e ostentava os nomes de H. Pinho da Cunha, como secretário de redacção e Jerónimo Ribeiro, na administração. O número avulso custava dez réis e apresentava-se como um “jornal da manhã”, versando “polittica, litteratura, bellas artes”. Impressa numa página de anúncios publicitários, a lista de colaboradores alumiaava cerca de quatro dezenas de nomes ordenados alfabeticamente, de Afonso

---

<sup>390</sup> Nota humorística que ilustra o espanto da camponesa pela invasão das ruas de Lisboa pelos postes e fios de electricidade e a explicação do camponês de que se trata de estendais para a roupa suja que se lava “à fartazana” em certos lugares da capital. *Idem*, ibidem.

<sup>391</sup> O trabalho de mestrado de Maria Virgília Cambraia Lopes que resultou num livro sobre uma revista humorística de Rafael Bordalo Pinheiro, constitui um excelente auxiliar para o estudo do teatro e os seus criadores e intérpretes.

<sup>392</sup> Cf. Lopes, Maria Virgílio C., *op. cit.*, pp. 38 e ss.

Vargas a Zacarias de Aça.<sup>393</sup> Algumas dessas figuras quase dispensam apresentações: Augusto Fushini, Bernardino Machado, Consiglieri Pedroso, Fialho de Almeida, João de Deus, Luiz Rebello da Silva, Manuel Pinheiro Chagas, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Sousa Martins, Teixeira de Queiroz, Teófilo Braga.<sup>394</sup> De registar ainda a promessa de um suplemento literário em cada sábado e vários suplementos ilustrados “durante o anno”, onde pontuariam os nomes de Alfredo Keil, Columbano, José Queiroz, Julião Machado, Malhoa, Rafael Bordalo Pinheiro e Luciano Lallemant, gravador.

A profusão onomástica ficava-se pelas intenções, uma vez que o número de articulistas que assinam efectivamente os seus textos é bastante mais escasso. Nesta fase da sua vida torna-se de certo modo fácil conhecer o quotidiano de Marcelino. A consulta dos diários da Câmara dos Deputados atesta a sua assiduidade como deputado pelo círculo da Guarda,<sup>395</sup> conhecendo-se igualmente muitos recados e mensagens pessoais onde dá conta do esforço que deposita na composição do jornal.<sup>396</sup> Tornava-se impossível cumprir todas as metas estabelecidas: aparentemente ficou na gaveta a promessa dos suplementos ilustrados.<sup>397</sup>

Quanto ao aspecto físico, o periódico contava com um formato praticamente semelhante ao dos seus colegas mais antigos e de maior circulação, o *Diário de Notícias* e *O Século*: quatro páginas ou manchas, em que o texto se arrumava, quase sempre invariavelmente, em quatro ou cinco colunas. Os títulos ocorrem de forma discreta, o desenvolvimento gráfico é compacto e os caracteres bastante miúdos, pouco encorajando a leitura à vista desarmada. A primeira página do número inaugural abre com um artigo com carácter de editorial, uma vez que o seu conteúdo incide sobre o “lemma *Pro Patria*” e aparenta ser uma reflexão sobre as linhas-mestras pelas quais se se pretendia conduzir o diário.

---

<sup>393</sup> Affonso Vargas e Zacharias d’Aça, segundo a grafia da época. Pela extensão da lista, dispensam-se as notas biográficas sobre os colaboradores.

<sup>394</sup> Muitos destes nomes nunca chegaram a figurar (a não ser que o fizessem sob pseudónimo). Por outro lado, ao longo das sucessivas edições, ocorrem nomes estranhos a essa lista, como são os casos de Anselmo Vieira, Bismarck da Costa, etc.

<sup>395</sup> Cf. Actas das sessões parlamentares entre Maio de 1890 e Janeiro 1892.

<sup>396</sup> As cartas e bilhetes que enviava à amante encontram-se em folhas e envelopes com o timbre do *Portugal*.

<sup>397</sup> Na página de anúncios do *Portugal* publicitava-se um quinzenário, pertencente a Mariano Level e António Maria Pereira, a *Revista Ilustrada* que trazia muitas imagens de acontecimentos noticiados naquele diário. Vários números fazem a reportagem fotográfica da revolta do Porto: os acontecimentos posteriores a 31 de Janeiro, os conselhos de guerra e os rostos dos cabecilhas. Outros ilustram as exéquias de Silva Porto e Elias Garcia.

Intitula-se “Política Nacional” e discorre sobre o ideal de “Patria e Liberdade [que] se clama desde Platão a Rodin”, assumindo especial significado num contexto político em que se pretende alertar o país para os “ímpetus sanguíneos da Inglaterra”.<sup>398</sup>

Não é preciso e fácil nos seria, compulsar muita historia para garantir o nosso asserto. Basta lembrarmo-nos de que *sem territorio nacional* os judeus tem contudo patria; porque em toda a parte souberam fomentar e estabelecer riqueza, sem embargo de perseguições de raça; e porque a solidariedade nascida da comunhão dos mesmos interesses, e do proselytismo sob os mesmos rabinos, os tem ellevado em qualquer paiz da terra a um elemento de força respeitavel. (...) Assombra o temeroso desamparo que estão correndo todas as coisas santas em Portugal. Aterra o miserável descaroamento com que se entregam aos mais incapazes as soluções dos problemas graves e ponderosos das relações internacionais, da política colonial, da remodelação das finanças, da reorganização do ensino.<sup>399</sup>

O texto principiava com o natural pessimismo de quem vê afundar-se o país num abismo irreversível perante “a cobardia” dos governantes. Mas a certa altura, o articulista exhibe uma bandeira de esperança para obstar ao negro cenário. Está convicto de que é possível ultrapassar a crise, fomentando a riqueza nacional através do “estudo das condições económicas da nossa existência, mal esboçadas até ao primeiro quarto deste século, entregues ao abandono desde então para cá”.<sup>400</sup> O discurso acaba por se tornar verdadeiramente encorajador, não se inscrevendo, no entanto, em nenhum modelo panfletário, que fizesse supor um incitamento à queda do regime vigente. Anuncia-se um desejo imperioso: acordar as consciências espíritas para o marasmo em que se vive e o desprestígio institucional em que se caiu, situações que não podem ser apenas atribuídas “aos apodos do miguelismo descontente” nem “aos golpes dos republicanos desorientados”.<sup>401</sup>

O editorial de apresentação, propriamente dito, insere-se na rubrica “Echos”, cujas primeiras palavras manifestam a vontade de conquistar um lugar individual no espaço informativo da imprensa da época. Marcelino, assumindo a pose do director de quem se esperava que fizesse um “discurso grave e

---

<sup>398</sup> (Itálicos no original). Artigo assinado por Carlos de Mello. *Portugal*, Ano 1, nº 1, 15 de Janeiro de 1891.

<sup>399</sup> *Portugal*, Ano 1, nº 1, 15 de Janeiro de 1891.

<sup>400</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>401</sup> *Idem*, *ibidem*.

solemne”,<sup>402</sup> como era da tradição, sempre que aparecia um novo periódico, confessa, à boa maneira garrettiana, num estilo coloquial e intimista, o peso que sente sobre o “grave encargo”<sup>403</sup> a que se submeteu, declarando temer o riso, a incredulidade ou a desilusão dos leitores. Prossegue efabulando sobre as boas intenções que presidiram à assumpção do desafio, mostrando-se preocupado com o impacto das palavras, armas estratégicas de cuja eficácia depende o valor e o sucesso do jornal:

Não é decerto perante um país cheio de palavras até à medula (...) que alguém poderá vir (...) cantar a última loa adormecedora, cheia de promessas e contos futuros.<sup>404</sup>

Por conseguinte, vai advertindo para a ineficácia dos intentos iniciais, porque, em boa verdade, a qualidade do jornal dependerá, naturalmente, da responsabilidade moral de quem o escrever. Sobre essa matéria afirma não se comprometer, remetendo para o futuro os votos de louvor e agrado que o jornal venha, eventualmente, a despertar. Um forte sentimento positivo, de autoconfiança plena, é o que não pode deixar de se constatar logo no primeiro contacto com o leitor, concluindo de forma institucional, reportando-se ao prospecto inaugural, que o *Portugal* procuraria estar ao nível dos

melhores jornaes estrangeiros, com relação á forma, á escolha da colaboração e ainda á selecção escrupolosa dos processos de critica e de analyse. Tratando todos os assumptos com a mais perfeita liberdade, conservará sempre uma linha inalterável de honestidade e cortezia. A phrase rude (...), a insinuação gratuita, todos os processos, emfim, (...) em que se deprime e invalida a grande maioria da imprensa do paiz, serão absolutamente banidos das suas columns. O *Portugal* ha de poder entrar em todos os salões, poderá lêl-o toda a gente.<sup>405</sup>

Passando um golpe de vista sobre o primeiro número, encontra-se ainda na página de rosto o “Folhetim do *Portugal*”, que não o é no sentido estrito do termo, sendo antes uma *Chronica Dramatica* sobre a representação no “Theatro do Gymnasio” de “O Tio Simplicio” de Almeida Garrett, seguida de uma peça em

---

<sup>402</sup> Expressão do autor. *Portugal*, Ano 1, nº 1, 15 de Janeiro de 1891.

<sup>403</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>404</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>405</sup> *Idem*, ibidem.

três actos traduzida por Guiomar Torreção.<sup>406</sup> A crónica, bastante extensa, é assinada por Colares Pereira<sup>407</sup> que tece comentários pessoais sobre a arte de Talma e descreve com pormenor o que se passou no espectáculo de “benefício da actriz Beatriz Rente”<sup>408</sup> e de tal forma que dispensava o leitor ou a leitora de a ele terem assistido. Este tipo de registo é sempre digno de interesse para a historiografia da arte dramática, na medida em que identifica e retrata os actores, comentando a qualidade da sua interpretação, entre outros aspectos.

Seguem-se as notícias breves de carácter geral e mundial em coluna assinada por outro pseudónimo, “Chá Preto”.<sup>409</sup> Fica-se por aí inteirado de uma variedade de assuntos de diversa natureza e interesse: o falecimento do “conhecido escultor Eugène Delaplanche” e respectivo currículo, da vaga de frio que assolava a Europa e, imagine-se, a África,<sup>410</sup> da nomeação de um secretário para a embaixada londrina, do elevado número de navios perdidos, do funcionamento do serviço de leitura (diurna e nocturna) da Biblioteca Nacional, dos preparativos para receber o Conde de Paris (sogro de D. Carlos) e da abertura do ano escolar da Academia Musical de Lisboa. A sequência encerra com o sorriso proporcionado por uma nota de humor.<sup>411</sup>

Na crónica “A Capital”, Alfredo Mesquita divaga sobre o quotidiano lisboeta, buscando uma originalidade quase impossível: “Ter de falar de Lisboa aos lisboetas é maçar, maçar (...). Assim, falarei da capital... ás provincias”.<sup>412</sup> Fialho de Almeida surge também para se pronunciar sobre os aspectos em torno da partida do *Malange* com “a primeira leva da expedição a Manica”, dando assim testemunho do início das campanhas moçambicanas que haveriam de celebrar Mouzinho de Albuquerque e Gungunhana.

---

<sup>406</sup> “Toupinel que Deos haja” de Bissot, dramaturgo parisiense do qual se conheciam também “Surpresas do Divorcio” conforme informava o autor da crónica.

<sup>407</sup> *Collares* na grafia original.

<sup>408</sup> Actriz (1859-1907) que trabalhou no D. Maria e em vários outros teatros. Cf. *GEPB*, vol. 25, p. 119-120. Um “benefício” era uma récita ou festa de homenagem a um actor ou actriz, revertendo, por vezes, parte da receita a seu favor.

<sup>409</sup> *Ch. A. Preto*, no original.

<sup>410</sup> Embora se refira apenas à Constantina, província da Argélia.

<sup>411</sup> “X..., procurava obter um *rendez-vous* de uma loura miss, e, para vencer-lhe o exagerado pudor de ingenua ingleza, [prometia manter-se respeitoso] durante a entrevista. Ella, hesitante, resistia ainda. «Pois não tem confiança em mim ... miss?» «Oh! Sim ... mas em mim?»

<sup>412</sup> *Portugal*, Ano 1, nº 1, 15 de Janeiro de 1891.



Noutra coluna breve, Marcelino torna a reflectir sobre “a politica” nacional “d’uma pequenez desanimadora”,<sup>413</sup> preocupando-se com o futuro do país, ensombrado um ano atrás com a ameaça do Ultimato Inglês, criticando um certo acanhamento dos partidos em darem corpo à luta. É bastante evidente que falava agora com conhecimento directo do assunto, uma vez que era deputado:

Ninguém sabe onde nos levara o estado de coisas em que nos sentimos mergulhados, e se paira na cabeça d’um exaltado, por vezes, romper a quasi senha de discreto combater em que os partidos mal mostram que existem, o receio de prejudicar o paiz vê-se leval-o a poupar os homens a quem estão n’este momento confiados os dois graves problemas: o do equilibrio financeiro e o da partilha em Africa.<sup>414</sup>

No restante corpo do jornal, pode encontrar-se, antecedendo a secção da *Havas*, uma nova série de notas curtas sobre o que vai pelo mundo, comentadas por Carlos de Melo. Por fim, dispersos pela penúltima página, encontram-se apontamentos necrológicos, entre os quais se destaca o falecimento repentino da mãe do “Conselheiro Marianno de Carvalho”,<sup>415</sup> o “Correio dos Teatros” com a agenda dos espectáculos recomendados para essa noite,<sup>416</sup> e ainda mais “Notícias Diversas”, onde, além da temperatura, pontuam a criminalidade e os accidentes, os “Telegramas e Correspondências” de origem lisboeta ou provinciana, a “Secção Comercial”, com destaque para o movimento portuário e o cartaz geral dos espectáculos.

Percorrendo as edições seguintes do *Portugal*, facilmente se percebe, pelos temas em foco, o sentimento crescente de descontentamento nas ruas das principais cidades e o aumento da indignação por uma política governativa desastrosa. A “questão africana” está, mais do que nunca, na ordem do dia, reflectindo a acção expedicionária, quer no domínio científico,<sup>417</sup> quer no campo militar, visto que, na conjuntura de então, as duas caminhavam a par. Apesar da

---

<sup>413</sup> Artigo assinado pelas duas iniciais do nome do autor: MM.

<sup>414</sup> *Portugal*, Ano 1, nº 1, 15 de Janeiro de 1891.

<sup>415</sup> Rival político de Marcelino Mesquita.

<sup>416</sup> No S. Carlos, “Rei de Lahore”, no D. Maria anunciava-se a suspensão nessa noite da peça “A Morta”, devido ao falecimento da filha do actor Joaquim Costa. Mas ocorrem também notas relativas a outras paragens mundiais, como o seguinte *mimo* de época: “Os artistas do teatro de S.Petersburgo queixam-se da claridade intensíssima produzida pela iluminação eléctrica (...) de que resultou uma epidemia de oftalmias”. *Portugal*, *ibidem*.

<sup>417</sup> “A expedição ao Bié” ocupa a 1ª e grande parte da 2ª página da edição de 11 de Abril. O nº 46, de 3 de Março, traz “O Homem-Cavalo (cenas de África)”, um curioso texto de Sisenando Marques.

grande agitação provocada pelo *Ultimato*, transmite-se a ideia de que os governos mantêm o esforço no campo diplomático, para garantir, eventualmente, algum quinhão suplementar dos territórios ultramarinos. Fialho de Almeida, por exemplo, já se referira no primeiro número à partida de forças armadas para Moçambique, para “impedir que o pavilhão nacional torne a ser apeado do mastro das aringas longínquas e lançar - definitivamente, temos esperança - as bases da ocupação portuguesa no vasto plaino da África oriental”.<sup>418</sup> Alfredo Mesquita prossegue o tema da defesa do que resta do império colonial e Carlos de Melo retoma a mesma tónica escrevendo “À Guiné, à Guiné!” na página de rosto de uma edição de Abril.<sup>419</sup>

Durante o mesmo mês, publicaram-se na íntegra uns curiosos documentos que, supostamente, regulavam as relações entre os chefes locais africanos (sobas e régulos) e a autoridade colonial portuguesa. Tinham a designação de “termo de vassalagem”, referindo-se, o primeiro, ao acto decorrido em Setembro de 1890, na missão *Mariano de Carvalho* (Moçambique), entre o régulo Mechipire e o representante do governo português.<sup>420</sup> Merecem também destaque especial os artigos de Bismarck da Costa, com o título “O futuro da África”, ferozmente apontados contra as ambições da Inglaterra e do Transval em relação a Lourenço Marques.<sup>421</sup>

Como seria de esperar, Marcelino colocava, por vezes, as relações com Inglaterra no alinhamento noticioso, sendo publicadas notícias e artigos de opinião. A 7 de Março, a “questão de Manica”, em que a “velha Albion”<sup>422</sup> se pretendia assenhorear daquela parte do território moçambicano, dava azo à publicação de um relatório integral, relativo a um “contraprojecto de empréstimo de 45 000 contos”. No dia seguinte, o *Portugal* exhibia um editorial intitulado “Mal estar” fortemente reprovador do “miserável” favor.<sup>423</sup> As peripécias em torno das relações diplomáticas entre os dois países, sobre a questão africana, voltariam à baila noutros artigos, saídos, por exemplo, no último dia do mês de Janeiro e primeiro do seguinte, em que o jornalista alertava para um telegrama “arrancado à

---

<sup>418</sup> *Portugal*, Ano 1, nº1, 15 de Janeiro de 1891.

<sup>419</sup> *Idem*, Ano 1, nº 102, 26 de Abril de 1891.

<sup>420</sup> *Idem*, Ano 1, nº 84, 9 de Abril de 1891. Foram publicados “termos de vassalagem” relativos a acordos com tribos moçambicanas e angolanas, nos dias 15, 20 e 24 desse mês.

<sup>421</sup> *Idem*, Ano1, nºs 123 e 126, de 17 e 20 de Maio, respectivamente.

<sup>422</sup> Expressão de Marcelino.

<sup>423</sup> Expressão de Marcelino. *Idem*, Ano 1, nº 50, 7 de Março de 1891.

secção *Havas*” que podia pôr em causa a honra portuguesa, leia-se a soberania portuguesa no oeste moçambicano.<sup>424</sup> Muitos meses após, a 2 de Junho, o texto do tratado com a Inglaterra vem integralmente reproduzido.

Intrinsecamente ligada ao Ultimato e, entre outros factores, à forma desastrosa como o governo do reino se tinha comportado nas negociações internacionais, eclode no norte do país um acontecimento que jamais se apagaria dos anais da história pátria. A primeira notícia sobre a revolta do Porto surge numa coluna da primeira página da edição do dia primeiro de Fevereiro, sem merecer outro destaque que não fosse a informação sobre uma alteração, político-militar, é certo, à ordem habitual:

Repentinamente, d’um dia para o outro, de ante-hontem para hontem, a cidade do Porto foi sobressaltada por gritos de revolta, gritos de soldados armados, pertencentes aos corpos da guarnição, que pretenderam mudar o nosso regimen liberal, tendo á sua frente o sr. Alves da Veiga, um dos republicanos mais energicos do paiz.<sup>425</sup>

O relato dos acontecimentos é ainda escasso por causa do corte das comunicações telegráficas, mas o redactor vai adiantando o que pode, recorrendo a pormenores colhidos, não se sabe como, junto dos jornais da noite lisboeta. Menciona-se o número de “soldados insurreccionados” (cerca de seiscentos), o regimento a que pertenciam e os principais cabecilhas: alferes Malheiros e capitão Leitão. Descreve-se da melhor forma possível a movimentação das hostes, desde a sua concentração, no campo da Regeneração, até ao confronto com as forças fiéis ao regime vigente, no alto da rua de Santo António. Informa-se que os revoltosos tinham escapado à peleja e conseguiram atingir a Câmara Municipal, onde foi hasteada “uma bandeira republicana toda encarnada”<sup>426</sup> e anunciado “um directório republicano”<sup>427</sup> com os nomes de Alves da Veiga e Rodrigues de Freitas, entre outros. Na pressa de compor os caracteres, o revisor nem reparou que o texto ficou inacabado, mas, ainda assim, adiantava que “desde logo ficou indicado que as forças revoltadas seriam vencidas”.<sup>428</sup>

---

<sup>424</sup> Artigo de Carlos de Melo. *Idem*, Ano 1, nºs 17 e 18, de 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro, respectivamente.

<sup>425</sup> *Idem*, Ano 1, nº 18, de 1 de Fevereiro de 1891.

<sup>426</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>427</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>428</sup> *Idem*, ibidem.

Mais adiante, numa coluna por si assinada, Marcelino fazendo o melhor uso da liberdade de expressão e pensamento, aproveitava para lançar algumas linhas de reflexão sobre a conjuntura política de então, em que a luta armada “onde ha sangue, onde ha gritos, onde ha mortos”<sup>429</sup> tende a prevalecer sobre a luta partidária nas bancadas parlamentares e nos espaços de discussão pública. A afirmação de que o estado de caos a que se tinha chegado “não virá a derrubar um ministerio, impõe-se a derruir um systema”,<sup>430</sup> parecia premonitória de uma situação irreversível: a de que o sistema monárquico constitucional, mais dia, menos dia, acabaria por ruir. O director (Marcelino) entendia que se deviam retirar ilações pertinentes da situação que acabava de se desencadear, independentemente da “significação precisa, que quiseram dar á revolução”.<sup>431</sup> Considerava secundário o facto de se classificar o golpe como republicano ou socialista. O importante é que tinha sido “um serio protesto” e um aviso aos “homens que d’hoje por diante nos governarem”<sup>432</sup> para que se acautelassem.

A cobertura noticiosa do rescaldo da situação nas páginas do *Portugal* foi feita de forma assídua e intensiva pelo punho do próprio director até ao dia 21 de Fevereiro. Verificam-se, no entanto, oscilações no aprofundamento dos factos, observando-se, por vezes, um tratamento informativo mais extenso. Todavia, os moldes da abordagem não parecem muito diferentes dos que tinham sido efectuados pelos periódicos correntes. Na maioria dos casos, as sínteses noticiosas são atiradas para a segunda página, mas a edição de 2 de Fevereiro consagra-lhe três páginas inteiras. Tal não equivale a pensar em textos de conteúdo denso, com uma análise exaustiva dos acontecimentos, mas, de qualquer forma, Marcelino consegue distanciar-se o suficiente para apontar um certo excesso de entusiasmo por parte de quem se apressou a tirar conclusões precipitadas dos acontecimentos:

É fácil de concluir que não foi o extreme e santo amor da pátria que impulsionou em impetos de choleras rubras os nossos jornalistas.<sup>433</sup>

Recomendava, por fim, que os colegas usassem de maior rigor e moderação, para que a sua “influência nefasta” não se transformasse numa espécie

---

<sup>429</sup> *Portugal*, Ano 1, nº 18, de 1 de Fevereiro de 1891.

<sup>430</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>431</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>432</sup> *Idem*, ibidem.

<sup>433</sup> *Idem*, Ano 1, nº 22, 5 de Fevereiro de 1891.

de inimigo da pátria que ocultasse a visão da questão principal do país: o problema financeiro. Na sua opinião, este sobrepunha-se à pressão inglesa “por uma simples razão: “o Portugal, como um fidalgo arruinado, pode ir vivendo, ainda que perca uma a uma as suas colónias, [...] a questão da fazenda, essa sim, é mortal”.<sup>434</sup>

Ainda a propósito da intentona republicana, numa conversa com o leitor, Marcelino deixa escapar uma espécie de desaire: “A revolta do Porto, depois de me dar os momentos primeiros de justificado espanto e interesse pelo conhecimento inesperado das suas erupções, reserva-me surpresas cada vez mais profundas”.<sup>435</sup> Sem concretizar as suas expectativas nem identificar nenhum caso individual, refere-se à atitude de vira-casaquismo de alguns cidadãos mais empenhados em aliviar ou suavizar as suas sentenças do que afirmar as suas convicções. O desabafo, aliado à tomada de conhecimento da desorientação dos seus agentes, parece corroborar a afirmação de Rui Ramos de que, apesar de ter entrado “na história do Partido Republicano Português como a sua mais importante ousadia antes do 5 de Outubro de 1910”, o 31 de Janeiro não significou o “início de nenhum processo revolucionário que fizesse dos anos entre 1891 e 1910 a fatal antecâmara da República”.<sup>436</sup>

A partir do dia 3 de Março, a questão da revolta republicana resume-se à reprodução textual dos processos de julgamento a bordo dos vasos de guerra ancorados no porto de Leixões. Não sendo descurados os episódios grotescos em torno da detenção de figuras influentes da capital nortenha, faz-se passar a mensagem de que a ordem estava plenamente restabelecida. A rubrica “Echos”, de 17 Março, transmite bem a ideia de que o reino está pacificado, cumprindo o ditado de que passada a tempestade sobrevem a bonança. Marcelino, num registo que podia muito bem figurar em qualquer outro diário situacionista, dá conta dos movimentos de uma jovem soberana, D. Amélia, pouco ressentida com o abanão republicano, peregrinando misericordiosa e benevolentemente pelas ruas e bairros pobres. Aparentando uma sinceridade forçada, desculpava-se pela falta de

---

<sup>434</sup> *Portugal*, Ano 1, nº 22, 5 de Fevereiro de 1891.

<sup>435</sup> O artigo intitula-se mesmo “Conversa”. *Idem*, Ano 1, nº 31, 16 de Fevereiro de 1891.

<sup>436</sup> Cf. Rui Ramos, “A Vida Nova” in Mattoso, J.(Dir.), *História de Portugal*, vol. VI, p.187.

disponibilidade para a “agradabilíssima tarefa!” de acompanhar os passos da rainha, fazendo votos para que a protecção divina não a abandonasse.<sup>437</sup>

A crise geral instalada no país perpassa a vida dos jornais e o *Portugal* não escapa à regra. Fazendo jus ao epíteto da gazeta - política, literatura, belas artes - Marcelino tece o retrato da crise no sector do teatro, desempenhando, obviamente, o papel de advogado em causa própria. Escreve vários artigos com o título “Theatro Portuguez” e “Theatro D. Maria”, alguns dos quais usando o pseudónimo *Yvan*. “Os Nephelibatas - comédia (estudo da crise) em um acto e diversos quadros”, é também um artigo subscrito com o mesmo pseudónimo.<sup>438</sup>

Utiliza a sua arma preferida, o texto satírico, para definir melhor os contornos da questão. Chega a apelar à intervenção do governo para a resolução dos problemas do Teatro D. Maria, agravados pela dissolução da famosa sociedade gerida por Eduardo Brasão e os irmãos João e Augusto Rosa.<sup>439</sup> Por outro lado, surpreendia-se e mostrava-se agastado pelo laxismo aparente dos próprios trabalhadores teatrais, principais visados e vítimas das medidas penalizadoras: “No estado de desmembramento em que vive o teatro, tendo-se despedido os dois Rosas e Brasão era natural que alguém se dirigisse ao senhor ministro do reino”.<sup>440</sup> Os protestos já se tinham feito ouvir na Câmara dos Deputados pela sua própria voz, no estatuto de deputado e membro da Comissão de Comércio e Artes, sem que tivessem surtido qualquer efeito.<sup>441</sup>

Outros assuntos vão desfilando, pela pena de Marcelino ou dos seus colaboradores. O crescimento do surto migratório, inserido na conjuntura dominante, assume proporções trágicas, testemunha Silva Carvalho, outro redactor que, já no segundo número, ironizava triste e asperamente “chama-se a isto em Portugal estado prospero”.<sup>442</sup> O assunto surge por sucessivas vezes na primeira página, duas das quais em transcrições fiéis do *Novidades* do Rio de Janeiro.<sup>443</sup> Não impressionavam apenas os números (no distrito de Santarém a

---

<sup>437</sup> *Portugal*, Ano 1, nº 60, 17 de Março de 1891.

<sup>438</sup> *Portugal*, Ano 1, nºs 91, 92 e 94, de 19, 20 e 22 de Abril, respectivamente.

<sup>439</sup> *Idem*, Ano I, nº 99, 27 de Abril.

<sup>440</sup> Referia-se aos irmãos João e Augusto Rosa e a Eduardo Brasão, actores de prestígio, pelo grande sucesso e popularidade no teatro lisboeta da época. *Portugal*, Ano 1, nº 104, 2 de Maio de 1891.

<sup>441</sup> Cf. *Diário da Câmara dos Senhores Deputados*, Acta nº 40, 16 de Junho de 1890, pp. 664 ss.

<sup>442</sup> *Portugal*, Ano 1, nº 2, 16 de Janeiro de 1891.

<sup>443</sup> *Idem*, Ano 1, nºs 71 e 76, de 28 de Março e 2 de Abril, respectivamente.

taxa principiara insignificante e crescera assustadoramente),<sup>444</sup> mas as próprias condições em que se desenrolava o fenómeno. A edição de 2 de Abril relatava, com um realismo atroz, a história de um grupo familiar de onze pessoas (incluindo um bebé de três meses) que, “por tuta e meia”,<sup>445</sup> se desfizera de todos os seus bens para embarcar no vapor.

O *Portugal*, a exemplo do que acontecia com a generalidade da imprensa da época, cumpria o seu papel de veículo cultural em ascensão, contribuindo para democratizar o acesso à informação, dando certa razão ao preconceito de certos autores como Feliciano de Castilho, Oliveira Marreca e o próprio Herculano em relação a um meio de conhecimento mais antigo: o livro. “Os livros eram a muita ciência para poucos homens; os jornais são um pouco de ciência para todos”.<sup>446</sup> É evidente que o tempo se encarregou de provar que esses receios eram infundados, visto que a edição de livros nunca parou de crescer.

Verifica-se ainda que o diário gozava de uma certa facilidade ou liberdade de expressão, apesar do controlo suscitado pela legislação posterior a 1890, que ameaçava de apreensão e suspensão algumas publicações. Por outro lado, em termos de discurso, quase não se detectavam barreiras entre o escritor e o jornalista, confirmando a asserção de que “quem escrevia não se podia dispensar de o fazer nos jornais”.<sup>447</sup> Pode adiantar-se que esta afirmação categórica assenta bem a Marcelino Mesquita que, a par da edição livreira, consegue, ao longo de toda a sua vida, estar presente num razoável conjunto de títulos de jornais e revistas de diversa tiragem, periodicidade, âmbito geográfico ou quadrante ideológico.<sup>448</sup> O próprio *Portugal*, transforma-se num expositor da sua criatividade, aproveitando os *Suplementos Literários* para se perfilar ao lado de

---

<sup>444</sup> Nota transmitida pelo próprio Marcelino Mesquita que assim demonstra continuar atento à sua região de origem. *Portugal*, Ano 1, n.º77, de 3 de Abril.

<sup>445</sup> Expressão do autor. *Portugal*, Ano 1, n.º76, 2 de Abril de 1891.

<sup>446</sup> Rui Ramos, in Mattoso, J., *op. cit.*, vol VI, p. 50.

<sup>447</sup> *Idem, ibidem*, p.47.

<sup>448</sup> Daniel Pires, refere, só para o século XX, os seguintes títulos: *Brasil-Portugal, Comédia Portuguesa, Comédia, Cosmos, Gil Braz, Serões* (Lisboa ou local não determinado); *Semana Azul* (Porto); *Jornal de Coimbra, Gazeta Ilustrada* (Coimbra); *Ecos da Morofa* (Figueira de castelo Rodrigo); *Ideia Nova* (Setúbal); *O Sorriso* (Vila Nova de Famalicão). Ainda *O Pintassilgo*, no Cartaxo, embora careça de confirmação, porque ocorreu entre 1924 e 1925, quando Marcelino já não fazia parte do mundo dos vivos. *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do século XX (1900-1940)*, pp. 95-347.

Camilo, Latino Coelho, Teófilo Braga e Eugénio de Castro, entre outros escritores e poetas.<sup>449</sup>

Contabiliza-se, por fim, uma grande variedade de textos sobre a educação, alguns dos quais desenvolvidos em série: “Questões de instrução pública”, de Anselmo Vieira e “O ensino da História”, um artigo de Cecília Schmidt Branco.<sup>450</sup> Igualmente abordagens de temática mais específica podem apreciar-se em artigos como “A educação da mulher”, de Evaristo Saraiva ou “A primeira educação das crianças cegas”, de Branco Rodrigues,<sup>451</sup> numa demonstração de clarividência por parte de quem tinha a responsabilidade *tout court* da selecção de peças jornalísticas.

A substituição de Marcelino Mesquita por Abel Botelho, director literário e António de Azevedo Castelo Branco,<sup>452</sup> director político, procede-se com um esclarecimento muito breve: o *Portugal* fora adquirido pela sociedade jornalística da *Noite*, “com todo o seu activo, material typographico e mobilia”.<sup>453</sup> Permanecendo desconhecidas as circunstâncias em que abraça o projecto de dirigir e compor em larga medida o jornal, assim como as razões por que desaparece do cabeçalho o nome de Marcelino, retém-se o apelo da nova gerência: “Esperamos que os actuaes assignantes e annunciantes, que tudo teem a lucrar com com esta transformação, continuarão a dispensar-nos os seus favores”.<sup>454</sup>

### 3.3. Recordação e celebração da vida e obra

No início do ano de 2006, o Município do Cartaxo declarou publicamente a intenção de organizar as comemorações dos 150 anos do nascimento de um ilustre conterrâneo. Para o efeito, convocaram-se alguns munícipes de áreas de

---

<sup>449</sup> Pela análise dos artigos e textos literários, pode afirmar-se que neste periódico Marcelino utiliza, de forma arbitrária, vários pseudónimos: uns, mais evidentes, *MM*, *Dois Émes*, *Marcello*; *Yvan*, pela natureza dos assuntos versados (textos de opinião sobre a crise teatral, contos de carácter regionalista).

<sup>450</sup> *Portugal*, Ano 1, nºs 108 a 117, entre 3 a 13 de Maio, respectivamente.

<sup>451</sup> *Idem*, Ano 1, nºs 97 e 99, de 23 e 29 de Abril, respectivamente

<sup>452</sup> Advogado, escritor e poeta (1842-1916), sobrinho de Camilo Castelo Branco. Membro do Partido Regenerador e deputado na época de Marcelino. Cf. *GEPB*, vol. VI, p. 184 e Mónica, M.F., *Dicionário Biográfico...*, vol I (A-C), pp. 686-689.

<sup>453</sup> *Idem*, Segundo anno, nº 209, 22 de Junho de 1891. A forma de numerar, quer o ano, quer o nº do jornal, não confere com a que vinha sendo feita na anterior administração.

<sup>454</sup> *Portugal*, Segundo anno, nº 209, 22 de Junho de 1891.



formação ligadas ao ensino e à cultura para integrar um grupo encarregado da concepção, planeamento e coordenação de diversas actividades. Por deliberação camarária, constituiu-se, em Janeiro do referido ano, a *Comissão de Comemorações Marcelino Mesquita*, presidida por Pedro Magalhães Ribeiro, na ocasião vice-presidente da autarquia. Do esforço colectivo resultou um conjunto de realizações que arrancaram em 1 de Setembro de 2006, data da celebração do nascimento, prolongando-se pelo ano seguinte.

Do conjunto dos eventos podem destacar-se a apresentação de um livro comemorativo, abordando sob diversos olhares, a vida e a obra do médico-dramaturgo, o lançamento de um prémio literário dirigido aos estabelecimentos de ensino e um concurso, tendo em vista a escolha de um logotipo que pudesse servir de marca referenciadora. Realizaram-se também dois espectáculos teatrais, constando o primeiro da representação de uma peça inédita do homenageado<sup>455</sup> e o segundo de uma recriação da vida e obra, a partir de excertos das suas peças de teatro. Mas o destaque maior centrou-se na reedição de toda a obra dramática impressa de Marcelino Mesquita, cuja grande maioria, praticamente, não voltara a ser reeditada. Dessa tarefa foi incumbido o Dr. Duarte Ivo Cruz, na qualidade de especialista e representante da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, instituição que viria a editar, em três volumes, a obra completa do autor cartaxense.<sup>456</sup>

Realça-se ainda a realização de contactos e a mobilização de diversas instituições e agentes, na esfera do desenvolvimento cultural, a nível local e nacional: escolas e agrupamentos escolares, autarcas de Município e de Freguesia, movimento associativo cultural, CTT, Museu Nacional do Teatro, Teatro Nacional D. Maria II, Escola Superior de Teatro e Cinema, entre outros.

A cerimónia de abertura das comemorações realizou-se no Salão Nobre dos Paços do Concelho, com vista para a estátua do dramaturgo, sob a presidência do Secretário de Estado da Cultura, registando-se a presença de entidades oficiais e municipais e público em geral. Na sessão solene usou da palavra o Vice-Presidente da Câmara Municipal, Pedro Ribeiro, também Presidente da Comissão de Comemorações, declarando que a decisão de assinalar a data “corresponde à exigência, sentida, que se faça da cultura e da educação os grandes pontos de

---

<sup>455</sup> *Um Episódio da Guerra*, peça em um acto, representada no Centro Cultural do Município, em Junho de 2007, pelo Grupo Cénico da Casa do Povo de Pontével.

<sup>456</sup> Cruz, Duarte Ivo (org., prefácio e notas de), Marcelino Mesquita, *Teatro Completo*, Lisboa, INCM, 2006, 2007.

apoio em que o (...) desenvolvimento deve assentar”.<sup>457</sup> Congratulava-se pelo facto de a ocasião propiciar “um ponto de convergência” e de reunião de “vozes e valores para a reflexão e para o debate de ideias”, bem como “um ponto de partida” para a partilha e enriquecimento de “outros interessados”.<sup>458</sup> Fazia-se, entretanto, porta-voz de projectos de desenvolvimento cultural, como a orientação da programação do Centro Cultural Municipal e a construção de novas instalações para a Biblioteca Municipal. Concluía o seu discurso relacionando a memória do celebrado com a renovação dos ideais “da liberdade, da abertura ao que é novo e diferente”, patenteados nos “valores da cidadania que o dramaturgo percorreu”.<sup>459</sup>

Em seguida, Duarte Ivo Cruz caracterizou a obra de Marcelino Mesquita, contextualizando-a no quadro da literatura portuguesa, evidenciando, quer o seu papel de continuador de uma tradição iniciada por Almeida Garrett, a produção de obras dramáticas de assunto histórico, quer a vertente precursora de modernidade em termos científicos e ideológicos.

A homenagem encerrou com a intervenção do Secretário de Estado da Cultura, Mário Vieira de Carvalho, que pontuou o seu discurso pela integração do evento e do estudo da vida e obra do homenageado no desenvolvimento regional, proporcionado pela oferta cultural do concelho. Recuperando o essencial da perspectiva de Marcelino acerca da concepção de arte em geral e de arte dramática em particular, que defende o teatro como “uma escola da vida, do riso e pela piedade”,<sup>460</sup> o governante dissertou sobre a necessidade de criação de “políticas públicas de promoção da Cultura e das Artes, não só de preservação do Património, mas de apoio à criatividade dos nossos artistas e agentes culturais”.<sup>461</sup>

A sobrevivência da memória do dramaturgo não se resume apenas à realização de actos comemorativos, manifestando-se igualmente num leque bastante abrangente de referências. Que o nome tenha sido utilizado na toponímia do seu concelho de naturalidade, não constitui motivo de especial surpresa. Tal acontece em várias localidades, começando pela própria sede de concelho. O seu nome está também ligado à designação de estabelecimentos de ensino, instituições

---

<sup>457</sup> *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p. 11.

<sup>458</sup> *Idem*, p. 12.

<sup>459</sup> *Ibidem*.

<sup>460</sup> Marcelino Mesquita *apud* Mário V. Carvalho in *O Povo do Cartaxo*, 7 de Setembro, de 2006.

<sup>461</sup> Discurso de Mário V. Carvalho in *O Povo do Cartaxo*, 7 de Setembro, de 2006.

e associações de carácter cultural, recreativo ou cívico e ainda, imagine-se, ao comércio.

No primeiro caso consideram-se dois estabelecimentos, sendo um o extinto colégio Marcelino Mesquita, cujas instalações, com claros sinais de degradação, permanecem de pé, à espera de um destino. Tratava-se de uma escola particular, onde se leccionou o ensino preparatório e secundário desde 1937 até muito próximo do fim do século XX. Por ocasião da recente reorganização da estrutura do parque escolar, foi atribuído o nome de Marcelino Mesquita ao agrupamento sediado na Escola José Tagarro. Por coincidência, este último local integrava-se ainda, há pouco mais de meio século, nos terrenos da família Mesquita. Da propriedade familiar conserva-se ainda um edifício contíguo à escola, onde funciona a Biblioteca Municipal.<sup>462</sup>

Em 1957, na sequência das comemorações de centenário, constituiu-se o grupo “Amadores de Teatro Marcelino Mesquita”, associado às actividades da Casa do Povo do Cartaxo. Cerca de um quarto de século após, viria a formar-se, na associação de escuteiros local, uma equipa de caminheiros com o nome do ilustre cidadão por patrono.

Mais extraordinária foi a apropriação do nome Marcelino por uma marca comercial de azeites, por volta do 50º aniversário do seu desaparecimento (1969). Na época existia, numa das entradas da então vila do Cartaxo, um imponente e moderno lagar de azeite, totalmente mecanizado. Independentemente da motivação do proprietário, vem à memória a figura de Alexandre Herculano que, por volta de meados do século XIX, teve também o seu nome ligado à comercialização daquele óleo vegetal.<sup>463</sup>

Fora do berço que o viu nascer, é possível ainda surpreender o seu nome associado a referências toponímicas e várias de natureza diversa. No primeiro caso, verifica-se uma atribuição na freguesia da Venteira, concelho da Amadora, junto ao local onde se ergueu em tempos o “Casal dos Eucaliptos”, que foi residência permanente de Inês Mesquita e Duarte Ressano Garcia, respectivamente, filha e genro de Marcelino. Aqui habitou também António Mesquita Ressano Garcia, seu único neto e último dos seus descendentes.

---

<sup>462</sup> Biblioteca Municipal Marcelino Mesquita.

<sup>463</sup> Cf. Custódio, Jorge, *O Lagar e o “Azeite Herculano”*, Câmara Municipal de Santarém, 1998.

Na própria cidade de Lisboa, a designação antroponímica encontra-se num dos jardins municipais mais antigos, oculto na referência vernácula de Jardim das Amoreiras e também na freguesia do Alto do Pina. Percorrendo os arredores, Marcelino Mesquita vê-se perpetuado em ruas dos seguintes concelhos: Oeiras (Alto do Dafundo e Linda-a-Velha), Almada (Quinta Nova - Charneca da Caparica) e Seixal (Arrentela). Casualmente, pesquisando na Internet, detectou-se o mesmo registo toponímico no centro histórico do Rio de Janeiro, bem próximo do Teatro Recreio, onde se representaram dramas marcelinianos.

Saindo da esfera da memória física urbana, se assim se pode classificar, é possível sinalizar o nome de Marcelino numa infinidade de assuntos proporcionados pela utilização das novas tecnologias. A rede mundial de comunicação por computadores (Internet), através do simples gesto de digitar um motor de busca, fornece resultados surpreendentes, possibilitando dados que, pela tradicional via da investigação bibliográfica, chegariam dificilmente ao conhecimento do investigador. Tanto assim é que, na consulta do *site* do Teatro Nacional D. Maria II, obtém-se a informação de que os textos de Marcelino figuraram entre os que serviram para a organização de um ciclo de teatro denominado “Respirações de Inês”, realizado em Outubro de 2005.<sup>464</sup>

A Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos (SPEAM) atribui um prémio anual com o nome do seu antigo colega autor de dramas. Exemplos de galardoados são os médicos-escritores Joaquim Pacheco das Neves<sup>465</sup>, com a peça *A Lenda da Berengária*, em 1980, Hélder Prista Monteiro,<sup>466</sup> pelo trabalho *Mito e Naturalmente Sempre!* de 1988 ou o conhecido psiquiatra e escritor Daniel Sampaio com o título *Vagabundos de Nós*, de 2004.<sup>467</sup> Em 2007, estando a decorrer as comemorações dos 150 anos o prémio ficou por entregar, mas uma delegação da SPEAM passou pelo Cartaxo, depositando, simbolicamente, uma coroa de flores junto à base da estátua.

Muitas outras referências podem ser localizadas na fonte de informação electrónica, de que se podem apontar exemplos associados à biografia de personalidades mais afastadas do conhecimento geral, como Leopoldo Fróes,

---

<sup>464</sup> <http://www.dmaria.pt>, 8/09/2007, 19h56'.

<sup>465</sup> Natural de Vila do Conde (1910-1998). <http://www.actoonline.no.sapo.pt>

<sup>466</sup> Médico e dramaturgo português (1922-1994). <http://www.gtpalhadeabranes.org/html/caixa>

<sup>467</sup> Foi levada à cena pelas mãos do actor e encenador Paulo Matos. <http://www.taotcs.blogs.sapo.pt>.

actor e compositor brasileiro que viveu entre 1882 e 1932 (morreu em Davos, Suíça), tendo-se estreado em Portugal no drama *O Rei Maldito*.<sup>468</sup> O registo adquire um significado mais especial quando se percebe ser essa peça, porventura, uma das menos conhecidas de Marcelino Mesquita e também uma das que não conheceu publicação.<sup>469</sup> Nem o *curriculum vitae* de artistas recentes escapa à presença do antigo dramaturgo: Nicolau Breyner, Paulo Matos e Janita Salomé representam gerações diferentes de profissionais do espectáculo que contactaram com os seus textos dramáticos.<sup>470</sup>

Pode referir-se também a inclusão do seu nome como objecto de estudo em áreas de natureza científica ou académica, conforme testemunha o trabalho levado a cabo por dois investigadores do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa,<sup>471</sup> mais precisamente, uma perspectiva histórica sobre a consciência europeia no ensino primário português, através da compilação de 58 manuais escolares, entre os quais se contavam as *Primeiras Noções da História de Portugal*, organizadas por Marcelino Mesquita e Acácio Guimarães.<sup>472</sup> Saliente-se ainda a recente dissertação de mestrado arguida na Universidade de Évora, no campo da História da Literatura, com base numa peça manuscrita inédita.

Aquando da sua morte, em Julho de 1919, praticamente todos os jornais diários que se publicavam em Lisboa noticiaram, com natural pesar, a morte de Marcelino Mesquita, descrevendo todos mais ou menos da mesma maneira, as circunstâncias em que ocorreu (doença prolongada), tecendo também, com poucas diferenças, o mesmo tipo de comentário elogioso à sua passagem pela vida e ao que nela produziu de forma marcante. A própria Assembleia da República, então presidida por Domingos Leite Pereira, fez questão de interromper os trabalhos para ouvir os discursos de Amílcar Ramada Curto e António José de Almeida, conforme foi referido. Recorde-se que em nenhum dos discursos pronunciados se

---

<sup>468</sup> [www.dicionariompb.com](http://www.dicionariompb.com), 19/09/2005

<sup>469</sup> Peça em 5 actos e seis quadros representada no Teatro do Príncipe Real, em 10 de Outubro de 1903. Cf. *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 97.

<sup>470</sup> Janita Salomé, músico e cantor, fez os arranjos musicais para os quadros “Cante cigano” e “Margarida no convento” pertencentes à peça *Margarida do Monte*, levada à cena pela companhia *A Barraca*, num momento datado da sua existência: a instalação em 1989 nas instalações do *Cinearte*, onde se conserva ainda. <http://www.spautores.pt>, 16/02/2008.

<sup>471</sup> Rui Afonso Costa e Joaquim Pintassilgo, *A Imagem e a Ideia de Europa nos Manuais Escolares do Ensino Primário em Portugal, (1900-1926)*, in <http://www.cie.fl.ul.pt>, 24 Jul 2007.

<sup>472</sup> Cf. *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 99.

lê qualquer alusão à curta experiência parlamentar do defunto, o que mostra a escassa importância desse episódio na sua vida.

O diário *A Manhã* principiava por recordá-lo como “a maior figura do teatro português moderno” e “o maior dramaturgo que, depois de Garrett, tem dado brilho e glória ao teatro português”.<sup>473</sup> O artigo, relativamente extenso, contribuía também, em larga medida, para a caracterização da figura e da obra, em passagens assinaláveis que se resumem na descrição da forma como “vivia os seus dramas” e fazia questão de exemplificar, ao pormenor, como pretendia que fossem representados:

Aqueles [...] dos seus amigos a quem ele lia, com tanto fogo e entusiasmo, as principais passagens das suas peças, nunca esquecerão a sua voz vibrante, [...] o seu gesto, o brilho do seu olhar e a confiança soberana com que ele assegurava a certeza de as plateias vibrarem.

Consideravam-no ainda “um adepto do naturalismo no teatro”, “um representante digno” dessa tendência estética, ao nível de figuras florescentes na cultura francesa como Hervieu, Donnay e François de Curel<sup>474</sup>, dono de um espírito arguto, sentimentalista, franco, um “conversador adorável”. Acrescentava, a finalizar, que com ele partia “o segredo de uma ironia fácil e espontânea, espumante como uma taça de champagne, que criou com Fialho de Almeida e Gualdino Gomes, a reputação dos velhos cafés literários”.<sup>475</sup>

O *Republica*, de António José de Almeida, no mesmo registo fúnebre, tece, na segunda página, uma nota mais breve, embora não menos elogiosa: “esse alto artista da palavra que deu anos de trabalho ao cultivo do teatro português”.<sup>476</sup> Acusa alguma perplexidade pelo fim inesperado, dando conta que, poucos dias antes, tinha sido avistado “passeando pelas ruas da Baixa a sua desempenada figura”.<sup>477</sup> Deixa ao leitor uma despedida comovente:

E no entanto a verdade iniludível é que o subtil psicólogo da “Dor Suprema” jamais tornará a envolver-nos naquele seu olhar de lealdade que tanto lhe enobrecia o rosto, jamais

---

<sup>473</sup> Recorte de artigo de *A Manhã*, 8 de Julho de 1919. EDMM, Pasta 3, Doc 7 MM.

<sup>474</sup> Todos romancistas e dramaturgos franceses contemporâneos de Marcelino. Cf. *Wikipédia*, <http://fr.wikipedia.org>.

<sup>475</sup> Recorte de artigo de *A Manhã*, 8 de Julho de 1919. EDMM, Pasta 3, Doc 7 MM.

<sup>476</sup> *Republica*, Ano IX, n° 2828, 9 de Julho de 1919.

<sup>477</sup> *Idem*, *ibidem*.

voltará a falar-nos com o atraente desassombro em que não tinha rival, nessa voz rica de inflexões.<sup>478</sup>

*O Século* anunciava, a propósito dos “funeraes do insigne escritor”,<sup>479</sup> a intenção de suspender os espectáculos nesse, dia manifestada pelos teatros de Lisboa onde se tinham feito representar peças de Marcelino. Mostrava ainda o seu pesar, informando que as empresas se fariam representar nas cerimónias e que o Grémio Literário colocara bandeiras a meia-haste. Ainda *O Mundo*<sup>480</sup> se lhe referiu “in memoriam”, nos dias 9 e 11 de Julho, comentando a “desusada imponência” prestada pelo município cartaxense que acolheu o corpo no salão nobre dos paços do concelho. A urna foi coberta com a bandeira nacional, incorporando-se no cortejo “as crianças das escolas desta vila, acompanhadas pelos professores”.<sup>481</sup>

Por fim, o bimestral *Ecco Artístico*, “revista de theatros e musical”, reiterou o luto da restante imprensa na edição de Junho - Julho, que ostentava na capa uma foto da atriz Virgínia. Referia a morte “muito sentida” da figura, acrescentando frases que apelavam mais ao sorriso que à lágrima:

De uma conversa animada, cheia de ironia, recordamos com saudade, as suas discussões, na Monaco ou no Martinho, com Fialho d’Almeida, Barros Lobo, Joaquim de Araújo e outros que a morte de ha muito nos levou (...). Fundou o jornal Portugal, mas a politica nunca foi o seu forte. A sua maneira de ser não se subordinava à disciplina partidária.<sup>482</sup>

A intenção de prolongar a memória de Marcelino Mesquita não se distancia muito da data em que deixou o mundo dos vivos. Logo no início de 1924, o jornalista Motta Cabral transmitia aos leitores do *Diário de Lisboa*, as impressões sentidas aquando de uma visita sua à casa de Marcelino na Ribeira de Pontével. Começava por registar o facto de “a excelente senhora que com ele viveu até ao dia da sua morte” conservar ainda “tudo como ele deixou”.<sup>483</sup> Subindo à torre quadrangular que constituía o gabinete de trabalho de Marcelino,

---

<sup>478</sup> *Ibidem*.

<sup>479</sup> Expressão do artigo do *Republica*, *ibidem*.

<sup>480</sup> Diário republicano fundado em 1900 por António França Borges que o dirigiu até 1915.

<sup>481</sup> *O Mundo*, Ano XIX, n° 6588, 11 de Julho de 1919. A edição dava conta também de uma nota de pesar oriunda do Rio de Janeiro.

<sup>482</sup> *Ecco Artístico*, Ano IX, n°s 152-153, Junho-Julho de 1919.

<sup>483</sup> Artigo do *Diario de Lisboa*, datado de 11 de Janeiro de 1924. EDMM, Pasta 3, doc. 9.

descrevia nostálgicamente o espaço, demorando-se em cada móvel, em cada objecto:

Estantes com livros em volta, retratos de actrizes com dedicatorias; uma fotografia sua, sentado á secretaria, apoiado sobre o braço, quase de perfil; um cliché de Carlos Relvas dum motivo ribatejano; o desenho de Ramalho para a *Margarida do Monte* e dois retratos da Lupa; um canapé onde, como bom ribatejano, usava dormir a sesta - tudo envolvido num ar discreto que a corrente da azenha corta, num murmúrio continuo e cavo, passando em quedas sucessivas por debaixo da estufa.<sup>484</sup>

A caneta do jornalista parece transformar-se em câmara de filmar para mostrar “pastas cheias de peças incompletas e apontamentos varios, criticas e apreciações, por vezes mordazes, de autores em voga”.<sup>485</sup> De forma curiosa, reflecte sobre o que apelida de uma certa tendência para o esquecimento por parte “dos que vivem na atmosfera das letras” e que tinham por dever pronunciar nem que fossem umas “raras palavras”, sobre o “cadaver ainda quente”<sup>486</sup> do escritor. Talvez esse registo se possa contar como um dos primeiros a contribuir para que a poeira do tempo não se depositasse, de forma imparável, sobre a memória de Marcelino.

Seis anos volvidos sobre o passamento, numa página de *O Combate*, semanário que se auto-intitulava “republicano independente”, Braz Burity<sup>487</sup> faz questão de lembrar que o Ribatejo devia ao seu dramaturgo uma homenagem condigna, sugerindo que se erguesse um monumento, nem que fosse com o bom barro da região, ou “dois ou três sinos arrancados aos velhos abandonados campanários da Borda d’Água”.<sup>488</sup> O artigo dir-se-ia entusiasticamente montado em linguagem tauromáquica, invectivando a ingratidão ribatejana:

O (...) Marcelino Mesquita, que foi na sua geração, que foi nas letras, que no teatro foi e que no Portugal culto ainda não deixou de ser o maioral do teatro e a encarnação intelectual, a espiritualização mental, a cristalização rácica (...) poeta de nascença, dramaturgo de condição, boémio de carreira que, sangrando até às lágrimas, com o pampilho do génio, o coiro rijo e atanado das plateias, pegando-as de caras, as dominou e venceu, pela emoção e pelo sentimento.

---

<sup>484</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>485</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>486</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>487</sup> Pseudónimo do jornalista, crítico de arte e escritor Joaquim Madureira (1874-1954), *Lello Universal*, Vol. I, p.132.

<sup>488</sup> Recorte de *O Combate*, Ano I, nº 19, 18 de Julho de 1925. EDMM, pasta 1, Doc 13 MM.



(...) E se agora (...) tomássemos a sério esta deslata de croniquelha de jornal e todos pensássemos a valer, em lhe pagar com um pedregulho e com os quintaes de bronze, um pouco do que todos lhe devemos?<sup>489</sup>

Como se respondesse ao repto de Braz Buryti, nasce no dia primeiro de Novembro de 1928, o *Jornal do Cartaxo*, trazendo um longo artigo intitulado “Uma dívida que se vai pagar?”.<sup>490</sup> Exaltando “o nome que se foi repercutindo, como o som pelo espaço, correndo como o vento; atravessando fronteiras, até que se tornou mundial”, exorta que todos, “ricos e pobres, grandes e pequenos”,<sup>491</sup> se unam em torno de um objectivo comum: erigir um monumento. O redactor (Rozendo César) vai ao ponto de anunciar os obreiros disponíveis para meter mãos à obra: “dois (...) filhos desta terra, um dos quais, a própria Itália, ainda há pouco rendeu os maiores elogios ao seu talento de artista”.<sup>492</sup>

O eco do anúncio suscita reacções dignas de assinalar: comunga-se o entusiasmo glorificador mas não tanto a forma como se pretendia levar a cabo a homenagem. Motta Cabral, assumindo como certa a encomenda do trabalho a dois “artistas da terra” e preocupado com esse facto, adverte: “a comissão promotora da homenagem não tem a mínima noção da envergadura do dramaturgo que pretende homenagear”.<sup>493</sup> Sem intenção de desvalorizar a iniciativa, declara-se avesso à ideia de ver o dramaturgo “representado em pedra por algum canteiro de jazigos ou martelado por algum cinzel de santeiro”, defendendo que “um monumento a um homem ilustre só pode ser modelado por um artista (com A grande) que tenha [o] conhecimento e a visão estética da obra que se pretende glorificar vinculada ao nome que a firmou”.<sup>494</sup> Aconselha ponderação em vez de precipitação, dando a entender que seria preferível, no caso de não se reunirem as condições para uma homenagem adequada, a colocação de uma lápide simples que identificasse a casa onde nasceu.

---

<sup>489</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>490</sup> *Jornal do Cartaxo*, Ano I, nº 1, 1 de Novembro de 1928. EDMM, pasta 1, Doc 10 MM.

<sup>491</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>492</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>493</sup> Recorde de jornal desconhecido encontrado no espólio (pertencente talvez ao *Diário de Lisboa*, para o qual o jornalista trabalhava). EDMM, pasta 3, doc. 7.

<sup>494</sup> *Idem*, *ibidem*.

Poupe-se ao menos a sua memória de escritor aos atentados ridículos. Mil vezes o esquecimento; nunca uma consagração idiota.<sup>495</sup>

António Ferrão<sup>496</sup> (1884-1961), que foi historiador e inspector das bibliotecas e arquivos, com vasta obra publicada e colaboração em revistas e jornais, referindo-se por volta de 1940, à vida e às relações de Marcelino Mesquita, mostrou aos leitores do suplemento literário do *Diário de Lisboa* “quatro cartas inéditas” a Teófilo Braga. De forma avisada, propunha que se procedesse a um “estudo bibliocrítico”, considerando que a vida e a obra “desse notável homem de teatro” constituíam assunto mais do que suficiente para justificar “uma tese de doutoramento”.<sup>497</sup>

Diversos testemunhos atestam a conjugação de esforços para obstar ao apagamento da memória de uma personalidade que tinha deixado fortes marcas no período em que viveu e mesmo no que se seguiu, principalmente em relação à arte onde mais e melhor se distinguiu: o teatro. Se mais não houvesse, bastava a lembrança da cena do popular filme *O Pai Tirano*, em que Vasco Santana, desempenhando o papel de ensaiador de um grupo de teatro amador, recita a célebre tirada “Ele, há tanta mulher...”,<sup>498</sup> para perceber que, evidentemente, a dramaturgia marceliniana continuou a percorrer os salões recreativos do país. A presença iconográfica de criadores e intérpretes em espaços concebidos especificamente para o acolhimento da representação cénica servem, ainda hoje, de atestado à exaltação de expoentes máximos da arte dramática.<sup>499</sup> O Theatro Club<sup>500</sup> de Póvoa de Lanhoso e o Teatro Bernardim Ribeiro de Estremoz, inaugurados, respectivamente, na primeira e segunda décadas do século XX e em boa hora restaurados, conservam ainda hoje a ambiência artística dessa época.

Mesmo a nível profissional é frequente encontrarem-se referências a récitas de homenagem, normalmente associadas a datas comemorativas do nascimento e da morte do dramaturgo, ou evocativas de êxitos assinaláveis, como foi o caso de *Peraltas e Sécias*. Carlos Santos, um dos principais intervenientes

---

<sup>495</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>496</sup> Cf. *GEPB*, vol. XI e *Atualização*, vol. V.

<sup>497</sup> EDMM, Pasta 1, doc. 14.

<sup>498</sup> “Ele há tanta mulher...”, passagem do drama *Leonor Telles*, em que D. Fernando se pronuncia sobre a sua paixão.

<sup>499</sup> Apontam-se dois exemplos que podem ser comprovados in-loco

<sup>500</sup> Esta instituição mantém a grafia original.

nessa comédia sobre os costumes da sociedade aristocrática setecentista, deixou expressas as recordações desses tempos de glória, tanto nas páginas d'*O Século* como nas do seu próprio livro autobiográfico.<sup>501</sup>

Muitos outros profissionais de teatro trouxeram para a superfície do tempo as suas memórias sobre Marcelino. Augusto Rosa, actor e empresário,<sup>502</sup> fizera-o, ainda em vida do autor dramático, sendo talvez um dos primeiros a fazer prova da sua primeira aparição pública, em 1876. De forma igualmente esclarecedora, documenta o contexto em que foi suprimida a primeira representação de *Pérola*, em 1885. Segundo Rosa, alguns mal-entendidos, entretanto criados, foram ultrapassados com a repetição do êxito de *Leonor Telles*. O antigo empresário lembrava que, depois dos contratemplos anteriores, estavam “desejosos de mostrar a Marcellino Mesquita que não nos movia contra os seus trabalhos literários nenhum pensamento oculto”, tratando de montar e representar a peça o melhor que podiam e sabiam.<sup>503</sup>

A actriz Adelina Abranches é outra das que o evoca com especial simpatia, sem receio de mostrar os sentimentos que conservou guardados na memória:

Tenho especial ternura por Marcelino de Mesquita porque sempre me distinguiu com preciosos trabalhos. Conhecendo perfeitamente as minhas *possibilidades*, escreveu essa encantadora «Anedota», com que fechei o espectáculo da minha estreia no D. Amélia. Não me esqueço de que me pegou ao colo, no fim da representação e repenicou, nas minhas bochechas, alguns beijos que até fizeram eco...<sup>504</sup>

Gustavo de Matos Sequeira (1880-1962), que foi comissário do governo junto do Teatro Nacional D. Maria II, organizou, por ocasião do centenário deste, um grosso volume no qual se podem encontrar imensas referências a Marcelino Mesquita, entre as quais se incluem programas de espectáculos e fotografias de representações de peças.<sup>505</sup> As menções ao dramaturgo no período subsequente ao da sua morte são aqui muito úteis e pertinentes. Dá-se, por exemplo,

---

<sup>501</sup> Carlos Santos, “Diz-se e pensa-se no mundo. No camarote real do D. Maria II...” in *O Século*, 25 de Dezembro de 1945 (recorte guardado no espólio) EDMM, pasta 1, Doc 17 MM. Idem, *Cinquenta Anos de Teatro*, Lisboa, 1950. Vide cap. 2.1., pp. 51-52.

<sup>502</sup> Augusto Rosa, *Recordações da Scena e de Fóra da Scena*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1915.

<sup>503</sup> Augusto Rosa, *op. cit.*, p. 210.

<sup>504</sup> Manteve-se o termo em itálico. Neste pequeno episódio em um acto, a actriz vestiu a pele de um rapaz. Aura Abranches, *Memórias de Adelina Abranches*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1947.

<sup>505</sup> Gustavo de Matos Sequeira, *História do Teatro Nacional D. Maria II*, pp. 374 e ss.

conhecimento de que, pelo menos, até à data daquele centenário (1946), Marcelino continuava a marcar presença na programação do Teatro Nacional, ao lado de autores mais antigos, como Garrett, ou mais modernos, como Ramada Curto. Assim, fica-se a saber que:

- A época teatral de 1924-1925 abriu com *O Regente*;<sup>506</sup>
- *Peraltas e Sécias* foi a peça escolhida para inaugurar a exploração do teatro pela companhia Robles/Monteiro, em 23 de Dezembro de 1929;<sup>507</sup>
- em Junho de 1930, representou-se o *Auto do Busto*, peça em um acto em louvor de Almeida Garrett;<sup>508</sup>
- *Leonor Telles* inaugurou a época de 1931-32, registando-se a estreia de João Villaret; o actor acabara com distinção o curso da Escola de Arte de Representar e, talvez por isso, a peça teve várias exhibições na temporada;<sup>509</sup>
- o mesmo drama serviu para abrir a época de 1941-42, “com a costumada dignidade”, mas já sem o antigo brilho: “Metade do público que se encantava com os dramas em verso tinha desaparecido”.<sup>510</sup>

Apesar de reconhecer a evolução dos tempos Matos Sequeira lamentava que certo tipo de dramaturgia se arredasse dos palcos, defendendo a “ressurreição de peças (...) que não deviam esquecer: *O Regente* de Marcelino Mesquita e *Meia-Noite* de D. João da Câmara”.<sup>511</sup>

A aproximação da passagem do centenário do nascimento de Marcelino entende-se como uma tomada de consciência da projecção e do prestígio da sua figura. O Cartaxo apercebeu-se de que não podia deixar passar a data com uns simples discursos e meia dúzia de actividades de relativa visibilidade. Mas o tempo ia passando e não se prefiguravam ideias no sentido de assinalar o evento com a grandiosidade correspondente, sendo certo que o Município se queixava de não conseguir arcar com as despesas da construção de um monumento. É então que Nuno Rossini Tristão Rosado decide lançar o *Notícias do Cartaxo*,<sup>512</sup> arrancando com uma campanha de subscrição nacional a fim de reunir os proventos necessários ao ambicioso projecto. Assume a direcção da comissão

---

<sup>506</sup> Idem, *op. cit.*, p. 611.

<sup>507</sup> Idem, *ibidem*, p. 652.

<sup>508</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>509</sup> Idem, *ibidem*, p. 657.

<sup>510</sup> Idem, *ibidem*, p. 710.

<sup>511</sup> Gustavo de Matos Sequeira, *op.cit.*, p.750.

<sup>512</sup> O *Notícias do Cartaxo* publicou-se entre 1954 e 1977.

executiva, entretanto constituída para a coordenação e o planeamento de acções, tornando-se no principal rosto da campanha. Estabelece contactos dos mais diversos níveis e dá corpo à organização de uma série de eventos que culminariam na inauguração de uma estátua da autoria do escultor Leopoldo de Almeida, em Dezembro de 1956.

Do material relacionado com tais realizações podem realçar-se vários eventos. No *Notícias do Cartaxo* foi publicada uma extensa entrevista ao empresário Robles Monteiro, na qual se afirma que “Marcelino Mesquita é um autor de todos os tempos e símbolo vivo nesta época de ressurgimento do teatro português” e <sup>513</sup> noticiou-se a realização de uma “tarde literária” no Museu João de Deus, no dia 28 de Abril de 1956, com evocações de Henrique Lopes de Mendonça e Luís de Oliveira Guimarães,<sup>514</sup> por Carlos Selvagem.<sup>515</sup> A sessão foi presidida por Eduardo Brazão, Secretário Nacional da Informação, tendo contado com as presenças da actriz Palmira Bastos e os escritores Sarah Beirão, Félix Bermudes (representante da Sociedade Portuguesa de Escritores e Compositores) e Vasco Lopes de Mendonça (filho de um dos homenageados). Marcelino Mesquita veio à baila em dois momentos do discurso de Brazão (filho do actor homónimo), quando recordou a “voz arrastada e gutural” com que o dramaturgo queria convencer o seu pai a aceitar o papel de “Pedro o Cruel” e na fase em que elogiou os dois vultos da arte dramática, apelidando-os de “ínclitos patronos” do mesmo ressurgimento teatral.<sup>516</sup> Anunciava-se que a Biblioteca iria ser uma realidade, encontrando-se em fase de instalação na antiga residência da família Mesquita e ainda se dava conta do regozijo causado pela chegada da maquete da futura estátua do dramaturgo.<sup>517</sup>

Nuno Beja informava, num primeiro artigo, da inclusão do nome de Marcelino numa obra enciclopédica, da autoria de Henrique Perdigão, publicada no Porto em 1940<sup>518</sup> e citava a *História da Literatura Portuguesa*, de Mendes dos

---

<sup>513</sup> *Notícias do Cartaxo*, Ano 3, nº 49, 12 Maio de 1956.

<sup>514</sup> Luís Oliveira Guimarães (1900- 1900). Foi advogado, jornalista e autor de alguns livros. <http://www.spautores.pt>.

<sup>515</sup> Nome literário do coronel Carlos Afonso dos Santos (1890-1973). Romancista e dramaturgo, considera-se um grande admirador da vida e obra marceliniana. *Lello Universal*, Vol. II, p. 872.

<sup>516</sup> *Notícias do Cartaxo*, Ano 2, nº 49, 12 Maio de 1956.

<sup>517</sup> *Idem*, Ano 2, nº 48, 28 de Abril de 1956.

<sup>518</sup> Henrique Lopes Perdigão (1888-1944), livreiro-editor, fundador da livraria Latina Editora. Publicou, de facto, um *Dicionário de Literatura Universal*. *Lello Universal*, vol. II, p. 512.

Remédios, onde, alegadamente, se considerava Marcelino o “Sardou”<sup>519</sup> português: “menos fecundo, por certo, mas, quanto a nós, mais artista”.<sup>520</sup> O segundo texto, no mesmo tom repetitivo e laudatório, apresentava referências bibliográficas importantes: uma entrevista a Fialho d’Almeida, publicada n’*O Mundo* de 30 de Setembro de 1906 (o mês e o ano do quinquagésimo aniversário de Marcelino) que veio a ser inserida no volume que aquele autor lançou com o título *Autores e Actores. Impressões de Teatro*, editado pela Livraria Clássica Editora, em 1925. Fez ainda alusão às impressões que o mesmo autor alentejano tinha fixado n’*Os Gatos*.<sup>521</sup>

Um texto sobre a apresentação da maqueta do monumento (ligeiramente diferente do aspecto que viria a ter, no final), informava sobre o bom andamento dos trabalhos escultóricos e publicitava a brochura sobre a biografia e a obra de Marcelino Mesquita que a comissão executiva se propunha editar.<sup>522</sup>

Uma notícia sobre a realização de uma homenagem presidida por Carlos Selvagem na Casa do Ribatejo, onde se reproduzia a comunicação apresentada no Museu João de Deus, semelhante à que viria a sair na edição de 1 de Setembro, dedicada à abertura da comemoração centenária.<sup>523</sup> Finalmente, publicava-se uma nota sobre a adesão das colectividades locais (bandas filarmónicas e ranchos folclóricos) ao evento.<sup>524</sup>

Chegado, enfim, o dia aprazado para dar início à cerimónia oficial das comemorações, o jornal adquire um ar de festa e solenidade, como não podia deixar de ser. Ostenta na primeira página a mensagem do Secretário Nacional da Informação, proferindo as palavras que se tinham tornado mais comuns na caracterização do laureado: “o seu tipo de D’Artagnan, a sua voz roufenha e desarticulada”. Apresenta também uma imagem da maqueta definitiva do que viria a ser a estátua.<sup>525</sup>

Alguns dias antes, tinha sido endereçada uma mensagem à filha e ao neto de Marcelino, quer formulando o convite para participar na cerimónia, quer solicitando elementos que pudessem servir para a elaboração de textos. Ficava-se,

---

<sup>519</sup> Vitoriano Sardou, fecundo dramaturgo francês (1831-1908). *Idem*, p. 851.

<sup>520</sup> *Notícias do Cartaxo*, Ano 2, nº 49, 12 Maio de 1956.

<sup>521</sup> *Idem*, Ano 3, nº 52, 23 de Junho de 1956.

<sup>522</sup> *Idem*, Ano 3, nº 50, 9 de Junho de 1956.

<sup>523</sup> *Idem*, Ano 3, nº 52, 23 de Junho de 1956.

<sup>524</sup> *Idem*, Ano 3, nº 53, 28 de Julho de 1956.

<sup>525</sup> *Notícias do Cartaxo*, Ano 3, nº 54, 1 de Setembro de 1956.

desse modo, a saber que a inauguração do monumento teria de ser adiada, realizando-se então apenas a colocação da primeira pedra, um jantar de gala e uma conferência no salão de espectáculos local, o Cine Ribatejo, com a presença de outra alta patente das forças militares, o coronel Cardoso dos Santos.<sup>526</sup>

Entretanto, outro dado curioso era a representação dos *Peraltas e Sécias*, no teatro Carlos Manuel de Sintra, por um grupo de artistas amadores da localidade de Tavarede, situada nos arredores da Figueira da Foz, que fazia questão de não deixar passar a celebração. Os espectáculos decorreram ao longo de vários dias sucessivos, com a pompa e circunstância características da época em que foi estreada a peça, a julgar pelas imagens dos *décors* e guarda-roupas.<sup>527</sup>

No espaço que medeia entre o 1º de Setembro e o 1º de Dezembro de 1956, o tema central dos artigos do *Notícias do Cartaxo* não deixa de ser o centenário e o enaltecimento da figura de Marcelino. Na edição de 8 de Setembro relatavam-se, com todo o pormenor, as “brilhantes” cerimónias que tinham ocorrido no dia do centenário natalício, registando-se as presenças do “Povo” e de “Altas Personalidades”, entre as quais se contavam: o Governador Civil do distrito, o Secretário Nacional da Informação, os Presidentes das Câmara Municipais de Santarém e Azambuja, o escultor Leopoldo de Almeida, o pintor e escritor Fernando Santos, representante da Sociedade Portuguesa dos Escritores e Compositores, presidentes da União Nacional concelhia, jornalistas e directores de jornais regionais e diários de Lisboa e Porto, o director escolar e o vigário da vara.<sup>528</sup> A cerimónia não teve, porém, o brilho e a extensão de outras, visto que o repórter se limitou a escrever: “Uma leve martelada sobre a pedra, uma salva de palmas e a cerimónia terminou”.<sup>529</sup> O acto solene da deposição da primeira pedra pelo Secretário Nacional da Informação parece ter ficado aquém das expectativas. Paradoxalmente, a fotografia mostrava uma praça do município a abarrotar de gente que se acotovelava para assistir ao acto simbólico.

O teatro e a leitura pública começavam a marcar presença no seio das comunidades que adquiriam, então, uma alternativa ou um complemento à banda filarmónica e à reunião da comissão fabriqueira da igreja, já que poucas mais

---

<sup>526</sup>Carta manuscrita de Nuno Rossini Rosado endereçada ao Engº Ressano Garcia, residente no Casal dos Eucaliptos. EDMM, Pasta 1, Doc 1 MM.

<sup>527</sup>Carta do Jornal de Sintra convidando Inês Mesquita para assistir a representação teatral, datada de 25/8/1956 e programa do espectáculo. EDMM, Pasta 1, Docs. 2 MM e 8 MM, respectivamente.

<sup>528</sup>*Notícias do Cartaxo*, Ano 3, nº 57, 8 de Setembro de 1956.

<sup>529</sup>*Idem*, *ibidem*.

formas de reunião e associação eram consentidas. De um cidadão inspirado e receoso de não poder estar presente na apregoada inauguração do monumento, publicava-se o seguinte soneto:

*Convosco sinto e vibro, a hora esplendorosa,  
Em que chamais à vida um Grande do passado!  
- Seu vulto, em 'státua embora, altivo e iluminado,  
Retém do génio ainda a chama portentosa!*

*Há nele qualquer coisa, imensa e magestosa,  
Que deixe o nosso olhar, surpreso e deslumbrado!  
Um ar de espadachim? Um sonho de inspirado?  
Ou do talento excelso a marca vigorosa?*

*Honrando quem lhe deu a glória do seu nome,  
- Pois já não há um lábio onde ele não assome –  
Mais claro do que o sol, auréola tal se fosse -,*

*E transformando em bronze, forte e duradoiro,  
Seu 'spirito subtil, poalha apenas de oiro,  
A vila do Cartaxo ergueu-se e sublimou-se!<sup>530</sup>*

Não querendo deixar passar a oportunidade, “uma comissão de pontevelenses” fazia anunciar que pretendia levar a efeito uma festa de homenagem, da qual faria parte “uma récita com interpretação de trabalhos” de Marcelino.<sup>531</sup> Apenas a edição de 27 de Outubro vem acusar um toque diferente, devido ao forte impacto provocado pelos estragos de um tornado que assolou o país, deixando no concelho um rasto de destruição que se sobrepôs, ainda que momentaneamente, às notícias sobre o centenário.<sup>532</sup> O artista plástico Rosa Mendes que, por essa altura, vivia no Cartaxo e preparava uma exposição destinada a ser apresentada por ocasião das comemorações do Centenário,<sup>533</sup>

---

<sup>530</sup> Assinado por Álvaro F. do Amaral Netto. *Notícias do Cartaxo*, Ano 3, nº 58, 22 de Setembro de 1956.

<sup>531</sup> *Notícias do Cartaxo*, Ano 3, nº 58, 22 de Setembro de 1956.

<sup>532</sup> *Idem*, Ano 3, nº60, 27 de Outubro de 1956.

<sup>533</sup> *Idem*, Ano 3, nº61, 10 de Novembro de 1956.



retratou o tema numa tela que, actualmente, se encontra na posse da Câmara Municipal do Cartaxo.<sup>534</sup>

Por essa ocasião, o periódico cartaxense informava sobre a inclusão das cerimónias comemorativas no documentário “Imagens de Portugal”, adiantando que “a Radiotevisão Portuguesa dava aos telespectadores a emoção forte do teatro histórico, que, na expressão do distinto actor Rogério Paulo, convenceu plenamente”.<sup>535</sup> Esta referência relaciona-se com as primeiras emissões experimentais da RTP, na Feira Popular e com o programa onde o mesmo actor foi declamar o “Monólogo de D. Fernando” da peça *Leonor Telles*.

Chegou, finalmente, o ponto alto das comemorações. A praça 15 de Dezembro, largo fronteiro ao edifício da Câmara Municipal, apinhou-se de gente para assistir à consagração votada ao ilustre cartaxense. Desde a inauguração do imponente monumento evocativo da Batalha de Ourique,<sup>536</sup> ocorrida pouco mais de duas décadas antes, que não havia memória de um evento assim. A desempenada figura do dramaturgo, como lhe chamara outrora um redactor do *República*, ficou assente num pedestal com cerca de dois metros de altura, de costas voltadas para a casa da câmara e de frente para o antigo «café do Cartaxo», celebrizado por Garrett.

A edição de 2 de Dezembro do jornal *Notícias do Cartaxo*<sup>537</sup> é exclusivamente dedicada ao acto inaugural. Reproduz os discursos de circunstância de Fernando d’Oliveira Henriques, director do periódico, Francisco Nogueira Freire, Presidente da Câmara Municipal e João Carlos Castro Reis, Governador Civil do Distrito de Santarém. Nuno Rossini aproveita para dirigir uma mensagem de congratulação e reconhecimento aos que tornaram possível a concretização da obra. São, de igual modo, inclusas uma nota biográfica do escultor Leopoldo de Almeida,<sup>538</sup> um soneto de Marcelino e várias opiniões e

---

<sup>534</sup> A tela tem precisamente o título de “O Tornado”. Eduardo Rosa Mendes, nasceu em Santarém em 1906 e viveu no Cartaxo, onde morreu em 1983.

<sup>535</sup> *Notícias do Cartaxo*, Ano 3, nº 60, 27 de Outubro de 1956.

<sup>536</sup> Situado no largo principal de Vila Chã de Ourique, a dois quilómetros da sede do concelho.

<sup>537</sup> *Notícias do Cartaxo*, Ano 3, nº63, 2 de Dezembro de 1956.

<sup>538</sup> Leopoldo de Almeida (1898-1975), antigo presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes e autor de estátuas tão conhecidas como as do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, na Batalha e a de D. João I na Praça da Figueira. Em 1973, data do volume I da Actualização da *GEPB*, “foi determinado que o Palácio da Mitra, em Lisboa, fosse, depois de adaptado,”destinado a museu com o espólio do escultor, constituído por mais de 500 peças.”

depoimentos de pessoas que o conheceram ou com ele lidaram de perto, como acontecera, por exemplo, com Amílcar Ramada Curto.

Publica-se um artigo sobre Augusto Sá da Costa, outro notável cartaxense, proprietário de uma conhecida livraria - editora lisboeta, doador de uma vasta colecção de livros para a Biblioteca Municipal, inaugurada pela mesma ocasião. No edifício que tinha sido residência da família Mesquita e fora legado ao Município por António Mesquita,<sup>539</sup> foi instituída a sala professor Ferreira da Costa,<sup>540</sup> destinada a albergar a preciosa colecção de milhares de títulos daquele editor - livreiro. Noticiava-se ainda a reestrela de *Peraltas e Sécias* no Teatro Nacional, numa forma de a companhia residente Rey-Colaço/Robles Monteiro se associar à efeméride.

Um facto relativamente extraordinário mantivera na expectativa a forma como iria ter lugar o descerramento do pano que cobria a estátua. Tinham-se alimentado esperanças no restabelecimento de uma anciã que fora amiga de infância de Marcelino, mas o que destino se encarregara de afastar do mundo dos vivos precisamente na véspera da cerimónia.<sup>541</sup> O descerramento da estátua acabou por ser feito pela actriz Palmira Bastos que se mostrou agradavelmente surpreendida com a forte semelhança entre a escultura e Marcelino.

Muitos foram os periódicos que fizeram a cobertura do evento, sendo de destacar, a nível regional, o *Correio do Ribatejo* e a *Vida Ribatejana* e a nível nacional *O Século* e o *Diário de Notícias*, onde se podem encontrar reportagens que o dignificam e projectam no tempo. Do apontamento dos discursos retiram-se alguns ecos ou frases que adquirem um significado especial, como se de epígrafes se tratassem:

- “Marcelino Mesquita voltou de novo à vida.” (João Carlos Castro Reis, Governador Civil de Santarém);

- “Fica assim concluída na minha gerência uma das mais antigas aspirações do concelho.” (Francisco Nogueira Freire, Presidente da Câmara Municipal do Cartaxo);

---

<sup>539</sup> O irmão do dramaturgo faleceu em 1944.

<sup>540</sup> Irmão do editor - livreiro.

<sup>541</sup> *Notícias do Cartaxo*, Ano 3, nº 64, 25 de Dezembro de 1956.

- “Marcelino Mesquita é para nós hoje - mais do que o autor festejado da «Leonor Teles» e do «Regente» - um ponto de continuidade a que nos queremos ligar.” (Eduardo Brasão, Secretário Nacional da Informação);

- “O homem morre, mas a obra perdura: o génio é imortal.” (Nuno Rossini Rosado, redactor principal do *Notícias do Cartaxo*);

- “Poeta, contista, romancista, jornalista - foi, porém, acima de tudo, dramaturgo.” (Luís de Guimarães, escritor).<sup>542</sup>

A memória perdurará para sempre, mesmo que de forma menos exuberante, nos anais das academias, mantendo-se mais forte enquanto viveram os que ainda conheceram de perto a figura ou contactaram de uma forma mais próxima com a sua recordação. Não é, por conseguinte, de estranhar que se encontre espalhada pelos periódicos, sejam de âmbito geográfico mais restrito ou mais alargado, a reverberação desses conhecimentos, ao longo de todas as décadas do século XX.

Carlos Selvagem deixou um dos testemunhos mais apaixonados, entre muitos outros que se referem ao dramaturgo. Referindo-se a Marcelino Mesquita, no ano em que passavam quatro décadas sobre o seu desaparecimento, apontava-o como um exemplo típico de reflexo do meio que o criou e projectou, apresentando-o como um “paradigma ou padrão superior do homem ribatejano (...) português cem por cento”.<sup>543</sup> Reportando-se, certamente, a modelos folcloristas inspirados na figura do campino, caracterizava-o como um homem de “ilimitados horizontes”, propício ao “sentimento e amor da independência que as grandes solidões suscitam”, ativo e de “poucas falas”, mesmo quando “sauda o seu patrão e faz o seu pedido”.<sup>544</sup> Considerava-o ainda “assomadiço e rude[...] um sensual, amador dos espectáculos de força e de alegria, dos prazeres pagãos da vida, das belas formas, das cores violentas, da luz do sol”.<sup>545</sup>

O raciocínio prossegue assente na convicção de que o Ribatejo, por ser o centro geográfico do país, produz uma casta especial de gente com características especiais. A perspectiva servia para o enquadramento da figura do homenageado, recorrendo a aforismos muito próprios e muito rebuscados, tais como a afirmação

---

<sup>542</sup>Todas as frases são extraídas do *Notícias do Cartaxo*, nº 64, de 25 de Dezembro de 1956.

<sup>543</sup> Carlos Selvagem, “A figura e a obra de Marcelino Mesquita” *idem*, Ano VI, nº 134, 28 de Novembro de 1959.

<sup>544</sup>*Notícias do Cartaxo*, Ano VI, nº 134, 28 de Novembro de 1959.

<sup>545</sup> *Idem, ibidem.*

de que a sua vida fora “uma contínua espadachinagem de bravatas e derrotas (...) em sucessivos clarões de génio e sínopes de sombra, que ora o alçavam triunfalmente às nuvens, ora o abatiam no pó dos estrondosos fiascos”.<sup>546</sup> Utiliza as expressões recorrentes do aspecto físico de Marcelino que o aproximam de Cyrano de Bergerac, de “bigode e pêra em riste (...) largo sombreiro e ampla capa ao vento (...) em permanente repto às multidões e aos homens, como um bravo mosqueteiro.”<sup>547</sup>

Percebe-se, por fim, a razão de tanto entusiasmo: assistira aos ensaios de *Pedro o Cruel*,<sup>548</sup> tendo sido apresentado ao autor por um amigo comum. Aproveitara o contacto para lhe dar a ler uma das suas “primeiras tentativas de teatro”.<sup>549</sup> Marcelino dissera-lhe, então, que ainda estava muito ingénuo e inexperiente para escrever teatro:

É preciso vivermos muito intensamente a Vida, sofreremos muito, sermos calcados, escoiceados, atraíçoados por tudo e por todos, pelos melhores amigos, pela própria mulher...para verdadeiramente podermos gisar, carpinteirar, realizar uma obra de teatro.<sup>550</sup>

Tais comentários não diminuíram a admiração do aprendiz de dramaturgo que, no período post-mortem, continuou a traçar dele um dos mais completos e originais perfis: “entrava na imortalidade com o arreganho, a insolência, a insubmissão de que sempre fizera alarde em vida”. Contestando a eventual crítica pejorativa contida numa referência de Joaquim Madureira, vulgo, Brás Burity, Selvagem considera-o “um poeta na sua modalidade mais proteica”, qualificando-o de “poeta dramático” equivalente aos que se celebrizaram naquele género dramático desde os épicos da antiguidade.<sup>551</sup> Sublinha, de forma indelével, a ideia de que o valor da obra marceliniana se deve, precisamente, às suas forças e fraquezas, vitórias e derrotas, tendo “já o seu lugar assegurado no Panteon das glórias lusitanas.”<sup>552</sup>

---

<sup>546</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>547</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>548</sup> Peça representada por volta de 1915.

<sup>549</sup> Carlos Selvagem escreveu também peças de teatro, entre as quais *Entre Giestas*.

<sup>550</sup> *Notícias do Cartaxo*, Ano VI, nº 134, 28 de Novembro de 1959.

<sup>551</sup> *Notícias do Cartaxo*, Ano VI, nº 134, 28 de Novembro de 1959. Segundo Selvagem o crítico, contemporâneo de Marcelino, chamara-lhe “modesto Sardousinho nacional para uso da Rua dos Fanqueiros”.

<sup>552</sup> *Idem, ibidem.*

Por fim, o que importa salientar sobre as motivações de Carlos Selvagem é o seu desejo de contribuir para a reunião de toda a obra dramática de Marcelino, com vista a uma edição monumental “com a apresentação gráfica, formato, composição e papel, a que tem indiscutível direito”.<sup>553</sup> Tal ensejo viria apenas a ser concretizado em 2006, por ocasião da comemoração 150 anos. O apelo destinava-se a provocar os “grandes senhores rurais do Ribatejo” no sentido de lançar uma subscrição nacional capaz de custear a “realização cultural de tanta altitude e nobreza”.<sup>554</sup> Aproveitar-se-ia então a maré desencadeada pela cerimónia da inauguração da estátua.

Outro jornalista, Álvaro de Andrade, defendia também, mais tarde, numa edição do *Diário Popular*<sup>555</sup> que as peças de Marcelino Mesquita deveriam, não só constituir presença obrigatória no reportório das obras-primas da literatura dramática nacional, como, de igual modo, serem presentes nos exames do Conservatório Nacional. Depreende-se que o articulista desconhecesse que tal inclusão era corrente nas provas da referida instituição de ensino artístico.

As reverberações da memória do homem reflectem-se de forma mais expressiva no seu contexto de origem, o que é absolutamente natural. Logo no ano subsequente ao do centenário, foi criado na sua terra o grupo *Amadores de Teatro Marcelino Mesquita*, que ainda hoje não se considera extinto. A inauguração das instalações da Casa do Povo de Pontével, em 1972, é uma das primeiras memórias de teatro do autor deste trabalho, que ali viu serem exibidas três peças curtas do dramaturgo. Em 1996, a autarquia fez questão de assinalar os 90 anos com um colóquio, uma brochura e um festival de teatro dedicado à representação da sua obra.

O espectáculo intitulado “*Marcelino: uma vida de paixão e uma paixão pela vida*”,<sup>556</sup> concebido pelo encenador Bruno Schiappa, igualmente programador do Teatro Nacional D. Maria II, demonstra que, através do recurso à inovação e originalidade, é possível trazer até aos nossos dias a vida e a obra de Marcelino Mesquita.

---

<sup>553</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>554</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>555</sup> Álvaro de Andrade, “Há 50 anos...”, in *Diário Popular*, de 5 de Junho de 1973. Recorte de notícia encontrado no espólio. EDMM, pasta 1, doc. 18 MM.

<sup>556</sup> Representado por artistas amadores no Auditório do Centro Cultural do Município do Cartaxo, em Setembro de 2007.

#### 4. Conclusão

Ao contrário de uma retrospectiva romanceada, este trabalho, alicerçado em fontes e servido por uma metodologia científica, procura reconstituir com rigor a vida e a memória de um cidadão, balizadas num determinado contexto cronológico, espacial e social. O que distingue Marcelino Mesquita dos outros cidadãos comuns, que não dão origem a um tratamento tão detalhado, é o facto de a sua acção ter ultrapassado as barreiras da sua própria vida material e física, libertando-o da lei da morte. Nascido no seio da pequena burguesia rural, começa a vida por contrariar a sorte que lhe queriam destinar, ser padre, enveredando pelo curso de estudante de Medicina, ainda que de forma conturbada por descobertas que o haviam de projectar para o patamar da fama. O seu percurso é marcado pela forma intensa como vive as suas relações amorosas, mas também pela escrita e pela intervenção cívica e política. A sua vida é uma constante tentativa de conciliar todas essas paixões, relegando o exercício da clínica para um plano secundário.

O objectivo de contribuir para aprofundar o conhecimento sobre uma figura do património local que se projectou para o exterior, assinalando uma posição de destaque num panorama vasto, considera-se cumprido. Entendia-se Marcelino Mesquita como uma referência local em risco de mitificação. Uma vez que os estudos efectuados até ao presente apresentam uma visão fragmentária do nosso objecto de estudo, procurou-se reunir, tratar e estruturar um discurso identitário em torno da sua memória. Esta continua arreigada a estereótipos que não o favorecem.

No campo da história da literatura, pertence ao grupo daqueles que permanecem agarrados a correntes retrógradas e resistentes à inovação, como os considerava Eça de Queirós,<sup>1</sup> sendo necessário esperar pelos finais do século XX para encontrar estudos que o relacionam com as correntes realista e naturalista.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. Mónica, Maria Filomena, *Eça de Queirós*, Círculo de Leitores, s.l., 2001

<sup>2</sup> Cf. Reis, Carlos e Ribeiro, Maria Aparecida, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. VI (Realismo e Naturalismo), Lisboa, Editorial, Verbo, 1993.

O mesmo acontece a propósito da arte dramática, em que é frequente associá-lo a um género que passou de moda, de forma irreversível, sendo impossível fazê-lo reviver, sem uma revisão do texto que livrasse o público de uma certa tortura, como dá a entender um crítico dos meados do século passado.<sup>3</sup> Esse juízo crítico é, de certa forma, compreensível, pelo menos, no que se refere ao género dramático, na medida em que não se trata, propriamente, de um grande inovador ou criador, conforme sustentam os investigadores de História do Teatro.<sup>4</sup>

No entanto, a sua acção contribuiu activamente para que o Teatro no concelho do Cartaxo, fosse apreciado a tal ponto que se inauguraram há escassos anos dois espaços culturais com amplas possibilidades de representação: o Centro Cultural do Município, no centro da cidade e o Auditório Luís Eugénio Filipe, numa das freguesias mais populosas.<sup>5</sup> A esse gosto pela representação e recreação dramática não será estranha a memória do homem que se perpetuou numa estátua, no principal largo da urbe cartaxense.

Não se tendo efectuado um balanço histórico sobre a representação das peças da autoria de Marcelino no Cartaxo, no período em que decorreu a sua vida (1856-1919), ou sobre a actuação de grupos e companhias dramáticas, apesar do registo de existência de, pelo menos, uma sala de teatro nesse período, constata-se, no entanto, que o teatro constituía uma das formas mais apreciadas de entretenimento público e privado da população, particularmente da que pertencia a um sector social mais abastado. A obra literária de Marcelino comprova-o em, pelo menos, dois momentos: o primeiro, em que se refere a uma récita em casa do Morgado da Quinta do Pote<sup>6</sup> e o segundo, em que produz uma pequena peça com o objectivo de angariar fundos para o auxílio das famílias dos soldados

---

<sup>3</sup> É o caso de João Andrade que, apesar de ter aplaudido o regresso de peças como *Peraltas e Sécias* à programação do Teatro Nacional, considerava que *Envelhecer* gozara de fama imerecida. Cf. Andrade, João Pedro de, *Reflexões Sobre o Teatro Português*, Lisboa, Acontecimento - Estudos e Edições, 2004.

<sup>4</sup>Cf. Cruz, Duarte Ivo, *História do Teatro Português*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001, Picchio, Luciana Stegano, *História do Teatro Português*, Lisboa, Portugália Editora, 1969 e Rebello, Luiz Francisco, *História do Teatro Português*, 3ª edição (rev. e aum.), Lisboa, Pub. Europa-América, col. Saber, s.d.

<sup>5</sup> Em Pontével, a população reuniu esforços para levar a cabo a construção de um novo edifício para a sua Sociedade Filarmónica. É neste espaço que se encontra o referido auditório.

<sup>6</sup> Cf. Mesquita, Marcelino, “Na aldeia. Cavacos. Scenas da província”, in *Diario Illustrado*, Ano XIII, nº 4114, 13 de Outubro de 1884.

portugueses em missão de combate.<sup>7</sup> Esta última peça, que permanece inédita, foi pela primeira vez representada numa quinta situada na zona do Pinhal da Azambuja e contou com a presença do próprio autor e de membros da sua família entre os intérpretes.<sup>8</sup>

No entanto, no tempo que se segue ao seu desaparecimento, são frequentes as referências, quer à visita de grupos amadores e profissionais, como a companhia de Robles-Colaço, nos meados do século XX, quer à constituição de associações culturais em que a representação cénica passa a complementar a componente de formação e divulgação musical patrocinada pelas bandas filarmónicas com raízes que mergulham no século XIX.<sup>9</sup> De 1956, ano em que se comemorou o Centenário de Marcelino, à actualidade, a actividade dramática nunca cessou de se desenvolver no concelho, sendo de destacar a existência de vários grupos: Amadores de Teatro Marcelino Mesquita, Grupo Cénico da Casa do Povo de Pontével,<sup>10</sup> TAC-Teatro Amador Combate,<sup>11</sup> TARA,<sup>12</sup> ATE-Amadores de Teatro Ereirense, Grupo Amador de Teatro de Vale da Pinta e os Grupos Cénicos da Lapa e de Vale da Pedra.<sup>13</sup> Apesar de um certo abrandamento da actividade, fruto da multiplicidade de ofertas que desviam a população da prática do associativismo, um grupo de teatro do concelho,<sup>14</sup> promove, de alguns anos a esta parte, um Festival de Teatro com a designação de Festével, ao longo do mês de Maio, com o apoio da Câmara Municipal do Cartaxo e da Junta de Freguesia de Pontével.

Por outro lado, verifica-se que o recurso à obra dramática de Marcelino Mesquita ultrapassou fronteiras, quer a nível do continente europeu, manifestando-se, tanto quanto foi possível apurar, em palcos espanhóis, franceses e italianos, quer a nível transcontinental, no Brasil e na Índia.<sup>15</sup>

---

<sup>7</sup> Idem, *Um Episódio da Guerra*, drama em um acto. É um dos vários títulos que permanecem por publicar, apesar de já ter sido levada à cena mais do que uma vez. Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita... 150 anos*, pp. 99, 100.

<sup>8</sup> O irmão António e a filha Inês, entre outros amadores locais.

<sup>9</sup> Por volta de 1930 existiriam no concelho seis bandas filarmónicas: Cartaxo (1), Pontével (2), Vale da Pinta (1), Ereira (1) e Lapa (1). Cf. Cruz, Ana, *O Concelho do Cartaxo*, pp. 75-134.

<sup>10</sup> Os mais antigos, com origens, respectivamente, em 1957 e 1965.

<sup>11</sup> Com existência nos anos subsequentes a 1974. Praticavam um tipo de teatro muito inovador.

<sup>12</sup> Teatro Amador e Recreativo (os) Amigos, existiu em Pontével, entre os anos de 1975 e 1985.

<sup>13</sup> Cf. Cruz, Ana, *O Concelho do Cartaxo*, pp. 76-135.

<sup>14</sup> Grupo Cénico da Casa do Povo de Pontével.

<sup>15</sup> “Uma linda festa na Índia”, in *Ilustração Portuguesa*, Ano X, n.º 420, 9 de Março de 1914, pp.292-293.



Na esfera interna podem encontrar-se muitos exemplos de manifestações teatrais que comprovam a sobrevivência do dramaturgo. Uma perspectiva diacrónica da representação teatral, *lato sensu*, forneceria, sem dúvida, vastas informações sobre o emprego de textos de Marcelino. Que o digam Nicolau Breyner, Paulo Matos, Diogo Infante e tantos outros actores que frequentaram o Conservatório Nacional.<sup>16</sup> Em síntese, pode afirmar-se que muito está por fazer no campo da pesquisa sobre a projecção desta figura, em termos nacionais e internacionais.

O reconhecimento do estatuto de Marcelino Mesquita pode ainda ser testemunhado em pormenores inesperados, embora evidentes, como a iconografia dos antigos teatros de província, sendo os municípios de Póvoa de Lanhoso e de Elvas merecedores de um aplauso especial, por não terem apagado da decoração dos seus *ex-libris* culturais, o Theatro Club e o Theatro Bernardim Ribeiro, respectivamente, pinturas de retratos de figuras que contribuíram para a animação e o prestígio daqueles espaços. Há ainda a referir uma outra fonte de conhecimento sobre nomes que floresceram nas artes da representação, ou que a ela estiveram ligados: as publicações de memórias, autobiografias, entrevistas nos periódicos, artigos de crítica artística e literária. Adelina Abranches, Chaby Pinheiro, Eduardo Brazão, Eduardo Schwalbach, Augusto Rosa, Palmira Bastos, Amélia Rey-Colaço, entre tantos outros, certamente, merecem bem uma leitura atenta das suas recordações publicadas. Noutra perspectiva, poder-se-iam reunir outros nomes, também com obra publicada e mais arredados dos escaparates actuais, começando pelos contemporâneos de Marcelino e prosseguindo na geração seguinte: Henrique Lopes de Mendonça, D. João da Câmara, Fialho d'Almeida, Ramada Curto, Luís Guimarães, Carlos Selvagem, para apenas referir alguns dos muitos que com ele privaram.

A faceta de periodista, responsável editorial e, nalguns casos, proprietário de títulos de jornais, é, sem dúvida, a menos conhecida, pelo que, para atingirmos o objectivo a que nos propusemos, houve necessidade de proceder a um estudo aprofundado e sistemático dessa actividade. Deu-se um enfoque especial sobre

---

<sup>16</sup> Actualmente designado Escola Superior de Teatro e Cinema.

essa vertente, por se considerar que foi através dela que Marcelino manteve uma intervenção mais activa na vida cívica e política.

Desde o fim das guerras entre liberais e absolutistas que há notícia da existência de periódicos no Cartaxo. Mas é na época de Marcelino que eles atingem uma quantidade mais expressiva: ao todo nove títulos se encontram registados num período que medeia entre 1883 e 1919.<sup>17</sup> Relativamente ao concelho ribatejano, optou-se por privilegiar a consulta de dois títulos pela simples razão de que tinham as suas existências ligadas. Ou seja, *O Povo do Cartaxo*, com início de publicação em 1883, foi continuado pel' *O Chronista*, após ter sido adquirido por Marcelino Mesquita.<sup>18</sup> Trata-se de uma aquisição com fins políticos, sem qualquer dúvida, uma vez que se enquadra numa fase em que ele (Marcelino) se começa a envolver nas questões de política local, manifestando também interesse e opinião sobre os assuntos da política nacional. Do compulsar dos textos resulta a identificação com o programa eleitoral do Partido Regenerador e revela a participação de Marcelino em campanhas eleitorais no período que antecedeu a sua eleição como deputado, em 1890.

A colaboração nos periódicos já vinha do tempo de estudante em Lisboa, em que escrevia crónicas e poemas para *O Pae Anselmo* e o *Diario Illustrado*. Foi, portanto, necessário passar a pente fino estes dois títulos de semanário e diário, respectivamente, para entrever indícios que revelassem, de forma clara, o pensamento de Marcelino, as suas ideias e opiniões políticas. A inspiração e inteligência manifestadas pela sua prestação de cronista, não permitem inferir uma filiação partidária, apesar de se concordar com Aurélio Marques, quando afirma que o jovem universitário não teria escapado ao efeito publicitário do emergente Partido Republicano, nomeadamente, na ocasião das comemorações dos Centenários.<sup>19</sup>

Porém, a natureza das suas convicções republicanas implica um aprofundamento da pesquisa, uma vez que nem o facto de ser o Director do diário *Portugal*, na altura da Revolta do 31 de Janeiro é esclarecedor dessa tendência. Tem-se assumido como certa a relação entre a propaganda republicana e a

---

<sup>17</sup> Se bem que dois deles, *O Saloio* e o *Milharó* tenham aparecido já no final da vida de Marcelino (1918), não se conhecendo colaborações suas nesses jornais. Cf. Cruz, Ana, *O Concelho do Cartaxo*, pp. 149-169.

<sup>18</sup> Ambos tiveram uma existência relativamente curta de cerca de três anos cada.

<sup>19</sup> Marques, Aurélio, "As ideias e convicções" in AAVV, *Marcelino Mesquita... 150 anos*, p. 88.

participação do Partido Republicano nas comemorações de efemérides de eminentes figuras da História Pátria. De igual modo, alguns autores descrevem o modo como ele se evidenciou por ocasião das comemorações do Centenário do Marquês de Pombal, em 1882.<sup>20</sup> No entanto, é necessário percorrer com atenção as crónicas d'*O Pae Anselmo* antes de formular qualquer juízo político a respeito de Marcelino.<sup>21</sup> Na realidade, a tónica dominante dos referidos textos incide na crítica sobre o que o autor intitula a “febre dos centenários”, não poupando o escárnio à figura do estadista, referindo-se a ele em termos pouco lisongeiros.<sup>22</sup>

A direcção de periódicos de forma contínua estende-se ainda à (*A Comedia Portuguesa*), em dois períodos distintos: no final da década de 80 do século XIX e pouco após a viragem do século, em 1902. É inevitável a associação com Rafael Bordalo Pinheiro com quem teve uma sólida relação de amizade, apesar da relativa diferença de idades.<sup>23</sup> O multifacetado artista revelou fortes ligações ao espectáculo teatral, na concepção de cenários e figurinos, na própria representação figurativa dos elementos dramáticos (autores, actores, personagens). *Pérola*, *Os Castros* e *O Regente* são exemplos de peças que foram objecto de composições alusivas nas páginas dos *Pontos nos ii* e n'*O António Maria*. A primeira série de (*A Comedia...*) surge precisamente no período em que este último semanário satírico e humorístico se encontrava suspenso por ordem governamental.<sup>24</sup> Deste modo, uma investigação sistemática no acervo depositado no Museu Rafael Bordalo Pinheiro lançará, certamente, novas luzes sobre o relacionamento entre Marcelino e Rafael.

Em jeito de balanço final, deve salientar-se que, apesar dos contributos avançados relativamente ao lugar que esta figura pública ocupa no campo do património cultural português, importa prosseguir o trabalho tendo em vista o preenchimento de lacunas que permanecem na reconstrução do discurso sobre a sua vida e memória públicas. Assim, é importante, neste ponto de chegada e, simultaneamente, de partida, lançar aos investigadores um conjunto de desafios como os que, em seguida, se enunciam:

---

<sup>20</sup> Cf. Marques, Aurélio, *op.cit.*, pp.87-88.

<sup>21</sup> Cf. “Risos e Sátiras”, in *O Pae Anselmo*, entre 19 de Março e 28 de Maio de 1882.

<sup>22</sup> Embora não se possa deixar de atender à tipologia satírica e humorística do semanário.

<sup>23</sup> Rafael era dez anos mais velho que Marcelino.

<sup>24</sup> *O António Maria* circulou, numa primeira fase, entre 1879 e 1885 e, numa segunda fase, entre 1891 e 1898. Cf. Lopes, Maria Virgília, *O Teatro n' A Parodia de Rafael Bordalo Pinheiro*, Lisboa, IN-CM, 2005.

- preservação e tratamento arquivístico do espólio depositado na Biblioteca Municipal Marcelino Mesquita, do Cartaxo;
- levantamento e tratamento sistemático de documentação (cartas e outros textos) de e sobre Marcelino Mesquita em espólios já tratados ou em fase de tratamento;
- pesquisa sistemática de colaborações noutros periódicos que não foi possível abordar neste trabalho, dada a limitação do tempo;
- referências na imprensa periódica estrangeira à representação de peças nos respectivos países (nomeadamente, Brasil, Espanha, Itália, França).

De igual modo, do ponto de vista iconográfico, Marcelino revela-se um promissor manancial de registos, tanto ao nível da fotografia, como do desenho e da caricatura (Rafael Bordalo Pinheiro, Francisco Valença, Leal da Câmara, entre outros) e, inclusivamente, da escultura de carácter académico (Leopoldo de Almeida) ou popular (Augusto Batista)<sup>25</sup> e da decoração de interiores, nos já mencionados teatros municipais.

Ao contrário de Marcelino que, num soneto dedicado à memória dos seus entes queridos, afirmava que “a ninguém lembrará a nossa vida, nem se lembrará de nós a própria morte”,<sup>26</sup> a sua vida e obra constituem-se como um contributo para o estudo da sociedade, da cultura e da mentalidade portuguesas, do último quartel do século XIX e primeiras décadas do século XX. O autor e o homem não foram esquecidos e continuam a suscitar estudos e celebrações, o que indica que se mantém vivo na memória de alguns cidadãos e é uma referência do património cultural português.

---

<sup>25</sup> Artista cartaxense (1911-1991).

<sup>26</sup> *Vide* página seguinte.

## A MINHA MÃE

Perto de minha irmã e pais defuntos  
Onde repousam, dormem, docemente,  
Eu irei ter com eles brevemente  
E estaremos, assim, de novo, juntos.

Na negrura da terra humedecida  
Far-se-á um silêncio de tal sorte  
Que a ninguém lembrará a nossa vida,  
Nem se lembrará de nós a própria morte.

No pó frio da terra a que voltámos  
Ninguém descobrirá as alegrias  
Nem as mágoas da vida que passámos:

Pois que a nossa pobre alma iluminada,  
O nosso coração e o pensamento,  
Voltaram, de novo, às regiões do nada.<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Poema inédito existente in EDMM, pasta 14, doc.1.

## 5. Cronologia possível

### 5.1. Vida

- 1856 - 1 de Setembro: nasce Marcelino António da Silva Mesquita.
- 1860 - Nasce a irmã Maria Inês.
- 1862<sup>1</sup>- Inicia a frequência escolar com a mestra D. Afonso.
- 1866 - Nasce o irmão António.
- 1867 - Ingressa no Seminário de Santarém.
- 1871 - Matricula-se na Escola Académica em Lisboa.
- 1873 ou 1874 - Inicia-se na actividade de colaborador na imprensa periódica.<sup>2</sup>
- 1876 - Dá entrada na Escola Médico-Cirúrgica.
- Estreia-se como actor e autor de *Leonor Telles*, drama histórico de 5 actos em verso alexandrino, no Teatro D. Maria II, com artistas amadores, a favor da Caixa de Socorros Mútuos dos Estudantes Pobres.
- 1881 - Inicia a colaboração no semanário *Pae Anselmo* com o pseudónimo *Satanaz Junior*.
- Publica *Meridionaes*, a primeira obra poética em edição de autor.
- 1882 - Intervém no Centenário do Marquês de Pombal declamando o poema “A Cruz”.
- 1883 - Inicia a colaboração no *Diário Illustrado* com os pseudónimos *Mendo* e *Mendo Abbade*.
- 1884 - Redige com João de Melo Viana e Fialho d’Almeida o número único de *Estudiantina* (jornal publicado pelos estudantes de medicina de Lisboa em benefício da Caixa de Socorros Mútuos de Estudantes Pobres).

---

<sup>1</sup> Data provável.

<sup>2</sup> Vide p.80.

1885 - Entra em polémica com a censura régia do Teatro D. Maria II, devido à proibição de peça *Pérola, Episódio da Vida Académica*.

- 23 de Maio: *Pérola* é estreada no Teatro do Príncipe Real.

- Julho: conclui o curso de Medicina com a tese *Hysteria*.

- Regressa ao Cartaxo e compra *O Povo do Cartaxo* e a *Tipographia Cartaxense*.

1886 - Casa-se com Maria Rufina Marques.<sup>3</sup>

- 23 de Maio: funda e dirige *O Chronista*.

- *O Sr. Barão*, drama em 5 actos, é representado no Teatro do Ginásio Dramático.

1887 - 6 de Março: sofre a primeira derrota eleitoral como candidato ao círculo do Cartaxo e Rio Maior.

1888 - Vende *O Chronista*;

- (Re)instala-se em Lisboa com clínica na Rua Nova de S. Domingos.

- 6 de Outubro: funda e dirige *A Comedia Portuguesa*, ao lado de Fialho d'Almeida, Silva Lisboa e Julião Machado (ilustrador).

- 24 de Novembro: é noticiada a morte da primeira e única filha legítima conhecida.

1889 - Colabora na revista *A Berlinda*.

- Inicia o relacionamento amoroso com Alexandrina Alves Ferreira;

- Outubro: *Leonor Telles*, é novamente representada no Teatro D. Maria II, com um elenco de actores profissionais onde figuravam Virgínia, Rosa Damasceno, Brazão, irmãos Rosa e Ferreira da Silva.

---

<sup>3</sup> A data é hipotética, uma vez que não se encontraram assentos notariais.

- (19 de Outubro) Morre D. Luis; D. Carlos ascende ao trono.
- *A Tourada*, revista do ano, é representada no Teatro Avenida, em colaboração com Gualdino Gomes.

1890 - Janeiro: Dá-se o Ultimato Inglês.

- Março: Alexandrina dá entrada no Asilo de Santa Marta.
- 31 de Março: é eleito deputado pela Guarda.
- Abril: Alexandrina instala-se na Rua dos Ferreiros.
- 3 de Maio: toma posse na Câmara dos Deputados.
- 12 de Maio: Manuel de Arriaga, deputado republicano por Lisboa, apresenta, na Câmara dos Deputados, uma moção sobre o reconhecimento da República Federal do Brasil e outra sobre o Ultimato Inglês.
- 20 de Maio: (Câmara dos Deputados) é eleito para o cargo de Secretário da Comissão de Comércio e Artes presidida por Luciano Cordeiro.
- 27 de Maio e 2 de Junho: (Câmara dos Deputados) apresenta notas de luto sobre os suicídios de Silva Porto e Camilo Castelo Branco.
- 3 de Junho: (Câmara dos Deputados) requer esclarecimentos relativos à transferência da sede de concelho de Arruda dos Vinhos para Sobral de Monte Agraço.<sup>4</sup>
- 12 de Junho: nasce Inês, filha de Marcelino e de Alexandrina, na Travessa de Santa Gertrudes à Estrela.
- 16 de Junho: (Câmara dos Deputados) discursa sobre as deficiências existentes na gestão e fiscalização da actividade do Teatro D. Maria.

---

<sup>4</sup> Marcelino manifestou-se contra essa transferência.



- 12 de Julho: (Câmara dos Deputados) a propósito da epidemia de cólera, apela à distribuição pelo país de um folheto informativo, elaborado pela Sociedade de Ciências Médicas.
- 29 de Julho: (Câmara dos Deputados) faz uma intervenção sobre a frequência dos suicídios.

1891 - 16 de Janeiro: funda e dirige o jornal *Portugal*.

- Alexandrina e Inês mudam para a Calçada da Estrela.

1892 - 2 de Abril: encerramento da sessão parlamentar (conclui o mandato de deputado).

- Alexandrina e Inês mudam-se para a Rua do Cabo.
- Verão: Férias de *Baby* (Alexandrina) e *Tininha* (Inês).
- Regressa às lides eleitorais.
- Agosto/Setembro: instala-se na Quinta da Ribeira, em Pontével.
- Perde a eleição para o círculo do Cartaxo, a favor de Mariano Cirilo de Carvalho.

1893 - 8 de Abril: é representada a peça *Os Castros*, no Teatro D. Maria II.

1894 - desiste da política após mais uma derrota eleitoral.

1895 - 27 de Janeiro: é representada a peça *Fim de Penitência*, peça em 1 acto, no Teatro D. Maria II.

- 27 de Dezembro: é representada pela 1ª vez *Dor Suprema*, tragédia burguesa em 3 actos (Teatro D. Maria II).

no mesmo teatro.

1896 - 31 de Janeiro: é representada a peça *O Velho Tema*, drama em 5 actos (Teatro D. Maria II).

- 1897 - 1 de Maio: é representada a peça *O Regente* (Teatro D. Maria II).
- Corresponde-se com Teófilo Braga agradecendo o livro oferecido por este.
- 1898 - Ganha o 2º prémio no concurso do *Centenário da Índia* e envolve-se na polémica criada pelo mesmo concurso.
- Publica *O Sonho da Índia*, drama histórico em verso, com 3 actos e 9 quadros (ocorrem 2 edições no mesmo ano: uma em Março e outra em Maio).
  - 10 de Setembro: é representada a peça *O Tyrano da Bella Urraca*, paródia burlesca a *Cyrano de Bergerac*, no Teatro D. Amélia.
  - É representada a peça *Ser Pai*, no Teatro D. Maria II.
  - Colabora na revista *A Duse* (número único).
- 1899 - 4 de Fevereiro: participa no Centenário de Garrett com a peça *Auto do Busto*, no Teatro D. Maria II.
- 11 de Fevereiro: é representada a peça *Peraltas e Sécias*, comédia de costumes sobre o século XVIII, no Teatro D. Maria II.
  - É-lhe atribuída uma condecoração pelo Rei D. Carlos.
- 1900 - 24 de Março: é representada a peça *Sempre Noiva*, drama histórico em 4 actos e 7 quadros, no Teatro D. Maria II.
- Compõe *A Morta Galante*, monólogo em verso, editado pela Livraria Popular de Francisco Franco.
  - Colabora no *Almanaque dos Palcos e Salas*.
- 1901 - 8 de Março: *Petrónio* é estreada no Teatro D. Amélia.

- 17 de Outubro: é representada a peça *Sinhá*, drama em 3 actos, no Teatro D. Maria II.
- 1902 - Janeiro: refunda e dirige *A Comedia Portuguesa*, com o Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro.
  - 24 de Março: é representada a peça *O Tio Pedro*, episódio trágico em 1 acto (1ª edição de Manuel Gomes Editor), no Teatro D. Amélia.
  - Abril: estreia no Teatro do Recreio, Rio de Janeiro de *A Noite do Calvario*, (*As Victimas*), drama em 4 actos, devido à sua proibição em Portugal.
  - 7 de Novembro: estreia de *Uma Anedocta*, episódio dramático em 1 acto (1ª edição da Livraria Popular de Francisco Franco) no Teatro D. Amélia.
- 1903 - Protesta n' *O Século* contra a proibição de *A Noite do Calvário*.
  - 10 de Outubro: *O Rei Maldito*, peça popular histórica, é representada no Teatro do Príncipe Real.
- 1904/1905 - Adapta a romance histórico *Leonor Telles* com ilustrações a cores de Manuel de Macedo e Roque Gameiro.
- 1905 - 28 de Abril: é estreada a tragédia em 2 actos, *Almas Doentes*, no Teatro D. Maria II.
  - 7 de Junho: escreve a Teófilo Braga ofertando-lhe um exemplar de *Almas Doentes*.
- 1907 - 13 de Abril: representa-se em Lisboa, no Teatro do Príncipe Real, após levantamento de proibição, *A Noite do Calvário*.
  - Traduz *A Rússia Vermelha*, de John Forster (1ª edição).

1908 - São publicadas a narrativa histórica *Os Quatro Reis Impostores* (Livraria Bertrand), *Guerras da Independência - As Três Invasões Francesas* (2 volumes da Biblioteca do Povo e das Escolas, Companhia Editora) e *Primeiras Noções da História de Portugal*, com Acácio Guimarães (manual para o ensino primário, com 1ª edição de Manuel Gomes Editor).

- 13 de Março: recebe carta de Max Nordau criticando *Dor Suprema*.

1909 - É publicado o drama em 4 actos *Envelhecer*, (1ª edição de A Editora).

- 5 de Abril: recebe carta de Max Nordau, criticando *Envelhecer*.

1910 - Outubro: é representado o drama (4 actos em verso popular) *Margarida do Monte*, (episódio cortesão da 1ª metade do século XVIII), no ainda Teatro D. Amélia (posteriormente chamado da República).

- 15 de Outubro: em carta a Teófilo Braga solicita-lhe um prefácio para *Margarida do Monte*.

1911 - 25 de Janeiro: renova o pedido que, finalmente, é satisfeito.

- Representa-se *A Mentira*, episódio dramático em 1 acto, no ainda (?) Teatro D. Amélia.

1912 - 6 de Novembro: recebe carta de Max Nordau apreciando *Margarida do Monte*.

1913 - Adaptação aos tempos modernos, a *Farsa de Ignez Pereira*, de Gil Vicente, (1ª edição da Livraria Rodrigues).

- *Perina*, episódio trágico da vida de Pedro Aretino, em 2 quadros é editado por de J. Rodrigues e C.ª Editores.

1915 - 2 de Junho: representação de *Pedro o Cruel* no Teatro Nacional.

- 8 de Julho: Max Nordau critica, em carta, *Pedro o Cruel*.

1916 - 14 de Junho: é integrado como vogal na Academia das Ciências em “homenagem aos seus relevantes méritos literários”.

1917 - É publicado o monólogo *O Cão do Regimento*.

- 20 de Maio: é representada, no Teatro Nacional D. Maria II, *Na Voragem*, tragédia burguesa em 2 actos.

- Verão: récita de beneficência a favor dos soldados portugueses, no Pinhal da Azambuja, com representação por amadores (entre os quais o próprio Marcelino) de *Um Episódio da Guerra*, drama em um acto, inédito.

1917/1918 - viaja, integrado em missão oficial, ao Brasil, Inglaterra e França entre Novembro de 1917 e Março de 1918.

1918 - Publica *O Grande Amor*, poema lírico (1ª edição da Livraria Rodrigues e Companhia) dedicado a uma jovem que conheceu a bordo do navio que o levara ao Brasil.

- 8 de Junho: escreve uma longa carta ao Ministro da Instrução Pública sobre o estado do Teatro.

- Outubro: é nomeado pelo Governo a Comissão de Reforma do Teatro Nacional.

1919 - Janeiro: apadrinha o casamento da filha com Duarte Ressano Garcia.

- 25 de Abril: como membro da Academia de Ciências é convidado para uma cerimónia de atribuição de insígnias à Universidade de Coimbra.

- 7 de Julho: morre na sua casa da Rua das Amoreiras, nº 48, Lisboa.

- 8 de Julho: é sepultado no Cartaxo.

## 5.2. Post- mortem

1924 - 11 de Julho: artigo de Motta Cabral no *Diário de Lisboa* sobre uma visita à Quinta da Ribeira.

1925 - 18 de Julho: artigo de Braz Burity no *Combate* exprime a intenção de perpetuar a memória de Marcelino.

1928 - 1 de Novembro: artigo de Rozendo César no *Jornal do Cartaxo* sobre evocação de Marcelino.

1932 - 13 de Setembro: artigo de Fernando Baldaque no *Notícias* (Lourenço Marques): testemunho sobre Marcelino.

1937- criação do Externato Marcelino Mesquita no Cartaxo.

1940 - artigo de António Ferrão, supostamente no *Diário de Lisboa*, publicando correspondência entre Teófilo Braga e Marcelino.

1945 - 25 de Dezembro: artigo evocativo de Carlos Santos n' *O Século*.

1948 - Janeiro: falecimento de Alexandrina Ferreira (a *Baby* de Marcelino).

- Agosto: morte de António Mesquita e abertura do seu testamento.

1954 - Abertura de subscrição pública para o monumento lançada pelo *Notícias do Cartaxo*.

- Agosto: abertura do testamento de António Mesquita.

1956 - Setembro: abertura das cerimónias comemorativas do Centenário do nascimento de Marcelino Mesquita.

- Dezembro: inauguração da estátua e da Biblioteca Municipal Marcelino Mesquita.

1957 - fundação do grupo *Amadores de Teatro Marcelino Mesquita*.

1969 - comemoração do 50º aniversário da morte.

- 1976 - falecimento de Inês Mesquita Ressano Garcia, a filha *Tininha*.
- 1987 - atribuição do nome de Marcelino Mesquita a uma artéria de Pontével.
- 1989 - falecimento de António Mesquita Ressano Garcia, último neto de Marcelino.
- 1996 - comemorações do 140º aniversário do nascimento: lançamento de brochura, realização de colóquio, exposição e um festival de teatro amador.
- 2005 - início da organização do espólio à guarda da Biblioteca Municipal.
- 2006 - Janeiro: criação da Comissão Municipal para as comemorações do 150º aniversário do nascimento.
- 1 de Setembro: abertura oficial das comemorações; discursos oficiais (Secretário de Estado da Cultura, etc.); edição comemorativa; reedição da obra dramática, organizada e prefaciada por Duarte Ivo Cruz (*Teatro Completo*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda), apresentação e lançamento do 1º volume.
- 2007 - 20 de Agosto: defesa da dissertação de Mestrado: *Na Oficina do Dramaturgo...* pelo professor Vítor Santos, na Universidade de Évora.
- 1 de Setembro: encerramento oficial das comemorações: repetição do espectáculo; lançamento dos 2º e 3º volumes do *Teatro Completo*; discursos oficiais.
  - Setembro: apresentação do espectáculo “Uma vida de paixão, uma paixão pela vida”, com encenação de Bruno Schiappa.

## I. Fontes

### 1.1. Manuscritas

#### 1.1.1. Peças de teatro existentes no seu Espólio (BMMM)

##### 1.1.1.1. Manuscritos de Peças

*Espólio do Dramaturgo Marcelino Mesquita*, Biblioteca Municipal Marcelino Mesquita – Cartaxo:

*O Tirano da Bella Urraca* (música «A Feira de S. Borromeu - coro, de Manuel Benjamim, letra de Marcelino Mesquita);

*A Dôr Suprema*, tradução para francês, pelo autor: *La Suprême Douleur*;

*Leonor Telles* (manuscrito do 1º acto);

*Um Episódio de Guerra* (não publicada);

Uma comédia sem título sobre a educação da mulher e o feminismo (não publicada);

*Na Voragem* - Episódio dramático em 2 quadros (duas cópias manuscritas completas); datado de *Ribeira de Pontével XXIII-IV-MCMXVII*;

*O Rei Maldito (dossier 11)*;

*Mater Dolorosa* (inacabada). Parece passar-se no Cartaxo, Quinta da Cabreira. O 2º acto, passar-se-ia no salão das irmãs Affonso;

*Até á Morte* (apenas alguns diálogos, sem indicar o nome dos interlocutores);

*O Rei de Penamacôr* (inacabada). Comédia histórica em 6 quadros extraída da novela *Os quatro reis impostores*;

*Alcacer Kibir*. Tetralogia (tragédia em 4 actos);

*Luiz de Camões, o Trinca-Fortes (1539-42) – 1916*;

*Os três Assassinos* - Drama;

*O Dr. Seringa (?)*;

*O Banqueiro* - Drama;



*Pena de Talião* - Comédia - 1919;  
*Divórcio* – Drama;  
*O Judeu* - (à memória de C. Castelo Branco);  
*Amor e Morte* - Esboço de drama;  
*Nabuco* - Esboço de Tragédia em 3 actos;  
*O Rei da Ericeira* - peça histórica;  
*Miss Dora ou Amor de Miss*.

### **1.1.2. Existentes noutros locais**

*Documentação de António Mesquita Ressano Garcia*, recolhida e guardada por Zelinda Pêgo (a quem agradecemos ter-nos facultado a sua consulta).

*Dossier de Registos Biográficos*, Teatro Nacional D. Maria II.

*Livro de Registo de Óbitos da Freguesia de São Mamede*. Ano de 1919, 3<sup>a</sup> Conservatória do Registo Civil de Lisboa.

*Livro de Registo do Pessoal Político da Câmara dos Senhores Deputados*. 1890-1892, Arquivo Histórico Parlamentar da Assembleia da República.

## **1.2. Impensas**

### **1.2.1. Teatro de Marcelino Mesquita**

*Leonor Telles*, drama histórico em 5 actos, original. Representado nos teatros D. Maria e D. Amélia em Lisboa e S. João no Porto. É o n.º 39 da Biblioteca Dramática Popular. Da 1.<sup>a</sup> edição (1889) tiraram-se 100 exemplares em papel especial. Tem 12 edições, a 4.<sup>a</sup> s/d., a 8.<sup>a</sup> de 1918, a 9.<sup>a</sup> de 1919, 11.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup> s/d. É citada como um dos grandes êxitos do nosso teatro no *Diccionario* de Sousa Bastos. Foi representada pela 1.<sup>a</sup> vez (**1876**) pelos estudantes da Escola Médica em benefício da Caixa de Socorros dos Estudantes Pobres, tinha o seu autor vinte anos. Em 3 de Outubro de **1889** foi representada no Teatro D. Maria, tendo corrido a província e o Brasil. Virgínia era «Leonor Teles», «D.

Helena», Rosa Damasceno e «D. Fernando», Brasão. João, Augusto Rosa, Posser e Ferreira da Silva completavam a distribuição que tinha os melhores actores da cena portuguesa.

*Perola*, comédia dramática em cinco actos (23-5-**1885**), Lisboa, Parceria de António Maria Pereira, 2.<sup>a</sup> edição, 1933 (Episódio da vida académica). Parece ter havido em Lisboa, em 1902, uma «primeira» 2.<sup>a</sup> edição. É dedicada a João de Melo Viana, e a acção passa-se na actualidade. A *Pérola* na sua primitiva representação foi feita por Margarida, a «Perez» por L. Cândida, «João Rebelo» por Álvaro. Vale fazia um estudante e Adelina Abranches uma «Julieta», 15 anos, loura, anémica, magra. A 1.<sup>a</sup> edição traz no rosto «Proibida por imoral pelo Sr. A. Sousa e Vasconcelos, comissário régio junto do Teatro D. Maria II». Representada no Teatro do Príncipe Real em 23 de Maio de **1885**, e em 1887 no Ginásio com a comédia *O Sr. Barão*.

*O Sr. Barão*, comédia, representada no Ginásio, em **1886**. Parece não ter sido publicada.

*A Tourada* (**1889?**), revista do ano, de colaboração com Gualdino Gomes, no Teatro Avenida. Não foi publicada.

*Os Castros*, comédia dramática em quatro actos (1893), Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, 1893. Representada pela 1.<sup>a</sup> vez no Teatro D. Maria II a 8 de Abril de **1893**. É o n.º 41 da Biblioteca Dramática Popular; 2.<sup>a</sup> edição em Lisboa, 80 pp. A acção passa-se na actualidade, na Estremadura, 1893, e foi representada por Carolina Falco, Virgínia, Rosa Damasceno, João Rosa, Augusto Rosa e Brasão.

*Fim de Penitencia*, no vol. X da Biblioteca Escolhida, Teatro. Foi representada pela 1.<sup>a</sup> vez no D. Maria II, em 27 de Janeiro de **1895**.

*Dor Suprema*, episódio dramático (original), (1896), Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, 4.<sup>a</sup> edição, sem/data. Tragédia burguesa. Peça em 3 actos. Foi representada no Teatro Normal a 27 de Dezembro de **1895**. O principal papel foi

interpretado pela actriz Virgínia que desempenhava a personagem «Júlia» e que de tal modo ficava sensibilizada que no dia seguinte tinha de se deter no leito.

*O Velho Thema*, (1896) drama em 5 actos, representado no teatro D. Maria a 31 de Janeiro de **1896**. Tem 2.<sup>a</sup> edição.

*O Regente*. (1897) Drama histórico, representado no Teatro D. Maria II a 1 de Maio de **1897**. Lisboa. Tem 5 edições, a 3.<sup>a</sup> de 1902, a 4.<sup>a</sup> de 1914 e a 5.<sup>a</sup> de 1921. É considerado um dos grandes êxitos do nosso teatro e deu origem a que seis dias após ter subido à cena, o comissário régio junto do teatro se demitisse por ter a polícia feito uns cortes na peça. Brasão, Augusto e João Rosa, Ferreira da Silva e Chaby com Catarina Falco faziam o primitivo desempenho.

*O Sonho da Índia*, peça histórica (**1898**), Lisboa, Parceria de António Maria Pereira, 1898. Em 3 actos e 9 quadros, (premiada no concurso para 1 drama do 4.º Centenário do Descobrimento da Índia entre 12 peças concorrentes) com 110 pp. Tiraram-se 3 exemplares em linho e 1000 em algodão. Esta edição no formato das publicações do centenário, acabou de se imprimir em 31 de Março de 1898. Há outra edição do mesmo ano, formato pequeno, de 146 pp. que acabou a sua impressão a 10 de Maio.

*O Tyrano da Bella Urraca*, paródia burlesca ao *Cyrano* de E. de ROSTAND (1898), Lisboa, A Editora, 1898. Música do maestro Manuel Benjamim. Representada a 10 de Setembro de **1898** no Teatro D. Amélia, por Telmo, Pinto de Campos e Mercedes Blasco.

*Ser pae*, peça em 3 actos, representada no teatro D. Maria, em **1898**. Não foi publicada.

*O Auto do Busto* (1899), pequeno acto em verso, no centenário do nascimento de Almeida Garrett (1898), Lisboa, Livraria Rodrigues, 2.<sup>a</sup> edição, 1913. Representado no Teatro D. Maria II na noite de 4 de Fevereiro de **1899**. (É o n.º 2 do *Culto Garreteano*). Foi representado por Ferreira de Silva e Delfina Cruz.

*Peraltas e Secias*, comédia de costumes portugueses em três actos (1899), Lisboa, Parceria de António Maria Pereira, 2.<sup>a</sup> edição, 1911, tem 1500 exemplares de tiragem (tem 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> edição). Prosa. Um dos maiores êxitos do teatro em Portugal. Leva-nos aos fins do século XVIII e foi representado no Teatro D. Maria II, em 11 de Fevereiro de **1899**. Virgínia, Laura Cruz, Maia, Posser, Melo e Ferreira da Silva, encarregaram-se do desempenho.

*Sempre Noiva*, peça em 7 quadros. Situa-nos em meados do século XVIII (1768- 1778). Representada a primeira vez no Teatro D. Maria II a 24 de Março de **1900**. Virgínia, Lucinda do Carmo, Laura Cruz, Carlos Posser, Ferreira da Silva e Joaquim Costa foram os intérpretes.

*Sinhá*, (1900) episódio da vida burguesa. Peça em 3 actos. Situa-nos em Lisboa. Foi representado no D. Maria II em **1901**. Augusto de Melo, Ferreira da Silva, Teodoro Santos, Carlos Santos, Georgina Pinto, Augusta Cordeiro e Emília Lopes interpretaram.

*Petronio*, peça livremente extraída do romance *Quo Vadis* de Henri Sienkiewicz, Lisboa, 1901. Representou-se no Teatro D. Amélia a 8 de Março de **1901**. Brasão, os dois Rosas, Luís Pinto, Pinheiro, Henrique Alves, Augusto Antunes, João Gil, Álvaro Cabral, Maria Pia, Maria Falcão, Ângela Pinto e Amélia Pereira entraram na distribuição.

*O Tio Pedro*, um acto (1902), Lisboa, Livraria Rodrigues, 2.<sup>a</sup> edição, 1000 exemplares, 1913. Episódio trágico. Representado no Teatro D. Amélia, a 24 de Março de **1902**, por João Rosa e Pinheiro.

*A Noite do Calvario (As Vítimas)*. Peça em 4 actos, original. Tem 2.<sup>a</sup> edição. É o n.º 235 da Biblioteca Dramática Popular. A sua representação foi proibida pelo que o autor fez inserir no n.º 6886 de *O Século* o seu protesto. Foi representada no Rio de Janeiro, Teatro do Recreio, em Abril de **1902**; em Lisboa, no Teatro do Príncipe Real, em 13- 4 - 1907.

*Uma anedocta*. Episódio dramático original. Tem 5 edições. É o n.º 279 da Biblioteca Dramática Popular. Tem sido representada em inúmeros teatros. Foi escrita para a estreia, em 7 de Novembro de **1902**, da actriz Adelina Abranches no Teatro D. Amélia.

*O Rei Maldito*, peça em 5 actos e 6 quadros, representada no Teatro do Príncipe Real, em 10 de Outubro de **1903**. Não foi publicada.

*A Morta Galante*, monólogo. 2.<sup>a</sup> edição em **1904**, 3.<sup>a</sup> s/d, 4.<sup>a</sup> em 1905.

*Almas Doentes*, tragédia em dois actos (1905). Representada no Teatro D. Maria II, em 28 de Abril de **1905**.

*Envelhecer*, peça em quatro actos (**1909**), Lisboa, Livraria J. Rodrigues e C.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup> edição, s/d (3.<sup>a</sup> edição, 1912; 4.<sup>a</sup> edição, 1916). Situada em Lisboa, na actualidade. Parece ter sido publicada uma 5.<sup>a</sup> edição.

*Margarida do Monte*, peça em quatro actos. Episódio cortesão da primeira metade do século XVIII. Tem a transcrição de uma carta de Teófilo Braga. Edição de A Editora em 1911. Representada no Teatro D. Amélia (depois chamado «da República») em Outubro de **1910**.

*A Mentira*, no vol. X da Biblioteca Escolhida, Teatro (1.<sup>a</sup> edição em Lisboa, pela Livraria Rodrigues, em 1913 (?). Representada no D. Amélia por Azevedo, Pinheiro e Maria Falcão, em **1911** (?).

*A Farça de Ignez Pereira*, de Gil VICENTE, acomodada livremente à cena moderna por Marcelino Mesquita (**1913**). Faz parte do vol. X da «Biblioteca Escolhida, Teatro».

*Perina*. (**1913**). Episódio trágico da vida de Aretino, em dois quadros. Edição de 1000 exemplares, de J. Rodrigues e C.<sup>a</sup> Editores, em 1913.

*Pedro o Cruel*, (**1915**), Lisboa, Livraria Rodrigues, 1915.

*O Cão do Regimento*, (1917). Monólogo. Lisboa. Tiragem de 1000 exemplares.

*Phrineia*, (1917), acção situada em Atenas, no século IV a.C., Lisboa.

*Na Voragem*, tragédia burguesa, 2 actos. Lisboa. Por uma gralha tipográfica no anterrosto diz-se tragédia burlesca. 1.<sup>a</sup> edição de J. Rodrigues e C.<sup>a</sup>, em 1917. Representada no Teatro Nacional em 20-5-1917.

*O Mestre Regio*, farsa em um acto, representada no Teatro S. Carlos (data?). Não foi publicada.

### 1.2.2. Outros géneros (Poesia e Narrativa)

*Meridionaes*, versos, Lisboa, J. Rodrigues e C.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> edição, 1914. Tiragem de 1000 exemplares (1.<sup>a</sup> edição, 1881; 2.<sup>a</sup> edição com tiragem de 1000 exemplares, em 1914; tem 3.<sup>a</sup> edição)

*Na Azenha*, contos, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 2.<sup>a</sup> edição 1913 (1.<sup>a</sup> edição, 1896). Tem esta edição a abrir uma crítica de Silva Pinto.

*Leonor Telles*.(1904) Romance histórico ilustrado a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. Vol. I, 652 pp., vol. II (1905), 678 pp.; vol. III (1905), 701 pp.

*Os Quatro Reis Impostores* (1908). Romance da história. Lisboa; 554 pp. É o episódio histórico dos falsos D. Sebastião. Foi editado pela Bertrand.

*Guerras da Independência. As Três Invasões Francesas*. 2 vol. de 64 pp. cada. São os números 228 e 229 da Biblioteca do Povo e das Escolas, da Companhia Editora, em 1908.

*Praias de Portugal - A Nazareth*. Sítio e praia. Lenda, história, casos. Lisboa. 112 pp.

*Leonor Telles ou os Amores d'uma Rainha*. Romance histórico. Uma folha de 16 pp. escrita para a casa editora Sousa, da Rua do Arsenal 186, para que o romance fosse distribuído em fascículos. A casa acabou e o romance saiu muitos anos depois em três grossos volumes. Acompanhava-o um prospecto escrito por Albino Forjaz de Sampaio, a primeira coisa que este escreveu em prosa. Esta espécie bibliográfica é raríssima.

*O Grande Amor*, poema, Lisboa, Portugália Editora, 3.<sup>a</sup> edição, s/d ( tem 1.<sup>a</sup> edição na Livraria Rodrigues e C.<sup>a</sup>, 1918). Capa com o retrato da inspiradora por Carlos Reis. Da 3.<sup>a</sup> edição tiraram-se exemplares em papel especial.

*Sem Capa Nem Espada, Um Miseravel, Uma Coincidencia, A Herança, Desejos*, conjunto de contos em provas tipográficas, encontrados no espólio de Marcelino Mesquita.

### 1.2.3. Traduções e obras em parceria

*Primeiras Noções da Historia de Portugal*, aprovadas para o ensino primário, de colaboração com Acácio Guimarães. Teve edições em 1908, 1910, 1913, 1915, 1923 e outras sem data.

*A Rússia Vermelha*, por John Forster Fraser. Tradução livre, 56 gravuras; 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, 1907, 228 pp.

### 1.2.4. Outras fontes impressas

*Diario da Camara dos Senhores Deputados da Nação Portugueza*, Monarquia Constitucional (1887-1910), Arquivo Histórico Parlamentar da Assembleia da República, <http://debates.parlamento.pt>, acessos entre Setembro de 2005 e Fevereiro de 2009.

*Diário da Camara dos Deputados*, 1.<sup>a</sup> República (1911-1919), Arquivo Histórico Parlamentar da Assembleia da República, <http://debates.parlamento.pt>, acessos entre Setembro de 2005 e Fevereiro de 2009.

*Hysteria* (1884). (*These inaugural apresentada e defendida perante a Escola Medico-Cirurgica de Lisboa por Marcellino Mesquita. Julho de 1885*), Lisboa, Typographia Minerva Central, 1884.

#### 1.2.4.1.Periódicos

*O Pae Anselmo*, Lisboa, 1879-1885.

*Diario Illustrado*, Lisboa, 1872-1911.

*O Povo do Cartaxo*, Cartaxo, 1883-1885.

*Jornal do Cartaxo*, Cartaxo, 1887.

*O Chronista*, Cartaxo, 1887-1888.

*A Comedia Portuguesa*, (Revista Semanal de Costumes, Casos, Politica, Artes e Letras), Lisboa, 1888-1889.

*Portugal*, Lisboa, 1891.

*Revista Illustrada*, Lisboa, 1891.

*O Correio da Extremadura*, Santarém, 1891-1892.

*Correio de Santarém*, Santarém, 1895.

*Ribatejo*, Cartaxo, 1896.

*A Comedia Portuguesa*, (Revista Semanal de Política, Critica, Artes, Letras e Costumes), Lisboa, 1902-1903.

*Ilustração Portuguesa*, (ed. José Joubert Chaves), Lisboa, Empreza do jornal *O Século*, 1903-1919.

*A Chrónica*, (Revista Illustrada e Litterária), Ano 5º, nº 125, Novembro, 1904.

*Almanach Editora*, (Musical, artístico, literário com o maestro Filipe Duarte e Ribeiro de Carvalho), nº único, 1910.

*Brasil-Portugal* (Revista Quinzenal Ilustrada), Lisboa, 1909-1914.

*Correio dos Teatros*, (Quinzenário Defensor dos Trabalhadores de Teatro), Lisboa, 1924.

*Jornal do Cartaxo*, Cartaxo, 1928.

*Notícias do Cartaxo*, Cartaxo, 1954-1974.



## II. Bibliografia

### 1. Obras de referência

- AA/VV, *Dicionário Enciclopédico Alfa*, Lisboa, Publicações Alfa, 1992.
- AA/VV, *Dicionário Da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001.
- AA/VV, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.
- AA/VV, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Edição Século XXI, Lisboa/S. Paulo, Editorial Verbo, 2003.
- AA/VV, *Focus, Enciclopédia Internacional*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1965 - 1970.
- AA/VV, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d.
- AA/VV, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Actualização, volume I, 1981.
- AA/VV, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Actualização, 1987.
- AA/VV, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Actualização, 1998.
- AA/VV, *História da República. Edição Comemorativa do Cinquentenário da República*, Editorial O Século, 1960.
- AA/VV, *Lello Universal*, Porto, Lello Editores, 2002.
- AA/VV, *O Grande Livro dos Portugueses*, Círculo de Leitores, 1990.
- AA/VV, *Dicionário de Sinónimos*, in <http://www.priberam.pt>, consultado em 22/2/2009 às 12h13'.
- AA/VV, *Wikipédia*, in <http://pt.wikipedia.org>., acessos entre Setembro de 2005 e Fevereiro de 2009.
- AMICO, Silvio d' (fondada da), *Enciclopedia Dello Spettacolo*, vol. VII, Roma, Casa Editrice Le Maschere, 1960.
- ANDRADE, Adriano G., *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1999.
- BASTOS, António de Sousa, *Carteira do Artista: Apontamentos para a Historia do Theatro Portuguez e Brasileiro Acompanhadas de Noticias sobre os Principaes Artistas, Escriptores Dramaticos e Compositores Estrangeiros*, Lisboa, Antiga Csasa Bertrand, 1898.

BASTOS, António de Sousa, *Diccionario do Theatro Portuguez*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1908.

CASTELO BRANCO, Maria Inês (ed.), Marcelino Mesquita, *Antologia de Textos Dramáticos*, Porto, Lello e Irmão Editores, 1981.

COELHO, Jacinto do Prado (Dir.), *Dicionário de Literatura*, 3ª edição, 2º e 4º vols., Porto, Figueirinhas, 1978.

CRUZ, Duarte Ivo (ed.), Mesquita, Marcelino, *Teatro Completo*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2006.

FERREIRA, A. J. Costa, (ed.) Mesquita, Marcelino, *Leonor Teles*, Porto, Livraria Civilização Editora, col. Cem Anos de Literatura em Língua Portuguesa, 1983.

LISBOA, Eugénio (Coord.), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, vol. II, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1990.

MÓNICA, Maria Filomena (Dir), *Dicionário Biográfico Parlamentar, 1834-1910*, Lisboa, co-edição do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e da Assembleia da República, volumes I e II, 2005.

MOREIRA, António & PEDROSA, Alcino, *As Grandes Datas da História de Portugal*, Lisboa, Editorial Notícias, col. Biblioteca de História, s.d.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme, *Diccionario Historico, Chorographico, Heraldico, Biographico, Bibliographico, Numismatico e Artistico*, 7 vols., Lisboa, Edição João Romano Torres, 1904-1915

PIRES, Daniel, *Dicionário da Imprensa Periódica e Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*, Lisboa, Grifo, 1996.

SILVA, Inocêncio Francisco da, *Dicionário Bibliográfico Português* (coordenado e ampliado por Brito Aranha), tomo XIX, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973 (fac-símile da edição de 1908).

## 2. Estudos diversos

AA/VV, *O “Centenário da Índia” e a Memória de Vasco da Gama*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

ABRANCHES, Aura, *Memórias de Adelina Abranches*, Lisboa, Editora da Empresa Nacional de Publicidade, 1947.

ALMEIDA, A. Duarte de (Dir.), *Os Últimos Braganças. Reinados de D. Carlos I e D. Manuel II, 1889-1910*, Lisboa, Edição Romano Torres, Col. Portugal Histórico, s. d.

ALMEIDA, Fialho d', *Autores e Actores*, s.l., Livraria Clássica Editora, 1925.

ALMEIDA, Fialho d', *Os Gatos*, III, Porto, Clássica Editora, 1992.

ALMEIDA, Pedro Tavares de, *Eleições e Caciquismo no Portugal Oitocentista (1868-1890)*, Lisboa, Difel, col. Memória e Sociedade, 1991.

ALMEIDA, Pedro Tavares de, *A Construção do Estado Liberal: Elite Política e Burocracia na "Regeneração"(1851-1890)*, (Dissertação de Doutoramento em Sociologia Política), Lisboa, Universidade Nova, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1995.

*ANÁLISE SOCIAL*, Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, vol. XXXVI (160), Outono, 2001.

*ANÁLISE SOCIAL*, Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, vol. XLI (178), 1º trimestre 2006.

ANDRADE, João Pedro de, *Reflexões sobre o Teatro Português*, Lisboa, Acontecimento - Estudos e Edições, 2004.

BARATA, José Oliveira, *História do Teatro Português*, Lisboa, Universidade Aberta, 1991.

BARREIRA, Cecília, *História das Nossas Avós. Retrato da Burguesa em Lisboa*. 2ª edição, Lisboa, Edições Colibri, 1994.

BASTOS, António de Sousa, *Recordações de Teatro*, Lisboa, O Século, 1947.

BESSA, José Marcelino de Almeida, *Anexo ao Manual Parlamentar (para uso dos senhores deputados da Nação Portuguesa)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1905.

BETTHENCOURT, Francisco & Chaudhuri, Kirti, (Dir.), *História da Expansão Portuguesa no Mundo. Do Brasil para África (1808-1930)*, vol. IV, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998.

BETTHENCOURT, Francisco & CURTO, Diogo Ramada (org.de), *A Memória da Nação*, Colóquio do Gabinete de Estudos de Simbologia realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, 7-9 de Outubro de 1987, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1991.

BOIADZHIEU, G.N., DZHIVELEGOV, A. & IGNATOV, S., *História do Teatro Europeu (desde a Idade Média até aos nossos dias)*, vol. II, Lisboa, PRELO, 1962.

*BOLETIM MUNICIPAL*, Edição Especial, Câmara Municipal do Cartaxo, Março, 2006.

*BOLETIM MUNICIPAL*, nº 2, Câmara Municipal do Cartaxo, Dezembro, 2007.

BONIFÁCIO, M. Fátima, *Estudos de História Contemporânea de Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

BRANDÃO, Fernando de Castro, *Da Monarquia Constitucional à República, 1834-1910. Uma cronologia*, Lisboa, Europress Editores e Distribuidores de Publicações L<sup>a</sup>, 2003.

BRANDÃO, Raul, *Memórias*, vol. I, Lisboa, Perspectivas e Realidades, s.d.

BRITO, José Joaquim Gomes de, *Ruas de Lisboa: Notas para a História das Vias Públicas Lisbonenses*, (3 vols), Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1935

CABRAL, Manuel Villaverde, *Portugal na Alvorada do Século XX*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1979.

CABRAL, Motta, *Notas Soltas Sobre Marcelino Mesquita*, (obra patrocinada pela Comissão do I Centenário do Nascimento de Marcelino Mesquita) Cartaxo, edição do *Notícias do Cartaxo*, 1956.

CAMACHO, Manuel Brito, *Gente Vária*, Lisboa, Livraria Editora Guimarães, s.d.

CANDAU, Joël, *Anthologie de la Mémoire*, Paris, Presses Universitaires de France, 1996.

CANDAU, Joël, *Mémoire et Identité*, 2<sup>e</sup> édition (revue et augmentée), Paris, Presses Universitaires de France, 1998.

CARNEIRO, Roberto & MATOS, Artur Teodoro de (Dir.), *Memória de Portugal. O Milénio Português*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2001.

CARVALHO, Joaquim Martins Teixeira de, *Teatro e Artistas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925.

CASTANHEIRA, Maria Adelaide Matias, *Marcelino Mesquita*, (Dissertação dactilografada para Licenciatura em Filologia Românica), Universidade de Coimbra, 1944.

CASTELLS, Manuel, *O Poder da Identidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CATROGA, Fernando, *Memória, História e Historiografia*, Coimbra, Quarteto, 2001.

CAYOLLA, Lourenço, *Revivendo o Passado*, Lisboa, Imprensa Limitada, 1928.

COLAÇO, Tomaz Ribeiro e Braga, Raul dos Santos, *Memórias de Chaby*, Lisboa, Editora Gráfica Portuguesa, Lda<sup>a</sup>, 1938.

- COELHO, F. Adolfo, *Le Cours Supérieur de Lettres – Mémoire* (apresentado na Exposition Universelle de 1900, Section Portugaise, Paris-Lisbonne, Aillaud & Cie., 1900.
- CONNERTON, Paul, *Como As Sociedades Recordam*, Oeiras, Celta Editora, 1993.
- COTTERILLO, Moisés Pérez (Dir), *Escenarios de Dos Mundos (Inventario Teatral de Iberoamerica)*, tomo 4, Madrid, Centro de Documentación Teatral, 1988.
- COUTINHO, Lourenço Pereira, *Do Ultimato à República (Política e Diplomacia nas Últimas Décadas da República)*, Lisboa, Prefácio, 2003.
- CRUZ, Ana Margarida Costa, *O Concelho do Cartaxo: O Vinho, a Terra e o Tejo*, Cartaxo, Câmara Municipal do Cartaxo, Ferraz & Azevedo, 2004.
- CRUZ, Duarte Ivo, *Introdução à História do Teatro Português*, Lisboa, Guimarães Editores, 1983.
- CRUZ, Duarte Ivo, *História do Teatro Português*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001.
- CRUZ, Duarte Ivo, “Marcelino Mesquita: a Grande Geração de Mudança”, in *PRELO*, IN-CM, 2006, Maio-Agosto, (2).
- ECO, Humberto, *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*, 11ª edição Lisboa, Editorial Presença, Lisboa, 2004.
- FENTRESS, James & WICKHAM, Chris, *Memória Social*, Lisboa, Teorema, 1994.
- FERNANDES, Joaquim, *O Grande Livro dos Portugueses Esquecidos*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2008.
- FERREIRA, João, *Um plebiscito literário em 1884* (1993), [www.usinadeletras.com.br](http://www.usinadeletras.com.br), acesso a 15 Setembro 2005.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, *História da Literatura Portuguesa*, 2ª edição melhorada, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1923.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, «Estudos de Litteratura Contemporanea. VIII – Marcellino Mesquita», in *REVISTA DE HISTORIA*, nº 31, Ano VIII, Livraria Clássica Editora, Julho-Setembro 1919, pp.161-171.
- FLORÈS, Cesar, *La Mémoire*, Paris, Presses Universitaires de France, 1972 (trad. port. *A Memória*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1980).
- FONSECA, Faustino da, *O Escândalo dos Dramas do Concurso do Centenário da Índia*, Lisboa, Agência Universal de Publicações, 1898.
- FRADA, João, *Novo Guia Prático para Pesquisa, Elaboração e Apresentação de Trabalhos Científicos e Organização de Currículos*, Lisboa, Sete Caminhos, 2005.

FRANÇA, José-Augusto, *Lisboa 1898. Estudo de Factos Socioculturais*, 2ª edição revista e acrescentada, Lisboa, Livros Horizonte, col. Cidade de Lisboa, 2002.

GOUVEIA, Ana, *O Naturalismo em Portugal* (trabalho *on-line* elaborado em 2003), <http://naturalismoportugal.planetaclix.pt/>, acesso a 24 Julho 2007.

GRÁCIO, Maria Helena Teixeira, *Marcelino Mesquita*, (Dissertação dactilografada para Licenciatura em Filologia Românica), Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1942-1945.

HALBWACHS, Maurice, *La Mémoire Collective*, 2ème édition revue et augmentée, Paris, Presses Universitaires de France, 1968.

HOBBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (Eds), *The Invention of Tradition*, Cambridge, Cambridge University Press, 1993

HOMEM, Amadeu Carvalho, *Da Monarquia à República*, 2ª edição, Viseu, Palimage Editores, col. Raiz do Tempo, 2002.

HOMEM, Amadeu Carvalho, *A Ideia Republicana em Portugal. O Contributo de Teófilo Braga. A Propaganda Republicana (1870-1910)*, Coimbra, Minerva, 1989.

JOÃO, Maria Isabel, “Memória, História e Educação” in *Noroeste. Revista de História*, 1, Núcleo de Estudos Históricos, Universidade do Minho, 2005, pp. 81-100.

JOÃO, Maria Isabel, *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Col. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 2003.

LE GOFF, Jacques, “Memória” in *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 11-50.

LOPES, Maria Virgílio Cambraia, *O Teatro n’A PARÓDIA de Rafael Bordalo Pinheiro*, col. Artes e Artistas, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa: Época Contemporânea*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor, 1973.

LOPES, Óscar, *Entre Fialho e Nemésio: Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Col. Temas Portugueses, 1987.

LOPES, Óscar, e SARAIVA, António José, *História da Literatura Portuguesa*, 17ª edição (corr. e actual.), Porto, Porto Editora, 2005.

LOURES, Carlos, *Gualdino Gomes* (artigo *on-line* não datado), <http://www.vidaslusofonas.pt>, acesso a 24 Julho 2007.

MACEDO, Luís Pastor de, *Lisboa de Lés-a-lés: Subsídios para a História das Vias Públicas da Cidade*, (5 vols), Lisboa, Câmara Municipal, 1940-1943.

MALATO, Maria Sara, *Algumas Considerações Sobre o Teatro de Marcelino Mesquita* (Dissertação dactilografada para Licenciatura em Filologia Românica), Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1951.

MARQUES, A. H. de Oliveira, *Guia de História da 1ª República Portuguesa*, nº 21, Lisboa, Editorial Estampa, col. Imprensa Universitária, 1981.

MARQUES, Aurélio, *Marcelino Mesquita e o seu tempo*, Brochura editada pela Câmara Municipal do Cartaxo, 1996.

MATOS, Sérgio Campos, “O Curso Superior de Letras e a Vulgarização Histórica em Portugal: Projectos em Confronto (1858-1901)”, separata do vol. 1º das Actas do Congresso *História da Universidade (no 7º centenário da sua fundação)*, Coimbra, 5 a 9 de Março de 1990.

MATOS, Sérgio Campos, *História, Mitologia, Imaginário Nacional. A História no Curso dos Liceus (1895-1939)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990.

MATOS, Sérgio Campos, *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do Século XIX*, Lisboa, Edições Colibri, 1998.

MADUREIRA, Joaquim, (Brás Burity), *Impressões de Theatro: Cartas a um Provinciano & Notas sobre o Joelho: 1903-1904*, Lisboa, Ferreira & Oliveira, 1905.

MATTOSO, José (Dir.), *História de Portugal*, vols. V-VI, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

MEDINA, João, «Oh! a República!...». *Estudos sobre o Republicanismo e a Primeira República Portuguesa*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Série História Moderna e Contemporânea, nº 6, Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa, 1990.

MÓNICA, Maria Filomena, *Eça de Queirós*, Círculo de Leitores, s.l., 2001

MONTEIRO, Américo (coord), *Max Nordau: Fin de Siècle, Dreyfus, Sionismo, Max Nordau e Portugal*, Cadernos do Cieg (Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos), nº 25, Coimbra, 2006.

MONTEJUNTO, Luís do, *Cartaxo, Memórias do século XX*, Edição do jornal *O Povo do Cartaxo*, 1999.

NASCIMENTO, Augusto do, *A Individualidade Multiforme de Leal da Câmara*, Câmara Municipal de Sintra, 2005.

NORA, Pierre (sous la direction de), *Les Lieux de Mémoire*, Tomo I, Paris, Gallimard, 1984.

NORA, Pierre, “Mémoire Collective” in *La Nouvelle Histoire*, Paris, Retz, 1978 (trad. port: *A Nova História*, Coimbra, Almedina, 1990).

NÓVOA, António (Dir.), *A Imprensa de Educação e Ensino. Repertório Analítico (sécs. XIX-XX)*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1993.

PEIXOTO, Fernando, *História do Teatro Europeu*, Lisboa, Sílabo, 2006.

PICCHIO, Luciana Stegano, *História do Teatro Português*, Lisboa, Portugália Editora, 1969.

PIMENTEL, Fernando Jorge Vieira, *Tendências da Literatura Dramática nos Finais do Século XIX. D. João da Câmara, um caso exemplar*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1981.

PINTASSILGO, Joaquim & COSTA, Rui Afonso, *A Imagem e a Ideia de Europa nos Manuais Escolares do Ensino Primário em Portugal (1900-1926)*, (trabalho on-line não datado), <http://cie.fl.ul.pt/>, acesso a 24 Julho 2007.

PIRES, António M. Machado, *Luz e Sombras no Século XIX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Col. Temas Portugueses, 2007.

PIRES, Everilde e SIMÃO, Maria Manuel, *Mestre Cid e a Escola do Seu Tempo. Cartaxo 1890-1929*, Lisboa, Câmara Municipal do Cartaxo/ Gradiva-Publicações, S.A., 2008.

RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela (coord. e org.), *Jornais e Revistas Portuguesas do Século XIX*, 2 vols., Lisboa, Biblioteca Nacional, 1998.

REBELLO, Luiz Francisco, *100 Anos de Teatro Português*, Porto, Brasília Editora, 1984.

REBELLO, Luiz Francisco, *História do Teatro Português*, 3ª edição (rev. e aum.), Lisboa, Pub. Europa-América, col. Saber, s.d.

RÊGO, RAÚL, *História da República* (4 vols.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.

REIS, Carlos e RIBEIRO, Maria Aparecida, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. VI (Realismo e Naturalismo), Lisboa, Editorial, Verbo, 1993.

RIBEIRO, Aquilino, *Leal da Câmara. Vida e Obra*, Amadora, Bertrand, 1975.

RICOEUR, Paul, *La Mémoire, l'Histoire et l'Oubli*, Paris, Éditions du Seuil, 2000.

ROSA, Augusto, *Recordações da Scena e de Fóra da Scena*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1915.



ROUSSO, Henry (Dir.), *Le Regard de l'Histoire. L'Émergence et l'Évolution de la Notion de Patrimoine au cours du XXe Siècle en France*, Actes des Entretiens du Patrimoine, Paris, Fayard/Monum.Éditions du Patrimoine, 2003.

SAMPAIO, Albino Forjaz (Dir.) *O Teatro. Marcelino Mesquita. A sua vida e a sua obra*, col. Patrícia, Lisboa, Empresa do Diário de Notícias, 1925.

SANTANA, Francisco, *Índice da Lisboa Antiga e da Ribeira de Lisboa de Júlio de Castilho*, Lisboa, Câmara Municipal, 1974.

SANTOS, Carlos, *Cinquenta Anos de Teatro*, Lisboa, 1950.

SANTOS, Manuel Pinto dos, *Monarquia Constitucional. Organização e Relações do Poder Governamental com a Câmara dos Deputados. 1834-1910.*, Lisboa, Assembleia da República, Divisão de Edições, 1986.

SANTOS, M<sup>a</sup> Helena Carvalho (coord), *A Vida da República Portuguesa, 1890-1990*, Actas do Congresso realizado entre 14 e 16 de Outubro de 1991, Lisboa, Cooperativa de Estudos e Documentação Universitária editora, 1991.

SANTOS, Vítor, *No Atelier do Dramaturgo: Edição Crítica de um Inédito de Marcelino Mesquita*, (dissertação de Mestrado para o Departamento de Literatura da Universidade de Évora), Évora, 2007.

SELVAGEM, Carlos, “Marcelino Mesquita e a sua Póstuma Consagração”, in *Estrada Larga*, 2, Porto Editora, 1958.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *História do Teatro Nacional de D. Maria II*, vol. II, Lisboa, 1955.

SOARES, Maria Fernanda Martins & FERREIRA, Vítor Wladimiro, *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*, Alfragide, Ediclube, s. d.

SCHWALBACH, Eduardo, *À Lareira do Passado – Memórias*, Lisboa, 1944.

SERRÃO, Joel (Dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vols VII e IX, Porto, Livraria Figueirinhas, 1981.

TEIXEIRA-GOMES, M., *Regressos*, 2<sup>a</sup> edição, Lisboa, Seara Nova, 1935.

TENGARRINHA, José Manuel, *Estudos de História Contemporânea de Portugal*, Lisboa, Editorial Caminho, col. Universitária n<sup>o</sup> 7, 1983.

TENGARRINHA, José Manuel, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2<sup>a</sup> edição (rev<sup>a</sup>. e aum<sup>a</sup>), Lisboa, Editorial Caminho, 1989.

TEVES, Vasco Hogan, *RTP-50 Anos de História*, in <http://ww2.rpp.pt/50anos>, acesso a 16 de Setembro de 2008.

TORGAL, Luís Reis, MENDES, José Amado & CATROGA, Fernando, *História da História em Portugal, séculos XIX-XX*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996.

TORRES, Ruy d'Abreu, *Reinado de D. Carlos I; O Franquismo; A Campanha de 95; António Enes e Mousinho de Albuquerque; O Teatro; D. João da Câmara, Henrique Lopes de Mendonça e Marcelino Mesquita; a Historiografia: Luciano Pereira da Silva, Duarte Leite e Fontoura da Costa*, Lisboa, Notícias, 1976.

TRIGUEIROS, Luís Forjaz, “Marcelino Mesquita” in *Perspectivas da Literatura Portuguesa no Século XIX*, vol. II, Lisboa, Ática, 1948.

VILHENA, Maria da Conceição, *Correspondência de Teófilo Braga. Cartas em Francês*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1985.

## **ANTOLOGIA**

### NOTA INTRODUTÓRIA

A selecção de textos que se segue assume-se como uma amostra simbólica e significativa do que constitui o acervo documental de Marcelino Mesquita. Trata-se de um conjunto autográfico na sua maioria, composto por textos diversos, inéditos ou publicados, de pendor autobiográfico, epistolar, de opinião, científico, literário, ou outro, que pretende fornecer uma ideia geral sobre a personalidade multifacetada do dramaturgo. Intencionalmente e, também, devido às próprias características estruturais do enunciado, não se juntaram textos dramáticos.

A sequência dos textos e sua intitulação são da inteira responsabilidade do autor deste trabalho.

## Texto 1

### Memórias de infância

*Nasci na villa do Cartaxo. Aviso á posteridade.  
Dos meus primeiros annos.*

No entanto, quando chegou o momento da partida, em que meu pai poz o chapéu na cabeça e disse «vamos», eu não pude mais tempo soffrear uma longa vontade de chorar que se me sufocava, desde que acordára, e atirei-me n'um choro convulso aos braços de minha mãe. Se, n'um momento, dependesse apenas da minha vontade o partir, eu não teria partido, nunca! Era a primeira vez que ia deixal-a e, como se eu sentisse faltar-me o ar da vida, como se me arrancassem tudo o que eu mais amava no mundo, como se, n'um instinto de creança, comprehendesse a irreparável falta do seu amôr traduzindo-se, minuto a minuto, n'um poema sublime do carinho maternal indefinido e indiscriptivel, ser-me-hia impossivel forçar o anel estreito dos seus braços que me apertavam contra o coração, n'aquelle anseio de pomba dolorida a quem arrancavam do ninho os filhos implumes. Nem eu nem ella fallava-mos. Loucamente abraçados, confundindo as lagrimas, a cada pequeno movimento de desenlace, que a razão nos suggeria, a iminencia do afastamento redobrava-nos a acuidade da dôr e mais nos ajustavamos um contra o outro. Eu não ia, decerto, tentar aventuras de perigosa viagem, nem sulcar mares tenebrosos onde o vendaval campêa e a procela ruge. No entanto, ide dizer estas razões ao coração das mãis; ide levar-lhe, perante a separação primeira d'um filho, a razão da vossa logica; sereis tão supinamente ridiculos, como se tentasseis convencer Deus que devia ter criado dois sóes, um para de dia e outro para de noite. O affastamento é a morte temporaria e, quantas vezes eterna! A morte d'um filho! ó corações maternos, não ha dôr que eguale a vossa dôr!

Por mim... caros companheiros de collegio, proscriptos infantis do lar, porque tantas noites, no silencio da camarata, escondieis as vossas pequenas cabeças sob os lençoes, receiosos de que escutassem, com menos dó, os vossos soluços comprimidos? Que vos faltava? Que dôce imagem vinha sentar-se, lacrimosa, á cabeceira do vosso leito, recordar-vos o beijo da noite, esse delicado protesto que vos cerrava as palpebras? Porque jorravam de vossos olhos, á minima reprehensão, as lagrimas grossas, turbilhonantes, quentes? Que horrivel antithese vos esboçava o cerebro, que solidão vos abraçava a alma, n'uma orphandade forçada? Que vos faltava senão o rosto, os olhos dôces, os braços sollicitos, o cóllo santo das vossas mãis? O coração das creanças sabia-o bem, tem a impressionabilidade exagerada das flôres que abrem. Amai-as muito, as crianças! ellas são a unica coisa pura que existe sobre a terra!

Meu pai, que a custo reprimia o pranto, como lhe competia - sendo pai e portanto o «forte» - lá achou occasião de poder fallar com voz mais firme e, tirando-me fracamente do abraço, dizia:

- Anda, então, estás creança agora?

E a minha mãe:

- Se has-de animal-o, ainda o afligges mais? És peor do que elle.

Um ultimo beijo e sahi de chofre.

No pateo, o José tinha á mão os cavalos. Montamos, meu pai e eu, rapidamente. Seguiu-nos o creado com a mula, onde ia toda a bagagem do futuro seminarista. Ao transpôr a primeira lombada de terreno que me fazia perder a vista de caza, voltei-me, no selim. Ao longe, na varanda, agitava-se um lenço branco; tirei o meu e correspondi ao adeus, pouco tempo porque a vista turvou-se-me de subito e tive de o levar aos olhos. Foi o ultimo signal de fraqueza. O ar fresco da manhã deu-me alento. A variedade da paisagem começava a prender-me o espirito, numa distracção suave e propicia. Ao atravessar-mos a charneca, tivemos de passar por entre duas manadas de touros que pastavam; o cuidado pelo perigo fêz despertar em mim todos os prazeres do toureio, e a imaginação a suggerir-me, as cenas das ferras, da enxocalhação, das touradas. Dei por mim, quando a voz de meu pai, serena e grave, começou perceptivamente.

- Precizo dizer-te, agora que vamos sós, algumas coisas, para teu governo. Em primeiro lugar, estuda. Bem sabes que não somos ricos para que me não faça falta o que gastar contigo. Tens uma irmã e um irmão. Não os debes lezar nos seus direitos; são tanto como tu. N'isto, assoou-se. Iamos entrar na parte philosophica do sermão. O estudo, meu filho, é o mais seguro dos capitaes. Um homem de sciencia em todo o mundo ganha o pão. Não ha fortuna solida...

De súbito, n'isto o José, que vinha a uns metros atraz, caçado de não fallar, atirava de lá uma pergunta:

- Ó patrão, o Gaio, no fim de contas, deu mais vinho ou menos do que o anno passado? Meu pai interrompia-se para responder: Deu mais, homem, pois só a córte do moinho deu mais quinze dornas! - depois mais baixo; - Como te ia dizendo, não ha fortuna solida na terra senão do homem de sciencia...

É preciso abrir aqui um parenthesis, para explicar, que mais tarde reconheceu um engano n'este ponto, entre nós. O que elle devia ter dito era: - Não ha pelintras no nosso paiz, como os homens de sciencia honestos. Não pegues um livro, rapaz, que talvez venhas a ser rico na tua vida. É verdade que se eu fosse um scientifico em padre, meu pai tinha até certo ponto razão. Porque se estes senhores não são demasiadamente endinheirados, passam uma certa vidinha entre a hostia e a sesta, que é de invejar. E como é dinheiro o que ouro vale, e como devemos confessar, uma vida de ripanço perfeito vale muito dinheiro, elles são, indirectamente, uns verdadeiros Rotchilds, no seu genero de fundos, olhados como uma segurança absoluta na grande caixa da Mândria.

Meu pai, porem, continuava intermitentemente a cathequese; interrompida pelas saudações dos camponeos e pelas perguntas do José. Entrou pois na lista das recomendações, o respeito pelos superiores, a urbanidade com os eguaes e a bondade para com os inferiores. Não escapou o temôr de Deus, a seriedade dos actos religiosos, a obediência aos mestres - segundos pais -. Da larga charneca onde encontrámos a boiada, até chegar na frente da fachada cómica do Seminário Patriarchal, os conceitos e máximas correram como anneis de uma grande cadeia moral philosophica. Meu pai tinha esgotado todos os recursos da sua facúndia oratória, eu de ha muito o não ouvia, envolvido em pensamentos de futuros-dias, ancioso de chegar, desejoso de me encontrar n'um mundo desconhecido e que se me affigurava tão superior. Tinham-me desaparecido as saudades, momentaneamente, no meio dos pensamentos inquietos e acariciava-me o ouvido a frase lisonjeira que a boa D. Affonso me insinuára, com uma palmadinha, na face, da sua pequena mão branca e roliça - há-de ser um homem.

Assim chegámos, ahi pelas onze horas da manhã, ao Seminario de Santarem e enquanto o creado segurava as bestas, eu e meu pai dirigiamo-nos ao alpendre da

entrada, onde um brutamontes fardado nos conduziu á sala de visitas e, d'ahi, um creado, ao quarto do reitor. Feita a minha apresentação pela carta do padre José, indicaram-me o quarto, onde a mobilia chegava a pouco e pouco.

O Seminário de Santarem é um edificio enorme, pezado, brutal, jesuítico. A arte fugiu d'alli a sete pés. É uma cazerna de padres. Enormes corredores de pedra e cal, ladeados de quartos. O corredor nobre que corre no primeiro andar do maior corpo do edificio é mais largo do que a mais larga rua de Santarem, o que não admira, porque até hoje, por esta, nunca foi possível passarem, ao mesmo tempo, uma carruagem e uma mulher grávida. Ou a carruagem tem de retroceder ou a mulher de enfiar pela primeira escada. Do corredor nobre partem novos e mais pequenos corredôres que dão para novas allas do edificio e que se chamam a Cêrca e a Península. Nos corredôres da cerca habitam os seminaristas mais velhos e os theologos. Na Península ( nome que deriva creio que da posição desta ala moderna do edificio ) habitam nos três corredores sobrepostos os estudantes mais novos, governados por um prefeito, com dois monitôres em cada corredôr, que são sempre theologos, escolhidos entre os mais serios da grey. Tinha então doze annos. Coube-me o quarto n.º 2, do primeiro corredôr. Era o corredôr da petizada. Digna de ser vista, no Seminario, a igreja espaçosa ampla, com ar de salão sagrado e uma capella môr feita de bons marmores, com copioso trabalho de talha. Tudo o mais, claustros, refeitório, aulas é o que ha de mais singelo, de mais frio, de mais simples e desconfortavel. Para julgar do edificio, basta attender na frontaria. Imagine o leitor um paredão enorme, caiado, cheio de janellas quadradas e, entre as janellas, nichos com santos de barro, pintados. Mas que santos! Não ha um inteiro. A este cahiu-lhe uma das pernas, de modo que parece jogar o calçapelo; aquelle invoca o céu n'uma attitude excentrica com os côtos dos braços , resto da apaixonada posição de orar; um outro tem os antebraços cruzados no peito e as mãos, mas faltam-lhe os braços, de modo que parece que as mãos lhe sahem da barriga , a empurrar os braços que inda vão a sahir dos flancos; são todos jezuitas, de habito negro, enorme tonsura escalavrada pelo tempo, roupas esfrangalhadas, rostos desfigurados, burlescos, comicos. Uma palhaçada ao divino, como imagem do que lá vai por dentro e que a seu tempo veremos.

No primeiro corredôr da Península, quarto n.º 2, o meu creado armou o leito de ferro, enquanto eu extrahia dos bahús a roupa e esses mil acessorios, pentes, escovas, tinteiro, sabonetes, cópos, etc., indispensaveis no uso vulgar da vida. Posta a mesa ao lado da janela, sobre ela uma pequena estante de pinho, pregado o cabide, armado o lavatorio, alinhados os bahús e feita a cama, que resplandecia com a alvura do linho dos lençóes e a cobertura ampla de ramagens vivas, a minha cella, que assim se devem chamar esses pequenos quartos de abobada, semelhantes a um grande caixão mortuario, ficou tão sécia e garrida como rapariga de aldeia em dia de romaria. Era toda caiada de branco e o sol que entráva pela janela aberta ao sul, sobre o largo de Fóra da Villa, enchia de uma luz viva que a alegrava, dando-lhe ares de ninho occulto e apetitoso.

Em breve o primeiro monitôr veio conhecer-me, entre amavel e superior dar-me uns rapidos conhecimentos da vida interna da caza. Meu pai recomendou-me a elle, vivamente, pedindo-lhe que me guiasse e me vigiasse ao mesmo tempo, pedindo-lhe ainda que no caso de eu prevaricar ou de me portar bem, o avizasse sempre semanalmente, sem receio, porque elle pagará as estampilhas. Em vista d'esta generosidade, o minorista não recuzou, antes o prometeu sollicito, desejoso de poder mostrar os recursos do seu estylo cheio de incenso e de bolôr.

Dera meio dia, a sineta tocava ao jantar, os rapazes saíam estrepitosamente dos quartos e iam alinhar-se ao principio do corredôr.

Meu pai despediu-se e eu entrei na forma, ao lado dos meus collegas. Entrámos no refeitório. Duas cazas amplas, ladeadas de mezas compridas, forradas de oleado. Ao meio uma grande porta. N'uma das salas, um pulpito. Cada corredôr tinha a sua meza. Tomados os lugares, o prefeito de serviço no dia collocava-se ao meio da porta, desbarretava-se. Os estudantes serventes tinham posto os aventaes compridos e, alinhados ao lado da ministra, esperavam o signal. O prefeito desbarretava-se, cumprimentava para a direita, cumprimentava para a esquerda, o leitor abria, no púlpito, o flos sanctorum e, a este signal, começava o jantar. Sôpa, carne cosida e arroz, um pequeno copo de vinho e sobremeza. Às quintas e domingos, havia 1 prato de meio. Podia repetir-se sempre qualquer prato. Comida a sobremeza, o prefeito empertigava-se no mesmo logar, encostado á hobreira da porta central, batia duas palmadas e todos de pé, secundavam-no, ao emittir um espevitado “benedicite”. De toda a oração, foi a unica palavra que percebi durante três annos; digo-o sem grande pena. A voz do prefeito perdia-se no acompanhamento dos rapazes; a maioria d'elles não a sabia tambem e limitava-se a fazer barulho com sylabas soltas, os sabedores enguliam-na como tinham engolido o jantar, soffregamente. Ao jantar seguia-se o recreio na cêrca. Às 6 horas a sineta tocou a silencio e voltámos aos quartos, depois de rezado o terço na capella.

Enquanto não anoiteceu, fui para a janela sondar a vista. Em baixo do meu quarto era o patio do carro, que dava ingresso para as cozinhas. N'esse pátio havia o celeiro, a caza do guarda da porta, um sapateiro velho e um homenzinho mais velho que o sapateiro, alcachinado e calvo, a que nós chamávamos o Hinverno. Um ano sobe que assentara o sobrado do meu quarto que dava entrada do pátio do carro para a cerca de cima, onde brincava-mos nas horas de recreio. Desço a estas particularidades que são precisas mais tarde. Para lá do muro ficava um amplo largo, chamado *Fora da Villa* e, ao fundo, o convento arruinado de S. Francisco, cheio de pássaros e corujas. Ao lado, ao fundo no ultimo plano, por toda a parte onde a vista alcançava: olivae, mais olivae, sempre olivae.

A noite começava a descer. Eu olhava machinalmente o sitio onde devia ser a minha terra e uma tristeza lenta começou a invadir-me insensivelmente. O despertadôr da semana, a quem incumbia acender os candieiros, entrou de pavio acezo. Fechei a janela e sentei-me á meza. Então, n'aquele silencio tumular, senti, pela primeira vez, a falta de liberdade e aquella vaga tristeza, que me surprehendera na janela, apoderou-se de mim. Todas as imagens ridentes da minha aldeia correram velozes pelo meu cerebro, evocadas pela saudade crescente, caza, pateo, rio, arvores, tudo eu vi, magico e attrahente, como vista de cosmorama para olhar de saloio. Áquella hora, os companheiros de escola faziam touradas no adro da igreja ou corriam pelas ruas, uns a cavallo em canas, fazendo de campinos, outros, de chocalho pendente ao pescoço e uns chifres de carneiro nas mãos, fingindo de touros. Eu que era o mais corredôr dos cavaleiros, o mais valente forçado, o mais feroz dos garraios, segundo a sorte, eu estava alli, só, alheio ainda de tudo, emparvecido, lançado de chofre n'um mundo novo, de que só percebia bem as horas de clausura. O luar batia em cheio no campanario, o largo illuminava-se, ouvia-se a grita dos rapazes, chegavam os trabalhadores aos grupos, latiam os cães nos serrados. Aquella vida do anoitecer sentia-a e via-a por entre uma nevoa em que a vista se me ia toldando. Quando, no fundo do quarto, me appareceu a figura de minha mãe, sentada na varanda da casa de jantar,

olhando triste a direcção onde eu estava, levantei-me, deitei-me de bruços sobre a cama e desandei a chorar.

Às oito horas tocou para o chá. Depois do chá, ia-se à capella fazer a oração da noite; fômos e recolhemos aos quartos, depois de meia hora de recreio, para dormir. Ao tóque de silencio, as luzes apagaram-se e o prefeito veio fechar á chave todos os quartos.

No outro dia de manhã, pelas sete horas, o despertadôr entra no quarto com o pavio aceso, se é de Hinvverno, para acender o candieiro e exclama, antes de entrar: *Benedicamus domino!*, a que tem de responder, o despertado, *Deo gratias*. Ora acontece que, sobretudo no Hinvverno, a manhã fria e nevosa, quando o despertadôr entra, a vontade do pobre estremunhado, ao esbarrar com a vista na luz, é atiral-o pela porta fóra. Quando elle é dos que tomam o caso a sério, verdadeira crisalida do futuro padre, tão hypocrita como cynico, dão-se dialogos curiosos:

- *Benedicamus domino!*

O outro ouve e ... moita!

- *Benedicamus domino!* - repete mais forte o despertadôr, que tem obrigação de ouvir sempre a resposta, para ter a certeza de que acordou o dormente.

- Sim, resmungo para ahi, rosna este, enrolando-se mais na roupa.

- *Benedicamus domino!*

- Vá para o diabo, já ouvi!

Mas como não á resposta, o despertador repete impávido:

- *Benedicamus domino!*

O outro cala-se e finge ressonar.

- Olhe que se o snr não responde, faço queixa ao senhor monitor.

- Vá p'ro diabo, mais o senhor monitôr.

O despertadôr vê que elle não dorme, como suspeitava pelo ronco. atira-lhe logo a bucha:

- *Benedicamus domino!*

- Oh homem, você é mais teimoso do que um burro. *Deo gratias, Deo gratias* e safe-se, c'os diabos! Olhe que leva *Deo gratias* para três dias! Até ao fim da semana escuza de me maçar.

E nisto, sentado na cama, esfregando os olhos, lá começa a calçar as meias, resmungando. Daí a meia hora, a sineta toca para a missa, na capella. Ouvida a missa, almoça-se. Depois do almoço, esperam-se no quarto os toques das aulas. O lyceu é no claustro do Seminário. Janta-se ao meio-dia e ... o leitor conhece já a vida restante, até á noite. Esta monotonia soffre as seguintes modificações. Às quartas e sábados, nas horas de recreio, sahe-se a passeio por uma estrada até uma quinta qualquer; aos domingos e dias santos ha, de manhã, missa cantada e, á noite, ladainha cantada, na igreja patriarchal. Em todos os ultimos dias do mez, confissão e comunhão.

Um dia depois, eu tinha a minha batina de vivos escarlates, a minha cinta da côr dos vivos, o meu barrete escuro com borla da mesma côr da cinta. Tinham começado as aulas, matriculava-me em Francez, Latim e Portuguez do 3º ano, seguindo os estudos d'então. Eu começava, pois, uma carreira que havia de fazer, mais tarde, de mim, um dos grandes vultos da minha patria. Aqui o digo para honra d'aquelle cazarão venerando. Cabe-lhe a elle a honra de ter amparado os meus passos infantis, na longa estrada de Minerva. Foi lá que ouvi, pela primeira vez, falar do nominativo e do ablativo, do exordio e da peroração, do «eu» e do



«não eu». Sobretudo este último conhecimento trouxe-me torrentes de felicidade - o «eu» e o «não eu»! Ó manes do ranço, protegei-me!

Estava, pois, centrado na vida normal de Seminarista, alegre, contente, deliciando-me no meu novo estado, quando um acontecimento imprevisto veio impressionar-me de tal modo, que me tornou completamente feliz. Foi uma festa na igreja. Devo dizer que era naturalmente religioso. Minha mãe ensinara-me uns pequenos e eternos princípios, que quadram a todas as religiões e todas as philosophias: o amôr do proximo e o amôr do bem.

Foi, pois, uma festa, não me lembro a que santo ou santa. A igreja resplandecia de luzes, de ouro, de flores. O enorme trono de marmore erguia-se no topo, com luxuosa ornamentação, inumeras luzes reflectindo-se nos castiçais de prata, nos altos relevos das capellas, no mármore polido das columnas, nos rostos marmoreos dos apóstolos que ladeiam o altar. Respirava-se o perfume embalsamado das alamedas. Enchia o templo, d'envolta com o murmurio surdo do povo, o latejar dos leques, como impellindo brandamente as ondas invisiveis dos aromas evolados dos cabellos e dos collos perfumados das mulheres. Uma atmospheria saturada de perfumes irritava os nervos, fazia entrar os espiritos n'uma consciencia de bem estar geral, de alegria commum, de prazer. O orgão magestoso rompeu n'um hymno alegre, cheio de majestade e de graça. A enorme comitiva de estudantes entrou pelo côro e abriu alas. Então o celebrante, de mãos postas, no meio dos diaconos que lhe abriam a capa recamada de ouro e pedrarias, precedido dos cereaes, seguido dos acolytos, do mestre de cerimoniaes, dos ajudantes, entre o balouçar dos thuribulos, por meio da nuvem de incenso, subiu gravemente os degráus do altar, no meio d'um sussurro enorme do povo que se joelhava, da catadupa de harmonias que o orgão jorrava sobre os fieis, batido pelas luzes, n'um brouhaha alegre, cheio de rugidos de sedas, do ciciar das folhas dos «ripanços», de estalidos de cadeiras abandonadas. Um deslumbramento para mim! Pobre aldeão, acostumado ao culto quasi miseravel da pequena igreja natal, fascinou-me aquella grandeza. E porque o meu Deus era aquelle pequeno senhôr, que eu só conhecia de o ver passar humildemente escondido dentro da amphora ao collo do prior, sob a umbella escarlata pelas estradas e acompanhado duma campainha tilintando monotona, recebendo as genuflexões dos camponezes terrosos, este outro, que me appareceu no alto do throno, fazia romper os córos formidaveis, as harmonias da orchestra, os rugidos do orgão, cahir todos de joelhos, enquanto os seus levitas soberbos de paramentos rojavam, entre o fumo dos thuribulos, as faces pelo chão, me pareceu bem maior, bem mais formidavel, aquelle que era realmente o juiz supremo e que creára os mundos. Na minh'alma fez-se , pois, uma luz nova. Ela cahiu com toda a sua infantil generosidade, aos pés d'esse Deus, para quem se tinham fabricado tão esplendidos hinos e a quem todos veneravam tão humildemente. A sumptuosidade do culto, arrastava-me á comprehensão da grandeza divina. Humilhei-me tambem. A minha cabeça curvava-se n'um intimo respeito, a minha alma sentiu esse dôce egoismo da humildade christã! Deus entrou dentro de mim, em todo o esplendôr da sua grandeza, em todo o encanto da sua bondade, em toda a magestade da sua omnipotencia e, achando-me pequeno, miseravel, humilde e, ao mesmo tempo, grande de coração para o sentir e amar, rodeei com elle a minha alma, e embebido n'uma voluptuosidade de amante, indistinta, vaga, pueril mas intima, curvei mais a cabeça e lembra-me que chorei!

(BMMM, EDMM, Pasta 15, Doc.5 MM)

## Texto 2

### A primeira paixão

Tinha quinze annos.

Acabado o curso dos liceus, entrava para a Escola Polythecnica. No commeo do anno fui-me a procurar quarto (*entrelinhado* casa) e alojei-me eu o Manuel Barbosa raça de bohemio amoroso a quem uma actriz do Gymnasio partiu o curso. Era no primeiro andar n'uma rua do Bairro Alto, (a Rua da Rosa). Por cima morava um pintor, que fazia retractos a crayon e a quem a amiga, a Julia, arrebitada loiraça de fingidos ciumes, partia lapis e cavaletes uma vez por semana, a alternar com o dia em que lhe partia a cara com um copo da Vista Alegre ou uma caneca das Caldas.

No rez do chão, n'um antro negro, vivia uma pobre mulher, que passava as noites atraz d'um taipal a cantar umas cantigas dolentes da sua terra, com uma voz dorida e cançada a integrar no silencio das noites o que quer que fosse de recordações affectivas pelintras e tristes.

O meu quarto tinha uma varanda para a rua; defronte um angulo que dava para a travessa quasi fronteira, corria um primeiro andar de amplas janellas de peito com duas sacadas nos extremos. Na primeira havia flôres. Uma manhã em que me levantei mais cedo, teriam passado uns oito dias, fui para a janella enquanto a patroa estrelava os ovos para o almoço.

A janella da caza fronteira abriu-se e uma rapariga, loira, de casaco branco, os cabellos entrançados cahidos pelas costas, appareceu com um pequeno regador na mão e começou a regar as flôres.

Como a não tinha ainda visto, puz-me a reparar n'ella sem que ella me olhasse. Naturalmente, com a maior simplicidade, ella tratava o seu pequeno jardim, arrancando as folhas mortas, erguendo as hastes curvadas, sacudindo a folhagem que o vento accumulava soprando a rua suja. Olhei-a, fixei-a: O meu olhar, foi dominado, de subito, pelo conjunto delicado pela graça infantil dos movimentos, por quanto sahia, de branco, de virginal, de puro, da sua cabeça inclinada sobre a folhagem, n'um gesto carinhoso, maternal. Como se alguma força desconhecida ainda hoje, a origem do meu exame levantou a cabeça e olhou-me. Foi um deslumbramento. A cabeça era d'uma correcção absoluta. O cabelo d'um loiro quente, erguido ao alto na testa enquadrava como uma moldura de talha o rosto branco, os olhos azuis rasgados, de olhar limpido e bom.

E no outro dia e no outro, áquella hora lá estava na varanda. Ella apparecia com o seu pequeno regadôr, repetia as scenas do tracto do microscopico jardim e ao retirar-se, ao fechar a janella, olhava-me sempre com o ar de quem, sem pedir, pede, delicadamente, licença. O seu olhar era d'uma grande franqueza, natural, simples, com uma expressão reservada, d'uma castidade absoluta.

Começava a viver no ar. As minhas lições de physica, tinham as formulas algebricas metidas em versos de todas as medidas. Os aparelhos chimicos do compendio trabalhavam entre rimas, entre.....entre sonetos. Amanhã, resolvia para mim, quando ella abrir a janella, cumprimento-a. O que fará ella? Corresponderá? De resto é tão bom, tão santo o claro olhar! Se ella me olhar é

porque lhe não desagradou. E fui mais cedo para a janella, com uma ansia do não, com um aperto no coração, como se fosse decidir um caso grave na minha vida.

Ella appareceu, simples, em toda a graça da sua belleza de virgem luminosa e casta. Enchi-me de coragem. Fiz uma inspiração mais forte. Ergui a cabeça e como deante de uma imagem de altar, baixei-a n'uma venia intima. Por sua vez, ella a sua cabeça e pareceu-me ver passar pela sua boca, mal aberta, o esboço d'um sorriso.

Ao retirar-se, ao fechar a janella, contra o costume, ficou-se atraz da vidraça. Olhou-me por instantes com interesse e desapareceu.

Amava-a como um doido.

(BMMM, EDMM, Pasta 15, Doc.4 MM)

### Texto 3

#### A feira das Amoreiras

N'aquelle dia, eu e o Chico Pedroso, adoravel rapaz morto aos vinte e tantos annos, em Santarem onde nascêra, tinha-mos ao todo, somados cobres e pratas, praticamente uns dezoito tostões. Isto, n'um sabbado, acabada a aula de fisica do Pina Vidal, no final da lição franco-luso-indica do sabio e ininteligivel Lourenço, era para nós dois, com 20 annos, amigos de quarto, quasi patricios, uma coisa muito simples: um thesouro, a felicidade de longas horas.

E assim, nas escadas do atrio da Polythecnica, novos e alegres, cheios de dinheiro, á sahida, perguntámos um ao outro: - Onde vamos jantar?

Com dezoito tostões, dois bons estudantes não jantavam em caza. Era no tempo da feira das Amoreiras. Não sei se o ruido d'um tambôr chegou até nós; sei que olhámos ambos para o lado do Rato, ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, dissemos: - á feira. E fômos. N'aquelle tempo, havia, na feira, duas barracas célebres. A da Julia, celebre pelas queijadas, frequentada pela gente fina, que vendia, dôces, licores, bolos de toda a especie a acompanharem os refrescos e a do Pedro, um creado dos Galveias, em cuja frente, o mexilhão estrugia nas caçarolas, as pescadinhas de rabo na bôca formavam pirâmides e os nacos de pôrco, cheirosos e loiros chiavam no azeite cheio de fumaças e de espirros.

Passámos pela Julia, tomámos um aperitivo amargo, não tivéssemos nós dezoito tostões, demos uma volta pelo arraial e entrámos no Pedro, que reverente nos seguiu ao cubiculo de pannos onde nos sentámos á meza. O que comemos não me lembro já;....

(BMMM, EDMM, Pasta 15, Doc.3 MM)

## Texto 4

### These nº 49

#### *DUAS PALAVRAS*

A despeito das minhas afirmações emphaticas de materialista, eu sou, no intimo, um pouco affeito ao sobrenaturalismo. Como plebeu, da melhor especie, educaram-me, recheando-me os ouvidos de superstições e de medos.

De lenda rustica e tradicional ao misterio christão, da bruxa correndo, *por cima de toda a folha*, em virtude do oleo misterioso, para o *sabbat* nocturno, á alma penada vagueante por gargantas de serros e cavalos de montes, supplicando missas em cumprimento de promessas esquecidas, de tudo me recheiaram o cerebro, a credence singular das avós e o terror misterioso das criadas velhas.

As *Brigidas* de Garrett, conservam ininterruptamente nos lares da provincia o seu mister de contadeiras terroristas. Nós saímos da infancia acorrentados, para sempre e este espectro brutal dos primeiros annos, - o prejuizo, innoculado com o leite.

Mais tarde quando derivamos em sabios, encyclopedistas, pelo extraordinario esforço das nossas escolas, quando mergulhamos os nossos bisturis exploradores nos cerebros labirinticos dos cadaveres, pelos sulcos onde perpassam idéas, sem deixar um tennissimo rastro, quando mutilamos, com a lesão experimental, a alma animal, despojando-a a nosso prazer, das suas faculdades typicas, quando reconhecemos a fatalidade da correspondencia entre a lesão anatomica e a preversão ou aniquilamento da função, caímos no baixio gelado do materialismo onde se dissecam, uma a uma, as velhas crenças.

Ao ver sair, methodicamente, d'um corpo, a vida, como sahe gotta a gotta o liquido d'um filtro, causa-nos dó a cegueira dos crentes n'uma alma, unica, intangivel, immaterial, indivisivel, que abandona um corpo, por parcelas, a distender-se, desfiar-se, tenuficando-se, como um pouco de algodão em rama.

No fundo do firmamento apaga-se a imagem do Deus creador e poderoso e fazendo da celula inicial vibrante a base do grande edificio da vida, repousamos convictos, envoltos na clamide homerica da experiencia e esperamos nas cathedras, o embate dos descrentes, como os antigos consules da velha Roma, o choque dos barbaros invasores.

No fundo porém do nosso ser (como no fundo dos velhos rios auriferos perpassam ás vezes particulas de ouro) apparecem correndo na vertigem dos sonhos, uns pontos, obscuros ás vezes, ás vezes luminosos, restos de velhas impressões, vestigios de antigas crenças.

Como as pequenas nuvens que annunciam, pelo claro do céu, futuros aguaceiros, estes pontos de interrogação, convertem-se, mais tarde, passado o primeiro impeto das impressões novas, em enormes manchas negras.

Ao esbarrarmos nos primeiros mysterios da sciencia, começamos a perceber, que mysterio por mysterio, tanto importa que elle se refira á ligação da alma com o corpo, como á ligação de duas moleculas de carbone, ou de um atomo de hydrogeneo a um atomo de oxigenio. Tem o mesmo valor.

De modo que a duvida começa a invadir-nos; e recusando crer velhos conceitos, de atalaia para novos aforismos, estacionamos no apice cortante d'um

fiel de balança, cujos pratos subindo e descendo alternadamente, nos arrastam pendidos, para um ou para outro lado.

Receiosos como um filho prodigo, rondando por vezes, alta noite, a occultas, a cancella rustica da herdade; vergonhosos para entrar, estontêamo-nos, cá fora, atirando-nos ao collo da primeira edea que passa, como o prodigo, esquecendo saudades, nos collos das mulheres libertinas.

No entanto, na aridez tantas vezes brutal da sciencia humana, faz-nos bem, como que nos dulcifica e refrigera a alma, o crer inda que momentaneamente, nos sonhos passados, d'um metaphysismo idilico.

Sobre tudo, quando soffremos, quando nos rasgam os esforços dolorosos velhas cicatrizes, quando contemplamos os heroismos olimpicos das mães, as grandes luctas da honra, os grandes amores da vida, atravez da historia de todos os dias, cerramos loucamente a cabeça, onde barafusta um temporal indiscriptivel de sensações, d'affectos, de crenças, de duvidas, e a nosso despeito, a phrase de Chenier percute-nos o ouvido : - *il y a quelque chose la dedans*.

Esta lucta cruel define, absolutamente, o seculo que atravessamos.

O rir de Voltaire, existe, no coração de todo o homem sensato, como a suprema critica ao mundo actual.

O homem illustrado mais intelligente, o que mais absorveu a influencia do meio em que vivemos, é, em regra, perante a moral humana, o mais dissidente.

Explica-se, quando o coração ri, o cerebro soluça. Ora a lucta mais ardua, mais aniquiladora, pertence-nos a nós, que sondamos a via dolorosa do pensamento, a mysteriosa essencia da flôr da vida.

Almas desconhecidas, fluidos inexplicaveis, intangiveis, deuses terrenos, agglomeram-se nos cilindros luzentes das nossas machinas, correm nos fios metalicos dos nossos telegraphos, aquecem os corpos, rasgam as trevas á nossa percepção externa, fazem convergir com ancia de amantes as moleculas rudes dos corpos. Estamos deante d'elles. Sentimol-os, dominamol-os muitas vezes, acorrentamol-os aos nossos interesses e misteres, passamos com elles horas inteiras, n'uma convivencia familiar.

Até hoje, nenhum d'estes mysteriosos companheiros, houve por bem tirar a mascara.

Baptisámol-os, chamámos-lhe: o *calor*, a *luz*, a *electricidade*, o *magnetismo*.

Trabalhadores incansaveis geraram leis; as leis agglomeram-se e degeneram em vida, e, esta synthese sublime, indefinivel como o cahos, tem a grandeza brutal de uma esphinge de que o sol fosse a cabeça brilhante, a terra o bico de um peito, os astros as manchas claras do dorso de panthera, e as ultimas estrellas as phosphorescencias longinquas dos longos pêllos da sua cauda gigante.

Esphinge que sorri do microscopio nas elaborações intimas dos seus ultimos phenomenos, e desvaira as lentes de Herschel, nas ondulações colossaes d'um respirar de pulmões hymalaicos.

A sua larga pata pesa sobre as nossas cabeças como um pezadêlo continuo e atravez dos factos, os mais simples aparentemente, a sua mudez esmagadora, parece perguntar-nos, eternamente, - porquê?

Deante do *porquê* ultimo de todas as questões experimentaes, o cerebro pára e conhecemos, irrevogavelmente, que há um mundo enorme onde o limite da nossa rasão nos veda o entrar.

O pensamento, a idéa, é filha da sensação. Ha distancias onde a vista não chega, sons que o ouvido não percebe, attrictos que o tacto não sente, aromas que

o olfacto não mostra, sabores que o paladar desconhece. Creio não existir, até hoje, um instrumento perfeito. Chamar, agora, a idéa, o pensamento, a razão, para a compreensão absoluta da vida, imaginando esta limitada ao espaço que aquella alcança, é imaginar que se conhece o Brazil, porque dormir uma noite em cima d'um mappa-mundi.

Nós conhecemos apenas as imagens falsas dos corpos: augmentando até ao infinito, em perfeição, o alcance dos instrumentos, variaremos sem limite, cada vez mais perfeitamente, as imagens das cousas.

Sobre esta fantasia - a imagem, - nós construímos as nossas theorias.

Rimos hoje do *mediador plastico* que explicava a ligação da alma com o corpo!, para que se ria amanhã, o primeiro, do celebre e decantado, *ether*, que ninguem viu, ninguem pezou, ninguem sentiu!

Rimos hoje da ondulação luminosa e sonora, para que o futuro ria de vibração celular.

É licito suppôr, n'este caso, que ha um ultimo a rir? Ha, invariavelmente; esse ultimo, será eternamente - o dia d'amanhã. E rirá, sempre, bem!

Quando o primeiro balão fizer triumphantemente, a volta pelos espaços, aos mundos conhecidos do telescopio d'hoje, será preciso reencher-o na ultima estrella, para alcançar d'ahi, o ultimo ponto luminoso que o telescopio lá vir.

Sempre, a oppôr-se á força da nossa pequenez, a brutalidade do immenso!

Ser-me-ha licito duvidar?

Se a crença é apenas um derivativo consolador, e a sciencia actual um *mons parturiens* permanente, quem haverá que em consciencia, me assaque o arrojio de atirar a pedra da minha funda, á cabeça d'esse Goliath tanta vez burlesco, que se chama altivamente - o saber humano?

Demais tenho o direito de duvidar, o dever aliás, de tudo que á minha razão não seja absolutamente provado.

Quando o meu insignificante trabalho, ressaibar o pretencioso d'estas edêas, alguém ficará no direito de rir da minha ignorancia, mas a ninguem permitto o duvidar da minha sinceridade.

(BMMM, *HYSTERIA, THESE INAUGURAL APRESENTADA E DEFENDIDA PERANTE A ESCOLA-MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA POR MARCELLINO MESQUITA*, JULHO DE 1885, LISBOA, TYPOGRAPHIA MINERVA CENTRAL, 14, Largo do Pelourinho, 17, 1884)

## Texto 5

### *As razões dos pseudonymos*

Um pouco de receio, muito de vaidade, encoberta em falsa modestia, quasi tudo por moda, são quanto a mim as razões dos pseudonymos.

Que o leitor imagine a razão porque pequei, encobrando o meu nome com o véu um pouco fradesco de - *Mendo Abbade*.

Receio? vaidade?, o que quizer.

Razões fortes fazem que o abandone de vez e, francamente, resta-me ao fazel-o alguma pena.

Despeço-me d'elle como quem se despede d'um bom amigo com quem se viveu em franca e leal camaradagem..

Preciso porém accentuar, que não tornando de futuro a servir-me d'elle, não escrevi nunca artigo algum sem que me assignasse - *Mendo Abbade*, ou *Marcellino Mesquita*.

Não me pertence a paternidade de qualquer escripto em que não haja uma d'estas assignaturas.

Creio não haver razão para duvidas futuras e ter desfeito supposições preteritas, que me não lisongeiavam.

(“Na Capital”, *DIARIO ILLUSTRADO*, 23 de Novembro de 1883)



## Texto 6

### Carta a um amigo

#### Meu Chico

O que quer que digamos ás vezes, em desabafo da nossa terra, o quanto nos incommoda o viver n'ella, consequencia da fatal tagarellice de pequeno meio, da repugnancia por mesquinhas paixões de pouco cultivados espiritos, - que nas terras pequenas se faz sentir em extremo - ha no fundo de nós todos um amôr sincero por ella, qualquer coisa de material e de involuntario que nos fórça a olhal-a como muito amada. E não admira. Sômos seus filhos: as suas aguas, os seus fructos, os seus ares, formaram-nos a carne e os ossos. Para os verdadeiros filhos as mãis não tem defeitos e á sua humildade corresponderá um redobramento de affecto. Depois, a terra, a nossa terra, é o lugar, o sitio, as arvores, os rios, as cazas, os moinhos, os pinhaes, a Natureza local, emfim; onde o homem não entra senão como coisa acessoria, de ultimo plano; como um parasita, o peor dos animaes; esse rei da criação, o mais reles e o mais pifio dos reis. Esse não tem a culpa de ser assim, o pobre homem. Decerto,... nem eu. Ser um homem é hoje sublime faculdade, um altissimo condão, perante a historia, perante a philosophia, perante a moral.

D'os de outrora diz-se quando queremos louval-os: «foi o maior homem do seu tempo». Hoje não há maiores homens; não pode haver.

(BMMM, EDMM, Pasta 14, Doc.7 MM)

## Texto 7

### Paisagem com moinho

Quando chega o Agosto...

Muito ao longe, o eucalipto gigante cujas raízes abraçam os alicerces da azenha, indica-me a thebaida\*. Do alto do cabeço, a longa fila de salgueiros e choupos, quando me vê, dobra-se em cumprimentos prolongados e ha um sussurro de ramagem que lembra o zumbir da multidão quando aparece a pessoa ou coisa esperada. Conheço-os a todos: os que se erguem firmes como prumos; os que se dobram sobre o rio, arqueados como velhos; os das folhas meudas, como pequenas choupas de lanças\*; os de folhagem verde-negra, buliçosa, em ramilhetes de ventarolas de bronze velho.

Mal passo a ponte, o rir alegre da agua a chapinhar sobre a agua, cahindo, aos soluços, dos cubos da azenha, mistura-se ao ruido das mós, suave e monótono como o roncar dolente de um grande gato. A agua espelhenta do açude, bordado de hervagens rasteiras, sombreado por cabelleiras de limos, espelha em tremuras as arvores dos combros\*, as figueiras de folha bíblica, os delicados marmeleiros de fructos d'oiro. A vinha atapeta a encosta e lá no alto os pinheiros mansos erguem-se como colossaes umbellas\*, que o sol franja de esmeraldas, envolvendo os matagaes rasteiros em túneis de sombra, enquanto os pinheiros bravos - cones movediços de agulhas - roçando os vertices, em longos haustos, dão ao ouvido a illusão do mar batendo, ao longe, os rochedos da costa.

Reconheço a paisagem e sinto dentro de mim uma branda emoção, uma ternura pueril, por todo este mundo inconsciente por esta natureza acariciadora, cheia de trillos\* de aves e de aguas que cantam.

E, o olhar perde-se-me ao longe, galgando as quebradas, pela charneca ampla, cheia de luz, manchada pelas estevas, onde os palmitos\* amarells de tójo florido debicam as urzes empenachadas de turquezas e d'onde o vento traz, com o chocalhar de rebanho invisivel, o aroma agreste do trêvo e do rosmaninho.

Ao estropido das ferraduras do cavallo, sobre as pedras, o moleiro apruma-se na soleira da porta.

- Por cá, outra vez?

Apeio-me e entro.

\*

É uma curiosa vivenda o meu moinho. Uma casita escondida no valle, cercada de cannaviaes e de maceiras, rumorosa como uma colmeia e empoada de branco como um casquilho antigo. A porta é baixa e o tecto. Escalonados de encontro ás paredes os farneis varios, de trigo e de milho, esperam a vez.

Pelo centro da casa, em alcofas de esparto, rasteiras, ha montes de grão, sobre que descansam os crivos de arame e de coiro, e encostados a pequenos bancos de pinho reclinam-se as bandejas de carvalho, chanfradas no rebordo, a permittir a fuga do trigo limpo, quando percutidas sobre os joelhos do moleiro. Suspensas de prégos, ou em prateleiras, vê-se a pá, o rodo, as medidas, o azeiteiro e saleiro, cilindricos, de chifre claro, em camaradagem com a vassoura e a candeia. Tudo isto branqueado pela farinha, que se desloca á passagem d'alguém, em pequenas nuvens, de um cheiro acre e são. Ao fundo, eguaes como irmãs gêmeas, envoltas, cada uma, n'um cilindro de madeira, - cadello\* -, aberto na frente, trabalham as

mós. Todos as conhecem, semelhantes a dois grandes queijos de pedra: a de baixo fixa, a de cima girante, com uma abertura ao centro. Sobre ellas, suspensas do tecto, por cordas, duas pyramidas ôcas de madeira, truncadas e invertidas, abarrotam de grão. São os - tégões. Sob a abertura inferior, uma calha inclinada liga-se a uma alavanca apoiada sobre a mó, que ao rodar a agita n'um tremôr continuo, tremôr que, transmitido á calha faz descer, lentamente, o grão. Este arrastado para entre as pedras, esboroa-se, pulverisa-se, corre no interior do cadello n'um movimento circular, até á abertura, onde um farrapo de linhagem, em bambolina\*, o ampara e abate.

\*

Ao meio da casa um alçapão. Dá para o subterraneo - o Inferno -, onde a entroz\*, movida pelo eixo da azenha, faz girar o carroto, que empurra a mó. O subterraneo com as paredes humidas, limosas, baixo como um coval, sem claridade, com o ranger dos dentes da entroz sobre os prumos do carroto, por cima o troar das mós, ao lado o rugir da agua a engolpar-se nos cubos da roda, que ronca somnolenta, é verdadeiramente um lugar de castigo e de pena - um inferno - ! Por analogia dever-se-hia chamar - céu - á estancia superior, onde o ar é cheio de pulverizações brilhantes, pela porta aberta o sol entra alegre como um noivo, e, cahe, de momento a momento, de sob a mó palreira, a farinha branca dos ricos e esse pó do milho - a farinha dos pobres - cheio de aromas saudaveis, gordo, com reflexos d'oiro.

\*

Eis o moinho. Não se descreve a impressão de conchego, de bem estar, que dá o isolamento n'esta casa, onde o maná cae e as pedras cantam. Na primeira hora, sente-se um ligeiro cançasso pela intensidade dos ruidos; o ouvido habitua-se e de então fica uma vaga monotonia de sons, que traz lentamente a hypnotisação, e nos alheia, sonhadores, cheios de pensamentos bons, n'um mundo de desejos e de saudades. Eis porque, ás vezes, a mó rola, o grão acaba no tégão, o moleiro dorme. Subitamente um ruido de ferros, estridulo, batendo a pedra dá-lhe um sobresalto. O pião\*, preso no fundo do funil pyramidal pela pressão do milho ou do trigo, quando este escaceia, vence a resistencia da ultima camada e saltando despenha tres ferraduras sobre a mó, que rastejam n'uma traquinada horrida.

Outras vezes, o trabalho foi violento no correr da noite. A trovoada inchou o rio, a agua rumorejou em cascata, galgando o açude. Foi preciso abrir as portas d'agua, debaixo de chuva, sobre um mar de lama, sangrar a presa, abrir o ladrão, temperar as mós de momento a momento, limpar o grão... Por isso, pela madrugada as ferraduras gritam, o grão acaba, a pedra móe a pedra e... o moleiro dorme. Sem resistencia inferior a pedra rodeira desceu pouco a pouco, sobre a mó firme e com o ligeiro dentado travou, progressivamente a azenha. Quando ella pára o moleiro acorda, fatalmente, com uma praga na bôcca: - má raios...

O tégão enche-se, o pé carrega no alliviador, a mó sóbe, destrava a roda que range, espreguiçando-se, que desperta e marcha! E, pelo silencio da noite, a sua voz rouca recomeça o taciturno canto, grave cantochão plangente que rola pelo valle como um hymno rude de trabalho e de miseria!

\*

Da minha cama, no quarto superior á mó eu ouço-a, tanta vez, parar como um coração, marchar como um regimento. Ha, por vezes, em toda a casa uma

trepidação geral que lembra a de um navio sacudido pelo helice, o que dá a sensação de uma marcha através de campos sem fim. Atraz d'ella o pensamento... vâa. Quando a fadiga chega e encosto a cabeça ao travesseiro, o seu cantar soa-me aos ouvidos como acalentar invisível, disvelado, e adormeço, n'uma grande serenidade, como se um gong, finalmente percutido, vibrasse de continuo á minha cabeceira.

\*

Quando chega o Agosto, os pomares córados de fructos, as encostas alcatifadas de pampanos\*, dias de crúa luz, noites de luar branco, tróco a cidade pelo moinho e venho reconfortar-me no isolamento, tonificar-me na paz cariciosa das coisas simples, a reviver n'um passado tão saudoso como perdido. Aqui, na solidão das noites, só, como um eremita, o mundo bem longe e os homens, janella aberta para o céu cheio de estrellas, n'uma evocação serena, a minha vida inteira, dias e horas, passa!

D'esse passado, estes pequenos contos - corpos de delicto que se revêem com a alegria de amigos velhos, - por mais queridos, ao acaso, os arranquei da sombra.

Enfaixei-os no título - *Na Azenha* - como se a minha companheira das noites me entendesse, tivesse uma alma, e pudesse sentir sobre o corpo esmeraldado de limos, um abraço do amigo que a relembra, ao longe, n'uma ternura pagã.

---

Notas do editor:

*thebaida* - retiro solitário  
*choupas de lanças* - pontas de ferro  
*combros* - cômoros, socalco  
*umbellas* - guarda-sóis  
*trillos* - gorgeios  
*palmitos* - grupo de flores  
*cadello* - caixa de madeira onde estão as mós  
*tégões* - tremonhas, pirâmides ocas onde passa o grão  
*bambolina* - cenário que finge de tecto  
*entroz* - roda dentada que engrena noutra  
*pião* - pinhão, eixo de moinho  
*pampanos* - ramo tenro de videira

---

(Prefácio ao livro de contos *Na Azenha*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1913, 2ª. Edição)

## Texto 8

### O fim do Rover

Estava perto de mim. Acabava de acender o candeeiro. Tínhamos dado o nosso passeio do costume, depois do jantar. Preparava-me para ler ou escrever. Subitamente ele levantou-se, escada abaixo, saiu. Disse para mim: - caso de pressa. E não fiz mais caso. Passou uma hora, depois outra... Nunca se demorava tanto, de noite. Por vezes me ocorreu a ideia da sua vadiagem e receei que se afastasse da quinta. Os homens do campo são ásperos para os animais. Escrevia não sei quê...ele pela escada acima. Chegou o vadio, disse eu, e levantei a cabeça por sobre o reflector para o ver entrar. Sempre que se demorava um pouco mais, como sabia que lhe ralhava, ia encostar-se à parede, olhando para mim, entre hipócrita e irónico.

Nem me olhou, foi junto do alguidar da água, parou e bebeu uns sorvos. Deu uma volta pela mesa e foi deitar-se atrás da minha cadeira. Daí a instantes começou a gemer. Atribuí a dor num ouvido doente; mas como os gemidos altearam, olhei para trás e vi-o completamente estendido no chão. Ergui-me para o acariciar - coitado! coitado! Deu à cauda e estendeu a mão que por costume me encostava à perna. Cocei-lhe o ouvido; pareceu aliviar, é do ouvido concluí. O gemer porém continuava. Não é do ouvido, levantei-me, ele levantou-se e vi-lhe um ventre enorme.

-----

E, como ele tinha sido um companheiro leal, sempre ao meu lado suportando os meus espichos, reconhecido aos favores, como nos entendíamos pelo olhar e nos estimávamos, por simpatia mútua, quando o vi moribundo pus-lhe a cabeça no colo como faria a um amigo, e quando morreu senti que morria para mim alguma coisa no mundo de bom, simples, alguma coisa que fazia parte da minha vida. Rides? Pois bem, ride mais. Quando o levaram, hirto, o olhar vidrado, a boca entreaberta no ultimo soluço, quando fiquei só, eu que tenho sofrido as maiores dores do mundo, eu, senti mais uma agonia no coração e pus-me...a chorar!

(BMMM, EDMM, Pasta 15, Doc.10 MM)

## Texto 9

### *Aos críticos*

Estes senhores não sabem que sem um alto conhecimento da *carpintaria* não há grandes auctores dramaticos.

Foi o que fez Shakespeare - depois dos gregos.

Foi o que fez Goethe e Dumas, o Augier, etc. e o celebre Ibsen. Isso é que se não ensina. É da natureza, do sangue, como disse Max Nordau, a respeito da *Dôr Suprema*.

O que fez Ibsen mais que Bjorson e Strindberg... foi o ser *carpinteiro*, porque era comparado com o 1º.<?>, menos inteligente menos illustrado, menos filosofo. Foi apenas um portento<?> de sciencia. Ah! como filosofo era um pandego.

Pois é o grande Ibsen porque tinha a faculdade de sentir a situação dramatica, de a ver dentro de si proprio. E ao chegar a ella, mostral-a ao espectadôr, ou ao leitôr, conduzir a acção, logica, artisticamente para um fim e obtel-o é o que se chama um grande auctor, um grande *carpinteiro*, oh! criticos! A grandeza está pois na alliança da faculdade carpinteiral, com a quantidade de talento posto pelo artista, revelado, na concepção dos caracteres e na sua realização scenica. Nada mais, nada menos.

De quanto se mergulha na alma humana e pelo quanto se sentir d'ella, se aquilata o valor absoluto do auctôr.

Se Sardou nasce 50 annos depois, era o maior auctor d'este seculo.

“Na Capital”, *Diario Illustrado*, 22 de Novembro de 1882

## Texto 10

### Desabafos e agradecimentos

Esta peça não é o sonho de uma noite de verão: é o desenho graphico d'um episodio real da vida escolar, portugueza, em Lisboa. Não a concebi, junto á secretaria, arrancando á imaginação enredos phantasiolos, situações romanticas; não. Fui estudante, em estudante a escrevi, deduzindo-a, o mais fielmente, de factos peculiares a essa vida; uns que de longe vi, outros que me tocaram de perto. A minha observação deu-me a - Perola. Ao escrevel-a, não pensei em moralisar o mundo e ainda menos em o desmoralizar. Os factos da vida real são estes; esta é a photographia: cada um que sinta, ao contemplal-a, a impressão que lhe fôr propria: nem a indico, nem a discuto.

---

É um dever, para mim, deixar consignado n'esta pagina, o quanto sou grato à modesta e briosa companhia do theatro do Principe Real. Escrevendo estas linhas, na ante-vespera da representação da minha peça, assalta-me o receio do seu exito. Este receio não provem nem de desconfiança pelas suas qualidades de actores, nem de medo, que em mim haja, pelo valor do meu trabalho.

Das primeiras falla o publico que enche o theatro, durante epocas sucessivas; o segundo tenho eu a immodestia de considerar - bom.

O meu receio, pois, provem da hypothese em que o desagrado do drama lhes roube a recompensa que merecem a sua lealdade, os seus esforços, o seu trabalho e os assignalados favores com que me honraram.

O AUCTOR

---

(MESQUITA, Marcelino - *Pérola*, comédia-drama em 5 actos. Proibida - por imoral - pelo sr. A. Sousa e Vasconcelos, commissário régio junto ao Teatro de D. Maria II, Lisboa, Tipografia das Novidades, 1885.)

## Texto 11

### Tragédia marceliniana

Vi chorar toda a gente ante o desenrolar do triste caso. Mas não só vi chorar, vi nascer e crescer o terrôr, a ponto de haver todas as noites sinopes, até em homens, e fugas do teatro.

Daqui concluí que tinha conseguido escrever uma verdadeira tragedia, o que pretendia, como indiquei no sub titulo da peça, antes da sua representação (a). Isto deu-se (em) nas 3 cidades (> e tal).

Tragedia d'hoje, sem artifícios, simples e terrível como a verdade. E digo, tragedia d'hoje porque desde a Grecia só a encontro, em Shakespeare, e com elle morreu. Porque ligo á tragedia como característica a impressão *do terrôr*, e deixo ao drama a força de commover. Ora o terrôr só vem ao homem ante a lucta, na iminencia d'um combate com coisas sobrenaturaes, ou com os elementos.

Tragedia Portugueza só ha uma o *Fr. L. de Souza*. A voz intima, o pressentimento funesto, o horror do pecado do adulterio inda que involuntario.

É um caso especial. Tirada a acção para outro meio, outra sociedade, outro tempo, a tragedia perde grande parte do seu valôr. A América do Norte não a comprehenderia. A minha tragedia, pode deslocar-se para todos os meios, vive em todos os povos d'hoje, na lucta natural da vida, tem por si um mais largo circulo de comprehensão. Espero-lhe o resultado em Paris, no Mundo(?) livre onde está sendo vertida.

Explicando mais a minha ideia: O *Fr. Luiz*, baseia-se num caso particular que vem sobre tudo do terrôr religioso e catholico. O que Garrett a exemplo dos antigos faz vir do ceu eu faço levantar da terra. Mãe e Parca. Porque ao odio ou vingança dos Deuses antigos, á superstição religiosa dos povos fanatizados, eu substituo = o sobrenatural = caracteristico de toda a tragedia pela = Doença = o mal do seculo, que paira sobre a velha raça humana como um castigo, balouçando-a entre a dôr e a loucura.

Não será assim? Na escalada alta em que vamos contra os misterios da vida a Babel orgânica declara-se (*entrelinhado*: a nossa linguagem e a nossa razão.....-se) e a degenerescencia chega, cresce, domina e mata. É esta a grande synthese. Todos os variados fenomenos de concepção moral vem cahir n'um typo que eu peço licença para formular em ares chimicos  
vida

Saude = 0

Doença A = genialidade

Doença B = Loucura

Doença C = Santidade

Doença D = Idiotia

Doença E = criminalidade, etc

a *via* é infinita

Os homens são ficam sempre e simplesmente = homens = quero dizer animaes humanos, com a forma de homem.

Eis porque me parece ser o primeiro que encontrei a tragedia moderna, porque descobri para o nosso tempo o sobrenatural que lhe pertence. O thema geral é o



mal organico, a nevrose, a hysteria, vêde meu caro Mestre, a serie a estudar: o Mêdo da loucura, o medo da Morte, (*entrelinhado*: o prazer) a fatalidade do assassinio, os actos contra a natureza, etc, etc.

Litteratura terrivel que o palco talvez não possa expôr cruamente, mas que deve fazer-se como symptoma, luz para uma epoca em que se suicidam os melhores cerebros e onde se negoceiam os filhos e as hetairas trazem pelas ruas crianças obrigadas dando-se ares de mãis. A maternidade escarrada com permissão de todos.

---

---

[Nota de rodapé]

(a) que me conste isto só se deu com os antigos gregos e mais tarde com Shakespeare. Comunicar o terrôr a ponto do espectadôr perder a noção de que está no theatro não são casos simulados.

(BMMM, EDMM, Pasta 13, Doc.9 MM)

## Texto 12

### Correspondência de Max Nordau para Marcelino Mesquita

---

Rue Henner, Paris, le 4 mar 1909

Mon cher et très éminent confrere

Pardon du retard de ma réponse - j'ai eu à achever un grand travail qui m'a absorbé .....près de trois ans, avant de pouvoir lire votre pièce.

*Vieillir* est une tragédie tout à fait remarquable. Le problème est un des plus profonds qu'un poète puisse traiter: la lutte tragique de l'homme aimant, souffrant, vivant, montre la loi inexorable de la nature qui le condamne à vieillir et à mourir. Le développement du sentiment entre Mello et Luiza Martins qui, l'un ayant vu naître et grandir l'autre, celle-ci a toujours connu et aimé l'ami de la maison,..... ne se méfiant de l'autre et de soi-même, s'abandonnent avec imprudence.....leur penchant jusqu'à ce qu'il soit plus .....vieux, est admirablement présente. Est d'une psychologie aussi profonde que vraie, aussi fine que douloureuse. Les figures du noble et honnête Mello et de la pure et passionnée Luiza sont d'une beauté morale incomparable.

Sur la scène, quelques tirades du dialogue sont peut-être un peu longues - quel dommage ....., de les couper! Elles sont d'une si fière.....littéraire! Le coup de revolver final est aussi peut-être trop brutal. Mello pourrait se....., partir, sans se tuer. Il faudrait voir cela.

En tout cas, voilà une belle et haute pièce. Toutes mes félicitations. Votre bien dévoué

A. M. Nordau

(BMMM, EDMM, Pasta 14, Doc.5 MM)

## Texto 13

### Correspondência de Max Nordau para Marcelino Mesquita

---

Rue Henner, Paris, le 8 Déc. 1913

Mon cher poète

Pardonnez-moi de vous répondre si tard. C'est que je suis écrasé de besogne et doit m'astreindre à une discipline des plus sévères pour y suffir<?> à peu près - je ne me permets jamais de lire un livre autrement qu'a son tour, quelque tentant qu'il soit.

Votre *Perina* est une oeuvre très belle - belle par la fine et capiteuse figure de le pauvre et charmante Perina, par le vigoureux portrait de ce .....d'Arétin, par le tableaux coloré de l'époque de la renaissance et de la vie vénitienne et surtout par la langue. Vos maniez supérieurement le vers et vous n'oubliez jamais que dans une pièce il doit être dramatique. Ma seule objection est qu'à la fin l'Arétin exhale sa douleur trop longuement. Le plus beau lyrisme impatiente le public après la cathastrophe et de denoûment.

Je vous remercie du plaisir que je vous dois, et je vous prie de me croie votre dévoué

A. M. Nordau

(BMMM, EDMM, Pasta 14, Doc.6 MM)

## Texto 14

### Correspondência de Max Nordau para Marcelino Mesquita

---

Rue Henner, Paris, le 6 Nov 1912

Monsieur et cher poète.

Pardonnez le retard de mes remerciements pour votre belle et fine *Margarida do Monte*.

Il s'explique et s'excuse par mon surmenage qui m'a empêché de lire cette admirable pièce avant du fin de l'année.

Votre drama est l'oeuvre d'un vrai poète et d'un rare artiste. Il y a en ce moment en Allemagne un auteur, Hugo von Hoffmannthal, dont une comédie *Le Chevalier aux Roses*, musique de Richard Strauss, triomphe sur toutes les grandes scènes. Eh bien: votre *Margarida* est immensément supérieure à la comédie allemande, à laquelle elle ressemble quelque peu par le choix de l'époque et par quelques uns des personnages. Vous n'avez pas besoin d'un compositeur. Vos vers ont leur musique propre, et elle est ravissante. La seule réserve que je ferais peut-être est que la langue est parfois bien moderne et spirituelle le plutôt à la façon du 20e. que du 18e. siècle.

Toutes les félicitations de votre admirateur

A.M. Nordau

(BMMM, EDMM, Pasta 14, Doc.7 MM)

## Texto 15

### Correspondência de Marcelino Mesquita para Teófilo Braga

---

A publicação de quatro cartas de Marcelino Mesquita para Teófilo Braga, que adiante inserimos, mostram-nos como foram sempre muito amistosas as relações entre o eminente autor dos *Peraltas e Secias* e o sabio criador da historia da literatura portuguesa, e como era grande a admiração e, mesmo, veneração de Marcelino por Teófilo.

Entre muitas coisas interessantes a concluir da leitura das quatro cartas ha um dado auto-biografico que nos parece inedito: Marcelino Mesquita foi aluno de Teófilo Braga na cadeira de *Literaturas modernas e especialmente portuguesa*, do Curso Superior de Letras. Por isso, a fechar cada uma não se esquece nunca de lembrar a Teófilo que foi seu «antigo discipulo».

Marcelino Mesquita, tendo-se revelado autor dramatico de grande futuro na tentativa da comedia *Perola* que levantou grande celeuma no seu tempo, em 1885, e muito especialmente, no empolgante drama *Leonor Teles*, representado pela primeira vez no D. Maria a 3 de outubro de 1889, foi de sucesso em sucesso, passando do teatro historico para a comedia de costumes e de caracteres e desta para a peça de simbolismo.

Não é agora o momento conveniente para se estudar a influencia do teatro romantico sobre o drama historico de Marcelino, ou, depois, a acção directa e indirectamente realizadas de Emile Augier, e, principalmente de Dumas, filho, e, Arte, quer na leitura das peças quer na das famosas profecias. Foi, talvez, através do estudo da *Mulher da Claudio* e da *Estrangeira* de Dumas filho, que Marcelino transitou para o teatro psicologico e para o chamado teatro simbolico.

Na *Dôr Suprema* e nas *Almas doentes* - de que fala Marcelino, na sua carta, ha um certo ressaibo apocaliptico, possivelmente daquela modalidade de teatro de Dumas filho, mas não só deste. Dos três grandes modelos e chefes do realismo e simbolismo - Tolstoi, Thiers e G. Hauptmann - foi certamente, Thiers quem mais sugestionou Marcelino.

Porém, não ha duvida que na exaltação amorosa das ultimas obras de Marcelino encontra-se o leitor e admirador da obra mais caracteristica de Portoriete, como na flagelação das injustiças sociais e do conflito das leis com os costumes poderá ver-se nele o espectador interessado do teatro de Briene - como o mostra a *Noite do Calvario*, se bem que no ultimo acto desta peça, a critica acerba da moral aristocratica e burguesa nos faça lembrar, um pouco, os quadros dos *Peints pour eux mêmes*, de Paul Hervieu.

Mas, nada disto prova qualquer *contaminação* literaria, porque só demonstra a grande cultura de Marcelino, que mostra conhecer muito bem os mestres da literatura dramatica, especialmente do seu tempo, ainda mesmo quando não tinha pelas suas obras grande simpatia como succedeu com as peças de Paul Bertrand, do qual parodiava *Cyrano*, na espirituosa peça de «charge» - *O Tirano da Bela Urraca*.

Enfim, importa não esquecer que a obra do formidavel autor do *Resgate*, dos *Peraltas*, da *Dôr Suprema* e do *Envelhecer* é toda bem sua, bem portuguesa.

Quando aparecerá um estudo bibliocritico de Marcelino Mesquita, digno do alto valor desse notavel homem de teatro!

Um belo assunto para uma tese de doutoramento de alguns bons estudantes de uma das nossas Faculdades de Letras!

Que os leitores nos perdõem esta fugidia digressão critica, tão incompleta quão imperfeita, e vejamos as quatro interessantes missivas de Marcelino.

A primeira, é uma carta verdadeiramente vicentina, e, portanto, cheia de oportunidade. As vistas perspicazes e justas acêrca de «mestre Gil» dão bem a tecnica do talento, da espontaneidade e do nacionalismo de Marcelino. A vulgarização do teatro vicentino começou-se a fazer bastantes anos depois.

Um das passagens mais interessantes e, até oportuna, dessa carta é o agradecimento do «precioso» *Gil Vicente*, de Teofilo, que tanta festa terá agora utilizado - porque não ha melhor - sem, ao que parece, citar o autor.

A segunda, é muito curiosa para se conhecer a finalidade moral, pragmatica - permita-se-nos o termo - das duas tragedias de Marcelino - a *Dôr Suprema* e as *Almas desertas* (sic), principalmente esta ultima em moldes insenianos (ibsenianos?).

A terceira, escrita nos primeiros dias da republica, acompanha um exemplar já impresso, mas ainda não tornado publico, da *Margarida do Monte*, peça em 3

actos que Marcelino classificou de «Episodio corteção da primeira metade do seculo XVIII», o qual episodio consiste - como se sabe - nos amores serodios de D. João V com a cigana Margarida do Monte.

Marcelino Mesquita tinha o maior empenho e, tambem, a maior urgencia em publicar a peça, mas desejava muito de Teofilo que ela fosse antecedida de «duas linhas de critica, uma pequena carta, o que quizer da sua opinião para colocar como prologo na 1ª edição».

O momento era difficil. A Republica tinha, apenas, 10 dias. As manifestações de toda a ordem sucediam-se. Umas vezes eram os operarios, caixeiros ..... mas tambem, apresentar reclamações; outras eram da provincia que se deslocavam até Lisboa, entreando (entremeando?) as saudações entusiasticas com veementes reivindicções da mais diversa natureza. Sucedia-se os cortejos, espectaculos de gala, sessões solenes, entrevistas jornalisticas, enfim, todo um mundo de cousas variadas, abruptas, esgotantes, mesmo. Era uma vida de infernal agitação para uma pessoa hiperlaboriosa e metodica como Teofilo.

Depois, eram os complicados conselhos ministeriais, as internacionais conversações politicas - enfim, o natural, mas extenuante *fervet opus* dum principio de regime.

As consequencias eram de esperar, e uma das pessoas que as sentia era Marcelino, que não recebia de Teofilo a resposta á sua carta.

Assim, passa-se o resto de outubro, todo o novembro e todo o dezembro de 1910. Marcelino está em ansias á espera da carta - prefacio para a *Margarida do Monte* - aliás já toda impressa, e, até, com a capa pronta, e a data - neste caso ilusoria - de 1910, lá no fundo.

O grande dramaturgo não pôde esperar mais, tem os nervos - e que nervos ele tinha - em agitação permanente. A 25 de Janeiro de 1911 resolveu escrever outra carta a Teofilo. É a 4ª desta serie. Agora sim, que virá a resposta.

Teofilo, como o Magriço do episodio camoneano, nunca falta, e só em extremos - como este - se faz esperar. Enfim, a missiva desejada, suspirada, assinada, chegou. Tudo está a postos na tipografia. Uma questão de minutos e fica composto o trecho da carta de Teofilo que serve de prefacio á *Margarida do Monte*.

Um excerto com a transcrição da frase de Marcelino, da 3ª carta. Lá diz Teofilo: «Para quê duas linhas de critica?» E prossegue: «Bastava o quadro dramatico da

*Margarida do Monte* ser tracejado na forma nacional de auto vicentino, que ainda não decaiu da sua beleza nativa, para suscitar um interesse que se me impõe mesmo neste momento em que todo o tempo é contado».

Assim, os bibliomanos e os amadores das miudezas bibliograficas ficam sabendo - se o não conheciam já - que a 1ª edição da *Margarida do Monte*, impressa em *A Editora*, no Largo do Conde Barão, 50, apesar da data inscrita nas capas: «1910», só saiu do prelo em 1911.

E para se chegar ao apuramento deste facto, certo e incontroverso, mas extremamente simples, quasi insignificante, de uma *data*, gastámos o nosso tempo, o espaço do jornal e a paciencia do leitor!

Como são morosas, extremamente analiticas e, quasi, redundantes as ciencias de erudição! Mas, assim mesmo!

## ANTONIO FERRÃO

### I

*Cartaxo, 22 de Out.º 97.*

*Meu caro Mestre e Amigo*

*Venho - já não é cedo - agradecer-lhe a amabilidade da offerta do seu precioso - Gil Vicente-. Li-o, de um folgo (sic) , tal é o duplo valor da obra, para mim: o de auctor e o de poeta. De ha muito q. tenho por Gil Vicente o maior respeito e o aquilato á altura dos maiores auctores dramaticos. A obra de Gil Vicente no seu tempo é prodigiosa, não é verdade? Com o meu feitio exagerado, dir-lhe-hei q. o reputo superior a Moliére.*

*Nas farças e nos autos há scenas geniaes representaveis ainda hoje .... Mais q. uma vez tenho pretendido fazer com que se representasse em D. Maria II; seria educativo e justo; mas os fidalgos q. ali governam - chapadissimos ignorantes e inabordaveis em questões d'arte - não estão para massadas. Nada mais justo do q. terem as suas noites, em cada ano, os três ou quatro auctores dramaticos que o merecem. De mais a mais são tão poucos.*

*Tomo a liberdade de lhe enviar um pequeno conto ou lenda, que recolhi, aqui, ha muito, e que me tem feito sempre impressão. Terá algum valor filologico? Nada vale? Mais uma vez lhe agradeço a sua delicada bondade e creia-me*

XXX



*antigo discipulo e admirador e amigo*

Marcelino Mesquita

II

*Meu caro Mestre*

*Envio-lhe Almas Doentes - a minha ultima peça. É a segunda tragédia moderna que escrevo, como se lembrará. Na «Dôr Suprema» quiz despertar a piedade; n'esta propuz-me a produzir o terrôr: esses metaes de lei como lhe chama o nosso Garrett. Parece-me tê-lo conseguido, se me levar pela opinião publica; mas essa não me basta; necessito de outra mais alta.*

*Dê-me, em duas palavras, a sua; bem sabe quanto ella será respeitada e bem recebida pelo seu*

*Antigo discipulo, mt.º*

*amigo e adm.or*

Marcelino Mesquita.

Pontevel - 7 - VI - 1905

III

Pontevel

XV - X - MCMX

*Meu caro Mestre e Velho amigo*

*Antes de tudo, é meu dever felicitá-lo por ter tido na sua vida o maior prazer que lhe seria possivel sentir: o de vêr realizada a aspiração de uma vida inteira de propaganda e de trabalho. Sube, com alvôrço, que fôra feito presidente da Republica porque me pareceu e foi a consagração justissima do seu alto valôr de apostolo e de mestre. Sabe, que isto lh'o não dizia se o não sentisse.*

*E feitos estes devidos cumprimentos, fallo ao professor e ao artista.*

*Para o não importunar, tomo a liberdade de lhe enviar a minha nova peça de critica historica - genero Peraltas -. Mando-a assim como vai, para lhe facilitar a*

*leitura que peço lhe dispense n'uma hora de folga, d'essas que hade dedicar ás lettras.*

*E porque tem sido amavel comigo, n'outros trabalhos congeneres e a peça me parece não desmerecer das demais, ousou pedir-lhe duas linhas de critica, uma pequena carta, o que quizer da sua opinião, para collocar como prologo na 1ª edição.*

*Como a peça se representa breve, lá para o fim da semana, e eu desejava que sahisse impressa na imediata, pedia uma certa brevidade ao favôr.*

*Eu não quero de modo nenhum maça-lo, n'este momento em que terá o tempo contado mas duas palavras suas ao correr da penna bastarão para chamar maior atenção sobre o meu trabalho, sobre o nosso theatro, que nós amamos ambos e que é preciso, vitalizar, levantar, não é verdade?*

*Todavia, se o não puder fazer, ficará para outra vez o que em nada diminuirá no respeito e na amizade do seu antigo discipulo e velho Amigo*

Marcelino Mesquita.

#### IV

*Lisboa, 25 - I - 1911*

*Meu caro Mestre*

*Terá a bondade de me mandar dizer se posso esperar o favôr que lhe pedi da sua opinião sobre a minha peça, e quando?*

*Muito grato e seu velho discipulo e am.º*

Marcelino Mesquita.

=====

FERRÃO, Antonio, “Quatro Cartas Ineditas. Quando Marcelino Mesquita escrevia a Teofilo Braga”, in Suplemento Literario do *DIARIO DE LISBOA*, de 17/6/1937

## Texto 16

### Correspondência de Marcelino Mesquita para Teófilo Braga

---

#### Meu caro Douctor e Mestre

Ao lêr o seu bello livro de Introduccão á H. da L.<sup>a</sup> Portugueza, com o maior interesse reli os capitulos dedicados á origem e evolução do Theatro Nacional.

Ainda hoje a litteratura dramatica se acha na mesma esterilidade e mesquinhez em que a deixou a morte de Garrett; traduzem-se dramas com o mesmo espirito com que na representação parlamentar se traduzem relatorios e leis». Confirmando que o livro em questão é publicado no presente anno, eu tive a impressão de que a sua penna foi, não quero dizer menos justa, mas direi menos cuidadosa ou mais precipitada, sem má intenção, como profundamente creio. O isolamento forçado que isola (sic) o seu improbo trabalho justifica o desconhecimento do movimento dramatico dos ultimos annos. Pelos mais eu não viria pedir-lhe um momento de attenção. É por mim que o faço, com o ciume de não merecer uma citação na sua obra, citação que eu nunca pedi a ninguem, que systematicamente me teem negado, e de que systematicamente, eu tenho rido. Com que direito o faço? O echo dos meus trabalhos deve ter chegado, mais ou menos attenuado aos seus ouvidos. Envio-lhe as minhas duas ultimas obras. Se se dignar lêl-as ou me dará razão e n'esse caso apparece o meu direito - ou não e continuarei na minha convicção e no meu trabalho. E por que o faço? Por aquelle justificado desejo que tem todo o homem.....

[o rascunho termina aqui]

(BMMM, EDMM, Pasta 14, Doc.8 MM)

## Texto 17

### Textos de opinião

#### A GUERRA

A integração de Portugal na guerra europeia, facto que nobilita a nossa existência de nação e consola o nosso espírito, tem apenas um princípio lamentável.

Não a decretámos nós: foi-nos imposta.

E, imposta, insolentemente pela diplomacia alemã, como a míseros vilões, para quem a só referência dos poderosos senhores é, já, grande honra.

Nós tivemos a culpa.

No dia em que a nossa colónia foi invadida pelos soldados alemães e trucidados, em cobarde surpresa, os nossos oficiais e soldados, Portugal, aproveitando as condições excepcionais do momento, devia ter apresado todos os navios alemães dos seus portos, proibido a saída dos naturais da Alemanha para garantia dos portugueses em terras do Kaiser, e iniciado assim a guerra por uma declaração formal.

Deste modo teríamos feito superior e altivamente o nosso dever, dando um exemplo de orgulho e patriotismo, que não seria o primeiro, em idênticas circunstâncias, na nossa história.

Ao riso dos parvinhos ajuizados, respondo: - a situação criada com tal acto seria, absolutamente, igual àquela em que estamos hoje, com a diferença para melhor de que os navios não teriam sido danificados, os senhores alemães não teriam saído com milhares de contos e tínhamos na mão a garantia do respeito pelos nossos, nesse país onde a histeria<?> impera, escarnecendo <de> todos os dogmas com que a ciência e o trabalho humanos alcançaram enriquecer a consciência hodierna.

O artifício é a arma dos fracos contra os déspotas e a ocasião deparava-nos o momento de vingarmos Kionga, as manhas diplomáticas que nos roubariam as colónias, os assassinatos dos nossos oficiais e soldados, o insulto à nossa bandeira gloriosa.

Pensaram-no então os políticos portugueses? Não pensaram? Acuaram de medo? Não sei. E, no entanto, a força, a lógica dos factos, fê-los aceitar a situação que levantada, então, de insulto pelos nossos brios, pela nossa honra de nação, mil vezes mais gloriosa do que a Alemanha, mil vezes mais.....actual do que ali teria despertado, no mundo inteiro, um coro de renovação e de louvor.

Teria sido um exemplo nobilíssimo a colocar ao lado da gloriosa Bélgica, ainda que os sacrifícios que houvésemos de fazer - que iremos fazer agora - se lhe não equiparassem na trágica grandeza. Enfim, como quer que fosse, cá estamos.

A situação actual da nossa terra, desvenda-nos um futuro político que os nossos estadistas jamais teriam alcançado; uma libertação; o acordar de um pesadelo de morte certa; a alforria de uma escravidão que seria fatal.

Nós podemos dizer, sem vileza no coração, apenas perante os factos consumados, com o egoísmo de povo cioso da sua independência uma frase cruel:  
- bendita seja a guerra!

Marcelino Mesquita

Pontével, 20 - V – 1916

(BMMM, EDMM, Pasta 13, Doc.10 MM)

## Texto 18

### Textos de opinião

#### A Mulher na Universidade

(A proposito d'uma carta de D. Amelia Cardia no nº 4859 do *Diario Illustrado*, em resposta a um artigo de Rogerio do *Correio da Manhã*)

Cursam a Escola Medica de Lisboa trez mulheres. Rogerio, do *Correio da Manhã*, a quem não seduz a aspiração das trez estudantes femeas, lamenta as futuras consequencias, na familia, e retira-lhes os parabens pela idéa, que se lhe affigura de todo o ponto, além de inconveniente, ridicula. Nisto surge uma das estudantes, D. Amelia Cardia, a levantar a luva, como ella diz levanta-a no *Diario Illustrado*, em duas columnas, de prosa reinadia, como a suas crenças, as suas idéas, o seu modo de pensar. Eu envolvo-me no bom humor d'uma digestão perfeita, accendo o meu charuto e vou palestrar com a D. Amélia, entre dois golos de café.

Como sabem, o Rogerio atirou-lhe a luva e ella levanta-a, vamos ver como, vamos analisar a carta. D. Amelia começou por socegar Rogerio sobre a estabilidade do organismo social, sobre a conservação por parte da mulher medica, de todos os predicados da dona de casa, de todos os affectos intimos, de todas as exquisitas sensibilidades do amor feminino. Diz-lhe que não se assuste por ella ir frequentar os bancos das escolas ao lado dos seus filhos imberbes, uns grosseiros devassos, sahidos de fresco do regaço materno. Dizer isto não é já muito para louvar: os rapazes a sahirem de fresco do regaço materno e já devassos grosseiros! D. Amelia conhece mal a mulher portugueza; mas parece-me, em compensação, conhecer já menos mal a rapaziada fina!

Não se comprometta minha senhora.

Para provar que o seu lar, d'ella D. Amelia, não é «um inferno», diz-nos coisas extraordinárias. Começa por dizer que é casada e tem um filho de 32 mezes; nada mais natural, e os meus parabens, collega. Conhece or experiencia propria o grave trabalho do parto...é já um bom princípio. Não nos diz se tomou cravagem...não importa.

Ora, diz mais que o filho é «flôr que não murcharam as labaredas do inferno, antes desabrochou em pleno vigor da seiva». Este bocado de poesia, se é improprio d'uma mulher de sciencia, tem ainda o contra de ser arrevesado.

A que vem o inferno para a criação do pequeno? Que labaredas figuradas são estas? Esta seiva em que a criança desabrocha, será o leite?

Previno a v. ex<sup>a</sup> que a metaphora está banida da circulação, minha senhora.

A esta creança, diz a D. Amelia, não ensina o Pater, nem o ABC, mas educa-a distinctamente. Como? Meu filho, diz ella: «aprende factos e coisas». Ora aqui está uma novidade que revoluciona a pedagogia inteira, visto que até aqui os filhos dos outros só aprendiam , que miseria! coisas e factos!

Pois D. Amelia, lavre lá dois tentos, que nunca ninguém se lembrou de tal. Que ratona!

É ainda a este filho que ella não conta histórias de duendes e lobisomens, mas sim a do Judeu de Nazareth – é commovente! – ensinando-o a desprezar os phariseus, com o ódio cueiral d'este bambino, coitados!

Não lhe canta o ó-ó, à noite, não senhores, ouçam: «adormeço-o, fallando-lhe dos costumes dos animaes».

Pobre creança, ha de adormecer depressa, não haja duvida, a ouvir de como as galinhas põem ovo!

Que doce acalantar. A creança vae a fechar os olhitos:

- Ouve meu filho o que diz Quatrefages ácerca da gaivota: é quando o mar se encapella e brame e o vento é agreste e bravo, que ellas fazem a sua caça maior. A creança hesita ainda no somno.

- Meu amor, o burro costuma espojar-se ao sol; o cavallo...

O pequeno adormece.

Que doçura! O que não inventará o coração maternal d'uma medica!

A creança sabe já os «nomes» dos officios mais communs e diz muito bem: ma chere petite mère! Um prodígio.

E aqui está um systema de educação que desanca Spencer e que glorifica Calino.

Recapitulando, vê-se que o menino da sr<sup>a</sup> D. Amélia aprende factos e coisas, não sabe o padre-nosso, odeia os phariseus, adormece a ouvir os costumes dos animais, e sabe o nome dos officios mais communs, dizendo como um papagaio – ma chere petite mère.

Este é o caminho luminoso d'um grande futuro. Pensam que não? Ouçam. «Não sei se devido ao meu systema educativo, se á sua alma feita de luz, o que sei dizer-lhe é que é sensato, docil e amavel.» Fóra a modestia, minha senhora, este surpreendente resultado é apenas devido á olympica educação que v. ex<sup>a</sup> dirige ainda. Sem duvidas, não ha almas de luz; hoje são de carne e osso, não é assim?

Peço a v. ex<sup>a</sup> para arquivar a sua primeira receita. Receita para obter um menino sensato (aos 32 mezes) docil e amavel:

R.

ABC e padre-nossos - nem vêl-os

Odio aos phariseus – quanto possa

Costumes d'animaes – idem

Nomes d'officios – cem gramas

Francez – meio miligrama

Faça cosimento e cõe com expressão. Como vêem, com esta receita tem a gente á mão, em qualquer canto, um prodigiosinho, um menino virtuoso. Depois s. ex<sup>a</sup> deita considerações de uma philosophia patusca, réles de collegio, sobre o amor. Não commentarei, o leitor conhece já a força d'esta medica futura, em critica, e a mim começa a faltar-me a paciencia.

Sobre educação terminemos. Ella impõe que educa o filho, que é uma dona de casa, emfim:

Vejamos: esta sr<sup>a</sup> estuda medicina: está portanto na escola todos os dias das 7 ás 2 horas da tarde e muitas vezes até ás 4 e 5 horas.

Vem para casa e tem de jantar.

A julgar pelo seu amor á sciencia de Galeno é bom estudante. Necessita pois de duas ou trez horas pelo menos para as suas lições, com uma hora para jantar, calcula-se que das 7 horas da manhã ás 10 da noite, ella é toda comer e livros. Tem de deitar-se á meia-noite para poder dormir 6 horas como mandam os hygienistas com que ella educa o filho. Tem pois duas horas para dar um beijo ao

marido, educar o filho, determinar o trabalho da sua casa, e fazer de mulher emfim, porque até então só o foi por vestir saias.

Duas horas! Não posso suppôr que seja rica, necessita portanto de dar uns pontos, de lavar o pequeno, de pregar um botão.

Para tudo isto, duas horas hão-de confessar que é tempo de sobra. Se sua ex<sup>a</sup> é bastante rica, a ter uma criada de cosinha, uma de quarto, uma ama para o pequeno, um criado de compras; ás ordens uma costureira, uma engomadeira, uma modista, então é tola em seguir cursos publicos com todos os seus desgostos e trabalhos.

Se não é, ha-de permittir-me que lhe diga que o pequeno deve sahir um malcreado de primeira e que a illustre estudante ande com as meias rôtas! Ia apostal-o.

D. Amelia faz lembrar aquella historia do chapelleiro, que tinha a amante defronte da loja e a quem o confessor perguntou:

- Quantas vezes a visita por dia? Uma vez, de manhã?
- Mais, sr. padre.
- Á noite também?
- Ainda mais.
- Ao meio-dia?
- Ainda mais.
- Então quando diabo faz você chapheus?

A historia não é muito delicada, confesso: mas eu posso dizel-o sem rebuço a uma mulher que tem o impudor de dizer n'um artigo publico a seguinte indecencia:

O sr Rogerio lamenta a sorte do marido cuja esposa foi curar o caustico ao tysico, moribundo, mas ... homem. Pois eu lamento a do marido cuja ingenua esposa sujeita por elle a uma inoculação bem differente da de Genner, vai receber o curativo do medico, no perfeito goso de sua saude, e ... homem. Além o tysico pode apenas morrer. Aqui o medico pode sugerir á mulher a vingança que a deshonra e ao descuidoso marido. Não aponto exemplar para não suscitar inimisades.

Hein? Que creança.

Sabe muito bem de virus esta D.Amelia. E admiro porque se no primeiro anno de escola, só se estuda anatomia, sou obrigado a concluir que os conhece por estudos particulares.

Ahi teem os leitores uma mulher para collocar ao lado de sua filhas. Digam-me francamente se um medico escreveria uma torpeza semelhante! E não quer citar exemplos? É porque os conhece e não lhe puxem pela lingua que ella vomita-os. O demonio da mulher. Já vejo que conhece “factos e coisas” a valer.

Já vêem que perdeu o “pudor e o recato” que ella dizia ao senhor Rogerio, não havia perigo de perder. Tanto ha que o perdeu. Essa phrase sahiu-lhe, naturalmente sem pensar; mas esmaga-a, por isso mesmo, é o symptoma da preversão do seu espirito, desviado, prosaico, banal, corrupto.

Hoje a sr<sup>a</sup> D. Amelia é incapaz de ser qualquer coisa que se pareça com uma mulher, no sentido bom da palavra. É uma vivandeira da medicina, rufanco o tambor do disparate ante o indigena boquiaberto e as soppeiras attonitas. Pode vir a ser uma Luiza Michel da medicina portugueza, prégando a limonada a algalia e os c.....s, mas não será nunca a dôce companhia d'um homem, o complemento da nossa individualidade terrestre, phisica e moral.



Desviou-se do caminho que as leis naturais lhes prescrevem: amar, reproduzir e crear.

É apenas um aborto, uma curiosidade, um trambolho.

Digo isto sem rancor, nem despeito; confesso que até com dó, com tanto dó como eu teria se visse Souza Martins a pregar fundilhos e Manuel Bento de Souza a fazer meia.

[ ... ]

Para se se homem é necessario ter um cerebro e pensar; para se ser mulher é necessario ter um coração e sentir: permitta-me a formula velha do dizer.

Eu sei que hoje, e ainda bem, a consciencia da liberdade individual tende a substituir a parvalhice do madrigal chôcho, pela cortezia seria.

Reconhecendo a banalidade do eterno cumprimento á belleza, verdadeiro ou falso, o homem resgata perante a mulher o seu dever de delicadeza, affirmando-lhe, na cortezia distincta, a sua egualdade, o seu igual direito.

A consciencia humana satisfaz-se. A mulher exulta, sente-se elevada e estende, naturalmente, a mão agradecida por intimo reconhecimento.

Todavia a natureza protesta. Na ordem animal da criação a femea é sempre inferior ao macho. Inferior no canto, nas côres, nas aptidões, nos esforços. A lei que parece quebrar-se aos olhos profanos, na especie humana, confirma-a a anatomia, que nos diz ser o homem um typo mais completo de desenvolvimento, representando portanto, a mulher, um grau inferior de perfectibilidade anatomica.

Os peitos salientes e delicados, prohibem-lhe os trabalhos arduos de attrictos pesados ou de traumatismos vulgares, dos mesteres rudes das officinas e dos campos.

A sua larga bacia, a inclinação dos seus femures, hostilisam-lhe as longas marchas. A delicadeza dos musculos impede-lhe os grandes vulgares esforços do trabalho physico.

A physiologia vem, a seu turno, protestar. A extrema sensibilidade do cerebro impede-lhe, por extrema susceptibilidade, o exame frio e calculado dos negocios positivos, a reflexão, o acertado pensar, o exame frio. A maternidade inutilisa-a durante o vigor da vida, sujeitando-a á fatalidade do sexo, arrastando-a nas multiplas manifestações das nevroses.

O hysticismo, filho da sua susceptibilidade organica, a epilepsia, a loucura inclusivamente, dominam-na em nova, nas aspirações animaes; adulta e mãe em actos reflexos provocadas por molas de secreto engenho; velha, na impossibilidade de satisfações affectivas, na saudade de passados gozos, no desespero de futuros bens, no ciume da adulação em que a educámos, na raiva do desengano que o tempo acarreta.

Ser, portanto, morto para a vida de continua lida, para o trabalho, quer phisico, quer cerebral.

Contradizendo estas verdades, os niveladores dos sexos, os utopistas entusiastas citam-nos as grandes mulheres distinctas de todos os tempos: guerreiras, litteratas, revolucionarias. Ridiculo argumento. Ha homens que fazem crochet, que bordam, que recitam ao piano, ninguem contestou ainda ao homem o pioneiro logar na criação.

É tudo uma questão de educação – dizem. Se tivéssemos educado a mulher mais amplamente, se a tivéssemos libertado mais cedo, teriam deapparecido os attrictos d'hoje. Mas não creámos e não creámos pela simples rasão natural, que ensina na ordem animal, ao individuo do sexo masculino, a trocar a sua actividade e força pelo amor da companheira.

Questão d'educação é tudo neste mundo: o vício ou a virtude, a força corajosa ou a impotência covarde, a habilidade ou a inhabilidade.

Dos defeitos de educação não se generaliza. Eu tenho visto nos circos cavallos dançando; ninguém se lembrou de dar uma *soirée* cavallar; tenho visto ratas sabias, incendiar casas e disparar peças de artilharia, não passou pela cabeça a ninguém enforcar os ratos por petroleiros ou nomeal-os cabos de esquadra.

Ha mulheres superiores, d'accordo. São excepções, aberrações de sexo. Ha homens que teem medo de gatos, que fogem dos trovões, não jantam com treze pessoas a meza, e resam a magnifica se em casa se parte um espelho ou se derrama tinta; que choram pelo papagaio morto e jogam, durante annos, todas as noites, a bisca, em familia. Isto so prova o que tantas vezes succede em sciencia e é – que a excepção justifica a regra.

Não são homens: são typos imperfeitos, incompletos, d'um grau inferior de desenvolvimento cerebral, homens em apparente desequilíbrio organico, homens que se approximam da mulher; sem caracteres precisos, indecisos, ridiculos, até.

Daqui parece-me concluir-se que as Joannas d'Arc, as Padeiras d'Aljubarrota e outras meninas d'egual arrego teem costella de macho, em antagonismo com o desenvolvimento de todas as redondezas dos respectivos corpos.

A questão parece-me poder resolver-se com toda a simplicidade.

Assim como para o florescimento de cada planta é necessario um determinado grau de temperatura junto a condições especiaes de clima e de cultura, a cada individuo segundo o seu destino pertence uma illustração especial, uma especial cultura.

Contradizer a natureza é o maior dos crimes, o mais absurdo dos arrojões, a mais pedante das pretensões. Ella é a eterna lei, a eterna justiça, o eterno bem. Não ha a prevalecer contra ella, nenhuma lei, nenhuma formula, convenção alguma.

A constituição, o temperamento da mulher, desviam-n'a de mesteres a que o homem se dedicou, insensível, naturalmente; como lhe impôz outros que nós jamais pretendemos invadir.

Nega-se-lhe o trabalho arduo physico, nega-lh'o a anatomia; nega-se-lhe o maduro pensar, a placida reflexão, nega-lh'a a physiologia.

Ora o bom senso e o trabalho são apenas as alavancas que sustentam o progredir do homem, sobre a terra. Não é pois por estes factores capitais que a mulher tem de cooperar nos caminhos das gerações. É pelos misterios do seu proprio temperamento; pelas prerrogativas exclusivas do seu sexo: amar, reproduzir, crear! funções grandiosas que não rebaixam, antes por privativas elevam. Tudo o que não fôr isto é falsear o seu destino, é reproduzir a eterna fábula da gralha com as penas do pavão, é alimentar um erro, um disparate, um ridiculo, é commeter um crime de lesa razão, de lesa natureza.

D. Amelia cita physiologistas; pois leia-os e diga-me qual d'elles não concorda comigo, absolutamente. Sabera mais tarde que na criminologia, se abrem para a mulher paragraphos excepçionaes, concessões á primeira vista injustas, mas que o não são porque derivam da observação quotidiana da sua differente organização, do seu modo diverso de ver, de pensar e de sentir.

Não é uma questão de sala, de delicadeza palaciana, é uma questão de justiça que tende a tornar-se medicina, como esta se desdobra em moral. Já vê que

quem não tem tão superiores responsabilidades é porque lhe mingnam os recursos que as impõem.

Já vê que a bondade do homem em relação á mulher, consistirá em a circumscrever, aperfeiçoando-a, na área da sua actividade, da que lhe compete, da que lhe é propria. Tudo o que for desvial-a, é arrancar-a á família, á base da perfectibilidade, da felicidade humana.

O que eu teria que dizer ainda, mas estou cansado. Limito-me a indicar-lhe alguma coisa mais consentanea com o seu fim, mais adequada á sua organização, do que Beaunis e Ricord.

Leia, que não sabe nada do que lhe diz respeito, leia P. Janet, Pelletan, Rousseau, Diderot, Michelet ... só Michelet. É o mais dôce, o mais simples, o mais adoravel e o mais natural dos philosophos. Elle dir-lhe-á que é, o seu poder, o seu valor e o seu fim.

Elle dir-lhe-á como se empregam as horas do dia, que nunca sobram, n'um *menage* feliz, ensinal-a-ha a educar-se, a educar seu filho, a representar cabalmente no mundo o papel que lhe compete e a deixar de ser intrusa, pretenciosa e ridicula! Livral-a-ha de escrever incorrectamente, com basofias lorpas, vulgaridades, tolices e o que é peor indecencias!

Ensinal-a-ha a ser mulher como deve que me parece ser o que mais lhe compete, em vista de já o ser, como lhe apraz.

E deixo-a com o bom Michelet, o apostolo do amor e da familia, a mais doce e a mais santa das religiões.

Se elle a não converter, elle que é brando, menos a converterei eu que, máu grado, se pretendo arranhar firo sempre.

Fique-se pois com Michelet.

Termino aqui a cavaqueira; vou na segunda chavena de café e no fim do charuto.

Que as donas Amelias pensem nestas simples verdades e acreditem que uma mulher, que sahe do seu meio natural, é para a familia e para a sociedade, o que esta D.Amelia é no jornalismo – um cardia, uma coisa ôcca, uma valvula, um buraco.

Nem mais, nem menos.

(Assinatura)

## Texto 19

### Textos de opinião

#### O Iberismo

(Refere-se aos comentários saídos no *Estandarte* sobre as manobras do exército espanhol junto ao estreito de Gibraltar, no sentido de reforçar as defesas de Ceuta e Melilla, contra a ameaça de ataque por parte de Marrocos suscitada pela morte do seu sultão. O *Estandarte* sugere que seria “mais sério e productivo” a Espanha vir a Portugal e “realizar a união ibérica”.)

Eu por mim estou de ha muito convencido, que a invasão da Hespanha era coisa contra que nem deviamos lutar pelo facto de termos tudo a perder. Como estou convencido que não era pela nossa conquista, pelas armas, que se faria a união iberica. Não tem a Hespanha condições especiaes para fazer de nós uma Irlanda miseravel, nem as conquistas se fazem hoje, perante os multiplos factores da vida actual, como nos bons tempos, do montante e da acha d’armas, vibrada por um lidador ousado.

Não amigo Hespanhol. És um utopista, um meridional esquentado, um visionario. A conquista de Portugal seria o maior disparate que poderias tentar, como foi a maior tolice, o maior erro politico a decantada revolução de 1640.

Perdoai-me ó «primeiros de Dezembro» de todo o paiz, ó patrioticos trombones da minha patria, ó D. Jayme de Aguilar, ó cinzas venerandas dos meus avós!

Não amigo hespanhol. A arma da grande união, útil, grandiosa, fatal, chama-se a sciencia, a illustração, a democracia.

É o jornal e o livro, a cathedra e o congresso, o museu e a escola.

Hoje é a sciencia que destroe as barreira, não é a espada nem o Krupp; é ella que aproxima os corações, que unifica as gentes, que irmana os povos. Não é a absorpção do metal fraco pelo metal forte que constitue a pujança do composto, não amigo, é a combinação, é a harmonia [sic] molecular da liga.

Conquistados por ti amigo hespanhol, odiar-te-hiamos. Tu serias o morgado roubando sem piedade o irmão segundo. E o que tu queres não é isso, provavelmente.

O odio excluiria o affecto e apalavra união significaria apenas a camaradagem traiçoeira do cão e do gato.

Lá por fanfarronada deixa-te d’isso. Lembra-te que te sovámos, durante seculos, muito razoavelmente o pello; porque as nações, como os homens, não se medem aos palmos.

Conquistar-nos-hias? Quero acreditar-o; mas pensa que a victoria te poderia sair mais cara do que uma derrota.

Lá assim á valentona, amigo Estandarte acho que te desfraldas mal. O vento agreste da sorte podia rasgar-te contra o mastro.

Ondeia dôcemente, aproveita a briga[sic], lentamente, lentamente...

No entanto, o estandarte pode ter razão.

Elle vê no ministerio da fazenda um homem que accuzou El-Rei de querer fazer a união ibérica para aumentar a lista civil. Homem de tão subidas manhas que de calumniador se elevou a ministro; homem capaz de tudo.

Quem sabe se o Estado não pensou um instante que este aventureiro seria capaz de crear um syndicato para a união iberica, uma especie de banco emissôr de fundos moraes hespanhoes; se não lobrigou n'elle um Miguel de Vasconcellos descabelado pelo parafuzar nas traficancias, amarellado pelo brejeiro desopilante?

Não tem elle o monopolio da velhacaria, o impudôr d'um sargentão, o bojo d'uma Devastation [*itálico*]

Ora pois, sr Estandarte, explique-se; V.S<sup>a</sup> tinha-a a filada.

Mas vá lá, por esta vez não nos invada, hein?

Que tontinho...

*O Chronista*, ano II, nº 57, 9 de Outubro de 1887

## Texto 20

### Textos de opinião

#### O Rei e o Governo

##### *GAZETILHA*

Vai El-Rei a viajar  
Ao lado do Marianno  
Um dos pimpões da Nação...  
Eu ia até apostar  
Que El-Rei seguia o ditado  
Quem tem medo leva um cão.

Vai El-Rei a viajar...  
De que terá ella medo  
Se levar o Marianno  
A seu lado a toda a hora?  
Não tem nada a receiar  
Quem leva um traste d'aquelles  
Esta livre de todo o damno  
Esta livre d'uma penhora!

Vai El-Rei a viajar...  
Tanta pressa, tanto empenho,  
Coisa assim nunca foi vista...  
É que receia não caia  
O governo progressista.

##### SANS PEUR

*O Chronista*, ano II, nº 52, 7 de Setembro de 1887

## **ICONOGRAFIA**

### **Sequência das imagens**

- 1. D. Ana Inácia Mesquita**
- 2. António Mesquita**
- 3. Marcelino (12 anos)**
- 4. « (idade indefinida)**
- 5. Alexandrina (*Baby*)**
- 6. Inês Mesquita (*Tininha*)**
- 7. Marcelino (1895)**
- 8. « no escritório**
- 9. Inês (20 anos)**
- 10. Embaixada ao Brasil I**
- 11. Embaixada ao Brasil II**
- 12. António Mesquita (Júnior)**
- 13. Biblioteca Municipal**
- 14. Estátua (Leopoldo de Almeida)**
- 15. Estatueta (Augusto Batista)**
- 16. Marcelino (desenho I)**
- 17. Marcelino (desenho II)**
- 18. Quinta da Ribeira (pormenor)**

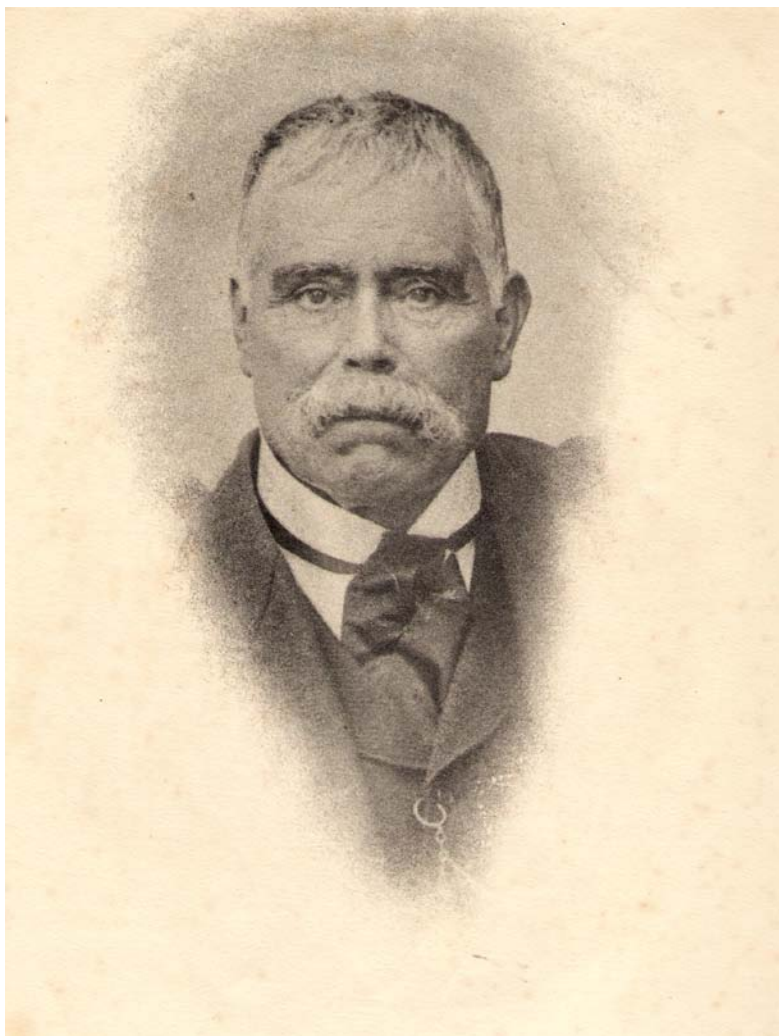
## 1. D. Ana Inácia, mãe de Marcelino Mesquita



**(Prop. BMMM)**



## 2. António Mesquita, pai de Marcelino Mesquita



**(Prop. BMMM)**

### 3. Marcelino Mesquita aos 12 anos



**(Prop. BMMM)**

#### **4. Marcelino Mesquita (idade indefinida)**



**(Prop. BMMM)**

### 5. Alexandrina Alves Ferreira (*Baby*)



(Prop. BMMM)

## 6. Inês Mesquita (*Tininha*) em 1893



(Prop. BMMM)

## 7. Marcelino Mesquita em 1895



(Prop. BMMM)

**8. Marcelino Mesquita no escritório (recorte de jornal sem data)**



**(Prop. BMMM)**

**9. Inês Mesquita (*Tinha*) cerca de 1910**



**(Prop. BMMM)**



**10. Embaixada cultural ao Brasil em 1918  
(Marcelino Mesquita, sentado, é o segundo a contar da direita)**



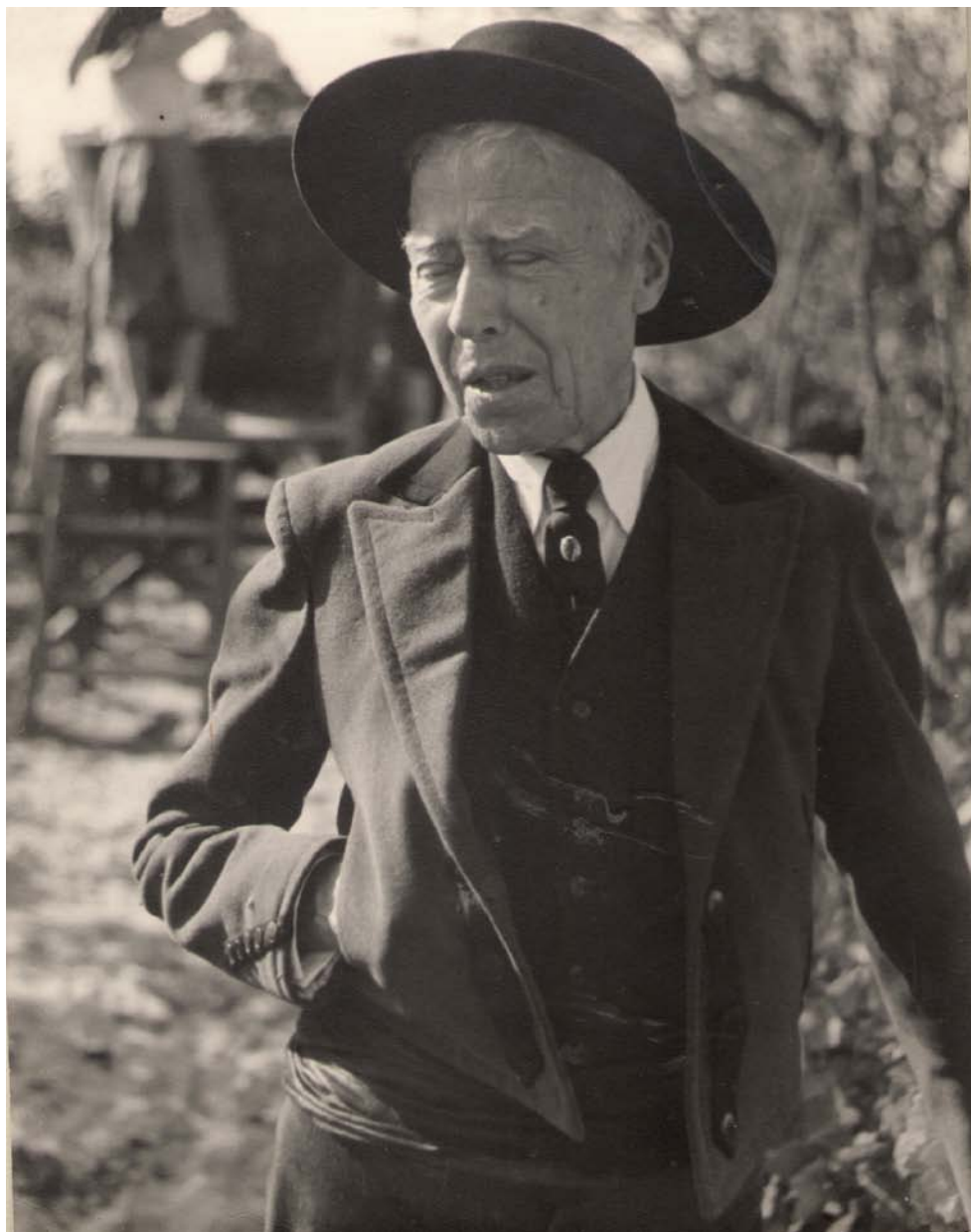
**(Prop. BMMM)**

**11. Embaixada cultural ao Brasil em 1918  
(Marcelino Mesquita é o quinto na fila da esquerda)**



(Prop. BMMM)

## 12. António Mesquita Jr., irmão de Marcelino Mesquita



**(Prop. BMMM)**

**13. Aspecto da fachada da antiga residência da família Mesquita  
(actuais instalações da Biblioteca Municipal Marcelino Mesquita)**



**(Prop. BMMM)**

**14. Monumento a Marcelino Mesquita na Praça 15 de Dezembro (Cartaxo)  
(escultor: Leopoldo de Almeida)**



**(Prop. Paulo Rocha)**

**15. Estatueta de Marcelino Mesquita realizada pelo artesão Augusto Batista**



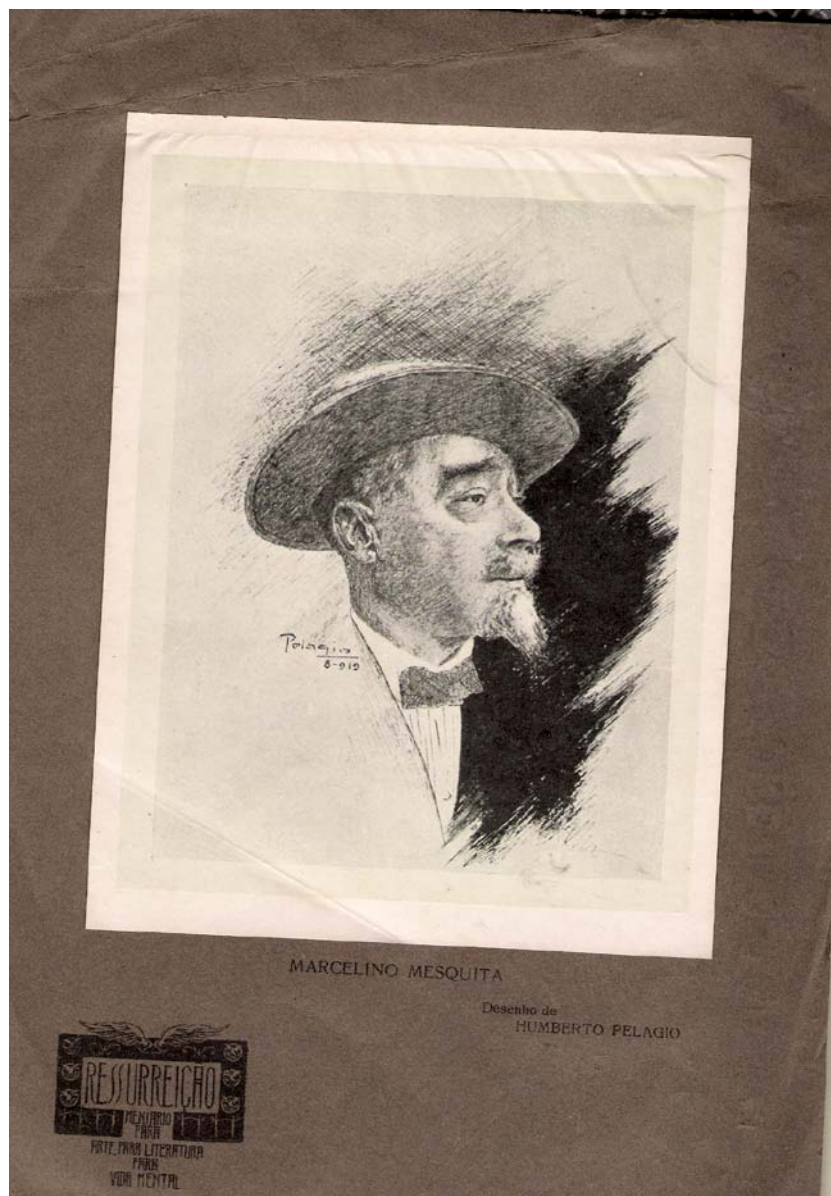
**(Prop. António Filipe Rato)**

**16. Marcelino Mesquita cerca de 1896: desenho de António Ramalho**



**(Prop. BMMM)**

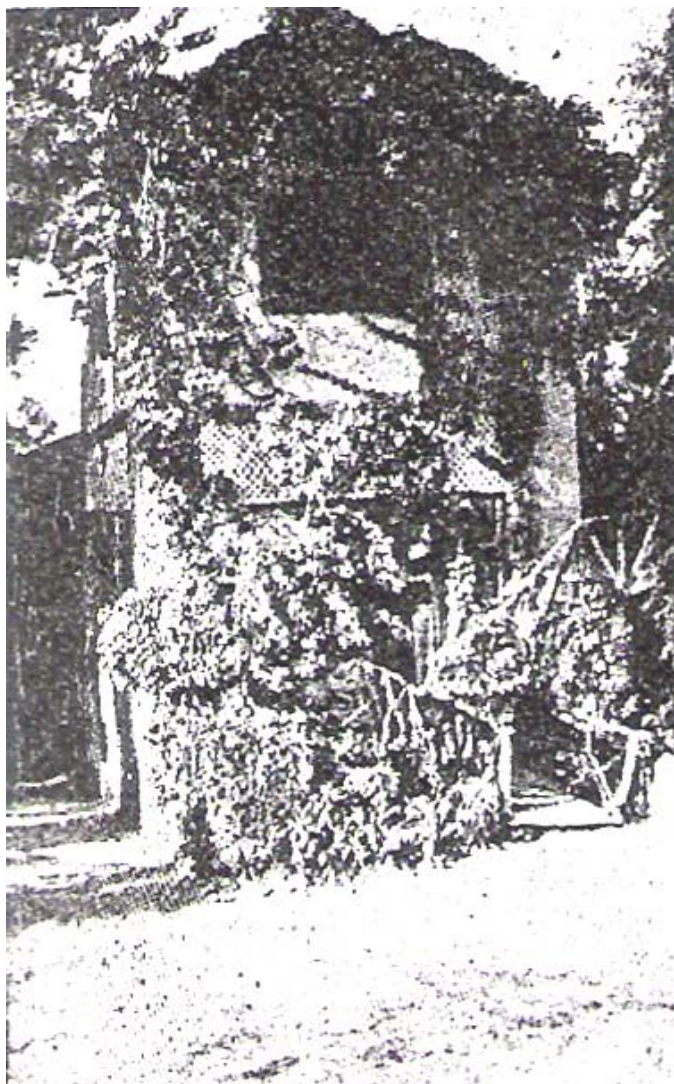
**17. Marcelino Mesquita: desenho de Humberto Pelágio (1919)**



**(Prop. BMMM)**



**18. Aspecto da Quinta da Ribeira (Pontével) cerca de 1956  
(recorte do jornal *Vida Ribatejana*)**



**(Prop. BMMM)**